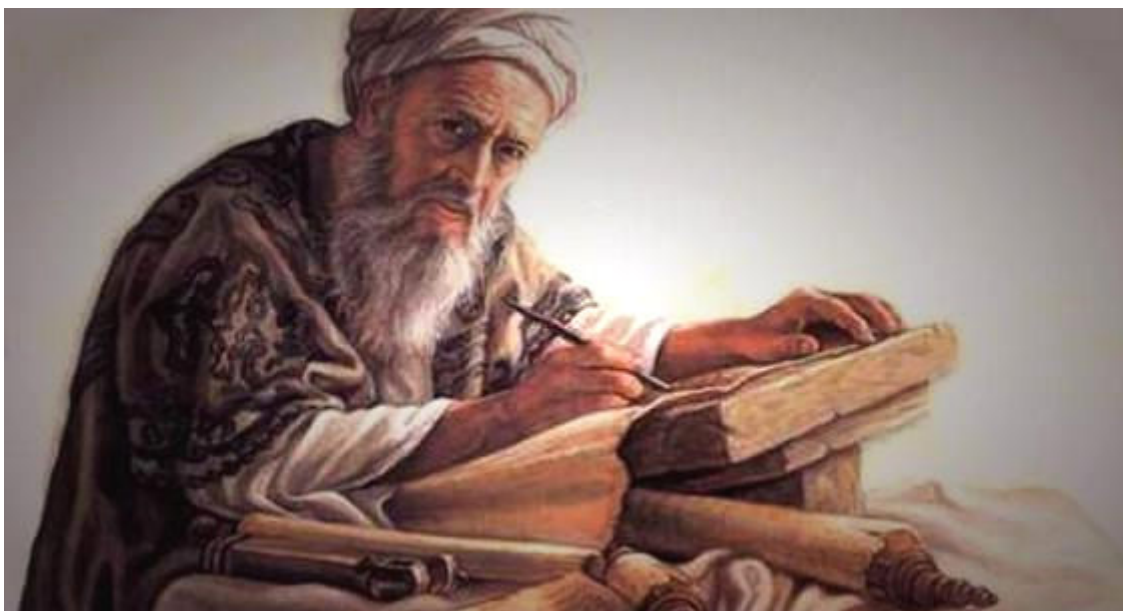


O livro do Profeta Isaías – volume 2 **(Explicação das profecias – 40 a 55)**



Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

O livro do Profeta Isaías – volume 2 (Explicação das profecias – 40 a 55)



Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – Junho 2018

Dedico este livro a todos os filhos de Deus que buscam o conhecimento da Sua vontade e acreditam na imutabilidade da Sua palavra, na Sua bondade para conosco e no Seu poder libertador em nossas vidas.

Agradeço ao Espírito Santo, Deus presente e companheiro fiel, que me ensina a cada dia a vencer Seus desafios pela fé e me faz conhecer um pouco mais de Jesus, o Senhor e Rei de todas as coisas, cuja palavra fiel e imutável é capaz de transformar todas as situações, a fim de cumprir na íntegra o projeto do Pai para as nossas vidas.

“Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel. Eis que envergonhados e confundidos serão todos os que estão indignados contra ti; serão reduzidos a nada, e os que contendem contigo perecerão. Aos que pelejam contra ti, buscá-los-ás, porém não os acharás; serão reduzidos a nada e a coisa de nenhum valor os que fazem guerra contra ti. Porque eu, o Senhor, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: Não temas, que eu te ajudo” (Is 41: 10-13).

Introdução

Este é o 2º volume de ‘O livro do profeta Isaías’, abordando agora os capítulos 40-55. A partir daqui o conteúdo da profecia passa a ser exílico, e o enfoque é dado à vinda do Messias (Ele é prefigurado em Davi, Ciro e, muitas vezes em Isaías, chamado de ‘Servo’).

Como eu disse no 1º volume, ele surgiu inicialmente como uma curiosidade da minha parte a respeito dos profetas do Antigo Testamento, não da mesma forma que escrevi há alguns anos em outro livro, mas com a sede de conhecer mais profundamente o que eles queriam dizer em cada versículo. Eu gostaria de saber como situar a profecia na História, quais os personagens a quem eles estavam se referindo, a localização das cidades ali citadas e as figuras de linguagem usadas na época que me dessem mais entendimento sobre os escritos dos profetas.

Ao escrevê-lo, eu experimentei muitas coisas, sendo que o principal ensinamento foi conhecer a Deus de uma forma mais abrangente, de vê-lo sob outro prisma, como um Deus maior do que aquele que eu imaginava; um Deus que tem uma consciência infinita, atemporal, e é capaz de enxergar um futuro distante como se já tivesse acontecido, e de tornar milhares de anos em apenas alguns segundos diante dos Seus olhos eternos. Enquanto nós pensamos em coisas tão pequenas perto de nós, Ele está ‘voando alto’ e planejando coisas que só daqui a algum tempo nós passaremos a entender.

É interessante perceber a visão judaica da época e as figuras de linguagem que foram usadas para determinado momento histórico. Aquilo tudo estava se encaixando em um plano maior já desenhado por Deus para a humanidade, cronometrando precisamente cada segundo e movendo cada personagem a Seu serviço para que Jesus viesse para nós no tempo certo. Os gentios já estavam nos planos de Deus. Nós podemos ver Jesus em cada versículo e em cada profecia, usando até o próprio profeta como um espelho dEle.

Outra coisa que me chamou muito a atenção nesta segunda parte das profecias de Isaías é o chamado de Ciro como um instrumento de Deus para libertar Seu povo do cativeiro babilônico. Ciro foi obediente à voz do Deus de Israel no seu interior, até mais de que os próprios judeus, e realizou o Seu projeto, pois o Senhor achou nele um coração propício para executar Sua justiça. Deus chamou um gentio e o revestiu de autoridade para realizar essa missão, mas não interferiu em sua vida particular, por assim dizer, permitindo que ele exercesse seu livre-arbítrio e escolhesse seu próprio caminho espiritual. Em outras palavras, Ciro não se tornou um judeu, mas respeitou as outras religiões, como todos os governantes da sua dinastia, não tendo ele mesmo uma religião específica, segundo os historiadores. Parecia, apenas, apreciar a doutrina de Zoroastro (em latim, Zoroastrós; em grego antigo: Zoroastres, Ζωροάστρης Zōroastrēs; em ortografia grega posterior: Ζωροάστρις Zōroastris), nome grego de Zaratustra (em persa moderno: Zartosht), um profeta e poeta nascido na Pérsia (atual Irã) no século VII AC, e que fundou o Zoroastrismo no século VI AC, a primeira religião monoteísta da Antiguidade depois do Judaísmo, adotada oficialmente pelos Aquemênidas (558-330 AC). O significado do seu nome, em Persa (Zaratustra), é obscuro; mas em Grego, Zoroastres significa ‘contemplador de astros’. Segundo o Zoroastrismo, Ahura Mazda (‘Espírito sábio’) era o Deus do Bem, o Deus do princípio, que criou todas as coisas.

O Livro de Isaías foi escrito por volta de 700-681 AC. Fala da posição dupla do povo de Israel diante de Deus (em especial de Jerusalém, pois foi profeta do sul), sua

acomodação e falta de amor verdadeiro ao Senhor. Isaías trabalhou para dar ao povo a clareza dessa hipocrisia na esperança de mudarem de atitude.

Isaías (exercício profético: 740-681 AC) foi um homem culto ligado à corte. Assim como Amós (760-750 AC), Isaías ataca os grupos dominantes da sociedade: autoridades, magistrados (juizes), latifundiários e políticos; também se levanta contra as injustiças sociais. Isaías é duro e irônico com as damas da corte da classe alta de Jerusalém (Is 3: 16-26; Is 4: 1; Is 32: 9-14). Durante seu ministério quatro reis de Judá reinaram: Uzias ou Azarias (781-740 AC, desde 791 AC como co-regente de Amazias), Jotão (740-732 AC, desde 748 AC como co-regente de Uzias), Acaz (732-716 AC) e Ezequias (716-687 AC, desde 729 AC como co-regente de Acaz).

Segundo fontes históricas (Bíblia de Jerusalém, Nova Edição Revista e Ampliada, Ed. de 2002, 3ª Impressão, 2004, Ed. Paulus, São Paulo, pg. 1.237) Isaías teria nascido em 765 AC, portanto, tinha 25 anos quando foi chamado pelo Senhor.

Podemos dividir o livro de Isaías em três partes: do capítulo 1º ao 39º; do capítulo 40º ao 55º e do capítulo 56º ao 66º. A primeira parte da profecia de Isaías (capítulos 1-39) transmite mensagens de punição e juízo para os pecados de Israel, Judá e das nações vizinhas, e trata de alguns eventos ocorridos durante o reinado de Acaz e Ezequias. Do capítulo 40 ao capítulo 55 o profeta fala com o povo que está no exílio na Babilônia, dando-lhes a esperança da libertação, além de profetizar sobre o Messias e Sua missão salvadora na pessoa do ‘Servo’ do Senhor. A partir do 56º capítulo a profecia não é apenas endereçada aos exilados que retornaram, mas parece que volta a ser dirigida ao povo que ainda está em Israel praticando idolatria e em pecado de rebeldia, ao mesmo tempo em que fala mais intensamente sobre o reino Messiânico por vir.

Isaías foi o primeiro profeta a falar sobre a vinda do Messias. Algumas referências podem ser vistas em relação a isso: Is 2: 1-5; Is 4: 2; Is 7: 14; Is 9: 1-7; Is 11: 1-5; Is 16: 5; Is 41: 1-29, em especial os versículos 2 e 25; Is 42: 1-9; Is 44: 26; Is 44: 28; Is 45: 1; Is 45: 13; Is 48: 14-15; Is 49: 1-7 com especial enfoque no v. 7; Is 50: 1-11, com especial enfoque no v. 10; Is 52: 13; Is 53: 1-12, com especial enfoque nos vs. 2 e 11; Is 59: 16-21; Is 63: 1-6.

Aqui, muitos textos explicativos são repetidos em vários capítulos para que pessoas possam ler separadamente cada um deles sem perder a visão do todo.

Espero que você goste deste trabalho e tenha suas próprias experiências com o Senhor ao ler sobre Isaías.

Que o Espírito Santo seja o seu guia e professor nesta leitura!

Tânia Cristina

Notas:

- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham. Neste caso, o texto entre colchetes não está em *itálico*.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).

Fontes de pesquisa:

- Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova.
- wikipedia.org e crystalinks.com (para algumas imagens).

Índice

Introdução à 2ª parte da profecia de Isaías	8
Capítulo 40	11
Capítulo 41	17
Capítulo 42	31
Capítulo 43	47
Capítulo 44	58
Capítulo 45	70
Capítulo 46	79
Capítulo 47	83
Capítulo 48	104
Capítulo 49	107
Capítulo 50	119
Capítulo 51	123
Capítulo 52	126
Capítulo 53	130
Capítulo 54	135
Capítulo 55	140

Volumes 1 e 3 deste livro:

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias1.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias3.pdf>

• Em muitos textos, nós vamos usar a ‘Concordância Lexicon Strong’. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV o no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua (fonte: Wikipedia.org).

• E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Introdução à 2ª parte da profecia de Isaías

Introdução à segunda parte da profecia de Isaías:

A partir do 40º capítulo de Isaías até o 55º, o conteúdo da profecia passa a ser exílico, e o enfoque é dado à vinda do Messias (Ele é prefigurado em Davi, Ciro e, muitas vezes em Isaías, chamado de ‘Servo’).

Jerusalém aparece arruinada, Israel está no exílio da Babilônia, e o exílio já tinha durado muito. O povo de Israel achava-se em grande consternação. A indignação de Deus pesava sobre eles por causa dos seus pecados. Eles pensavam que o Senhor tinha se esquecido deles e alguns deles chegaram a considerar que o lugar onde estavam exilados era sua própria pátria.

O profeta prometia que Deus estava prestes a libertar o Seu povo, e os exortava a confiar nesta promessa. Ele dizia que o Santo de Israel era o único capaz de prestar auxílio. Era Ele que estava orientando o curso dos acontecimentos, agindo de acordo com a Sua vontade, e Seu decreto seria certamente cumprido, pois Sua palavra não volta vazia. Por isso, a confiança em outros deuses era vã. Ciro era um instrumento em Suas mãos para realização de Seus propósitos e, por amor ao Seu próprio nome e reputação, Israel seria liberto (Is 48: 1-11). A Babilônia seria derrubada por Ciro; os exilados judeus seriam reunidos de todas as terras por onde foram dispersos, e voltariam a Canaã.

Nesta segunda parte da profecia de Isaías Deus repreende as nações, em especial, a Babilônia por causa da sua hostilidade contra Israel, e também por causa da sua idolatria. O curso de todos os acontecimentos mundiais leva a um único alvo, que é fazer Israel e todas as outras nações da terra se prostrar diante do único e verdadeiro Deus (Is 45: 23).

A vinda do Messias foi profetizada por vários profetas, em especial por Isaías, por isso mesmo chamado ‘o profeta messiânico’. Entretanto, a palavra ‘Messias’, ‘O Ungido’, só foi usada duas vezes, em Dn 9: 25-26. Os profetas se referiam ao Libertador de Israel com outras palavras, tais como: Servo, Renovo de Justiça, Renovo de Davi, Príncipe, e Emanuel (que quer dizer ‘Deus conosco’). Outras palavras como: ‘Redentor’, ‘O Poderoso de Jacó’ e ‘O Santo de Israel’ (qedoshôsh Yisra’el) são, na verdade, usadas para se referir ao próprio Deus como o defensor incansável da nação. As referências bíblicas em relação ao ‘Redentor’ são: Is 41: 14; Is 44: 6; Is 47: 4; Is 48: 17; Is 49: 26; Is 54: 5; Is 54: 8; Is 59: 20; Is 60: 16. O Messias é uma figura de Salvação para Israel. A palavra ‘salvação’ (em hebraico, ישועה, yeshu`âh, Strong #3444) aparece 146 vezes na bíblia – 103 vezes no AT e 43 vezes no NT. No AT ela é transliterada como yeshu`ah (Strong #3444), assim como Jesus (Yeshua – ישוע) é comumente chamado. No NT a palavra ‘salvação’ (Σωτηρία) é escrita em grego como: sôtêrias (σωτηρίας – Lc 1: 69; 77), sôtêria (σωτηρία – At 4: 12), sôtêrion ou sôtêrian (σωτηριον – Lc 3: 6; At 28: 28), por exemplo. A palavra ‘Salvador’ é escrita como Sôtèr (Σωτήρ = um libertador, i.e., Deus ou Cristo), e que pode corresponder às palavras hebraicas: mattan e mattnay, significando ‘dar’ ou ‘recompensa’. As palavras gregas sôtêrias, sôtêria ou sôtêrion significam: ‘resgate, segurança, libertar, saúde, salvação, salvo, salvar, defesa, e defensor’. A palavra hebraica yeshu`âh (salvação) é claramente vista em 3 versículos de Isaías:

- Is 26:1: “Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação (yeshu`âh) por muros e baluartes”.

• Is 49: 8: “Diz ainda o Senhor: no tempo aceitável, eu te ouvi e te socorri no dia da salvação (yeshu`âh); guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas”.

• Is 60: 18: “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas, nos teus limites; mas aos teus muros chamarás Salvação (yeshu`âh), e às tuas portas, Louvor”.

Mesmo sendo transliterada de maneiras diferentes (yeshu, yshu, yish etc.) em outros versículos bíblicos, a palavra mantém as mesmas letras básicas, e o mais importante, o mesmo significado: salvação. Segundo a ‘Concordância Lexicon Strong’, a palavra yshuw`ah (ou yeshu`âh) significa ‘algo salvo’, isto é, ‘libertação’, portanto, ajuda, vitória, prosperidade, salvamento, saúde, socorro, salvar, proteger, guardar, preservar (saúde), bem-estar. A palavra yshuw`ah está ligada à palavra yasha` (Strong #3467), que é uma raiz primitiva cujo significado é: estar aberto, amplo ou livre e, conseqüentemente, estar seguro, livre; ou socorrer (ou vir em socorro de), vingar, defender, libertar (ou libertador), socorrer, preservar, resgatar, trazer ou ter salvação, salvar (ou salvador), obter vitória. Yshuw`ah (ou yeshu`âh) é palavra derivada de Yhowshuwa` (Jehoshua; Joshua; Josué), transliterada para o grego como Iēsoûs (Ἰησοῦς), Jesus (Strong # g2424) – Mt 1: 21.

Yeshua (ישוע) quer dizer ‘Salvação’, e é o nome hebraico de Jesus, por isso está escrito em Mateus 1: 21 (Lc 1: 27): “Ela dará à luz um filho e lhe porás [*o anjo estava falando com José sobre Maria*] o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”. Assim, nós podemos dizer que em Jesus Cristo as profecias sobre o Messias foram cumpridas, ou seja, Ele veio como homem, da descendência real de Davi (o Renovo de Davi) e como um servo de Deus para cumprir a Sua função de Redentor de Israel (Deus sempre disse ser o Redentor de Israel, o Poderoso de Jacó, O Santo de Israel: Is 41: 14; Is 44: 6; Is 47: 4; Is 48: 17; Is 49: 26; Is 54: 5; Is 54: 8; Is 59: 20; Is 60: 16). Ele veio como rei e conquistador ungido (Lc 17: 20-21; At 10: 38; Jo 18: 33-37; Jo 19: 19; Mt 11: 12-13; Jo 1: 29; Cl 2: 13-15), nos libertando definitivamente do poder da morte (gerada pelos nossos próprios pecados; Jo 1: 29; Cl 2: 13-15), e nos dando um reino espiritual (Jo 18: 33-37), não material (ao contrário do que os judeus estavam esperando), onde recebemos não apenas a adoção de filhos, mas a mesma autoridade que estava nEle através do Espírito Santo (Jo 1: 10-14; Jo 14: 12-15; Rm 8: 14-17).

Ciro, uma figura do Messias, como rei e conquistador ungido:

Em Isaías 41: 1-29, em especial os versículos 2 e 25, o profeta está falando de Ciro, que é escolhido por Deus para livrar o Seu povo do jugo babilônico, e também chamado de servo. E em outros versículos, seu nome é mencionado claramente:

• Is 44: 28: “... que digo de Ciro: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado”.

• Is 45: 1: “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis, e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão”.

• Is 45: 13: “Eu, na minha justiça, suscitei a Ciro e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos”.

• Is 48: 14-15: “Ajuntai-vos, todos vós, e ouvi! Quem, dentre eles, tem anunciado estas coisas? O Senhor amou a Ciro e executará a sua vontade contra a Babilônia, e o seu braço será contra os caldeus. Eu, eu tenho falado; também já o chamei. Eu o trouxe e farei próspero o seu caminho”.

• Is 44: 26; 28 (a vitória de Ciro leva à reconstrução de Sião): “... que confirmo [*Ele, Deus*] a palavra do meu servo (*) [*o profeta Isaías, provavelmente, profetizando o livramento do seu povo*] e cumpro o conselho dos meus mensageiros [*os profetas*]; que digo de Jerusalém: Ela será habitada; e das cidades de Judá: Elas serão edificadas; e quanto às suas ruínas: Eu as levantarei;... que digo de Ciro: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado [NVI: ‘Sejam lançados os seus alicerces’]”.

(*) Na NVI está escrito: “... que executa [*Ele, Deus*] as palavras de seus servos [*a palavra está no plural, o que pode significar ‘os profetas’*] e cumpre as predições de seus mensageiros, que diz acerca de Jerusalém: Ela será habitada, e das cidades de Judá: Elas serão construídas, e de suas ruínas: Eu as restaurarei”.

O Messias – o Servo

Nas próximas referências bíblicas fica clara a relação entre a palavra ‘Servo’ e o Messias, para nós, Jesus:

• Is 42: 1-9 (Jesus) cf. Mt 12: 18-21: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeça; em verdade, promulgará o direito. Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina. Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela Eu, o Senhor, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas. Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura. Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir” – cf. Mt 12: 18-21: “Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeça, até que faça vencedor o juízo. E, no seu nome, esperarão os gentios”.

• Is 49: 1-7 com especial enfoque no v. 7: “Assim diz o Senhor, o Redentor e Santo de Israel, ao que é desprezado, ao aborrecido das nações, ao servo dos tiranos: Os reis o verão, e os príncipes se levantarão; e eles te adorarão [*adorarão o Messias, Jesus, é o quer dizer*] por amor do Senhor, que é fiel, e do Santo de Israel, que te escolheu”.

• Is 50: 1-11 (com especial enfoque no v. 10): “Quem há entre vós que tema ao Senhor e que ouça a voz do seu Servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do Senhor e se firme sobre o seu Deus”.

• Is 52: 13: “Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime”.

• Is 53: 1-12 (com especial enfoque no v. 11): “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si”.

Servo –

Há um comentário a fazer sobre a palavra ‘servo’, que é usada na bíblia para outras pessoas que não o Messias. Além de ser empregada em relação a servos e senhores (amos), Deus usa essa palavra até para os ímpios que são Seus instrumentos na terra

para correção do Seu povo. Por exemplo, Ele chama de ‘servo’ o povo de Israel, bem como Seus profetas, Davi, e até o Rei da Rei da Babilônia. Também chama Ciro, o persa, de servo, como veremos mais para frente, não apenas como um rei para ajudar Seu povo, mas também como uma figura profética do Messias. Vamos ver as referências bíblicas:

- Israel (Jacó) Jr 30: 10; Jr 46: 27-28; Is 41: 8-9; Is 44: 1-2; Is 44: 21; Is 45: 4; Is 48: 20; Is 49: 3.
- Profetas (Servos): Jr 7: 25; Jr 25: 4; Jr 29: 19; Jr 35: 15; Jr 44: 4.
- Davi: Jr 33: 21; Jr 33: 22; Jr 33: 26; Is 37: 35; Ez 37: 24.
- Rei da Babilônia: Jr 25:9; Jr 27: 6; Jr 43: 10.

Davi, uma figura do Messias.

• Jr 30: 8-9: “Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço e quebrarei os teus canzais; e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo, que servirá ao Senhor, seu Deus, como também a Davi [*se referindo a Jesus, que nasceria da Casa de Davi*], seu rei, que lhe levantarei”.

• Ez 34: 22-24: “... eu livrarei as minhas ovelhas, para que já não sirvam de rapina, e julgarei entre ovelhas e ovelhas. Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi [*se referindo a Jesus*] é que as apascentará (Ap 7: 17); ele lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse”.

• Ez 37: 24: “O meu servo Davi [*se referindo a Jesus*] reinará sobre eles. O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão”.

Capítulo 40

A vinda do Senhor é prevista, assim como a daquele que abrirá o caminho para Ele – v. 1-11.

• Is 40: 1-11: “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada e que já recebeu em dobro das mãos do Senhor por todos os seus pecados [NVI: ‘Encoragem a Jerusalém e anunciem que ela já cumpriu o trabalho que lhe foi imposto, pagou por sua iniquidade, e recebeu da mão do Senhor em dobro por todos os seus pecados’]. Voz do que clama no deserto [no original: ‘clama no deserto’]: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será aterrado, e nivelados, todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá, pois a boca do Senhor o disse. Uma voz diz: Clama; e alguém pergunta: Que hei de clamar? Toda a carne é erva, e toda a sua glória [no original: ‘sua fidelidade’], como a flor da erva; seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade, o povo é erva [NVI: Uma voz ordena: ‘Clame’. E eu pergunto: ‘O que clamarei?’ ‘Que toda a humanidade é como a relva, e toda a sua glória como as flores do campo. A relva murcha e cai a sua flor, quando o vento do Senhor sopra sobre elas; o povo não passa de relva’]; seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente. Tu, ó Sião, que anuncias boas-novas, sobe a um monte alto! Tu, que anuncias boas-novas a Jerusalém [no original: ‘Ó Sião, que traz boas novas, suba num alto monte. Ó Jerusalém, que traz boas novas’], ergue a tua voz fortemente; levanta-a, não temas e dize às cidades de Judá: Eis aí está o vosso Deus! Eis que o Senhor Deus

virá com poder, e o seu braço dominará; eis que o seu galardão está com ele, e diante dele, a sua recompensa. Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente [NVI: ‘conduz com cuidado as ovelhas que amamentam suas crias’]”.

Aqui, o profeta traz uma palavra de esperança para os que voltaram do cativeiro, dizendo que o Senhor os perdoou e apagou os seus pecados. Ele recebe uma ordem para clamar no deserto e preparar os caminhos do Senhor, do Messias que virá para eles, endireitar o caminho para o seu Deus, porque tudo que estava errado ou torto será corrigido e retificado. Quando se fala em preparar ou endireitar os caminhos para o Senhor, significa mudar a maneira de se comportar até aquele momento, reavaliando as doutrinas sobre as quais eles estavam firmados para que o novo de Deus pudesse vir. Os corações e os ouvidos deveriam estar preparados para ouvir e receber a verdade, pois o Senhor se manifestaria a eles como nunca havia se manifestado até então. A justiça de Deus chegaria de uma maneira visível para todos os que estivessem preparados.

A voz do céu diz ao mensageiro do Senhor: ‘Clama’; mas ele pergunta o deve clamar. E a voz do céu responde novamente: ‘Clame que toda a humanidade é como a relva, e toda a sua fidelidade como as flores do campo. A relva murcha e cai a sua flor, quando o vento do Senhor sopra sobre elas; o povo não passa de relva’, ou seja, é para o profeta dizer que a humanidade é frágil e instável, e sua fidelidade a Deus se parece como uma flor que embeleza por um tempo, mas com um vento mais forte ela cai e murcha. Assim era o povo de Deus que havia retornado do cativeiro: perdoado pelo Senhor, mas vazio da Sua presença, necessitando refazer sua aliança com Ele e aprender de novo o caminho da verdade que havia sido apagado pela idolatria e por doutrina de homens. Eles tinham vontade de seguir a Deus, mas sua carne era fraca como uma flor; sua fidelidade, instável, e por isso seus corações precisavam estar preparados para quando Ele se manifestasse entre eles. Eles eram falíveis, mas o Senhor permaneceria sempre fiel em Suas palavras e promessas.

“Ó Sião, que traz boas novas, suba num alto monte. Ó Jerusalém, que traz boas novas” – quer dizer que Jerusalém, a cidade de Deus, ela mesma que estava colocada sobre um monte, seria a portadora das boas novas de um novo tempo para todo o povo de Judá e Israel, e depois, para todas as nações, pois Jerusalém seria a primeira a contemplar esta maravilhosa obra divina e a gloriosa aparência do seu Deus. Ali, no monte de Sião, o monte do templo, foi onde Jesus realizou grandes milagres e encheu novamente aquela Casa com a presença de Deus. Ele estava novamente com Seu povo. Jerusalém irradiaria esta luz para os povos. O Messias dominaria sobre tudo, e traria a recompensa e a honra com Ele. Aqui, Ele assume a figura do pastor que apascentará o seu rebanho com cuidado, desde os cordeirinhos até as ovelhas mais velhas.

“Voz do que clama no deserto [no original: ‘clama no deserto’]: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus” – isso implica a presença de um profeta, um mensageiro, alguém que possa ser a boca de Deus na terra para preparar os corações para Sua vinda. Esse precursor do Messias era João Batista, que veio para dar ao povo o conhecimento dos seus pecados, fazer com que se arrependessem deles e se limpassem interiormente para poderem receber a verdadeira doutrina pregada por Jesus. Embora o profeta Malaquias se refira a João Batista como Elias (Ml 4: 5-6), os quatro evangelistas fazem uso deste texto de Isaías quando se referem ao profeta (Mt 3: 3; Mc 1: 3; Lc 3: 4-6; Jo 1: 23). João Batista se refere a ele mesmo ao mencionar esta profecia. Na verdade, João Batista é considerado o último membro da sucessão profética, no que diz respeito à anunciação da vinda do Messias. Os profetas do NT não teriam mais nada a acrescentar quanto a isso; apenas, proclamar que Ele já veio; exortar o caído,

repreender o rebelde e reforçar a esperança no que foi pregado e prometido pelo próprio Jesus quanto ao final dos tempos, quando haverá o julgamento definitivo de todo o mal.

A majestade do Senhor – v. 12-17.

• Is 40: 12-17: “Quem na concha de sua mão mediu as águas e tomou a medida dos céus a palmos [NVI: ‘com o palmo definiu os limites dos céus’]? Quem recolheu na terça parte de um efa o pó da terra [NVI: ‘Quem jamais calculou o peso da terra’] e pesou os montes em romana e os outeiros em balança de precisão? Quem guiou o Espírito do Senhor? [NVI: ‘Quem definiu limites para o Espírito do Senhor’; no original: ‘Quem conheceu a mente do Espírito?’] Ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão [NVI: ‘A quem o Senhor consultou que pudesse esclarecê-lo, e que lhe ensinasse a julgar com justiça’]? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho de entendimento? Eis que as nações são consideradas por ele como um pingô que cai de um balde e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta [NVI: ‘as ilhas não passam de um grão de areia’]. Nem todo o Líbano basta para queimar, nem os seus animais, para um holocausto [NVI: ‘Nem as florestas do Líbano seriam suficientes para o fogo do altar, nem os animais de lá bastariam para o holocausto’]. Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo”.

Neste pedaço do capítulo 40, o profeta mostra a majestade, a grandeza e o poder do Senhor, a fim de que o ser humano pudesse conhecer melhor seu Criador e o quanto Deus era maior do que um simples ser humano, bem como todas as coisas terrenas que Ele mesmo havia criado.



Ele começa dizendo que Deus era tão grande (a bíblia diz que Ele é espírito), que poderia medir o tamanho do céu com um palmo de Sua mão. As águas eram medidas por Ele na concha de Sua mão, até mesmo os mares, os quais um homem não poderia ver onde terminava. Quando Deus criou a Terra, Ele determinou o limite dos oceanos e

o tamanho da parte seca, à qual chamou terra; e o fez de uma maneira tão precisa e calculada como se pesasse essa quantidade de terra com um efa (uma medida antiga de quantidade equivalente a 17,62 litros).

A bíblia diz que foi com o Espírito de Deus que todas as coisas foram criadas, pois com Ele está a sabedoria para todas as coisas (Pv 8: 22-31); e aqui em Isaías, Deus pergunta ao homem: ‘Quem guiou o Espírito do Senhor?’ ou ‘Quem definiu limites para o Espírito do Senhor’, ou ainda, ‘Quem conheceu a mente do Espírito?’ (1 Co 2: 11; 16). Então, por mais sábio que um homem se achasse, Deus e Seu Espírito de vida e criatividade, sabedoria, conhecimento, entendimento, conselho e fortaleza (Is 11: 2) sempre o superaria. Ele colocou tudo debaixo dos Seus pés, inclusive os principados das trevas; até o próprio Satanás. Com todas essas metáforas, Deus se mostrava ao profeta e ao Seu povo; Ele mostrava uma nova faceta do Seu caráter.

O texto prossegue com o Senhor dizendo: ‘Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? [NVI: ‘A quem o Senhor consultou que pudesse esclarecê-lo, e que lhe ensinasse a julgar com justiça’]’. Isso quer dizer: haveria homem capacitado o bastante para dar conselho ao Senhor e Lhe dizer o que fazer, como foi no princípio da Criação, ou para Lhe ensinar como exercer corretamente a justiça? Isso não nos lembra Jó capítulos 38; 39; 40: 1-2, quando Deus faz perguntas para o Seu servo e o convence da sua ignorância?

Há ainda muitos argumentos usados por Ele neste texto para dar ao Seu povo a noção exata do Seu poder, da Sua grandiosidade: para Ele, as ilhas eram tão pequenas que não passavam de um grão de areia. E se alguém quisesse oferecer a Ele um sacrifício agradável e compatível com tudo o que Ele tinha falado de Si mesmo, nem as abundantes florestas do Líbano nem os animais existentes ali seriam o bastante para o holocausto.

“Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo”, é o que a bíblia diz. Se nós trouxermos isso para os nossos dias, nós podemos ter uma visão extremamente maior do poder de Deus da que já tivemos até hoje, quando pensamos em Jesus na terra ressuscitando mortos, expulsando demônios, tendo domínio sobre as forças da natureza, curando pessoas de doenças incuráveis para a ciência, e até ressuscitando a Si mesmo dos mortos para mostrar Sua vitória sobre a morte. Quando vemos a natureza, com pássaros e todos os tipos imensuráveis de espécies animais, as montanhas, os mares, as plantas com variedades incontáveis, as diversas cores que aparecem no céu com matizes diferentes de azul, dependendo da hora do dia em que o observamos, e muito mais coisas como estas, a nossa consciência se expande para perceber a criatividade do Espírito de Deus; mais do que podemos ter, às vezes, para desenhar algo tão simples ou para planejar o cardápio do almoço de amanhã. Essa reflexão vai muito mais além, quando temos notícias de satélites da NASA pousando em cometas ou esquadrinhando o Universo, trazendo as imagens de corpos celestes jamais imaginados, ou naves espaciais orbitando os anéis de Saturno em busca de informações que dêem ao ser humano a resposta que ele vem buscando sobre si mesmo. Quando vemos as coisas sob esse prisma tão grande, podemos entender o que a bíblia diz sobre Jesus ter se despido de toda a Sua glória para encarnar num corpo mortal como o nosso e tornar as coisas mais fáceis para nós, mostrando o que é viver em santidade e o que o Pai espera de nós (Fp 2: 7-8: “antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tomando-se obediente até à morte e morte de cruz”). Ao ressuscitar e subir ao céu, Ele se desprende desse corpo limitado e recuperou a Sua glória e o Seu poder como Espírito (Ef 1: 20-23; Hb 1: 3-4). A bíblia diz que o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito

do Senhor, aí há liberdade (2 Co 3: 17). Embora esta última citação esteja se referindo à livre ação do Espírito Santo em nosso meio nós podemos imaginar que Seu ser preenche todo o Universo e o controla com consciência plena de tudo o que se passa nele. Salomão disse em sua oração ao povo: “Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei” (1 Rs 8: 27; 2 Cr 6:18). Agora dá para entender o que o Senhor estava revelando a Isaías? Diante de um ser tão imenso, os planetas, as nações e as ilhas eram nada; era como se Ele os estivesse observando através de um microscópio. Por isso, Seu povo não deveria mais temer nenhum grande império sobre a terra, pois todos eles, por maiores que fossem, continuavam a ser nada diante dEle; eram apenas Seus instrumentos. E quando Ele quisesse, Ele mesmo os destruiria.

A loucura da idolatria – v. 18-26.

• Is 40: 18-26: “Com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele? [NVI: ‘Como poderão representá-lo?'] O artífice funde a imagem, e o ourives a cobre de ouro e cadeias de prata forja para ela NVI: ‘Com uma imagem que o artesão funde, e que o ourives cobre de ouro e para a qual modela correntes de prata?']. O sacerdote idólatra escolhe madeira que não se corrompe e busca um artífice perito para assentar uma imagem esculpida que não oscile. Acaso, não sabeis? Porventura, não ouvis? [NVI: ‘Nunca ouviram falar?'] Não vos tem sido anunciado desde o princípio? [NVI: ‘Não lhes contaram desde a antigüidade?'] Ou não atentastes para os fundamentos da terra? [NVI: ‘Vocês não compreenderam como a terra foi fundada?'] Ele é o que está assentado sobre a redondeza da terra, cujos moradores são como gafanhotos; é ele quem estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar; é ele quem reduz a nada os príncipes e torna em nulidade os juízes da terra. Mal foram plantados e semeados, mal se arraigou na terra o seu tronco, já se secam, quando um sopro passa por eles [NVI: ‘Deus sopra sobre eles’], e uma tempestade os leva como palha. A quem, pois, me comparareis para que eu lhe seja igual? — diz o Santo. Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar”.

Neste trecho, o profeta continua a mostrar a majestade de Deus, agora comparando-a com a loucura e a insignificância da idolatria. Ídolos feitos de madeira, ouro e prata, porventura, poderiam se comparar a Deus? Quem poderia se comparar a Ele? Eles teriam o poder de criar o mundo como Ele o fez; Ele que criou as estrelas no céu, e conhece cada uma delas (‘as quais ele chama pelo nome’) e não deixa que simplesmente desapareçam por si mesmas? Por acaso, eles não se lembravam mais do que foi contado pelos seus antepassados, que lhes transmitiram a palavra de Deus através da Torá? Deus poderia reduzir a nada tanto os príncipes como os juízes da terra. E eles também haviam se curvado diante de ídolos! O que resultou de tudo isso? Cativo, exílio, destruição, juízo divino. No Salmo 115: 3-8 está escrito: “No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada. Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos de homens. Têm boca e não falam; têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram. Suas mãos não apalparam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam”. Portanto, este trecho do profeta Isaías reforça sua constante mensagem de que o Deus de Israel é Santo, e não se compara a nada do que as outras nações chamam de deuses. Por isso, ele mesmo escreve as palavras do Senhor em Is 42: 8: “Eu sou o Senhor, este é o meu

nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura”.

Deus conhece Seu povo e o fortalece – v. 27-31.

• Is 40: 27-31: “Por que, pois, dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus? [NVI: “Por que você reclama, ó Jacó, e por que se queixa, ó Israel: ‘O Senhor não se interessa pela minha situação; o meu Deus não considera a minha causa?’”] Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadriñar o seu entendimento [NVI: ‘sua sabedoria é insondável’]. Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam”.

Quando o povo reclamava e dizia que o Senhor não se interessava pela situação em que eles estavam, que não se importava com eles e nem prestava atenção a eles, o profeta lhes diz que, pelo contrário, o Senhor sabia muito bem as condições do Seu povo. O povo em cativeiro tinha sido perdoado por Deus, mas estava vazio da Sua presença, necessitando refazer sua aliança com Ele e aprender de novo o caminho da verdade que havia sido apagado pela idolatria e por doutrina de homens. Agora, eles se sentiam cansados e desamparados, pois o seu exílio já estava durando muito, e estavam desanimados e desacreditados. Sua carne era fraca como uma flor; sua fidelidade, instável, e por isso seus corações precisavam estar preparados para quando o Messias se manifestasse entre eles. Este versículo 27 (“Por que, pois, dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus?”) pode ser comparado a Is 49: 14-16 que diz: “Mas Sião diz: O Senhor me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim. Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente perante mim”.

Isaías fala com eles, depois de tudo o que disse até agora, que na Sua infinita sabedoria e misericórdia, o Senhor jamais se esqueceria deles. Ele sabia que eles estavam cansados depois de tudo o que passaram; cansados do cativeiro, mas Ele não se cansava, e era capaz de revigorá-los, em todos os sentidos, para que eles pudessem voltar a ser o que foram no passado, na época de glória da sua nação. A Babilônia não seria sua terra para sempre. Eles não morariam ali definitivamente. Aquilo era temporário, ao contrário do que alguns deles já estavam pensando. Deus era a sua força, e era capaz de fazê-los pensar de uma maneira mais abrangente sobre todas as coisas, voltando seus olhos para o espiritual, não mais para o lado material apenas (“os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias”). A confiança em Deus e o descanso Nele, que eles haviam rejeitado no passado, agora seria a maneira de se fortalecer e se estabilizar interiormente.

Capítulo 41

Deus suscita o Redentor de Israel – v. 1-7.

• Is 41: 1-7: “Calai-vos perante mim, ó ilhas, e os povos renovem as suas forças; cheguem-se e, então, falem; cheguemo-nos e pleiteemos juntos [NVI: ‘Que elas se apresentem para se defender; vamos encontrar-nos para decidir a questão’]. Quem suscitou do Oriente aquele a cujos passos segue a vitória [no original: ‘Com quem a vitória se encontra a cada passo’]? Quem faz que as nações se lhe submetam, e que ele calque aos pés os reis, e com a sua espada os transforme em pó, e com o seu arco, em palha que o vento arrebatava? Persegue-os e passa adiante em segurança [NVI: ‘avança com segurança’], por uma vereda que seus pés jamais trilharam. Quem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência, eu, o Senhor, o primeiro, e com os últimos eu mesmo. Os países do mar [NVI: ‘As ilhas’] viram isto e temeram, os fins da terra tremeram, aproximaram-se e vieram. Um ao outro ajudou e ao seu próximo disse: Sê forte. Assim, o artífice anima ao ourives, e o que alisa com o martelo, ao que bate na bigorna, dizendo da soldadura: Está bem feita. Então, com pregos fixa o ídolo para que não oscile”.

Nestes versículos nós vemos a presença de Deus como o libertador e o Redentor do Seu povo, a quem ninguém mais pode resistir. Ele se coloca definitivamente como o único Deus, que tem o domínio sobre todos os acontecimentos e sobre todas as pessoas. No versículo 1 Ele diz para todos se calarem e que venham se defender e expressar suas razões para que a questão fique decidida de uma vez por todas. A palavra ‘ilhas’ usada aqui se refere aos países distantes da Judéia, habitados por gentios idólatras; todas as regiões além do mar (Jr 25: 22), regiões marítimas ou regiões costeiras, não meramente ilhas no sentido estrito. Deus lhes dirigia a palavra: “venham e se defendam perante mim”. Mas a que causa Ele estava se referindo? Qual era a questão que precisava ficar de decidida de uma vez por todas? No capítulo 40 (Is 40: 12-26), como foi dito, Deus havia declarado a Sua majestade e soberania diante de todos, não apenas diante do Seu próprio povo, como também diante de todos os povos, mostrando que o mundo foi criado por Ele, e os ídolos das nações nada fizeram para impedir todos os acontecimentos mundiais até aquele momento. Mais do que ídolos, Ele se referia aos idólatras dessas nações, como os sábios, adivinhos e agoureiros, que ‘disputavam poder’ com Ele, tentando prever o futuro e os acontecimentos e movimentos de outros povos para poderem se posicionar ou evitar algum tipo de catástrofe. Todos os impérios estavam debaixo de Suas mãos, e tudo o que aconteceu com Israel não foi por acaso nem pela força de nenhum exército, mas porque Ele havia determinado e permitido tal coisa. Todas as nações viram os sinais naturais e sobrenaturais que Ele fizera diante delas, escolhendo Seus instrumentos de punição e juízo. Nenhum outro deus de madeira, pedra, ouro ou prata pôde agir em favor dos seus adoradores ou livrá-los das mãos dos seus opressores. Ele, sim, tinha o poder de fazer o que bem queria, pois era o Deus verdadeiro, o mesmo que um dia havia tirado Seu povo do Egito e, agora, também os livraria do cativeiro na Babilônia, em Seu devido tempo. Por isso, Ele já havia escolhido Seu instrumento de libertação: Ciro, mas que nesta profecia não tem o seu nome revelado, bem como em Is 46: 11, onde Deus o chama de ‘a ave de rapina’ [em outras profecias seu nome é revelado: Is 44: 28; Is 45: 1-4; Is 45: 13-14; Is 48: 14].

Aqui em Is 41: 2 a bíblia só diz que ele viria do Oriente (*Pérsia*) e seria um homem vitorioso, a quem as nações se submeteriam. Ele esmagaria reis e os destruiria com sua espada e com seu arco, e eles seriam comparados com pó e palha que voa ao vento. O arco fazia parte do armamento dos povos da Média e da Pérsia, como Elão, por

exemplo, que vimos em Is 22: 6. Ele perseguiria seus inimigos, avançaria com segurança por terras antes desconhecidas por ele. Mas o Senhor deixava muito bem claro que este homem seria apenas Seu instrumento de redenção para Israel, não porque ele era maior ou melhor do que qualquer outro guerreiro que houve antes dele, mas pela união que o Santo de Israel derramaria sobre ele. Todas as nações veriam isso e tremeriam diante dele. Um homem daria força ao seu companheiro para os dois poderem ficar de pé e terem confiança, como um artesão que trabalha com um ídolo precisa da confirmação de outro colega para se certificar que a imagem está firme e bem feita, que não vai cair. Deus reafirmava o que havia dito no capítulo 40: a confiança em outros deuses era vã.

Ciro prefigura o Messias, como rei e conquistador ungido. Em outros lugares, é também chamado de servo. Nesta parte ainda, fica bem entendido que somente Ele, o Santo de Israel, é capaz de livrar Seu povo.

Israel encorajado por promessas de segurança e libertação – v. 8-20.

• Is 41: 8-20: “Mas tu, ó Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, meu amigo (2 Cr 20: 7; Tg 2: 23), tu, a quem tomei das extremidades da terra, e chamei dos seus cantos mais remotos, e a quem disse: Tu és o meu servo, eu te escolhi e não te rejeitei, não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel [NVI: ‘com a minha mão direita vitoriosa’]. Eis que envergonhados e confundidos serão todos os que estão indignados contra ti; serão reduzidos a nada, e os que contendem contigo perecerão. Aos que pelejam contra ti, buscá-los-ás, porém não os acharás; serão reduzidos a nada e a coisa de nenhum valor os que fazem guerra contra ti. Porque eu, o Senhor, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: Não temas, que eu te ajudo. Não temas, ó vermezinho de Jacó, povozinho de Israel; eu te ajudo, diz o Senhor, e o teu Redentor é o Santo de Israel. **15** Eis que farei de ti um trilho cortante e novo, armado de lâminas duplas; os montes trilharás, e moerás, e os outeiros reduzirás a palha. **16** Tu os padejarás, e o vento os levará, e redemoinho os espalhará; tu te alegrarás no Senhor e te gloriarás no Santo de Israel [NVI: **15** Veja, eu o tornarei um debulhador novo e cortante, com muitos dentes. Você debulhará os montes e os esmagará e reduzirá as colinas a palha. **16** Você irá peneirá-los, o vento os levará, e uma ventania os espalhará. Mas você se regozijará no SENHOR e no Santo de Israel se gloriará]. Os aflitos e necessitados buscam águas, e não as há, e a sua língua se seca de sede; mas eu, o Senhor, os ouvirei, eu, o Deus de Israel, não os desampararei. Abrirei rios nos altos desnudos e fontes no meio dos vales; tornarei o deserto em açudes de águas e a terra seca, em mananciais. Plantarei no deserto o cedro, a acácia, a murta e a oliveira; conjuntamente, porei no ermo o cipreste, o olmeiro e o buxo [NVI: ‘o cipreste, o abeto e o pinheiro’], para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso, e o Santo de Israel o criou”.

Neste trecho, o Senhor volta a dar uma palavra de esperança para Seu povo a quem Ele tinha elegido, e que eram descendentes de Abraão. Se Deus chamou Abraão de amigo, eles também receberiam o privilégio de serem chamados Seus amigos se eles voltassem a ter a obediência de Abraão e a intimidade que ele teve com o Deus Altíssimo. Aqui, Ele também chama Israel (Jacó) de servo, como faz em outros versículos: Is 44: 1-2; 21; Is 45: 4; Is 48: 20; Is 49: 3; Jr 30: 10; Jr 46: 27-28; isso para lembrá-los da importância de servir somente a Ele, ao invés de servirem outros deuses, e do privilégio que isso significava. Era um privilégio ser escolhido como Seu instrumento na terra. Israel estava sendo novamente encorajado pelas promessas de segurança e libertação, por isso não mais deveria temer a assolação ou a destruição.

Deus assegurava ao Seu povo que Ele não o estava rejeitando; pelo contrário, estava com eles neste momento no cativeiro. Porém, Ele era a sua força, sua ajuda e seu sustento, pois Sua mão era poderosa, e estava agindo em favor deles. Todos os povos que estavam indignados contra eles seriam envergonhados, confundidos e já tinham um dia marcado pelo próprio Deus para sua destruição. Israel não mais veria seus opressores.

Pela segunda vez, Ele repete: “Não temas, que eu te ajudo. Não temas, ó vermezinho de Jacó, povozinho de Israel”. Parece estranho dizer aquilo, mas o Senhor chamava Seu povo de um povozinho, um vermezinho, de tão pequeno em número e humilhado diante de todos os gentios, mas teve que ser assim para que eles aprendessem a seguir os caminhos de Deus, ao invés de seguirem os estrangeiros. Ao segui-los, eles se afastaram do Senhor, que aqui diz ser o seu Redentor, o Santo de Israel.

Deus fará com que Israel destrua seus inimigos, dos grandes aos pequenos, como se debulha o cereal e depois os tritura ou mói. Aqui, o Senhor usa a figura de linguagem de um instrumento agrícola muito conhecido deles, que era o trilho. O trilho (cf. Is 28: 24; Os 10: 11) era um instrumento dotado de ganchos, puxado sobre o terreno para esfarelar os torrões de terra depois da passagem do arado. Embora a forma exata do instrumento seja incerta, sabe-se que ele era puxado por um boi (Jó 39: 10). Ele até pode ter a mesma finalidade do ‘rastelo’ ou da ‘grade do agricultor’, porém não há como representá-lo, pelo menos na época em que eles o usavam. O que Deus lhes diz é que Ele faria deles um trilho (um debulhador) cortante e novo, com lâminas duplas e muitos dentes. Assim, eles moeriam, triturariam e esmagariam os poderosos (‘montes e outeiros’), reduzindo-os a palha.

O Senhor também mostra o que mais eles farão com seus inimigos: “Tu os padejarás [NVI: Você irá peneirá-los], e o vento os levará, e redemoinho os espalhará; tu te alegrarás no Senhor e te gloriarás no Santo de Israel”. Padejar é um método de peneirar o cereal ou jogá-lo para cima com a pá, a fim de limpá-lo na eira (cf. Mt 3: 12). Eles causariam terror ao inimigo e este se espalharia pelos quatro cantos da terra, por assim dizer, como a palha ou o excesso de pó da farinha que sobrou sobre um pão e é levada para longe pelo vento. Com a vitória dada pelo Senhor, eles se alegrariam e voltariam a crer nEle, pois entenderiam que a glória pertencia ao seu Deus.

Mesmo que não saibamos como era um trilho na época de Isaías, nós podemos ver abaixo como era o trenó de debulhar cereais usado nos tempos de Jesus para separar a palha do trigo e os outros instrumentos usados pelos agricultores, como a foice, o garfo e a pá. O trenó era como uma prancha de madeira com pedras embaixo, atrelado ao boi ou ao jumento. Geralmente um garotinho subia em cima dela e batia no animal para que esse começasse a andar em círculos sobre o trigo que estava na eira. Dessa maneira se fazia a separação entre o grão e os outros detritos. Depois, com paus ou varas eles batiam no cereal já debulhado. Com a pá, o grão era jogado para o ar e o vento levava o resquício da palha. Numa segunda etapa, o trigo já quase limpo era colocado numa peneira, e se fazia um movimento circular com ela; eles jogavam o cereal pra cima para deixar a palha ir embora com o vento. Esse processo era chamado de cirandagem ou joeiramento.

Nas imagens abaixo você pode ver o trenó de debulha, a pá, o garfo e a foice. Na segunda imagem, o trenó de debulha visto por baixo e o padejamento do cereal. Padejar significa jogar o cereal para cima e deixar o vento levar a palha.



O profeta continua falando em nome do Senhor. Ele sabe que o Seu povo está aflito e sedento, passa fome e sede, mas Ele jamais os abandonará. Seus milagres serão vistos, como aqueles realizados no passado, quando o povo saiu do Egito e, estando sedento, foi dessedentado no deserto por fontes de águas que o Senhor fez brotar de uma rocha. Essa parte da profecia nos remete aos tempos do evangelho, onde Jesus seria como rios, açudes e fontes de água viva para os sedentos de libertação e de salvação de Deus, através da palavra que saía dos Seus lábios. Não que fosse impossível realizar materialmente essas coisas como Ele fez no passado, mas a profecia tem a intenção de aumentar a capacidade espiritual daquele povo e fazê-lo ver qual era a sua sede real, ou seja, que tipo de sede era mais importante de ser saciada. Jesus disse várias vezes no evangelho que Ele era a fonte de águas vivas, e essas águas fluiriam de todo aquele que nEle cresse. Também disse que Ele era o maná que veio do céu, o pão da vida.

• Is 41: 18-20: “Abrirei rios nos altos desnudos e fontes no meio dos vales; tornarei o deserto em açudes de águas e a terra seca, em mananciais. Plantarei no deserto o cedro, a acácia, a murta e a oliveira; conjuntamente, porei no ermo o cipreste, o olmeiro e o buxo [NVI: ‘o cipreste, o abeto e o pinheiro’], para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso, e o Santo de Israel o criou”.

Um alto desnudo significa uma encosta de uma montanha sem nenhuma árvore, totalmente lisa, pois a vegetação não cresce ali por falta de condições favoráveis (Jr 14: 6). Em montanhas não existem rios, no entanto, o Senhor diz que abriria rios nesses lugares altos. Ele também diz que abriria fontes nos vales. Na Palestina, onde a chuva cai somente durante certo período do ano, a paisagem é recortada por muitos vales estreitos e leitos de riachos (em hebraico, nahal; ou em árabe, wadīs), que só exibem água durante a estação chuvosa. Frequentemente pode ser encontrada água subterrânea nesses wadis durante os meses de estiagem (Gn 26: 17-19). Os rios perenes atravessam vales (no hebraico, ‘emeq = vales) e planícies mais largas, ou então cortam gargantas estreitas através da rocha.



Sefelá

O vocábulo hebraico *shēphelâ* denota terreno baixo, especialmente a planície marítima da Filístia na terra de Judá, terra agrícola de Sefelá (Shephelah). Assim, voltando a Isaías, é mais provável haver leitos secos num vale; no máximo, pequenas correntes de águas, ou poços cavados (Gn 26: 17; 19 – Isaque), mas é muito diferente de uma nascente ou fonte de água que dá origem a um rio. Jesus faria de um deserto um açude de água, e de uma terra seca, um manancial; isso significa que vidas estéreis e improdutivas, secas e carentes, em todos os sentidos, seriam transformadas pela Sua presença, e poderiam matar a sede de outros que também sofriam por falta de consolo e forças para vencer suas dificuldades ('vales'). Seu Espírito flui com abundância do coração de todos os que se dispõem a ser Seus servos, e livres do pecado de antes.

Ele termina o trecho dizendo que plantaria cedro, acácia, murta e oliveira no deserto. Isso quer dizer que na vida daquele povo não haveria mais desolação e esterilidade, mas a unção, a força e a bênção de Deus (oliveira), a sensação de nobreza e o despertar do seu potencial (acácia), a dignidade e a honra (cedro) e a generosidade divina, pois nos capítulos anteriores de Isaías quando os assírios vieram assolando a terra, as profecias diziam que na terra cresceriam espinheiros e abrolhos. Deus estava, agora, revertendo a situação.

- O cedro do Líbano (*Cedrus libani*) é uma majestosa conífera de madeira durável, por isso Davi construiu sua casa com cedro e Salomão, o templo, assim como o segundo templo de Esdras também foi reconstruído com essa madeira. O cedro pode atingir quarenta metros de altura e os escritores antigos usavam-no como símbolo da estatura de um homem (Ez 31: 3; Am 2: 9), igualmente de força, majestade e poder (Ct 3: 9), altivez, dureza, inflexibilidade (Sl 29: 5).

- A acácia (no hebraico: *shittah*) é uma árvore de muitas espécies, disseminada no Egito, Arábia e Palestina. Era a árvore que fornecia sua madeira aos povos hebreus, a sagrada e aromática madeira de Sitim e foi muito empregada na construção do tabernáculo. A acácia era muito encontrada no Sinai onde Deus falou com Moisés. A palavra para sarça, em hebraico é *Sneh* (da mesma raiz do nome próprio 'Sinai'), que significa, literalmente: 'arbusto', 'espinheiro'. A planta encontrada no Sinai, onde Deus falou com Moisés é a *Seneh*, também conhecida como *Shittah* (no singular; ou *Shittim*, no plural; em português, Sitim – Joel 3: 18) e se refere à *Acacia nilotica* (ou *Vachellia nilotica*), uma planta espinhosa da família das fabáceas, gênero acacia. Todo o mobiliário do Tabernáculo e do Templo de Salomão (inclusive a arca da Aliança) foi construído com madeira de acácia (*Acacia nilotica*), como foi indicado a Moisés nas revelações divinas. Sitim também se refere a um lugar de idolatria e imoralidade, defronte de Jericó, nas planícies de Moabe, a leste do Jordão. Há uma profecia em Jl 3: 18: "E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto, e os outeiros manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de águas; sairá uma fonte da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim" ('Vale das acácias'). Isso quer dizer que após o arrependimento sincero, o povo que antes era depravado, receberá a água doadora de vida, no 'Dia do Senhor'. A acácia significa: potencial, nobreza.

- A murta é um arbusto (*Myrtus communis* L.) de origem mediterrânea, cultivado para compor cercas vivas e que se caracteriza pelas folhas pequeninas, compactas e fragrantas. As flores são brancas e perfumadas e eram usadas como perfumaria. Seu nome em hebraico é *hadas*, e *Hadassa* (nome hebraico de Ester) se deriva dele. O arbusto chega a dez metros de altura. A murta é uma planta sempre verde. A bíblia descreve a murta como símbolo da generosidade divina. Isaías previu a murta substituindo o espinheiro no deserto (Is 41: 19; Is 55: 13).

- A oliveira (*Olea europaea*; no hebraico, oliveira é: *shemen ets שמן זית*; e, no grego, *elaia*, *ελιά*) é símbolo de beleza, força, bênção, prosperidade, amizade, frutificação e

paz. Com o azeite se ungiam os reis e sacerdotes, por isso, representa, igualmente, soberania e força divina (a unção de Deus). A oliveira pode crescer até sete metros de altura, tem tronco retorcido e numerosos galhos. Seu desenvolvimento é lento, chegando a atingir até séculos de idade. As azeitonas (azeitona: zayit זית) amadurecem no início de outono, mas são colhidas no fim de novembro (quase perto do inverno em Israel). Nos tempos antigos, uma cisterna rasa era cavada na pedra e em seguida as azeitonas eram esmagadas com uma grande pedra de moinho.

A última frase do texto diz: “... conjuntamente, porei no ermo o cipreste, o olmeiro e o buxo [NVI: ‘o cipreste, o abeto e o pinheiro’]”. Aqui, nós temos um provável erro de tradução em relação ao olmeiro.

Nós precisamos entender que as plantas designadas na bíblia nem sempre eram as mesmas às quais nós damos os mesmos nomes nas diversas partes do mundo atual. Em segundo lugar, as que vemos hoje na Palestina nem sempre são as plantas nativas narradas nos tempos bíblicos. Em terceiro lugar, nem todas as versões bíblicas as identificam de maneira correta. Isso acontece porque os escritores bíblicos não estavam muito interessados em questões botânicas e não sabiam, na verdade, seus nomes científicos como sabemos hoje. Por exemplo, o damasco é muitas vezes chamado de maçã; o terebinto, de olmo ou olmeiro; o acanto, de urtiga, e assim por diante.

Vamos ver as seguintes traduções:

[ARA]: ‘Porei no ermo o cipreste, o olmeiro e o buxo’.

[KJV]: ‘Porei juntos no ermo o abeto, e o pinheiro e o buxo’.

[NVI]: ‘Colocarei juntos no ermo o cipreste, o abeto e o pinheiro’.

Se verificarmos a Concordância Lexicon Strong para estas palavras em hebraico, teremos:

- Cipreste [berôsh ou browsh – Strong #1265 – uma árvore de cipreste; portanto, uma lança ou um instrumento musical (como feito dessa madeira): abeto (árvore); cipreste, na nossa tradução]. Na verdade, este termo hebraico se refere às árvores que pertencem ao gênero *Pinus* (hebraico, berôsh, berôthim).

- Olmeiro [tidhar – Strong #8410 – Uma espécie de madeira dura ou árvore duradoura (talvez carvalho): pinho (árvore)].

- Buxo [te’ashshür ou t’ashshuwr – Strong # 8391 – Uma espécie de cedro; buxo (árvore)].

- Os pinheiros (hebraico, ’oren), em muitas versões, têm sua palavra traduzida como cipreste ou cedro. O cipreste (hebraico, tirzâ, *Cupressus sempervirens* L., o conhecido cipreste italiano) e o pinheiro (*Pinus brutia* Tenore ou o *Pinus halepensis* Mill ou o *Pinus pinaster*), botanicamente, pertencem ao gênero *Pinus* (hebraico, berôsh, berôthim). O abeto é o nome popular das diversas espécies do gênero *Abies*: uma árvore de conífera da família das Pináceas (hebraico, berôsh, berôthim) com cones na posição vertical (como velas), folhas planas em forma de agulha, pequenas e aromáticas, tipicamente dispostas em duas filas. Os abetos produzem pólen abundante durante o período de reprodução. O abeto é uma árvore grande, atingindo 10–80 metros de altura. É nativa de florestas temperadas da Europa, Ásia e América do Norte. Os abetos são usados como fonte de madeira, e das suas folhas extrai-se resinas e óleos essenciais para farmacologia e algumas medicações alternativas. Têm um efeito decorativo, por isso são usados como árvores de Natal e como proteção contra o vento. Grande parte dos instrumentos de cordas (violino, violoncelo e contrabaixo, por exemplo) utiliza tradicionalmente o abeto em sua parte superior (tampo harmônico) e em algumas partes localizadas no interior do instrumento, pois esta madeira confere uma característica peculiar de ressonância muito apreciada. O cipreste e o pinheiro são coníferas perenemente verdes, nativas nas colinas da Palestina e do Líbano. O cipreste (Is 41: 19;

55: 13) é símbolo de fertilidade. Também é uma madeira excelente para construção. Salomão, por exemplo, construiu o templo não apenas com cedro, mas com madeira de cipreste e oliveira (1 Rs 6: 31-36). Portanto, também simboliza imponência, realeza e reverência a Deus.

- O Buxo é um arbusto ou pequena árvore (até nove metros de altura), originária da Europa e da Ásia, dotada de flores pequenas e alvas, frutos capsulares, e de madeira útil para marchetaria (arte de incrustar peças de marfim, madeira, bronze etc., em alguma obra de marcenaria), torno, instrumentos musicais de sopro e instrumentos de desenho. Buxo (em hebraico, te'ashshür – Is 41: 19; Is 60: 13) tem o nome botânico de *Buxus longifolia* Boiss., uma pequena árvore com até seis metros de altura, com folhas perenemente verdes. A madeira é extremamente dura e de fina granulação. É nativo das ilhas do Mediterrâneo e do Líbano (Buxo, te'ashshür – Is 41: 19; Is 60: 13), mas não presente em Israel. Por outro lado, o *Buxus sempervirens* é nativo do oeste e sul da Europa, noroeste da África e sudoeste da Ásia (inclui Israel), do sul da Inglaterra ao sul até o norte de Marrocos, e leste através da região do norte do Mediterrâneo até a Turquia.

- Olmo ou Olmeiro ou Ulmeiro é uma árvore de grande porte, própria da Europa (gênero *Ulmus* L., família *Ulmaceae*, sobretudo o *Ulmus minor*, nativo da Península Ibérica), ausente nos trópicos, alcançando trinta metros de altura. Tem folhas simples em duas fileiras, denteadas, plissadas, flores pequenas, de fruto carnoso com um caroço muito duro, mas que pode ser bem pequeno; sua madeira é empregada para vários fins, principalmente para a fabricação de móveis, pequenas obras de marcenaria e pela indústria naval.



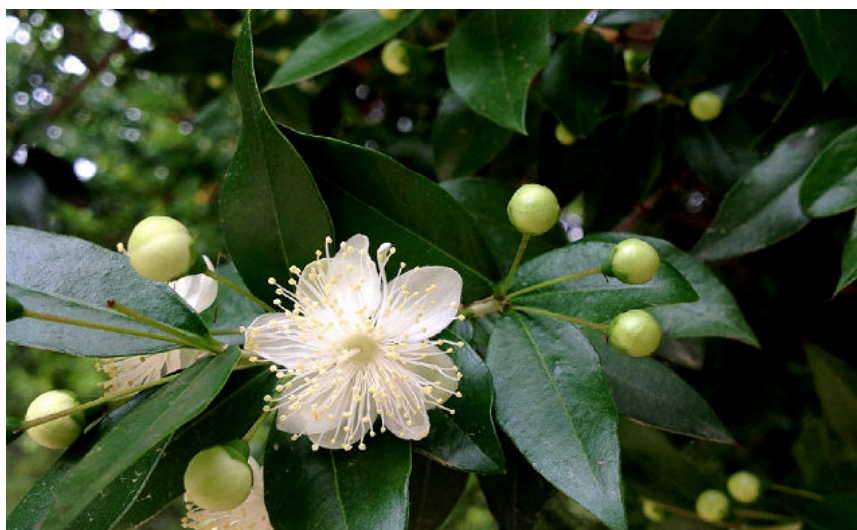
Cedro do Líbano (*Cedrus libani*) / Cipreste Italiano (*Cupressus sempervirens* L.)



Cipreste Italiano (*Cupressus sempervirens* L.)



Cipreste (gênero *Pinus*)



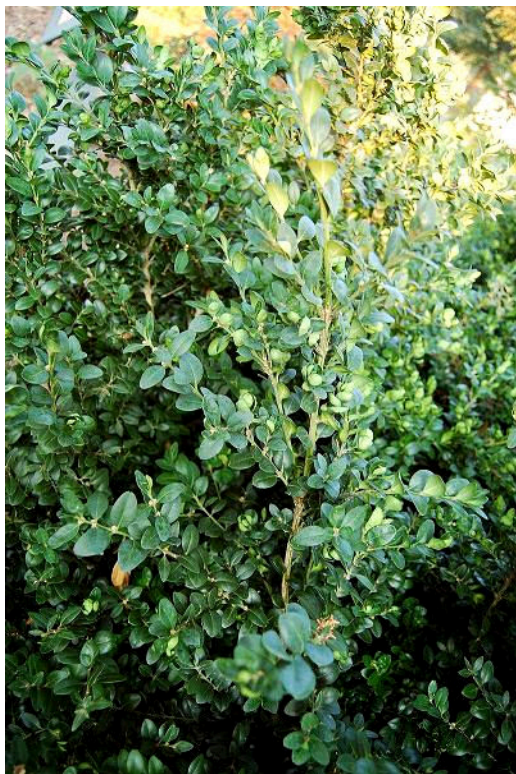
Murta (*Myrtus communis* L.)



Acácia (*Acacia nilotica*) no deserto do Neguebe



Abeto (*Abies balsamea*) / Abeto (*Abies fabri*, Sichuan, China) – Wikipedia.org



Buxo (Buxus sempervirens) / Buxo (Buxus sempervirens – fruto)



Buxus sempervirens – flores – foto: Didier Descouens – wikipedia.org



Oliveira (*Olea europaea*) / Oliveira (*Olea europaea*) – tronco



Pinheiros



Olmeiro (*Ulmus minor*) / Carvalho (*Quercus pedunculata* B.)

Como podemos ver, a tradução da KJV ('Porei juntos no ermo o abeto, e o pinheiro e o buxo') parece ser mais compatível com as palavras usadas em hebraico, mesmo porque o olmeiro não é árvore nativa da Palestina, mas é mais freqüente na Península Ibérica. A árvore [tidhar – Strong #8410] descrita pelo profeta é, botanicamente falando, mais parecida com o carvalho (do gênero *Quercus*, da família Fagaceae) ou uma espécie de pinheiro, árvores duradouras e de madeira dura, e que existem na Palestina. Ou ainda, como sugerido por alguns autores (O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995), trata-se do terebinto ['elâ ou elah; Strong #424], uma vez que estas duas palavras são usadas para 'terebinto' e 'carvalho', ao invés de olmo ou olmeiro.

A vaidade dos ídolos – v. 21-24.

- Is 41: 21-24: “Apresentai a vossa demanda, diz o Senhor; alegai as vossas razões, diz o Rei de Jacó. Trazei e anunciai-nos as coisas que hão de acontecer [NVI: ‘Tragam os seus ídolos para nos dizerem o que vai acontecer’]; relatai-nos as profecias anteriores, para que atentemos para sabermos se elas se cumpriram; ou fazei-nos ouvir as coisas futuras. Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses; fazei bem ou fazei mal, para que nos assombremos, e juntamente o veremos [NVI: ‘Façam alguma coisa, boa ou má, para que nos rendamos, cheios de temor’]. Eis que sois menos do que nada, e menos do que nada é o que fazeis; abominação é quem vos escolhe”.

Aqui Deus apresenta um novo desafio aos idólatras, como fez em Is 40: 18-26, mostrando Sua majestade a eles e dizendo que foi Ele quem fez todas as coisas. Aqui fica bem claro também (cf. Is 41: 1-7) que Ele estava se dirigindo não apenas aos ídolos das nações, que nada fizeram para impedir todos os acontecimentos mundiais até aquele momento, mas também aos idólatras dessas nações, como os sábios, adivinhos e agoureiros, que disputavam poder com Ele, tentando prever o futuro e o rumo dos acontecimentos atuais.

Redenção por Cristo – v. 25-29.

• Is 41: 25-29: “Do Norte suscito a um, e ele vem, a um desde o nascimento do sol [NVI: ‘desde o nascente’], e ele invocará o meu nome [NVI: ‘proclamará o meu nome’]; pisará magistrados como lodo [NVI: ‘Pisa em governantes como em argamassa’] e como o oleiro pisa o barro. Quem anunciou isto desde o princípio, a fim que o possamos saber, antecipadamente, para que digamos: É isso mesmo? Mas não há quem anuncie, nem tampouco quem manifeste, nem ainda quem ouça as vossas palavras. Eu sou o que primeiro disse a Sião: Eis! Ei-los aí! E a Jerusalém dou um mensageiro de boas-novas. Quando eu olho, não há ninguém; nem mesmo entre eles há conselheiro a quem eu pergunte, e me responda. Eis que todos são nada; as suas obras são coisa nenhuma; as suas imagens de fundição, vento e vácuo”.

Deus continua dizendo que é Ele quem vai levantar um libertador para Seu povo, e este homem virá do Oriente. Por ‘mensageiro’, Ele dá a entender que se trata de um profeta ou alguém que possa prever com exatidão quando se dará a libertação do povo do cativeiro na Babilônia. Nenhum dos adivinhos idólatras pôde dizer o que aconteceria. Deus não pôde encontrar nenhum conselheiro que desse ou dê resposta às Suas perguntas, ou seja, não há alguém que se possa comparar a Ele. Quanto mais as imagens fundidas dos ídolos! Para Deus, elas são nada.

No versículo 25 o Senhor fala que o defensor de Israel virá do norte, e logo depois, Ele diz que ele virá do oriente (‘desde o nascimento do sol’ ou ‘desde o nascente’). Trata-se da mesma pessoa: Ciro, que por parte de mãe, era de ascendência Meda (ao norte), e por parte de pai, de ascendência Persa (a leste). Quando a bíblia fala aqui em Norte ou Leste, ela está se referindo à terra de Israel como ponto de referência geográfica. Seu pai, Cambises I, também reuniu o reino da Média à nação persa, e o império passou a ser chamado Medo-Persa.

A libertação de Israel do jugo Babilônico por Ciro ocorreu mais de um século depois desta profecia (mais ou menos cento e cinquenta anos).

Mesmo que Ciro não conheça o Deus de Israel, ele Lhe obedecerá, e isso será uma forma de proclamar o Seu nome, pois só Ele pode mudar o coração dos homens e Lhes capacitar a realizar a Sua soberana vontade. Ciro, embora não sendo judeu, admitiu a existência do Deus de Israel e Lhe creditou o sucesso dos seus feitos:

• Ed 1: 1-2: “No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor, o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de Lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá”.

• 2 Cr 36: 23: “Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de Lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem entre vós é de todo o seu povo, que suba, e o Senhor, seu Deus, seja com ele” cf. Is 44: 28: “que digo de Ciro: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado”.

Deus também diz que Ciro não fará caso do poder de reis de outras nações ou de seus nobres; ele os pisará como se pisa em lodo ou em argamassa, ou como um oleiro pisa o barro.

Capítulo 42

O Messias é chamado o Servo do Senhor; o ministério de Cristo – v. 1-9.

- Is 42: 1-9: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios [NVI: ‘e ele trará justiça às nações’]. Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega [NVI: ‘Não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio fumegante’]; em verdade, promulgará o direito [NVI: ‘Com fidelidade fará justiça’]. Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina [NVI: ‘Em sua lei as ilhas porão sua esperança’]. Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela. Eu, o Senhor, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas. Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura. Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir [NVI: ‘As profecias antigas aconteceram, e novas eu anuncio; antes de surgirem, eu as declaro a vocês’]”.

A expressão ‘terras do mar’ ou ‘ilhas’ se refere aos países distantes da Judéia, habitados por gentios idólatras; as partes mais remotas do mundo; ou todas as regiões além do mar (Jr 25: 22), regiões marítimas ou regiões costeiras, não meramente ilhas no sentido estrito. Isso confirma que Jesus, o Messias, viria também para os gentios:

- Is 42: 6: “Eu, o Senhor, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios” cf. Is 49: 6: “Sim, diz ele: Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra”; Lc 2: 32 (o cântico de Simeão, quando Jesus, ainda bebê, foi apresentado no templo): “luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel”.

Fica clara a relação entre a palavra ‘Servo’ e o Messias, para nós, Jesus:

Em Is 42: 1 Deus diz que Ele tem prazer no Seu servo, Jesus. A mesma frase se repete no NT no episódio do batismo de Jesus e no momento da transfiguração: Mt 3: 17 (batismo de Jesus); 17: 5 (a transfiguração); Mc 1: 11 (batismo de Jesus); Lc 3: 22 (batismo de Jesus); Lc 9: 35 (a transfiguração).

Nos versículos de Is 42: 1-4, nós podemos ver mais uma identificação com Jesus, se compararmos com Mt 12: 15-21, quando o Mestre sai da sinagoga após a cura do homem da mão ressequida:

- Is 42: 1-4: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios [NVI: ‘e ele trará justiça às nações’]. Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega [NVI: ‘Não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio fumegante’]; em verdade, promulgará o direito [NVI: ‘Com fidelidade fará justiça’]. Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina [NVI: ‘Em sua lei as ilhas porão sua esperança’]”.

- Mt 12: 15-21: “Mas, Jesus, sabendo disto [*que os fariseus pretendiam matá-lo*], afastou-se dali [*da sinagoga*]. Muitos o seguiram, e a todos ele curou, advertindo-lhes,

porém, que não o expusessem à publicidade, para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías: Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios [NVI, ‘anunciará justiça às nações’]. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo [NVI, ‘até que leve à vitória a justiça’]. E, no seu nome, esperarão os gentios”.

Essa passagem de Is 42: 1-9 confirma que o Senhor viria também para os gentios, aos quais Ele daria a conhecer a Sua justiça [‘direito’]. No penúltimo versículo de Mateus: ‘Até que faça vencedor o juízo’ [NVI, ‘até que leve à vitória a justiça’], a bíblia possivelmente quer dizer: o juízo de Deus sobre o pecado, juízo que foi realizado por Jesus na cruz, fazendo a justiça divina prevalecer, por isso, os gentios esperariam por Ele e seriam Seu povo também, um povo vingado da injustiça.

Mas podemos ver algumas frases e palavras que parecem contraditórias nas duas passagens (Isaías e Mateus): ‘promulgará o direito para os gentios [trará justiça aos gentios – NVI]’ e ‘... e ele anunciará juízo aos gentios’ [NVI, ‘anunciará justiça às nações’]. Podemos ficar em dúvida quanto às palavras ‘direito’, ‘justiça’ e ‘juízo’.

Pesquisando na bíblia hebraica, a palavra correta para o 1º versículo de Isaías 42 é ‘juízo’ ou ‘julgamento’ (Mishpâth), onde a nossa bíblia escreve ‘direito’: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito (Hebraico: Mishpat ou Mishpâth) para os gentios”.

Mishpâth ou Mishpat quer dizer ‘julgamento, juízo’. Para nós, as palavras ‘juízo’ e ‘julgamento’ são discretamente diferentes de ‘justiça’ [escrita na NIV, e praticamente sinônima de ‘direito’].

Justiça = retidão, fazer prevalecer o direito de alguém, tratar ou julgar alguém de forma justa em conformidade com a lei; um direito que a pessoa tem.

Julgamento = colocar alguém à prova para ver se é culpado ou inocente; discernimento; fazer distinções críticas e atingir um ponto de vista equilibrado, levando a uma decisão e ao pronunciamento de uma sentença (veredicto). Há outros significados menos relevantes para esta palavra.

Juízo = sentença, decreto, veredicto, pronunciados após a decisão tomada no julgamento. A palavra ‘Juízo’ também pode se referir ao ‘Juízo Final’, quando Deus vai decidir o merecimento ou a indignidade do indivíduo ou de toda a humanidade; decisão posterior de Deus determinando os destinos finais de todos os indivíduos.

Vamos explicar melhor:

Na ‘Concordância Lexicon Strong’, a palavra mishpâth (Strong #4941, mishpat, משפט) pode ser traduzida mais exatamente como um veredicto (favorável ou desfavorável) pronunciado judicialmente, especialmente uma sentença ou decreto formal, humano ou de um participante da lei divina, incluindo o ato, o lugar, o fato, o crime e a pena; abstratamente, a palavra significa ‘justiça’, incluindo ‘o direito’ de um participante ou ‘privilégio’ (legal ou ordinário). Também significa ‘ser julgado, julgamento, justiça, forma de lei, legal (legalizado, legítimo), ordem, decreto (portaria), direito, sentença (pena, veredicto)’.

‘Mishpat’ vem da palavra ‘Shaphat’, uma raiz primitiva, que significa: ‘julgar’, ou seja, ‘pronunciar uma sentença’ (a favor ou contra) e, conseqüentemente, ‘reivindicar ou punir, governar, litigar (literal ou figurativamente), vingar, o que condena, lutar, defender, executar (sentença, julgamento), ser um juiz, pleitear, razão, regra’.

Em Mt 12: 18 está escrito: “Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará

juízo [KJV: justiça] aos gentios [NVI, ‘anunciará justiça às nações’]”. A palavra acima ‘juízo’, em grego é ‘krisin – κρίσιν’ (Strong #g2920 – krisis: uma decisão, julgamento, julgamento divino). Krisis é um substantivo feminino derivado de outra palavra grega, krínō (Strong #g2919), com a mesma raiz, e que significa: separar, distinguir, julgar, julgamento (ênfatizando seu aspecto qualitativo que pode ser aplicado tanto a um veredicto positivo (por justiça), ou mais comumente, o veredicto negativo, o que condena a natureza do pecado sobre o qual ele é trazido. Krínō (κρίνω) ou krinó (transliterado) significa: julgar, decidir, eu julgo, eu decido, acho que é bom.

Em resumo, o Senhor seria o defensor dos gentios da mesma maneira que foi o defensor dos judeus e também os julgaria da mesma forma. Assim, nós podemos pensar: com a Lei da primeira aliança, ou com a Lei da Graça trazida por Jesus, nós somos julgados da mesma forma. Se nós somos filhos e eleitos, como a bíblia diz, Ele não nos corrigirá da mesma maneira?

• Rm 2: 12: “Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados.”

• Is 42: 2-3: “Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumaça [NVI: ‘Não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio fumegante’]; em verdade, promulgará o direito [NVI: ‘Com fidelidade fará justiça’]”.

‘Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça’ significa: diferentemente de João Batista, que tinha a missão de proclamar a vinda do Messias e pregar arrependimento aos corações endurecidos, portanto, muitas vezes tinha que gritar e se exaltar na sua pregação, Jesus estava vindo para uma terra já preparada (corações arrependidos); além do que Ele viria sem a ostentação do mundo para chamar a atenção daquele povo para Sua pessoa. Ele não teria que levantar a voz para ser ouvido; a autoridade do Pai sobre Ele já era suficiente para que as pessoas O respeitassem e se calassem quando Ele falava, com exceção de alguns mestres da lei, que algumas vezes O provocavam a responder de uma maneira um pouco mais rude quando duvidavam da Sua autoridade de perdoar pecados. A bíblia diz: “Porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mt 7: 29). Sua voz era ouvida na rua de maneira ministerial, não para discutir opiniões como um ser humano qualquer. Ele pregava na rua como em muitos outros lugares públicos (Lc 13: 26), mas não de maneira contenciosa, nem de um modo ameaçador, nem com ostentação, vangloriando-se de Si mesmo, de Sua doutrina e milagres; pelo contrário, Jesus se comportou com grande humildade e mansidão.

‘Não esmagará a cana [hebraico, qaneh] quebrada, nem apagará a torcida que fumaça; em verdade, promulgará o direito [hebraico, Mishpat]’ ou ‘Não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio fumegante. Com fidelidade fará justiça’ – Eu ouvi uma pregação uma vez sobre este versículo, dizendo que na época de Jesus havia uma brincadeira de crianças com a cana. As palavras hebraicas traduzidas por ‘cana’ são termos genéricos, que se aplicam a uma variedade de vegetais, como canas, juncos (Gome’ – Êx 2: 3), papiros (Cuwph), ou outras plantas que crescem na água (Jn 2: 5 – Cuwph, traduzido por ‘algas’). Assim, a palavra ‘cana’ (Em Hebraico) tem muitos significados, além do que nós pensamos hoje sobre a cana de açúcar, por exemplo, pois o termo ‘qaneh’ (Strong #7070), como neste texto de Isaías, significa, entre muitas outras coisas: um junco (ereto; como uma vara para a medição); eixo, tubo, haste, viga; ramo, cálam, cana, junco, talo. Nesta brincadeira de crianças, elas pegavam um junco ou papiro, por exemplo, ou qualquer planta que tivesse um talo oco, e faziam furinhos nele para fazerem uma flauta. Quando ele se quebrava ou não emitia exatamente o som

que era esperado, elas o quebravam e o jogavam fora. Talvez por isso, o profeta tenha feito essa comparação aqui com aquelas pessoas desprezadas, ‘jogadas de escanteio’, negligenciadas e abandonadas porque são fracas, ignorantes ou não têm nenhuma serventia. Isso me lembrou uma passagem do evangelho onde Jesus menciona algo semelhante: “Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes” (Mt 11: 16-17), o que nos leva a crer que a brincadeira ainda existia na Sua época.

Isso significa que o Messias não trataria de maneira rigorosa ou estúpida (grosseira) aqueles que viessem a Ele, ainda mesmo que fossem fracos e desprezados, mas os trataria com gentileza, curando-os e confortando-os nas suas fragilidades físicas e emocionais. Ele não feriria os fracos; pelo contrário, Ele os apoiaria e os fortaleceria. Jesus teve ternura para com as pessoas fracas e ignorantes, como os crentes novos e fracos na fé, e que para os mais sábios em religião eram como juncos quebrados que não tinham nenhum valor para Deus. Eles mesmos, os fracos e impotentes, não se achavam dignos de misericórdia por parte dos homens, pois, sendo mais fracos, eram também mais sensíveis ao que viam e sofriam; por exemplo, os leprosos que suplicaram misericórdia a Jesus, pois viram nele o Filho de Davi. Publicanos, prostitutas e endemoninhados, os marginalizados pela sociedade, encontraram conforto nas palavras do Senhor. Ele não os esmagou nem os envergonhou, porém mostrou a eles a justiça de Deus. Conforme está escrito em Isaías, Ele agiu: “em verdade, promulgará o direito [Com fidelidade fará justiça’ – NIV]”, ou seja, ele os julgou da maneira correta, da maneira de Deus, não segundo a aparência, e sim pela reta justiça (Jo 7: 24).

‘A torcida que fumaça’ ou ‘o pavio fumegante’ não seriam apagados pelo Messias. Naquela época, a mecha de linho de um velador (lâmparina ou candeia) era enrolada e colocada dentro do recipiente com azeite para que, depois de molhada, começasse a queimar e iluminar o ambiente. ‘A torcida que fumaça’ ou ‘o pavio fumegante’ significa a mecha que está quase extinta, que mal consegue iluminar a casa, transmite pouco calor, mas faz bastante fumaça com odor desagradável. Isso pode simbolizar os que um dia tiveram conhecimento da palavra de Deus, mas as decepções da vida os fizeram ‘esfriar’ na fé; sua luz está quase se apagando. Eles não têm mais forças para continuar a caminhada com o Senhor; o que eles falam não emite mais a luz da verdade, mas turva os pensamentos das pessoas como uma fumaça de uma vela quando está quase no fim. Então, Isaías disse que o Messias estaria de novo agindo para impedir que a chama do Espírito nessas vidas se apagasse, ou que mais alguém as apagasse. Ele renovaria a fé deles, a esperança e a consciência das verdades divinas através da Sua graça. O conhecimento e o entendimento das coisas de Deus voltariam para eles. Haveria um avivamento. Ele, novamente, julgaria com justiça e verdade.

E isso aconteceria não apenas com o povo de Israel, mas também com os gentios: “Ele promulgará o direito para os gentios... e as terras do mar aguardarão a sua doutrina... Eu, o Senhor, te chamei em justiça,... e te... farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas”. Em resumo, o Senhor seria o defensor dos gentios da mesma maneira que foi o defensor dos judeus e também os julgaria da mesma forma.

“Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura” – volta-se a falar contra a idolatria (Is 42: 8); a confiança em outros deuses é vã, e a adoração aos ídolos é pecado. Deus termina esta parte da profecia dizendo que Ele estava anunciando algo novo, porque as profecias antigas já tinham se cumprido. Aqui o profeta coloca tudo isso como passado, já

prevendo a época messiânica: “Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir [NVI: ‘As profecias antigas aconteceram, e novas eu anuncio; antes de surgirem, eu as declaro a vocês’]” (Is 42: 9).

Cântico de louvor pela salvação do povo – v. 10-17

• Is 42: 10-17: “Cantai ao Senhor um cântico novo e o seu louvor até às extremidades da terra, vós, os que navegais pelo mar e tudo quanto há nele, vós, terras do mar [NVI: ‘ilhas’] e seus moradores. Alcem a voz o deserto, as suas cidades e as aldeias habitadas por Quedar [NVI: ‘os povoados habitados por Quedar’]; exultem os que habitam nas rochas e clamem do cimo dos montes [NVI: ‘Cante de alegria o povo de Selá, gritem pelos altos dos montes’]; dêem honra ao Senhor e anunciem a sua glória nas terras do mar. O Senhor sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra; clamará, lançará forte grito de guerra e mostrará sua força contra os seus inimigos. Por muito tempo me calei, estive em silêncio e me contive; mas agora darei gritos como a parturiente, e ao mesmo tempo ofegarei, e estarei esbaforido. Os montes e outeiros devastarei e toda a sua erva farei secar; tornarei os rios em terra firme e secarei os lagos [NVI: ‘tornarei rios em terra seca e secarei os açudes’]. Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas; tornarei as trevas em luz perante eles e os caminhos escabrosos, planos [NVI: ‘tornarei retos os lugares acidentados’]. Estas coisas lhes farei e jamais os desampararei. Tornarão atrás e confundir-se-ão de vergonha os que confiam em imagens de escultura e às imagens de fundição [NVI: ‘ídolos fundidos’] dizem: Vós sois nossos deuses.”

Nesta parte da profecia do capítulo 42, Isaías levanta um cântico de louvor a Deus pela libertação que Ele vai dar ao Seu povo. Ele está falando em relação ao cativo na Babilônia, e convida a todos os povos de perto e de longe a se alegrarem com Israel.

“Alcem a voz o deserto, as suas cidades e as aldeias habitadas por Quedar [NVI: ‘os povoados habitados por Quedar’]; exultem os que habitam nas rochas e clamem do cimo dos montes [NVI: ‘Cante de alegria o povo de Selá, gritem pelos altos dos montes’]”.

Deserto aqui transmite a idéia de desolação, esterilidade. O profeta fala para esse povo do deserto se alegrar também, pois a salvação do Senhor está prestes a vir. Sua graça transformará essa esterilidade em fertilidade e alegria.

“Exultem os que habitam nas rochas” – em Hebraico: Sela’ ou has-sela’ ou Cela’ – Strong #5553 – que significa rocha ou penedo; uma rocha escarpada, literalmente ou figurativamente (uma fortaleza): rocha, rocha áspera, pedra, pedregoso, fortaleza, forte; ser nobre. Muitos árabes habitavam em regiões montanhosas, e esses também estavam sendo convidados pelo profeta a louvar o Senhor.

A palavra hebraica aqui encontrada (Sela’ ou has-sela’ ou Cela’, Strong #5553) é também encontrada em outros versículos da bíblia, com o simples significado de ‘rocha ou penedo, pedra, pedregoso, fortaleza’, ou seja, qualquer lugar rochoso:

- Jz 1: 36, onde está escrita a palavra ‘Sela’ como o limite dos amorreus – ARA;
- 2 Cr 25: 12, onde está escrito ‘penhasco’ – ARA;
- Is 42: 11, onde está escrita a palavra ‘rochas’ – ARA;
- Ob 3 (‘os que habitam nas fendas das rochas’) – ARA.

Mas há uma Sela (Selá ou Selah) específica (Strong #5554) que pode ser identificada com o grande planalto rochoso Umm el-Biyara, que se eleva trezentos metros acima do nível das ruínas de Petra (tradução grega de Sela) e a mais de mil e cem metros acima do nível do mar. Sela ou Selá era a principal cidade do reino de Edom, e cujo significado é ‘rocha’ ou ‘penedo’. Este povoado edomita existiu desde a

idade do ferro I (1200-970 AC) e ainda existia na idade do ferro II (970-580 AC). Ele ficava perto do Monte Hor, onde Arão morreu. Permaneceu sob domínio de Edom até a época do domínio Persa (Aquemênida). Sela (em edomita), originalmente conhecida pelos nabateus como Raqmu, é chamada de Pétra (πέτρα) pelos gregos, ou Petra, pelos latinos. Em Árabe é chamada Al-Bitrā ou Al-Batrā. Hoje, é uma cidade arqueológica ao sul da Jordânia.

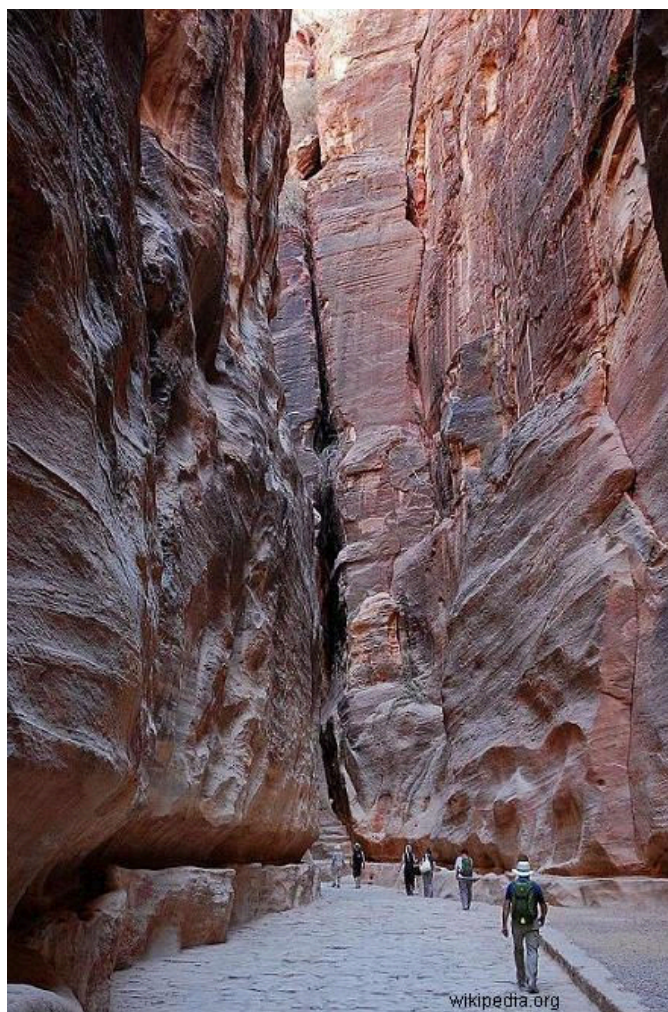


Monte Seir (Edom) e Sela (Selá ou Petra)



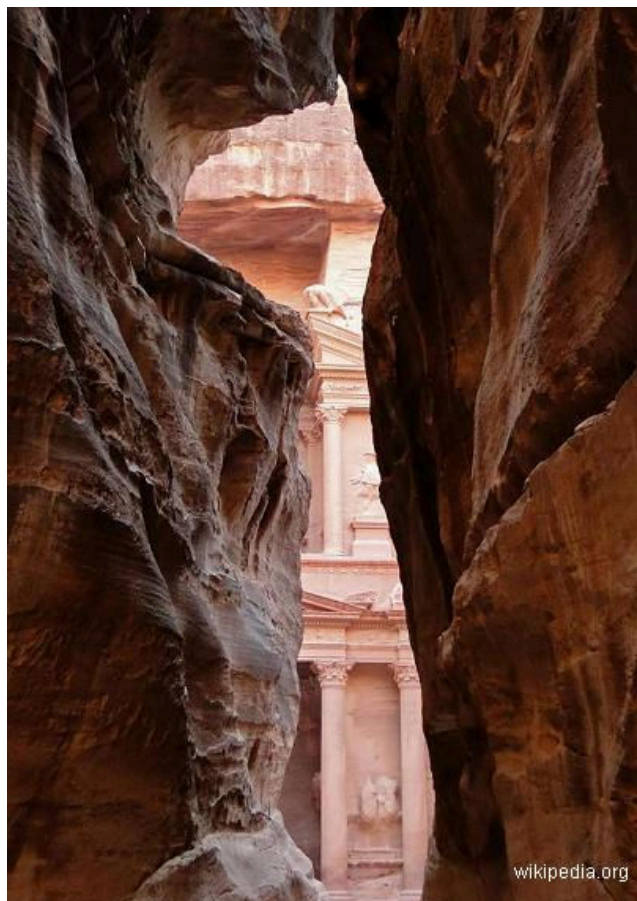
Vista geral de Petra

Durante o século VI AC, Sela era uma importante rota comercial entre a Península Arábica e Damasco. O povoado foi conquistado pelos nabateus, uma das tribos árabes, em 312 AC, o que obrigou os edomitas a se mudarem para o sul da Palestina, região que passou a ser chamada Iduméia, nome derivado dos edomitas ou Idumeus. Depois Petra passou para domínio romano; e em 106 DC Trajano a colocou sob controle direto de Roma, ao invés do controle de Nabatéia, quando a cidade passou a ser a capital da região conhecida como Arabia Petrea ou Arabia Petraea ou a Província Romana da Arábia, ou simplesmente, Arábia. A cidade sofreu um grande terremoto (363 DC), e quase foi destruída. Em 551 DC sofreu outro terremoto, mais intenso que o primeiro, e quase foi destruída por completo. A mudança nas rotas comerciais diminuiu o interesse comercial pela cidade, além do terremoto que ela tinha sofrido, sendo que ela não conseguiu mais se recuperar. Hoje, suas ruínas são consideradas pela UNESCO como parte do Patrimônio da Humanidade. Ela é conhecida como a Cidade Rosa devido à cor das pedras do local.

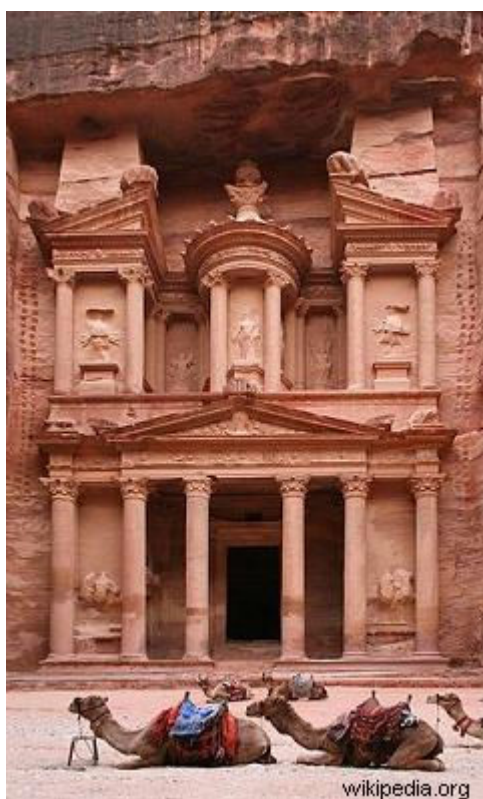


Siq (al-Sīq)

O Siq (al-Sīq) – literalmente ‘o eixo’, também conhecido como Siiq ou Siqit, é a entrada principal de Petra; um desfiladeiro escuro e estreito (em alguns pontos não tem mais de 3 metros de largura) com 1,2 km de extensão, e que termina na ruína mais elaborada de Petra, Al Khazneh (‘O Tesouro’). O Siq foi usado como entrada para a grande caravana em Petra.



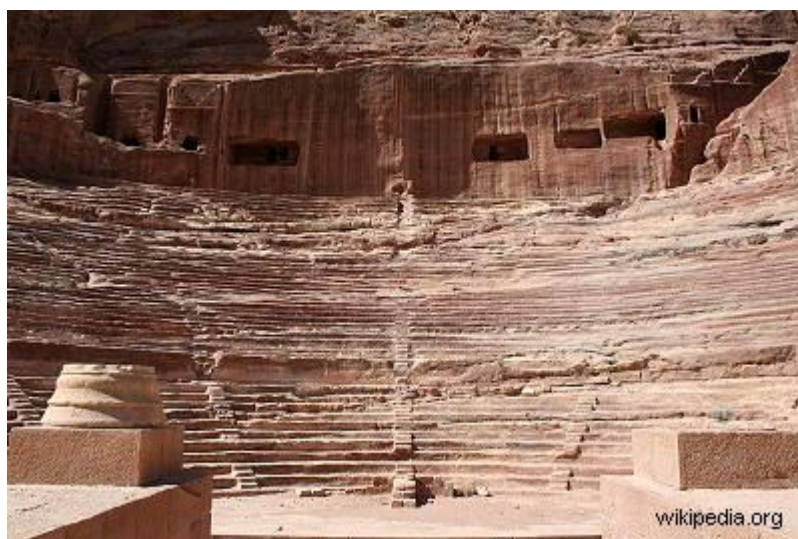
O fim do Siq, com sua visão de Al Khazneh ('O Tesouro')



‘O Tesouro’ (Al Khazneh) é um dos templos da cidade; na verdade, uma tumba escavada na face do penhasco e cuja fachada com pilares foi reconstruída segundo os padrões gregos.



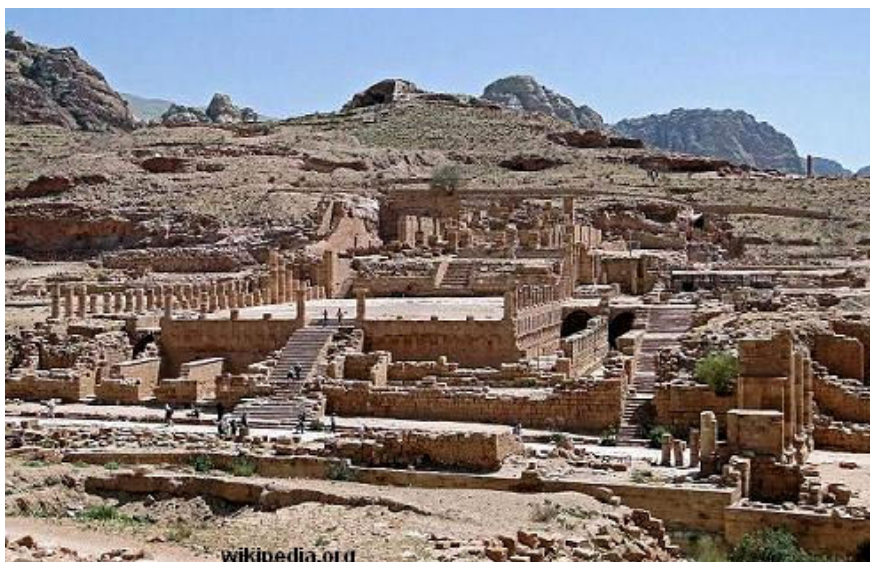
O Templo do jardim



Anfiteatro de Petra



El Deir ('O Monastério')



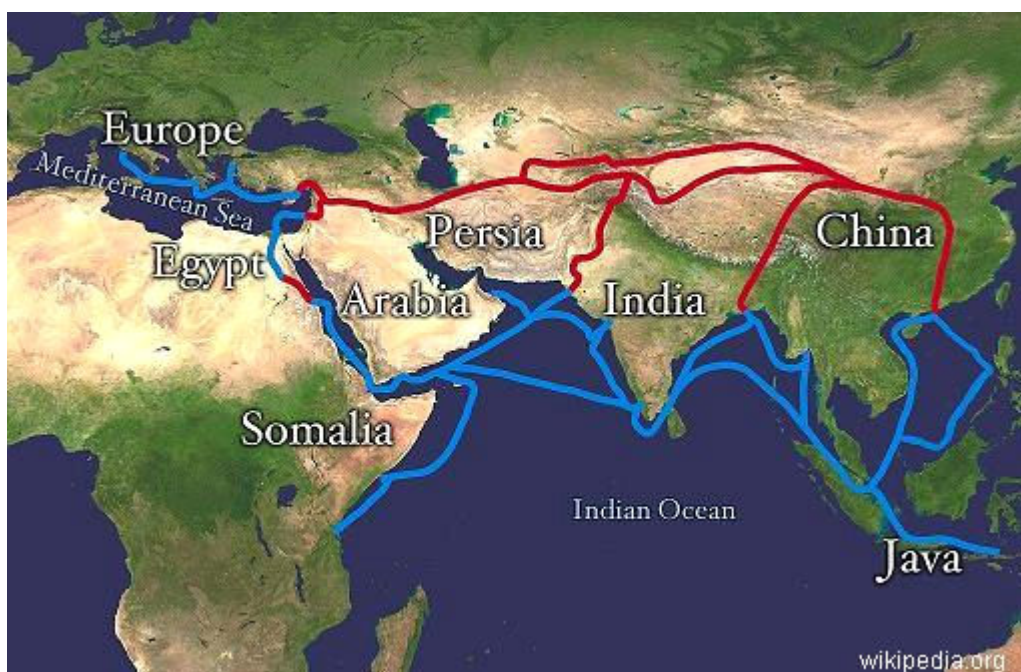
O grande templo de Petra



Antigas colunas do grande templo

A quinze quilômetros ao norte de Petra, na província de Ma‘ân na Jordânia, existe outro sítio arqueológico nabateu construído por volta do século I DC, chamado Pequena Petra (em árabe: al-batrā aṢ-Ṣaġīra), também conhecido como Siq al-Barid (ou Siiq al-bariid, em árabe, literalmente ‘o desfiladeiro frio’).

Seu nome, ‘o desfiladeiro frio’, vem da sua orientação geográfica e de suas paredes altas, que impedem a entrada da maior parte da luz solar. O desfiladeiro estreito é semelhante ao que conduz à cidade de Petra, porém de menor extensão (450 metros); no final dele aparece a fachada de uma tumba monumental e um grande número de cômodos escavados nas rochas. Chama-se ‘Pequena Petra’ pelas suas semelhanças com o local maior ao sul. As construções são esculpidas nas paredes dos desfiladeiros de arenito.

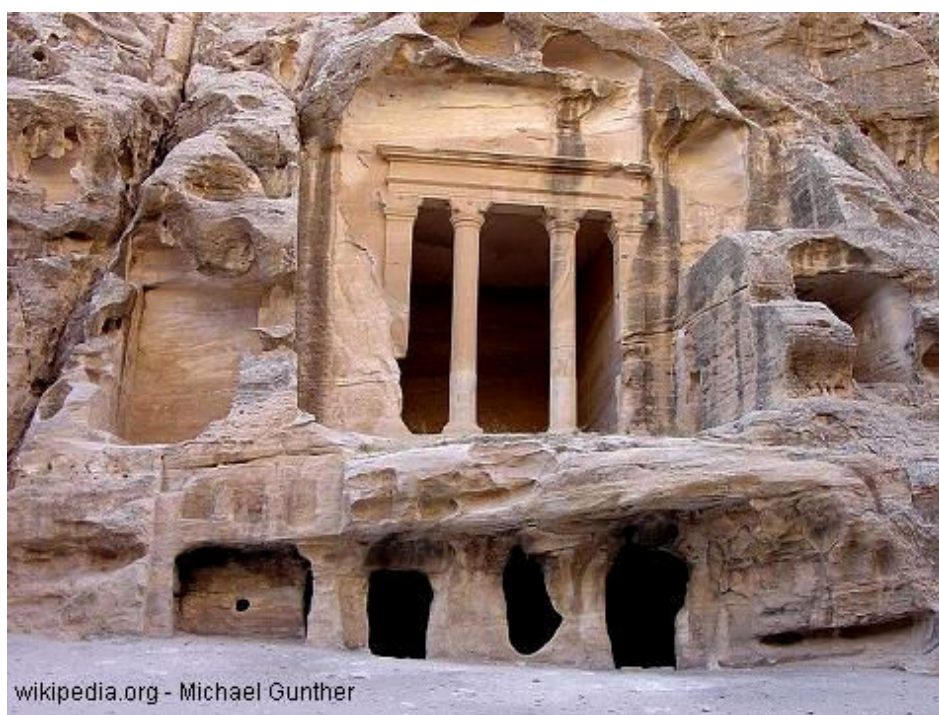


Rota da seda

Os arqueólogos acreditam que todo o complexo era um subúrbio de Petra, que abrigava os comerciantes visitantes da Rota da Seda, uma antiga rede de rotas de comércio, terrestres e marítimas, conectando a Ásia com a África, o Oriente Médio e o

sul da Europa, se estendendo do Japão, da China e da Coréia até o Mar Mediterrâneo. Chama-se Rota da Seda por causa do comércio lucrativo de seda, entre outros produtos. Junto com a aldeia vizinha, Beidha, a Pequena Petra foi escavada no final do século 20 por arqueólogos britânicos.

Uma das construções mais famosas em Siq al-Barid (Pequena Petra) é um templo de colunatas de estilo clássico esculpido em um penhasco e sustentado por duas colunas. Dentro dela não há nenhuma decoração nem escultura. Abaixo da câmara existe uma espécie de caverna com três recintos, e num deles há prateleiras embutidas nas paredes. É provável que a câmara na parte de cima fosse uma espécie de capela para culto, e a casa na parte de baixo servia de habitação para os que ministravam os rituais.



Templo de Siq al-Barid

Os versículos bíblicos que se referem a este lugar são:

- 2 Rs 14: 7 – Strong #5554 – Cela', Sela, a cidade rochosa da Iduméia (Selah ou Petra) – tomada por Amazias, rei de Judá, quando feriu os edomitas no vale do Sal. Ele trocou o nome da cidade para Jocteel.
- Is 16: 1 – Strong #5554 – Cela', Sela, a cidade rochosa da Iduméia (Selah ou Petra) – quando Isaías fala para os edomitas enviarem tributo a Sião.

Nós falamos sobre Qedar em Is 21: 13-17 ao mencionar o ataque dos assírios sobre eles, e que provavelmente viria sob Senaqueribe, quando ele invadiu as cidades de Judá (701 AC) e pôde tomar a Arábia no seu caminho. Jeremias (Jr 49: 28-33) profetizou que Nabucodonosor investiria contra os árabes (fala de Qedar), o que ocorreu por volta de 599-598 AC.

Qedar ou Kedar, em hebraico, significa 'obscuro' (da pele ou da tenda). Qedar era um dos filhos de Ismael (Gn 25: 13; 1 Cr 1: 29). Esta tribo era composta por árabes beduínos que viviam em tendas e guardavam seus rebanhos; por causa dos animais, eles se moviam de lugar em lugar para o pasto e acampavam onde lhes era mais conveniente.

Sua ‘glória’ (Is 21: 16) eram seus rebanhos de ovelhas (Is 60: 7), cabras e bodes. Em Ct 1: 5 há uma referência a Quedar, cujas tendas eram, em geral, feitas de peles de bodes negros. O Sl 120: 5 também faz menção a esta tribo.



Além dos seus rebanhos, essa tribo nômade era dotada de habilidosos arqueiros, por isso Is 21: 27 diz: “E o restante do número dos flecheiros, os valentes dos filhos de Quedar, será diminuto, porque assim o disse o Senhor, Deus de Israel”. Um exército destruidor seria trazido sobre eles, e os tornaria uma presa fácil. Nem a habilidade dos arqueiros, nem a coragem dos seus guerreiros poderiam protegê-los do julgamento de Deus. Talvez, por terem também conhecido a amargura da destruição e do cativeiro é que Isaías os convida a louvar o Senhor junto com os exilados judeus, pois Sua libertação abrangeria todos os povos dominados pela Babilônia.

Dessa forma, o profeta estava falando da salvação das nações da terra, em sentido físico (por causa do jugo babilônico) ou espiritual (a salvação das nações, trazida pelo Messias).

“O Senhor sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra; clamará, lançará forte grito de guerra e mostrará sua força contra os seus inimigos. Por muito tempo me calei, estive em silêncio e me contive; mas agora darei gritos como a parturiente, e ao mesmo tempo ofegarei, e estarei esbaforido. Os montes e outeiros devastarei e toda a sua erva farei secar; tornarei os rios em terra firme e secarei os lagos” – isso mostra a vingança do Senhor sendo feita na Babilônia. A destruição que os babilônios tinham causado, eles agora experimentariam. E saberiam que o Deus de Israel era o agente desse julgamento.

“Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem, fã-los-ei andar por veredas desconhecidas; tornarei as trevas em luz perante eles e os caminhos escabrosos, planos [NVI: ‘tornarei retos os lugares acidentados’]. Estas coisas lhes farei e jamais os desampararei” – essa era a promessa de Deus para os que não conseguiam vê-LO com os olhos da fé, nem entender Seus motivos e Seu modo de trabalhar com eles. É mais provável que Ele esteja falando para o Seu próprio povo mais do que para os gentios, uma vez que a profecia de Isaías dá sequência com a ‘cegueira de Israel’ (v. 18-25). A idolatria os havia cegado, assim como a rebeldia a Ele pela rejeição dos profetas que Ele

tinha enviado, e que falaram as mesmas coisas e fizeram as mesmas advertências por tantos séculos. Depois do cativeiro, o Senhor os traria de volta a Sião e abriria o entendimento deles para a Sua luz, a Sua palavra, e eles, que antes eram cegos pelos seus pecados, começariam a enxergar o caminho reto e plano por onde andar. Eles seriam conduzidos pelo Senhor de outra maneira e isso era desconhecido para eles ('um caminho que não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas'). Mais do que um retorno do exílio aqui, nós podemos entender que isso se cumpriu mesmo no tempo do Messias, pois o povo se corrompeu de novo nos tempos de Malaquias, o último profeta do AT, quando até os sacerdotes pareciam ter esfriado na fé. No Período Intertestamentário, com o helenismo introduzido por Alexandre o Grande e tudo o que se seguiu até o nascimento de Jesus, as trevas sobre a humanidade se tornaram grandes, pois não houve mais profecia para aquele povo; e a palavra de Deus diz: "Não havendo profecia, o povo se corrompe" (Pv 29: 18a). Assim, quando a bíblia fala neste texto de Isaías: "Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas", essas veredas desconhecidas para eles seria a nova e sadia doutrina de Jesus, completamente diferente da que o Seu povo ouvira de rabinos e religiosos até aquele momento.

"Tornarão atrás e confundir-se-ão de vergonha os que confiam em imagens de escultura e às imagens de fundição [NVI: 'ídolos fundidos'] dizem: Vós sois nossos deuses". Deus volta a falar contra a idolatria (cf. Is 42: 8), e aqui, muito provavelmente, se refere aos ídolos da Babilônia.

Lamento sobre a cegueira e a obstinação de Israel – v. 18-25

- Is 42: 18-25: "Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai, para que possais ver. Quem é cego, como o meu servo, ou surdo, como o meu mensageiro, a quem envio? Quem é cego, como o meu amigo, e cego, como o servo do Senhor? [NVI: 'Quem é cego como aquele que é consagrado a mim, cego como o servo do Senhor?']. Tu vês muitas coisas, mas não as observas [NVI: 'Você viu muitas coisas, mas não deu nenhuma atenção']; ainda que tens os ouvidos abertos, nada ouves. Foi do agrado do Senhor, por amor da sua própria justiça [NVI: 'retidão'], engrandecer a lei e fazê-la gloriosa [NVI: 'tornar grande e gloriosa a sua lei']. Não obstante, é um povo roubado e saqueado; todos estão enlaçados em cavernas e escondidos em cárceres; são postos como presa, e ninguém há que os livre ['sem ninguém para resgatá-lo']; por despojo, e ninguém diz: Restitui [NVI: 'tornou-se despojo, sem que ninguém o reclamasse, dizendo: Devolvam']. Quem há entre vós que ouça isto? Que atenda e ouça o que há de ser depois? [NVI: 'Qual de vocês escutará isso ou prestará muita atenção no tempo vindouro?'] Quem entregou Jacó por despojo e Israel, aos roubadores? Acaso, não foi o Senhor, aquele contra quem pecaram e nos caminhos do qual não queriam andar, não dando ouvidos à sua lei? Pelo que derramou sobre eles o furor da sua ira e a violência da guerra; isto lhes ateou fogo ao redor, contudo, não o entenderam ['Ele os envolveu em chamas, contudo nada aprenderam']; e os queimou, mas não fizeram caso [NVI: 'isso os consumiu, e ainda assim, não o levaram a sério']".

- Is 42: 18: "Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai, para que possais ver" – O Senhor chama quem quiser ouvir e ver o que Ele tem a falar e mostrar.

- Is 42: 19-20: "Quem é cego, como o meu servo, ou surdo, como o meu mensageiro, a quem envio? Quem é cego, como o meu amigo, e cego, como o servo do Senhor? [NVI: 'Quem é cego como aquele que é consagrado a mim, cego como o servo do Senhor?']. Tu vês muitas coisas, mas não as observas [NVI: 'Você viu muitas coisas, mas não deu nenhuma atenção']; ainda que tens os ouvidos abertos, nada ouves".

Quando o profeta escreve: “Quem é cego, como o meu servo, ou surdo, como o meu mensageiro, a quem envio?”, ele estava se referindo a Jacó, a Israel, ao povo do Senhor, a quem Ele chama de meu servo e a quem Ele comissionou para levar Sua palavra aos outros povos. Através de Abraão todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gn 12: 3; Gl 3: 8b), é o que diz a Palavra, portanto, nós podemos pensar que Israel era Seu servo para ensinar Sua lei como um missionário entre as outras nações.

Depois, o profeta continua, dizendo: “Quem é cego, como o meu amigo, e cego, como o servo do Senhor?” ou “Quem é cego como aquele que é consagrado a mim, cego como o servo do Senhor?” (NVI). Essa parte, agora, se refere ao sumo sacerdote e aos sacerdotes Levitas, pois o sacerdote, mais do que ninguém está em proximidade com o Senhor. A eles foi dada a incumbência de ensinar o povo, não apenas fazer sacrifício por ele (Dt 31: 10-13; 2 Rs 17: 27-28; 2 Cr 19: 8; 2 Cr 29: 11; 2 Cr 34: 30-31; Ne 8: 2-3; 7-8). Jesus repreendeu saduceus, fariseus e escribas, e os chamou de guias cegos (Mt 15: 7-9; 14; Mt 23: 13; 16-19; 23-24; 34-35), pois desviavam o povo da verdadeira doutrina, para dar a eles ensinamentos corrompidos de homens. A palavra ‘mensageiro’ (Em hebraico: mal’ak) pode se referir a um anjo do Senhor, aos profetas, sacerdotes ou mestres, embora neste texto se refira aos judeus como um todo, enviados por Deus para ensinar as outras nações (‘o meu mensageiro, a quem envio’), como foram os discípulos e apóstolos de Jesus no NT.

O povo e os sacerdotes viam o que Deus havia feito por eles, mas não atentavam para aquilo. Mesmo ouvindo o profeta falar, eles não entendiam; talvez até pela própria vontade do Senhor (Is 6: 9-13 – o chamamento de Isaías; Is 29: 13-14, onde o profeta fala também da cegueira de Israel; outras passagens: Is 29: 9-16; Mt 13: 13-15; Mt 15: 7-9; Rm 9: 14-18 cf. Êx 33: 19; Êx 7: 2-5; Êx 9: 6; Dt 29: 2-4). Da mesma forma, os escribas e os fariseus viram Cristo em carne e presenciaram Seus milagres, mas não O receberam nos seus corações.

- Is 42: 21: “Foi do agrado do Senhor, por amor da sua própria justiça [NVI: ‘retidão’], engrandecer a lei e fazê-la gloriosa [NVI: ‘tornar grande e gloriosa a sua lei’]”.

Esse versículo fala sobre o tratamento de Deus com Seu povo. Ao puni-los pelo pecado deles, Ele estava cumprindo a Sua própria lei, as Suas regras sadias para o ser humano e, portanto, engrandecendo essa lei, pois ela mesma estava sendo exercida para a correção de caminhos e para a salvação do Seu povo. Entretanto, o engrandecimento completo dessa lei se deu com Jesus. Ele cumpriu em Si mesmo toda a lei para que os homens pudessem ser livres da maldição e da punição que ela acarretava a quem pecava (Gl 3: 10; Gl 3: 13-14; 2 Co 5: 21).

- Is 42: 22: “Não obstante, é um povo roubado e saqueado; todos estão enlaçados em cavernas e escondidos em cárceres; são postos como presa, e ninguém há que os livre [‘sem ninguém para resgatá-lo’]; por despojo, e ninguém diz: Restitui [NVI: ‘tornou-se despojo, sem que ninguém o reclamasse, dizendo: Devolvam’]”.

O povo de Israel no exílio da Babilônia achava-se em grande consternação. Já tinham sido muito roubados e saqueados, em todos os sentidos, mas ninguém se dispunha a resgatá-los; ninguém se dispunha a livrá-los. Isso aconteceu pelo próprio julgamento de Deus. Por não atentarem para a misericórdia e para a lei do Senhor, Israel se permitiu a ainda se permitia ser despojado por seus inimigos; tudo isso estava acontecendo por sua incredulidade nas palavras dos profetas. O inimigo não devolveria o que roubara, nem se ofereceria para libertá-los. Por isso, Deus teria que providenciar

um libertador. Depois dos setenta anos de cativeiro, ele chamaria a Ciro para libertar Seu povo; mas Ciro só poderia libertá-los fisicamente, pois era homem e não Deus. Só Jesus pôde pagar o resgate completo.

• Is 42: 23-25: “Quem há entre vós que ouça isto? Que atenda e ouça o que há de ser depois? [NVI: ‘Qual de vocês escutará isso ou prestará muita atenção no tempo vindouro?'] Quem entregou Jacó por despojo e Israel, aos roubadores? Acaso, não foi o Senhor, aquele contra quem pecaram e nos caminhos do qual não queriam andar, não dando ouvidos à sua lei? Pelo que derramou sobre eles o furor da sua ira e a violência da guerra; isto lhes ateou fogo ao redor, contudo, não o entenderam [‘Ele os envolveu em chamas, contudo nada aprenderam’]; e os queimou, mas não fizeram caso [NVI: ‘isso os consumiu, e ainda assim, não o levaram a sério’]”.

Aqui, Deus assume a autoria e a responsabilidade pela punição do Seu povo, pois se eles não O tinham escutado até agora, não escutariam depois, mesmo sendo tão duramente provados. Entretanto, Ele os advertia para que atentassem nas suas ações no passado e para não repeti-las agora, pois haveria punição no futuro. E isso duraria até que o véu que estava sobre o coração deles fosse removido: “Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até o dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido. Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Quando, porém algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado” (2 Co 3: 14-16). Deus sabia lidar com o povo de dura cerviz que ali estava.

Capítulo 43

Só Deus resgata Israel – v. 1-13.

• Is 43: 1-13: “Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi [NVI: ‘Eu o resgatarei’]; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu sou o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate e a Etiópia e Sebá, por ti [NVI: ‘dou o Egito como resgate para livrá-lo, a Etiópia e Sebá em troca de você’]. Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei, darei homens por ti e os povos, pela tua vida [NVI: ‘Visto que você é precioso e honrado à minha vista, e porque eu o amo, darei homens em seu lugar, e nações em troca de sua vida’]. Não temas, pois, porque sou contigo; trarei a tua descendência desde o Oriente e a ajuntarei desde o Ocidente. Direi ao Norte: entrega! E ao Sul: não retenhas! Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória, e que formei, e fiz. Traz o povo que, ainda que tem olhos, é cego e surdo, ainda que tem ouvidos. Todas as nações, congreguem-se; e, povos, reúnam-se; quem dentre eles pode anunciar isto e fazer-nos ouvir as predições antigas? Apresentem as suas testemunhas e por elas se justifiquem, para que se ouça e se diga: Verdade é! Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, o meu servo a quem escolhi; para que o saibais, e me creiais, e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador. Eu anunciei salvação, realizei-a e a fiz ouvir; deus estranho não houve entre vós, pois vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor; eu sou Deus. Ainda antes que houvesse dia, eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá? [NVI: ‘Agindo eu, quem o pode desfazer?’]”.

• Is 43: 1: “Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi [NVI: ‘Eu o resgatarei’]; chamei-te pelo teu nome, tu és meu”.

O Senhor começa falando para eles não terem medo, pois Ele mesmo os resgatará das mãos do inimigo como fez anteriormente no tempo de Moisés, livrando Seu povo do Egito. ‘Chamei-te pelo teu nome’ é uma expressão que significa ‘chamar alguém para uma missão importante’, ‘para um propósito diferente’, e isso significa que Deus tem uma intimidade maior com essa pessoa, conhece o seu nome e a chama a realizar algo importante, que tem valor para Ele. Apesar de toda a infidelidade de Israel, o Senhor nunca o abandonou, e ainda lhe diz que o conhece pelo nome, pois foi Ele mesmo que o criou. Agora, Ele tem um trabalho importante para que eles façam, e que é mostrar a Sua glória diante dos povos, levar adiante a Sua palavra. O resgate está chegando para eles.

• Is 43: 2: “Quando passares pelas águas (NVI: ‘Quando você atravessar as águas’), eu serei contigo”.

Isso tem um paralelismo com o que aconteceu no passado e nos lembra a travessia pelo Mar Vermelho, assim como Noé sobreviveu à catástrofe do Dilúvio porque estava dentro da arca, debaixo da proteção de Deus. Espiritualmente falando as águas simbolizaram, tanto para Noé quanto para os Hebreus guiados por Moisés, uma grande dificuldade para se separar do mundo, das coisas velhas e encarar o novo, ou seja, ter um novo começo, viver uma nova vida com Deus. Noé e sua família passaram

incólumes pelo juízo, e o próprio modo do julgamento contra o pecado daquela geração, paradoxalmente, garantiu seu livramento. Os Hebreus tiveram que passar pelo juízo de Deus sobre o Egito para que vissem do que o Senhor os estava livrando. O tempo de permanência naquela nação durante as dez pragas foi um tempo de preparo para eles, para poderem entender o que Deus queria deles dali para frente. Haveria uma troca de senhores: os hebreus deixariam de servir Faraó e passariam a servir a Deus.

Como nós sabemos a própria bíblia nos diz que a experiência de Noé pode ser comparada ao batismo nas águas, onde através do arrependimento há uma separação do mundo e um renascimento com Deus (1 Pe 3: 20-21: “os quais [*os espíritos das pessoas pré-diluvianas que não conheceram Jesus*], noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo”).

E em 1 Co 10: 1-4, Paulo diz: “Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo”.

A ceia do Senhor (‘manjar espiritual’) foi prefigurada no beber da Rocha (v. 4: ‘uma pedra espiritual’) e o batismo foi prefigurado no mar (batismo de arrependimento) e na nuvem (batismo no Espírito Santo). O batismo israelita simbolizava a separação. A passagem pelo mar os separou dos egípcios; a nuvem os separou para Deus (batismo no Espírito). Assim, quando lemos o que aconteceu com Noé, e com o que aconteceu com os hebreus libertados do Egito pela mão poderosa de Deus, nós podemos dizer que o crente atravessa as águas como as de um mar, passa pelo julgamento contra o pecado sendo lavado pelo sangue de Cristo e experimentando o poder da Sua ressurreição.

É o que Deus estava falando através de Isaías para aquele povo cativo. As águas seriam o exílio na Babilônia (A bíblia diz que Babilônia habita sobre muitas águas – Jr 51: 13), onde eles passariam pelo julgamento de Deus pelo seu pecado de idolatria, rebeldia, incredulidade e falta de fidelidade a Ele. Da mesma forma, as águas simbolizam um período de grande aflição onde o Senhor age no nosso espírito e na nossa vida julgando o pecado com o intuito de fazer uma separação, isto é, deixar as coisas ruins do passado e se lavar para receber o novo que vem de maneira limpa, santa e pura das Suas mãos para nós.

“Quando, pelos rios (NVI: ‘Quando você atravessar os rios’), eles não te submergirão” – significa novamente um paralelo com o que aconteceu na travessia do Jordão. O povo já estava purificado pelo sofrimento que tinha experimentado no deserto. Entretanto, eles precisavam mudar sua maneira de pensar para poderem tomar posse da Terra Prometida. Ao invés de enxergarem a si mesmos como coitados e escravos impotentes, agora teriam que atravessar mais uma prova, mais um desafio, pois o Jordão significa um divisor de águas, uma separação, a separação da mente de Deus da mente do homem, onde a carne, mais uma vez, se entrega a Deus para dar lugar ao Espírito. Em Isaías, os rios seriam para aquele povo uma nova prova de Deus; uma prova para quem voltasse do exílio, pois precisariam deixar de lado a mente de escravo e pensar com a mente de um homem livre que tem a capacidade de reconstruir sua própria vida e tomar posse de sua pátria novamente. Os rios também poderiam simbolizar as provações que eles ainda teriam que passar nas mãos dos persas e dos gregos e de todas as situações do Período Intertestamentário para firmar sua fé nEle e

adquirirem não apenas um senso de patriotismo, de unidade entre eles como uma nação, mas também uma prova para serem preparados para a doutrina do Messias. Ele traria ao mundo a maneira de pensar de Deus, não a dos homens.

“Quando passares pelo fogo (NVI: ‘Quando você andar através do fogo’), não te queimarás, nem a chama arderá em ti”. O fogo implica uma prova maior da parte de Deus com o intuito de santificação, purificação, aperfeiçoamento, como ocorre com o ouro ou a prata no processo de refinação limpando o metal de toda a escória. Em Mt 3: 11 João Batista dizia: “Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo”. O batismo de fogo é um batismo de santificação, que coloca o crente em provas mais duras para limpar suas vestes e aumentar sua unção, capacitando-o para vitórias maiores e para poder exercer a autoridade de Deus na terra com mais força. Outras vezes na bíblia esse batismo pode estar se referindo ao juízo de Deus. Pensando evolutivamente, a era do Messias traria um novo desafio para quem se posicionasse do lado de Deus, até mesmo dentro da nação Israelita. Após a morte e a ressurreição de Jesus um novo tempo teve início para a humanidade, a começar pelo ‘fogo’ do Império Romano, que fez dos seguidores do Mestre os mártires da verdade. Também o Cristianismo teve início como uma grande fortaleza, surgindo para mostrar o caminho da luz e o poder do reino de Deus aos que andavam em trevas.

Para os judeus do tempo de Isaías, o fogo poderia ser o símbolo da violência dos caldeus. Nabucodonosor, por exemplo, queimou Jerusalém quando a invadiu; Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram lançados para dentro da fornalha de fogo como um ato de arbitrariedade da parte de Nabucodonosor por eles terem se recusado a adorar sua estátua de ouro. Mas Deus os livrou da morte. Na Babilônia, alguns judeus passariam por provas mais duras, mas o Senhor estaria com eles para livrá-los e para fazê-los prosperar naquela terra, apesar de tudo. A bíblia diz que Zedequias viu seus filhos serem mortos por Nabucodonosor em Ribla, quando a terra de Judá foi invadida, e ele mesmo teve seus olhos vazados e morreu como escravo na Babilônia, segundo a profecia de Jeremias. Entretanto, Joaquim foi liberto do cárcere pelo filho de Nabucodonosor e recebeu uma honra especial entre os cativos (Jr 52: 32-34). Jeremias também escreveu que os babilônios permitiram aos exilados judeus que formassem famílias, construíssem casas, plantassem pomares (Jr 29: 5-7) e consultassem seus próprios líderes e anciãos (Ez 20: 1-44); por isso, muitos deles preferiram ficar na Babilônia após a liberação de Ciro, pois tinham uma vida construída lá. Daniel escapou da cova dos leões e teve uma honra especial diante dos governantes babilônicos e persas; Sadraque, Mesaque e Abede-Nego também. Assim, a profecia de Isaías mostra que apesar dos perigos e do tratamento de Deus com eles, Seu livramento estaria presente também.

Resumindo esse versículo de Isaías (Is 43: 2): o povo recebia de Deus a confirmação de haveria provas a serem vencidas, mas Ele sempre estaria com eles.

• Is 43: 3: “Porque eu sou o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate e a Etiópia e Sebá, por ti [NVI: ‘dou o Egito como resgate para livrá-lo, a Etiópia e Sebá em troca de você’]”.

Apenas o Santo de Israel era capaz de prestar auxílio ao Seu povo. Assim como Ele havia entregado o Egito à destruição por causa do mal causado aos judeus no passado, da mesma forma Ele estava disposto a entregar essas nações (o Egito, a Etiópia e Sebá) ao domínio do inimigo para que o Seu povo fosse salvo. Note que na versão ARA, o tempo verbal está no passado perfeito. Na NVI, o tempo verbal está no presente. É como se Ele pudesse fazer uma ‘barganha’ com os babilônios: “Você me entrega o meu povo e eu lhe dou em troca três nações, tudo bem?”

Podemos nos lembrar que Deus livrou Jerusalém das mãos de Senaqueribe (701 AC), quando destruiu seu exército e o fez voltar para Nínive. Sabe-se que depois desta campanha contra Ezequias, ele passou o resto de seu reinado em campanhas militares contra rebeldes no seu império, e morreu em 681 AC pelas mãos de seus dois filhos, Adrameleque e Sarezer. Seu herdeiro, Esar-Hadom (681-669 AC) fez uma grande expedição contra o delta egípcio em 672 AC, instalando governadores assírios em Tebas e Mênfis. Empregou suas forças contra o Egito (que reconquistou por breve tempo – 669 AC), Etiópia (em Hebraico, Cuxe) e Seba (Sebá – Strong #5434, em hebraico, Cba'iy ou Cba'). Seba se refere a um filho de Cuxe (Gn 10: 6-7) que se estabeleceu ao sudoeste da Etiópia. Os sabeus e os etíopes eram aliados.

Esar-Hadom estabeleceu Assurbanipal formalmente como príncipe herdeiro da Assíria, e Samas-sum-ukin como príncipe herdeiro da Babilônia. No início do seu reinado, Assurbanipal (669-627 AC) guerreou contra o Egito em três árduas campanhas e capturou Tebas ('Nô-Amom' – Naum 3: 8) no ano de 661 AC; seus habitantes foram levados à Assíria, depois de três anos de cerco (Naum 3: 8-10). No seu reinado a Assíria adquiriu a maior extensão territorial, embora em 663 AC tenha começado a mostrar sinais de fraqueza, e tenha sido atacada pelos Medos nesta época. Por volta de 652 AC Samas-sum-ukin, irmão de Assurbanipal, se revoltou com o apoio de Elão, mas morreu no seu próprio palácio, ao qual ele havia posto fogo. Por isso Assurbanipal marchou para saquear Susã em 639 AC, e daí por diante, se tornou uma província Assíria. Com o desvio da atenção de Assurbanipal para o leste e livres das incursões do exército Assírio para apoiar seus oficiais e coletores de impostos locais, as cidades-estados do ocidente gradualmente foram se libertando da Assíria.

Faraó Psamético I (664-610 AC) se rebelou contra Assurbanipal e libertou a nação egípcia. Iniciou o período de renascimento econômico, social e cultural para o Egito. Ele mesmo estabeleceu a capital em Saís (atual Sa el-Hagar, no oeste do Delta), ao invés de Tebas. Assurbanipal (669-627 AC), no final do seu reinado, com a Assíria já em fase de decadência (por volta de 633 AC), passou o império para as mãos de seu filho Sinsariscum (628-612 AC), pois Nabopolassar (626-605 AC), rei da Babilônia e pai de Nabucodonosor, já se levantava na região da Mesopotâmia. Nínive havia sido atacada em 633 AC pelos Medos. Estes se aliaram aos Babilônios e a atacaram novamente em 625 AC; ela finalmente caiu nas mãos dos caldeus em 612 AC. O Egito, portanto, não chegou a invadir a Palestina. Enquanto Psamético I reinava no Egito, Josias era rei de Judá (640-609 AC).

Psamético I morreu em 610 AC, e seu filho Neco II (ou Wehemib-re), começou a reinar no Egito (610-595 AC). Assistiu ao fim do Império Assírio e à ascensão do Império Neo-Babilônico sob Nabopolassar. Neco II tentou deter o avanço da Babilônia, aliando-se aos Assírios, mas em Israel ele foi detido por Josias em Megido, cidade no centro norte de Israel (2 Rs 23: 29; 2 Cr 35: 20-22). Em 609 AC, ele derrotou Josias na batalha de Megido e o matou. A batalha decisiva de Neco II contra Nabucodonosor (filho de Nabopolassar) ocorreu em 605 AC, em Carquemis, no norte da Síria. Nabucodonosor derrotou Neco II e os egípcios em Carquemis e Hamate (Jr 46: 2). Neste tempo ele conquistou toda a região de Hati, quando Jeoaquim estava no seu 4º ano de reinado. Ele também tomou o trono em 06 de setembro de 605 AC após a morte do pai. Assim, com a derrota de Neco II, a Babilônia conquistou tudo que pertencia ao rei do Egito (sob Psamético II, filho de Neco II – 595-589 AC), entre o Rio Nilo e o rio Eufrates (2 Rs 24: 7).



Mapa acima: Oriente Médio no século XIII AC (Período Assírio Médio ou Médio Império Assírio – 1392-934 AC), mostrando o território central da Assíria com as suas duas principais cidades, Assur e Nínive, localizado entre Babilônia e o Império Hitita. Com a ascensão de Adadenirari II (912-891 AC), filho de Assuradã II (939-912 AC), teve início o Período Neo-Assírio (939-608 AC) – (fonte: wikipedia.org).

Hati ficava na Anatólia central, perto da atual Ancara, Turquia. Na Antiguidade, Ancara era conhecida como Ancira e Angorá, por causa da lã de angorá. Angorá pode se referir a certa raça de gatos, cabras ou coelhos, notáveis por seu pêlo comprido e fino. A lã natural era feita com o pêlo de qualquer desses animais. Em sua extensão máxima, a cerca de 1300 AC, o império Hitita compreendia a Anatólia, Líbano e Síria. Os hititas ou heteus são descritos na bíblia como uma das sete nações cananitas, que eram filhos de Canaã, filho de Cam, filho de Noé (Gn 10: 6; 15-18). Hete, um dos filhos de Canaã, gerou os hititas ou heteus, os chamados ‘filhos de Hete’. Eles são mencionados como vivendo em Canaã ou nas suas proximidades desde os tempos de Abraão (2000-1500 AC) até o tempo de Esdras, depois do cativeiro babilônico (450 AC). No tempo de Josué, os hititas ou heteus são citados como habitando ao sul de Canaã perto de Hebrom (Manre – Gn 23: 19), o que, provavelmente, se refere a um grupo de hititas que migrou para lá, uma vez que o império Hitita esteve sempre ao norte como está a Turquia, e nunca abrangue o sul da Ásia ou da Palestina.

Deus livrou o povo judeu no passado e o livraria novamente das mãos do rei da Babilônia.

- Is 43: 4: “Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei, darei homens por ti e os povos, pela tua vida [NVI: ‘Visto que você é precioso e honrado à minha vista, e porque eu o amo, darei homens em seu lugar, e nações em troca de sua vida’]”.

Deus nos escolhe como escolheu a Israel; não somos nós que O escolhemos (Jo 15: 16), por isso, a quem Ele escolhe Ele sela como Sua propriedade exclusiva e, portanto, defende. Ele sempre defendeu e sempre vai defender o justo e julgar o perverso. O nosso Deus é Deus de justiça, embora muitas vezes não compreendamos a Sua maneira de julgar. Por isso, Ele estava dizendo ao Seu povo que, por causa do Seu amor por eles

e por causa da Sua aliança imutável, Ele faria uma troca. Pela vida e pela liberdade deles, Ele desistiria de outros povos que não tinham e não queriam ter aliança nem comprometimento com Ele. Esse fato, por si só, já testificava contra eles.

- Is 43: 5-7: “Não temas, pois, porque sou contigo; trarei a tua descendência desde o Oriente e a juntarei desde o Ocidente. Direi ao Norte: entrega! E ao Sul: não retenhas! Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória, e que formei, e fiz”.

O Senhor continuava a dizer para os filhos de Israel não temerem, pois eles seriam libertados. Todos os exilados viriam do norte e do sul, do oriente e do ocidente, porque Ele daria ordem às nações nos quatro cantos da terra. Ele os libertaria e os traria de volta à sua terra. Ele acrescenta que esse povo carregava o Seu nome; eles tinham sido criados para mostrar a Sua glória, ou seja, para serem testemunhas da Sua majestade e dignidade, pois Ele não era um Deus qualquer. Através do testemunho deles Ele seria honrado e glorificado.

- Is 43: 8: “Traze o povo que, ainda que tem olhos, é cego e surdo, ainda que tem ouvidos”.

O Senhor dá uma ordem a Israel, como um todo, para conclamarem os gentios também, ainda que não entendessem nada e fossem teimosos e surdos às Suas palavras e cegos aos milagres que já tinham sido feitos em prol do povo escolhido. Não só os gentios eram cegos e surdos espiritualmente. Israel também já tinha ouvido isso da boca de Isaías: Is 29: 9-16; Is 42: 18-20 (a cegueira da nação e dos sacerdotes) cf. Jr 5: 21. Tanto judeus quanto gentios não conheciam o Senhor. Entretanto, esse chamado extrapola o tempo em que eles estavam vivendo. O chamado de Deus para se trazer os cegos e os surdos para que tivessem o entendimento aberto para a Sua verdade se refere também ao tempo do Messias, isto é, o chamado estava sendo feito para muitas pessoas em várias gerações que se seguiriam até a vinda do Messias, quando a profecia se cumpriria (ver Mt 11: 3-6: “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço”).

- Is 43: 9: “Todas as nações, congreguem-se; e, povos, reúnam-se; quem dentre eles pode anunciar isto e fazer-nos ouvir as predições antigas? Apresentem as suas testemunhas e por elas se justifiquem, para que se ouça e se diga: Verdade é!”

O profeta volta a falar o que já havia falado anteriormente. Deus novamente estava fazendo um desafio aos idólatras para que se reunissem e defendessem seus ídolos. Eles seriam capazes de libertar Israel? (cf. Is 41: 1; 21-24; 28-29). Os adivinhos, os astrólogos e os sábios de várias nações poderiam prever os acontecimentos atuais ou futuros ou mesmo explicar as predições antigas? Ele os desafia a chamar suas testemunhas. Que elas confirmem o que Ele está dizendo; que digam que Suas palavras são verdadeiras; sim, que os judeus foram libertados do cativeiro porque Deus assim o quis.

- Is 43: 10-13: “Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, o meu servo a quem escolhi; para que o saibais, e me creiais, e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador. Eu anunciei salvação, realizei-a e a fiz ouvir; deus

estranho não houve entre vós, pois vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor; eu sou Deus. Ainda antes que houvesse dia, eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá? [NVI: ‘Agindo eu, quem o pode desfazer?’]”.

Deus volta a falar com Seu próprio povo, confirmando que eles são Suas testemunhas; eles podem confirmar que Ele é o Deus verdadeiro, e que tudo o que Ele disse que aconteceria aconteceu. Nenhuma palavra profética deixou de ser cumprida. Israel volta a ser chamado de servo (Is 41: 8), ou seja, Deus os lembra que como servos eles Lhe devem obediência; mais do que isso, que a aliança feita com Ele desde tempos antigos continua de pé. Eles eram Seus mensageiros (Is 42: 19) entre as nações. Quando Sua palavra se cumprir, eles saberão, crerão e entenderão que Deus é sempre o mesmo e que não há outro; e só nEle está a salvação que eles precisam, agora e sempre (At 4: 12). Jesus é a maior prova disso.

“Ainda antes que houvesse dia, eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá? [NVI: ‘Agindo eu, quem o pode desfazer?’]” – isso diz respeito à Sua eternidade e à Sua autoridade sobre a alma de todo homem.

Ninguém o criou nem o fez nascer (Jo 1: 1-4). Da mesma forma, ninguém acabará com Ele para que Ele deixe de existir. Quando Ele decide agir, quem pode impedi-lo ou desfazer o que Ele já fez? (cf. Jó 23: 13-14). Quem pode dizer não a Ele? Quem pode dizer não ao que Ele fez ou vai fazer? (Ec 8: 4).

“Agindo eu, quem o impedirá? (quem o pode desfazer?)” – em hebraico, os verbos usados são:

“Agir”: hebraico: pa`al – Strong 6466 – fazer, praticar, cometer (o mal), malfeitor, ordenar, trabalhar, trabalhador.

“Quem o impedirá?” – Shuwb (impedir) – Strong #7725: voltar atrás, retroceder, reverter, retornar, dizer não, retirar.

Libertação do jugo da Babilônia – v. 14-21.

• Is 43: 14-21: “Assim diz o Senhor, o que vos redime, o Santo de Israel: Por amor de vós, enviarei inimigos contra a Babilônia e a todos os de lá farei embarcar como fugitivos, isto é, os caldeus, nos navios com os quais se vangloriavam [NVI: ‘farei todos os babilônios descenderem como fugitivos nos navios de que se orgulhavam’]. Eu sou o Senhor, o vosso Santo, o Criador de Israel, o vosso Rei. Assim diz o Senhor, o que outrora preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas, uma vereda; o que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força [NVI: ‘o exército e seus reforços’] — jazem juntamente lá e jamais se levantarão; estão extintos, apagados como uma torcida [NVI: ‘apagados como um pavio’]. Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas [NVI: ‘Esqueçam o que se foi; não vivam no passado’]. Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz [NVI: ‘Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo!’]; porventura, não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto e rios, no ermo. Os animais do campo me glorificarão, os chacais e os filhotes de avestruzes [NVI: ‘as corujas’]; porque porei águas no deserto e rios, no ermo, para dar de beber ao meu povo, ao meu escolhido, ao povo que formei para mim, para celebrar o meu louvor”.

Vamos comentar por partes:

• Is 43: 14-15: “Assim diz o Senhor, o que vos redime, o Santo de Israel: Por amor de vós, enviarei inimigos contra a Babilônia e a todos os de lá farei embarcar como fugitivos, isto é, os caldeus, nos navios com os quais se vangloriavam [NVI: ‘farei todos

os babilônios descerem como fugitivos nos navios de que se orgulhavam’]. Eu sou o Senhor, o vosso Santo, o Criador de Israel, o vosso Rei.”

O Senhor confirma a queda de Babilônia pelas mãos dos persas (Ciro, apesar de seu nome não estar escrito aqui), além de reafirmar a Israel que Ele é o seu Deus, e o único que pode prestar auxílio. A redenção do Seu povo estava nos Seus planos eternos, e Ele faria com que os caldeus buscassem uma fuga através dos seus navios que patrulhavam as abundantes águas do Eufrates. Mas Cyrus e Dario (o Medo) tinham desviado as águas do rio para poderem entrar na cidade e saqueá-la. Assim, nem mesmo os navios seriam de ajuda para os caldeus naquela hora. Dario, o Medo, era seu tio por parte de mãe, e Cyrus o deixou como seu governante na Babilônia.

“Eu sou o Senhor, o vosso Santo, o Criador de Israel, o vosso Rei” confirma o senhorio do Senhor sobre Seu povo, além de deixar claro, mais uma vez, que foi Ele quem os criou.

- Is 43: 16-17: “Assim diz o Senhor, o que outrora preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas, uma vereda; o que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força [NVI: ‘o exército e seus reforços’] — jazem juntamente lá e jamais se levantarão; estão extintos, apagados como uma torcida [NVI: ‘apagados como um pavio’]”.

Este trecho se refere à libertação do Egito, quando soldados, cavalos e carros de Faraó foram engolidos pelas águas do Mar Vermelho, e morreram todos (Êx 14: 26-31). Deus fala ao Seu povo que eles ficaram ali e nunca mais se levantaram para persegui-los. Eles são como o pavio apagado de uma vela, que não vai mais se acender. Isso quer dizer que ainda que eles ainda se lembrassem desse episódio como a única memória boa que tinham de Deus e de Seus livramentos, isso agora era passado. Estava extinto.

- Is 43: 18-21: “Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas [NVI: ‘Esqueçam o que se foi; não vivam no passado’]. Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz [NVI: ‘Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo!’]; porventura, não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto e rios, no ermo. Os animais do campo me glorificarão, os chacais e os filhotes de avestruzes [NVI: ‘as corujas’]; porque porei águas no deserto e rios, no ermo, para dar de beber ao meu povo, ao meu escolhido, ao povo que formei para mim, para celebrar o meu louvor”.

O livramento de Israel do Egito ficaria registrado na História e na memória dos Israelitas como uma coisa passada. Agora, o Senhor tinha algo novo para eles. Será que eles não conseguiam ver? Ele tinha grandes promessas de bênçãos para o futuro, novos milagres para que esse povo pudesse se alegrar; afinal, eles foram criados para Deus, para celebrar o Seu louvor. Sua libertação da Babilônia seria mais gloriosa do que a libertação do Egito. A lembrança de escassez, de esterilidade e destruição daria lugar a uma visão de vida e fertilidade, à água de consolo e à força, vindas do trono de Deus para o espírito abatido e cansado daquelas pessoas. Até os animais já acostumados a viver em lugares áridos e desabitados sentiriam algo diferente porque beberiam água e poderiam contemplar uma terra mais fértil, pois o Senhor seria favorável para com ela. Ele traria chuva, faria nascer a plantação e conseqüentemente, haveria alimento e água para todos, tanto homens quanto animais. Até os animais perceberiam que Deus se tornava favorável para com Seu povo de novo e derramava Suas bênçãos; isso sem falar da água espiritual que Ele derramaria nos seus corações, reavivando a fidelidade deles e a sede pela Sua palavra.

A misericórdia do Senhor e a infidelidade de Israel – v. 22-28.

• Is 43: 22-28: “Contudo, não me tens invocado, ó Jacó, e de mim te cansaste, ó Israel [NVI: ‘você tenha ficado exausto por minha causa, ó Israel’]. Não me trouxeste o gado miúdo [NVI: ‘ovelhas’] dos teus holocaustos, nem me honraste com os teus sacrifícios; não te dei trabalho [NVI: ‘Não o sobrecarreguei’] com ofertas de manjares, nem te cansei com incenso. Não me compraste por dinheiro cana aromática, nem com a gordura dos teus sacrifícios me satisfizeste, mas me deste trabalho com os teus pecados e me cansaste com as tuas iniquidades [NVI: ‘ofensas’]. Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro. Desperta-me a memória; entremos juntos em juízo; apresenta as tuas razões, para que possas justificar-te [NVI: ‘vamos discutir a sua causa. Apresente o argumento para provar sua inocência’]. Teu primeiro pai pecou, e os teus guias prevaricaram contra mim [NVI: ‘seus porta-vozes se rebelaram contra mim’]. Pelo que profanarei os príncipes do santuário [NVI: ‘os líderes do templo’]; e entregarei Jacó à destruição e Israel, ao opróbrio [NVI: ‘zombaria’]”.

Vamos analisar os primeiros versículos:

• Is 43: 22-24: “Contudo, não me tens invocado, ó Jacó, e de mim te cansaste, ó Israel [NVI: ‘você tenha ficado exausto por minha causa, ó Israel’]. Não me trouxeste o gado miúdo [NVI: ‘ovelhas’] dos teus holocaustos, nem me honraste com os teus sacrifícios; não te dei trabalho [NVI: ‘Não o sobrecarreguei’] com ofertas de manjares, nem te cansei com incenso. Não me compraste por dinheiro cana aromática, nem com a gordura dos teus sacrifícios me satisfizeste, mas me deste trabalho com os teus pecados e me cansaste com as tuas iniquidades [NVI: ‘ofensas’]”.

Como se trata de uma profecia, ou seja, de algo que ainda não aconteceu (como o exílio na Babilônia, por exemplo), pressupõe-se que neste trecho houve uma mudança temporal. Vamos explicar melhor: Isaías estava vivo quando escreveu esta profecia; muito provavelmente no final da sua vida, talvez já no reinado de Manassés, filho de Ezequias. Como dissemos em alguns capítulos anteriores, no reinado de Manassés houve um retrocesso religioso, pois ele tomou um caminho contrário à vontade de Deus e destruiu todo benefício que tinha sido conquistado pela reforma religiosa do seu pai, Ezequias. A partir o capítulo 40 de Isaías, as profecias são dirigidas a um povo que já está cativo na Babilônia, portanto, foram escritas quase um século antes do evento da queda de Jerusalém. Mas, se colocarmos uma cronologia nesta atual profecia, especialmente sobre este trecho acima (Is 43: 22-24), podemos notar que o profeta Isaías ainda estava vivo, o jugo assírio ainda pesava sobre a Palestina e sobre a maioria das nações do oriente ao seu redor; e todos estavam sendo advertidos por Deus por causa da crescente idolatria que os afastava dEle. É uma razão para se pensar que esta parte da profecia não dizia respeito ao povo cativo na Babilônia, pois em terra estrangeira e idólatra eles não poderiam fazer a adoração a Deus como sempre tinham feito, com os sacrifícios nas horas e dias determinados por Ele. Na verdade, Isaías pode estar falando para o povo da sua época que insistia em não ouvi-lo ou, no máximo, estava deixando a profecia para um futuro mais próximo da história de Israel, onde os reis e o povo já haviam se dobrado completamente aos ídolos (como aconteceu no período profético de Jeremias, quase sessenta anos depois dessas palavras).

Por que estou dizendo isso?

Porque nos versículos 27-28 está escrito: “Teu primeiro pai pecou, e os teus guias prevaricaram contra mim [NVI: ‘seus porta-vozes se rebelaram contra mim’]. Pelo que profanarei os príncipes do santuário [NVI: ‘envergonharei os líderes do templo’]; e entregarei Jacó à destruição e Israel, ao opróbrio [NVI: ‘à zombaria’]”.

Isso significa que, por causa do que eles estavam fazendo hoje, o Senhor, num futuro próximo, entregaria tanto sacerdotes principais (‘líderes do templo’) como os

demais sacerdotes levitas ('seus porta-vozes') e o povo de Israel à vergonha do exílio. O verbo está no futuro. Se Ele iria entregá-los à zombaria e à destruição é porque, teoricamente, eles ainda não haviam sido exilados.

“Teu primeiro pai pecou” – veremos logo adiante.

Assim, podemos concluir que Isaías repete aqui (Is 43: 22-24) uma advertência que já havia feito antes sobre largar a idolatria e voltar a adorar a Deus com o coração, com a devoção de antes. E o mais interessante é que no capítulo 1 do livro de Isaías a queixa de Deus era a mesma que a de agora: “De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? – diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem vos requereu o só pisardes os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer” (Is 1: 11-14).

O trecho que estamos analisando (Is 43: 22-24) diz primeiro que Deus via a hipocrisia do culto deles. Eles já tinham se cansado do Senhor e nem O invocavam mais, pois preferiam invocar os ídolos e oferecer sacrifícios a eles. E Deus também estava cansado deles. O povo já fazia os sacrifícios como se fosse um fardo excessivo, e Ele diz que não tinha dado nenhum fardo a eles; não tinha planejado aquele tipo de adoração para cansá-los. Eles, sim, é que estavam cansando e sobrecarregando a Deus com seus pecados.

A NVI tem uma tradução mais fácil de ser entendida: “Contudo, você não me invocou, ó Jacó, embora você tenha ficado exausto por minha causa, ó Israel. Não foi para mim que você trouxe ovelhas para holocaustos, nem foi a mim que você honrou com seus sacrifícios. Não o sobrecarreguei com ofertas de cereal, nem o deixei exausto com exigências de incenso. Você não me comprou nenhuma cana aromática, nem me saciou com a gordura de seus sacrifícios. Mas você me sobrecarregou com seus pecados e me deixou exausto com suas ofensas”.

Quando lemos a frase “Não foi para mim que você trouxe ovelhas para holocaustos, nem foi a mim que você honrou com seus sacrifícios” podemos pensar: se não foi para Ele que eles estavam trazendo as ovelhas e os sacrifícios, para quem, então? Poderia ser para os sacerdotes já corrompidos pelo pecado e que faziam daquilo um ritual sem significado espiritual nenhum, sem amor; senão, seriam sacrifícios oferecidos a deuses estranhos. O que importa é que o Senhor não estava exigindo nada que eles não pudessem fazer, não estava querendo vê-los exaustos. Entretanto, Ele já estava exausto e sobrecarregado de tanta iniquidade.

- Is 43: 25-28: “Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro. Desperta-me a memória; entremos juntos em juízo; apresenta as tuas razões, para que possas justificar-te [NVI: ‘vamos discutir a sua causa. Apresente o argumento para provar sua inocência’]. Teu primeiro pai pecou, e os teus guias prevaricaram contra mim [NVI: ‘seus porta-vozes se rebelaram contra mim’]. Pelo que profanarei os príncipes do santuário [NVI: ‘os líderes do templo’]; e entregarei Jacó à destruição e Israel, ao opróbrio [NVI: ‘zombaria’]”. Opróbrio significa: degradação, baixaza, afronta, infâmia, injúria.

O Senhor era o único que poderia apagar as transgressões deles por amor a Ele mesmo, não porque eles tinham feito alguma coisa para merecer isso. E quando Ele perdoa, Ele esquece. Deus prossegue chamando Seu povo para uma conversa, a fim de

discutir essa causa e chegar a uma conclusão. Eles não teriam argumento forte o bastante.

Quando se fala ‘Teu primeiro pai pecou’, podemos pensar nos antepassados daquele povo. Como eles eram pecadores, assim também seus progenitores o foram, até mesmo o melhor deles. O Senhor entregaria tanto sacerdotes principais (‘líderes do templo’) como os demais sacerdotes levitas (‘seus guias’, ‘seus porta-vozes’) e o povo de Israel à vergonha do exílio. Em hebraico, a palavra ‘guias’ [NVI: ‘porta-vozes’] quer dizer intérpretes (Luwts, Strong #3887: intérprete, professor, intercessor, embaixador); e ‘príncipes’ [NVI: ‘líderes’] se refere aos líderes religiosos mais altos (1 Cr 24: 5), como o sumo sacerdote e os sacerdotes da linhagem Aarônica [Príncipe = Sar, Strong #8269: uma pessoa principal (de qualquer posição ou classe): capitão, governante, chefe, general, governador, guardião, senhor, mestre, príncipe, mordomo]. Os sacerdotes eram os intercessores do povo junto a Deus; eram os intérpretes (da lei), pois cabia a eles interpretar a palavra de Deus para o povo, ensiná-los (guiá-los) no caminho correto, mas não o fizeram; pelo contrário, prevaricaram contra o Senhor, se rebelaram contra Ele e levaram Israel ao erro (da mesma forma que os mestres da lei no tempo de Jesus). Prevaricar significa: faltar ao dever, torcer a justiça, agir ou proceder mal, perverter, cometer adultério. Eles julgaram as causas de maneira incorreta, torcendo a justiça, perverteram a lei e adulteraram a palavra pura de Deus, criando tradições de homens. Os mestres da lei (no tempo de Jesus) eram chamados de Rabi, ou seja, mestre, professor. Isaías diz aqui que tanto os sacerdotes como o povo haviam transgredido, por isso não tinham razão para se considerarem inocentes. Portanto, Deus diz que por causa de tudo isso Ele envergonhará os líderes do templo e entregará Israel à zombaria e à destruição.

Capítulo 44

O Senhor é o único Deus – v. 1-8.

• Is 44: 1-8: “Agora, pois, ouve, ó Jacó, servo meu, ó Israel, a quem escolhi. Assim diz o Senhor, que te criou, e te formou desde o ventre, e que te ajuda: Não temas, ó Jacó, servo meu, ó amado, a quem escolhi [NVI: ‘Jesurum, a quem escolhi’]. Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes; e brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes das águas. Um dirá: Eu sou do Senhor; outro se chamará do nome de Jacó; o outro ainda escreverá na própria mão: Eu sou do Senhor, e por sobrenome tomará o nome de Israel [NVI: “Um dirá: ‘Pertencço ao SENHOR’; outro chamará a si mesmo pelo nome de Jacó; ainda outro escreverá em sua mão: ‘Do Senhor’, e tomará para si o nome Israel”]. Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus. Quem há, como eu, feito predições desde que estabeleci o mais antigo povo? Que o declare e o exponha perante mim! Que esse anuncie as coisas futuras, as coisas que hão de vir! Não vos assombreis, nem temais; acaso, desde aquele tempo não vo-lo fiz ouvir, não vo-lo anunciei? [NVI: ‘Não anunciei isto e não o predisse muito tempo atrás?’]. Vós sois as minhas testemunhas. Há outro Deus além de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça”.

• Is 44: 1-2: “Agora, pois, ouve, ó Jacó, servo meu, ó Israel, a quem escolhi. Assim diz o Senhor, que te criou, e te formou desde o ventre, e que te ajuda: Não temas, ó Jacó, servo meu, ó amado, a quem escolhi [NVI: ‘Jesurum, a quem escolhi’]”.

No versículo 1, o Senhor se dirige ao Seu povo e continua a chamar Israel de servo, de Seu povo escolhido entre as nações, e diz que Ele, o Senhor, o formou e o ajudará.

No versículo 2, Ele chama Israel pelo nome de Jesurum (o nome simbólico de Israel), que aparece 4 vezes no AT em Dt 32: 15; Dt 33: 5; Dt 33: 26 e Is 44: 2. Jesurum (Yshuruwn – Strong #3484) significa justo; reto; erguido; em posição vertical. Mas é interessante perceber que essa correlação da Concordância Lexicon Strong com a versão ARA em Português ocorre quando a bíblia fala: ‘ó amado’ (Is 44: 2) ou ‘o meu amado’ (Dt 32: 15) ou ainda, ‘ao seu povo amado’ (Dt 33: 5), e ‘ó amado’ (Dt 33: 26). Em outras palavras: onde a NVI escreve ‘Israel’ (em hebraico, Yshuruwn – Strong #3484), a ARA escreve ‘amado’. Deus fala através do profeta Isaías a um remanescente de Israel que Ele considera separado para Ele; um povo de dentro de Israel que ainda está por nascer, um remanescente escolhido segundo a Graça (v. 3: ‘derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes’). Desde os tempos antigos quando o Senhor escolheu Israel para ser Seu povo, Ele o formou e o criou, ou seja, o preparou e o fez crescer em intimidade com Ele para que um dia pudesse estar pronto para o grande projeto de Deus. Isso diz respeito, na verdade, a uma nova criação, não da carne, e sim do espírito; era uma criação espiritual do coração e da mente de Deus, e que já estava há muito tempo em andamento, ainda que eles não compreendessem isso. A herança deixada por eles agora seria para os seus descendentes escolhidos dentre os israelitas para o Seu novo propósito para a humanidade (Sl 100: 3; Gl 1: 15). Esse remanescente diz respeito àqueles israelitas justos e retos em quem não haveria maldade, os israelitas que foram separados para servir a Deus, não exatamente com o sacerdócio descrito no AT, mas de uma forma especial onde Ele mesmo os ajudaria a exercer esse serviço, o que aconteceu, por exemplo, com os apóstolos no NT e com todos os judeus separados por Deus por terem crido em Jesus e se colocado também à Sua disposição como Seus servos. Embora perseguidos, rejeitados e odiados

pelos seus próprios compatriotas, eles levariam a palavra de Deus adiante, até aos gentios, pois o Senhor é quem lhes daria força e os ajudaria a cumprir essa missão.

- Is 44: 3-5: “Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes; e brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes das águas. Um dirá: Eu sou do Senhor; outro se chamará do nome de Jacó; o outro ainda escreverá na própria mão: Eu sou do Senhor, e por sobrenome tomará o nome de Israel [NVI: “Um dirá: ‘Pertencço ao SENHOR’; outro chamará a si mesmo pelo nome de Jacó; ainda outro escreverá em sua mão: ‘Do Senhor’, e tomará para si o nome Israel”]”.

A palavra ‘espírito’ está escrita com letra maiúscula (‘Espírito’), mostrando nitidamente que se trata do Espírito de Deus, que só foi derramado de tal forma quando Jesus veio em carne, ou seja, na Sua primeira vinda. Só Jesus poderia trazer o Espírito Santo da maneira plena para se cumprir a profecia descrita aqui, em especial no dia de Pentecostes. Trata-se, portanto, de uma profecia Messiânica. A água é o símbolo do Espírito Santo, cujos dons são derramados abundantemente (cf. Jl 2: 28; At 2: 17). Deus, em Cristo, era a única Rocha e o único Redentor que podia defendê-los. A Sua água viva mataria a sede não apenas dos Seus escolhidos (O remanescente santo e escolhido dentre o povo judeu), como fluiria livremente deles para os sedentos em todas as nações (Jo 7: 38).

O que os exilados receberiam como um sinal de favor e vida da parte de Deus (‘derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca’), renovando neles a vontade de reconstruir sua nação e a sede pela Sua palavra, seria apenas o início de um grande derramamento do Espírito sobre a posteridade deles. Essa bênção, através do remanescente escolhido de Israel, traria outras nações, os gentios, à presença do Senhor. Essa descendência seria tão numerosa como as ervas e os salgueiros que brotam junto aos riachos, pois sentem a necessidade de água para florescer. Da mesma forma, os judeus se multiplicariam; principalmente os que se sentissem atraídos pelas águas renovadoras do Espírito Santo na presença física do Messias.

- Is 44: 6: “Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus” (cf. Is 48: 12; Ap 1: 17; Ap 22: 13).

Neste versículo, Deus se mostra a Israel como Ele é; com todas as Suas qualidades. Ele define totalmente a Sua personalidade e quais as Suas funções como o responsável por aquele povo.

Em primeiro lugar Ele se declara como o Senhor, ou seja, o nome dado a Moisés no Monte Sinai, pelo qual Ele seria conhecido por eles: YHWH (יהוה). Não era Baal nem qualquer outro falso deus, mas somente Ele, o SENHOR.

Depois, Deus se apresenta como o Rei de Israel (rei, em hebraico, melek). Israel não precisava ser governado por homens, como as nações pagãs tinham seus reis. Deus era o Rei de Israel; na verdade, o único governante realmente capacitado sobre aquele povo.

Em seguida, Ele fala sobre a Sua função como o Redentor de Israel, ou seja, o Seu Resgatador, como o Resgatador de uma família no AT (Boaz, por exemplo). ‘Redentor’ (em hebraico, go’el ou gho’êl), vem do verbo ‘redimir’ (ga’al, Strong #1350). Portanto, a palavra hebraica ga’al ou go’el significa: resgatar (de acordo com a lei oriental do parentesco), ou seja, ser o parente mais próximo, vingar, libertar, parente (masculino), comprar, resgatar, redimir, redentor, vingador. O Resgatador, em Hebraico, é também chamado ‘parente-redentor’ e ‘vingador’. O Resgatador era um parente não tão distante, influente, a quem a família podia em geral recorrer quando a sua linhagem ou os seus bens corressem o risco de ser perdidos. Ele deveria:

- Comprar de volta a terra da família vendida em tempos de crise (Lv 25: 25).
- Resgatar parentes escravizados (Lv 25: 47-49).
- Garantir um herdeiro para o irmão morto (Dt 25: 5-10).
- Vingar a morte de um parente (Nm 35: 19-21).
- Tomar conta de parentes em circunstâncias difíceis (Jr 32: 6-25).

Portanto, neste versículo de Isaías, Deus se mostrava ao Seu povo como o Resgatador, o parente mais próximo que compraria Israel da mão de qualquer outro dono ou possuidor, restituiria sua terra e sua herança, o libertaria da escravidão e o vingaria da injustiça.

Em quarto lugar, Deus se diz ‘o Senhor dos Exércitos’ (yhwh tsebhâ’oth ou yhwh sebhâ’ôth; tsebhâ’oth – pronuncia-se sabaô). ‘Exércitos’ (Strong #6635, em hebraico, tsaba’), significa: uma massa de pessoas (ou figurativamente, coisas), especialmente um regimento organizado para a guerra (um exército); uma campanha, companhia ou hoste literalmente ou figurativamente (adoração); exército, batalha, serviço, soldados, guerra. A palavra tsaba’ também provém de uma raiz primitiva que significa: convocar, reunir (como numa assembléia), lutar, executar, esperar em, reunir. ‘O Senhor dos Exércitos’ aparece pela primeira vez no livro de Samuel (1 Sm 1: 3) pelo qual Deus era adorado em Siló. Foi um termo usado por Davi ao desafiar Golias (1 Sm 17: 45), e depois num cântico de vitória (Sl 24: 10). É muito encontrado no livro de profetas (88 vezes só em Jeremias) para mostrar Deus como o salvador e o protetor do Seu povo (Sl 46: 7; 11, por exemplo). Os exércitos (‘O exército do céu’ – Dn 4: 35) ou ‘as hostes celestiais’ são todos os poderes celestiais, no caso, o exército de anjos prontos a obedecer ao Senhor. O Senhor governava o exército celestial para combater todo inimigo de Israel, da mesma maneira que sempre fez com todos os exércitos da terra que vieram contra o Seu povo, ou fortalecendo o exército deles para todas as guerras que tinham enfrentado até aquele momento. Era Ele que tinha dado grandes vitórias aos reis de Israel e Judá com os seus exércitos. Isso lhes transmitia a idéia de que Ele, como um general, conhecia sempre as melhores estratégias de guerra para dar vitória aos Seus filhos. Em breve, eles veriam isso.

Depois de se declarar Senhor dos Exércitos, Deus renova a memória dos judeus, dizendo que Ele era o primeiro e o último, uma expressão usada em Is 48: 12, e muito conhecida em Ap 1: 17; Ap 21: 6 e Ap 22: 13. ‘O primeiro e o último’, ‘O alfa e o ômega’, ‘o princípio e o fim’ significam a mesma coisa, ou seja, foi Ele que começou todas as coisas, e será Ele quem vai terminar. Ele abre e Ele fecha, Ele começa e Ele termina o que começou, como o alfabeto começa com a letra ‘A’ e termina com a letra ‘Z’ (nas línguas ocidentais), ou com o ‘alfa’ e o ‘ômega’ (em grego).

A palavra ‘primeiro’, em hebraico, é ri’shown ou riishon (רִאשׁוֹן, Strong #7223, derivada de ri’shah, Strong #7221, ‘início’), e significa: pioneiro, em primeiro lugar, primeiro no tempo ou primeiro em posição, antes no tempo, começo, início, princípio, o mais velho, predecessor, antecessor, ancestral, anterior, de uma época antiga.

A palavra ‘último’, em hebraico, é ’acharown ou (abreviado) acharon (Strong #314), e significa: tardio, último; dificultar, atrasar, retardar; de face para o oeste, para o ocidente; depois, a seguir, por vir, para trás, o último, o fim, término.

Por último, o Senhor repete mais uma vez que Ele é Deus (Elohim, מֵיְהוָה) e não há outro (‘além de mim não há Deus’). Isso acaba com toda idolatria, com toda a dúvida sobre quem o Seu povo deve servir, ou quem é o autor dos livramentos e milagres que eles já presenciaram ou ouviram de seus antepassados.

• Is 44: 7-8: “Quem há, como eu, feito predições desde que estabeleci o mais antigo povo? Que o declare e o exponha perante mim! Que esse anuncie as coisas futuras, as coisas que hão de vir! (cf. Is 41: 23; 26) Não vos assombréis, nem temais; acaso, desde

aquele tempo não vo-lo fiz ouvir, não vo-lo anunciei? [NVI: ‘Não anunciei isto e não o predisse muito tempo atrás?’. Vós sois as minhas testemunhas. Há outro Deus além de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça”.

Novamente, Deus fala sobre a Sua eternidade e a Sua superioridade sobre todos os outros deuses e sobre sábios, astrólogos, adivinhos, falsos profetas e agoureiros. Também fala que Ele fez predições desde que fez o primeiro homem sobre a terra, desde as primeiras eras do mundo. Tudo o que Ele tinha dito está registrado. Foi Ele quem falou desde o princípio e fez com que o ser humano conhecesse a Sua vontade e o que havia em Seu coração. Ele já não havia dito o que iria acontecer até aquele momento? Ele já não havia dito o que está acontecendo agora com aquele povo e o que vai acontecer no futuro; o que está perto e o que está longe deles? Os propósitos divinos eram imutáveis e tudo já estava ordenado desde o princípio. Ninguém, além dEle poderia prever as coisas que virão, das quais Ele deu aviso por intermédio dos Seus profetas. Israel era Sua testemunha. Os povos pagãos eram Suas testemunhas, pois viram o que Ele já havia feito por Israel. Os deuses pagãos poderiam fazer isso? Quem poderia se comparar com o Redentor e Rei de Israel? Deus termina dizendo que não há outra Rocha além dEle.

A palavra ‘Rocha’ é usada aqui por Deus para se referir a Ele mesmo como o Poderoso de Israel, como uma força, um lugar forte de abrigo para o Seu povo. Na nossa bíblia, a palavra ‘Rocha’ neste versículo de Isaías, em Hebraico é *tsur* ou *tsur* (Strong #6697), que significa: um penhasco, uma rocha afiada (como que comprimida); geralmente, rocha ou pedregulho; pedra, força, forte (pessoa); figurativamente, um refúgio; o Poderoso (Deus).

Essa palavra hebraica aparece 75 vezes no AT, com o sentido de ‘Deus Poderoso’, ‘força’, ‘Rocha’ (com letra maiúscula se referindo a Deus, e com letra minúscula se referindo a outros deuses ou a um substantivo comum: rocha, pedra):

- Dt 32: 4: “Eis a Rocha (*Se referindo a Deus*)! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto”.

- Dt 32: 15: “Mas, engordando-se o meu amado [*Jesurum = Israel*], deu coices; engordou-se, engrossou-se, ficou nédio e abandonou a Deus, que o fez, desprezou a Rocha (*Se referindo a Deus*) da sua salvação”.

- Dt 32: 18: “Olvidaste a Rocha (*Se referindo a Deus*) que te gerou; e te esqueceste do Deus que te deu o ser” [NVI: “... vocês se esqueceram do Deus que os fez nascer?”].

- Dt 32: 30-31: “Como poderia um só perseguir mil, e dois fazerem fugir dez mil, se a sua Rocha (*Se referindo a Deus*) lhes não vendera, e o Senhor lhes não entregara? Porque a rocha deles (*falsos deuses, mas a mesma palavra hebraica*) não é como a nossa Rocha (*Se referindo a Deus*); e os próprios inimigos o atestam”.

- Dt 32: 37: “Então, dirá: Onde estão os seus deuses? E a rocha (*falsos deuses, mas a mesma palavra hebraica*) em quem confiavam?”

Como vimos em Is 42: 11 há outra palavra para ‘rocha’ em hebraico, *cela* (Strong #5553), de uma raiz não utilizada que significa ser elevada; uma rocha escarpada, literalmente ou figurativamente (uma fortaleza): rocha áspera, pedra, pedregoso, forte (fortificação, cidadela), fortaleza.

Davi também faz uso da palavra ‘rocha’ quando se refere a Deus como Seu refúgio, proteção, abrigo; e a palavra hebraica é *cela*, algumas vezes traduzida como ‘rocha’, outras, como ‘rochedo’:

- 2 Sm 22: 2: “E disse: O Senhor é a minha rocha (*cela*), a minha cidadela, o meu libertador.”

• Sl 18: 2: “O Senhor é a minha rocha (cela’), a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo (força, ‘tsuwr’) em que me refugio; o meu escudo (broquel, mûghen), a força da minha salvação, o meu baluarte”.

No NT, a palavra grega é ‘petra’ (πέτρα – Strong #g4073), quando na nossa tradução é ‘rocha’; e ‘lithos’ (λίθος – Strong #g3073) quando na nossa tradução é ‘pedra’.

No NT a palavra ‘rocha’ aparece 9 vezes; ela é escrita junto com outra: ‘lithos’, ‘pedra’ (Rm 9: 33); ou é substituída pela palavra grega ‘laxeutos’ (λαξευτός – Strong #g2991), em Lc 23: 53, no sentido de um composto de pedras, pedreira, (feito de) pedra. Embora nós possamos ver a referência simbólica com Jesus, a palavra ‘rocha’ nos textos do NT está escrita no sentido de um substantivo comum.

Os textos no NT estão em:

• Mt 7: 24: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha (petra)”.

• Mt 7: 25: “e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha (petra)”.

• Mt 27: 51: “Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas (petra)”.

• Mt 27: 60: “e o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha (petra); e, rolando uma grande pedra (lithos) para a entrada do sepulcro, se retirou”.

• Mc 15: 46: “Este, baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara e o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha (petra); e rolou uma pedra (lithos) para a entrada do túmulo”.

• Lc 6: 48: “É semelhante a um homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha (petra); e, vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa e não a pôde abalar, por ter sido bem construída”.

• Lc 23: 53: “e, tirando-o do madeiro, envolveu-o num lençol de linho, e o depositou num túmulo aberto em rocha (laxeutos), onde ainda ninguém havia sido sepultado”.

• Rm 9: 33: “como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra (lithos) de tropeço e rocha (petra) de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido”.

• 1 Pe 2: 8: “e: Pedra (lithos) de tropeço e rocha (petra) de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos”.

Em Português, há uma exceção em:

• Mt 16: 18: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra (‘petra’; na KJV também está escrita a palavra ‘rocha’) edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

A loucura da idolatria – v. 9-20

• Is 44: 9-20: “Todos os artífices de imagens de escultura são nada, e as suas coisas preferidas são de nenhum préstimo [NVI: ‘são sem valor’]; eles mesmos são testemunhas de que elas nada vêm, nem entendem, para que eles sejam confundidos. Quem formaria um deus ou fundiria uma imagem de escultura, que é de nenhum préstimo? Eis que todos os seus seguidores ficariam confundidos [NVI: ‘Todos os seus companheiros serão envergonhados’], pois os mesmos artífices não passam de homens; ajuntem-se todos e se apresentem, espantem-se e sejam, à uma, envergonhados. O ferreiro faz o machado, trabalha nas brasas, forma um ídolo a martelo e forja-o com a força do seu braço; ele tem fome, e a sua força falta, não bebe água e desfalece. O artífice em madeira estende o cordel [NVI: ‘O carpinteiro mede a madeira com uma linha’] e, com o lápis, esboça uma imagem; alisa-a com plaina, marca com o compasso

e faz à semelhança e beleza de um homem, que possa morar em uma casa [NVI: ‘para que habite num santuário’]. Um homem corta para si cedros, toma um cipreste ou um carvalho, fazendo escolha entre as árvores do bosque; planta um pinheiro, e a chuva o faz crescer. Tais árvores servem ao homem para queimar [NVI: ‘É combustível usado para queimar’]; com parte de sua madeira se aquece e coze o pão; e também faz um deus e se prostra diante dele, esculpe uma imagem e se ajoelha diante dela. Metade queima no fogo e com ela coze a carne para comer; assa-a e farta-se; também se aquece e diz: Ah! Já me aqueço, contemplo a luz [NVI: ‘Ah! Estou aquecido; estou vendo o fogo’]. Então, do resto faz um deus, uma imagem de escultura; ajoelha-se diante dela, prostra-se e lhe dirige a sua oração, dizendo: Livra-me, porque tu és o meu deus. Nada sabem, nem entendem; porque se lhes grudaram os olhos, para que não vejam, e o seu coração já não pode entender [NVI: ‘seus olhos estão tapados, não conseguem ver, e suas mentes estão fechadas, não conseguem entender’]. Nenhum deles cai em si, já não há conhecimento nem compreensão para dizer: Metade queimei e cozi pão sobre as suas brasas, assei sobre elas carne e a comi; e faria eu do resto uma abominação? Ajoelhar-me-ia eu diante de um pedaço de árvore? Tal homem se apascenta de cinza [NVI: ‘Ele se alimenta de cinzas’]; o seu coração enganado o iludiu, de maneira que não pode livrar a sua alma, nem dizer: Não é mentira aquilo em que confio?”

Aqui o profeta explica como um homem faz um ídolo para que as pessoas percebam a insensatez da idolatria. Um homem corta uma árvore do bosque para que possa queimar e cozer seu alimento. Com o que sobrou da madeira ele faz um ídolo e se prostra diante dele, mas seu coração está tão iludido e sua mente está tão fechada à verdade que ele não consegue atinar com a futilidade de tudo aquilo. Ele faz uma imagem de madeira ou de metal à semelhança de homem, e com isso desagrade a Deus. As coisas mundanas, as corrupções da sua mente, a incredulidade, a superstição ou qualquer tipo de doutrina religiosa são como cinzas para alimentar o estômago desse artesão. Nada do que o homem faça com suas próprias mãos pode salvar sua alma ou livrá-la do inferno. Os que continuam nesse caminho deveriam questionar a si mesmos se o que fazem tem algum proveito. Os ídolos nos quais as pessoas sentem tanto prazer são sem valor. E o que elas fazem testifica contra elas mesmas. O artesão escolhe a melhor madeira para que a imagem dure mais, como a madeira do carvalho, por exemplo, ao invés de usar a madeira para um objetivo mais útil. Depois de pronto o ídolo, o homem o coloca num santuário; e outras pessoas também acompanham seu engano, achando que o que estão fazendo é certo. Elas nem têm consciência do Deus verdadeiro que as fez.

‘O ferreiro faz o machado, trabalha nas brasas, forma um ídolo a martelo e forja-o com a força do seu braço; ele tem fome, e a sua força falta, não bebe água e desfalece’ – essa frase mostra o zelo que elas têm pelos ídolos, sua devoção mal empregada, pois deixam de comer e de beber, até desmaiam pelo excesso de esforço, mas de que vai adiantar?

A promessa de livramento – v. 21-28

• Is 44: 21-28: “Lembra-te destas coisas, ó Jacó, ó Israel, porquanto és meu servo! Eu te formei, tu és meu servo, ó Israel; não me esquecerei de ti. Desfaço as tuas transgressões como a névoa e os teus pecados, como a nuvem; torna-te para mim, porque eu te remi [NVI: ‘Volte para mim, pois eu o resgatei’]. Regozijai-vos, ó céus, porque o Senhor fez isto; exultai, vós, ó profundezas da terra; retumbai com júbilo, vós, montes, vós, bosques e todas as suas árvores, porque o Senhor remiu a Jacó e se glorificou em Israel. Assim diz o Senhor, que te redime, o mesmo que te formou desde o ventre materno: Eu sou o Senhor, que faço todas as coisas, que sozinho estendi os

céus e sozinho espraiei a terra (cf. Is 40: 12); que desfaço os sinais dos profetizadores de mentiras e enlouqueço os adivinhos [NVI: ‘que atrapalha os sinais dos falsos profetas e faz de tolos os adivinhadores’]; que faço tornar atrás os sábios, cujo saber converto em loucuras [NVI: ‘que derruba o conhecimento dos sábios e o transforma em loucura’]; **26** que confirmo a palavra do meu servo (*) [*o profeta Isaías, provavelmente, profetizando o livramento do seu povo*] e cumpro o conselho dos meus mensageiros [*os profetas*]; que digo de Jerusalém: Ela será habitada; e das cidades de Judá: Elas serão edificadas; e quanto às suas ruínas: Eu as levantarei; que digo à profundidade das águas: Seca-te, e eu secarei os teus rios; que digo de Ciro: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado [NVI: ‘Sejam lançados os seus alicerces’]”.

(*) Is 44: 26: Na NVI está escrito: “... que executa [*Ele, Deus*] as palavras de seus servos [*a palavra está no plural, o que pode significar ‘os profetas’*] e cumpre as predições de seus mensageiros, que diz acerca de Jerusalém: Ela será habitada, e das cidades de Judá: Elas serão construídas, e de suas ruínas: Eu as restaurarei”. Na KJV, a palavra está no singular.

A palavra hebraica para ‘servo’ aqui em Is 44: 26 é: ‘ebed (Strong #5650), que significa ‘escravo’, ‘servo’. Ela procede de outra palavra hebraica: ‘abad (Strong #5647), uma raiz primitiva que significa: trabalhar (em qualquer sentido); por implicação, servir, escravizar, estar em escravidão, manter em servidão, ser escravos, serviço de servo, compelir, agricultor, lavrador, lavrar, trabalho árduo, trabalhador braçal, se tornar servo, fazer um serviço, servindo, servir-se, ser ou se tornar um servo, definir um trabalho, ser forjado, adorador.

O feminino de ‘ebed, como em Êx 21: 32, serva ou escrava, é ‘amah (Strong #519) e significa: empregada doméstica ou escrava mulher, serva.

No AT as palavras hebraicas para ‘servo’ são traduzidas como: rapaz, pessoa de serviço, ou um escravo. Algumas vezes, a palavra ‘servo’ é empregada para pessoas humildes (Gn 32: 18; 20: ‘ebed) e também com relação a altos oficiais da corte (Gn 40: 20; 2 Sm 10: 2; 4: ‘ebed). Uma terceira palavra diz respeito àquele que está às ordens de alguém para ajudá-lo (Êx 33: 11: “Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo; então, voltava Moisés para o arraial, porém o moço Josué, seu servidor, filho de Num, não se apartava da tenda”). A palavra aqui é: sharath (Strong #8334), que significa: participar como servo ou adorador; contribuir para; ministrar a, fazer-se servo, servir, servo, serviço, esperar em. Mas, na maior parte das vezes no AT, trata-se de um escravo.

No NT, a palavra ‘servo’ aparece como uma tradução das palavras hebraicas, significando ‘um criado da casa’, ‘um servo doméstico’, ou ‘um rapaz’, ou ainda, ‘um oficial subordinado’, mas, na maioria das vezes, o termo se refere a ‘um escravo’:

• Lc 16: 13: “**Ninguém** [KJV: ‘nenhum servo’] pode **servir** a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

‘Ninguém’ ou ‘nenhum servo’, ‘oiketes’ (Strong #g3610), significa: um servo doméstico, alguém que reside na casa.

‘Servir’, ‘douleuo’ (Strong #g1398), significa: ser escravo (literal ou figurativo; involuntário ou voluntário): estar em servidão, sujeição ou subserviência, servo, servir, prestar serviço.

Jesus não disse que era pecado ser rico, nem disse que para segui-lo era necessário ser pobre. O que Ele quis dizer é que não devemos ser escravos do dinheiro. O dinheiro é que deve ser o nosso escravo.

• Mt 8: 6: “Senhor, o meu **criado** [NVI: ‘servo’] jaz em casa, de cama, paralisado, sofrendo horrivelmente”.

‘Criado’ [NVI: ‘servo’; KJV: ‘servo’], em grego é: ‘pais’ (Strong #g3816), e significa: rapaz; um menino ou uma menina, uma criança; especialmente, um escravo ou servo (que ministra a um rei ou a Deus); empregado doméstico, servo, filho, jovem.

• Mt 8: 9: “Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu **servo**: faz isto, e ele o faz”.

‘Servo’, ‘doulos’ (Strong #g1401), significa: ser escravo (literal ou figurativo, involuntário ou voluntário): em um sentido de sujeição ou subserviência: escravo, servo.

• Mt 26: 58: “Mas Pedro o seguia de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, tendo entrado, assentou-se entre os **serventuários** [NVI: ‘guardas’], para ver o fim”.

‘Serventuários’ [NVI: ‘guardas’], ‘huperetes’ (Strong #g5257), significa: um ministro, um agente, um oficial subordinado, assistente (serventuário) ou guarda.

Na maioria das vezes, o termo ‘servo’ se refere a ‘um escravo’.

Aqui, em Is 44: 21 (“Lembra-te destas coisas, ó Jacó, ó Israel, porquanto és meu servo! Eu te formei, tu és meu servo, ó Israel; não me esquecerei de ti”), o Senhor chama a Israel novamente de Seu servo, reafirmando que Ele fez essa nação para servi-lo. E também diz que não se esquece deles e que pode transformar suas transgressões em nada, como se sopra uma nuvem ou como a neblina que se dissipa com o calor do sol (Is 44: 22). Para nós, o Sol da Justiça, Jesus, dissipou as nuvens de treva que nos separava dEle por causa dos nossos pecados. Mais uma vez, Ele chama de volta o Seu povo dizendo que eles já foram resgatados por Ele. Por isso, toda a natureza pode se alegrar junto com eles por esse livramento. O Senhor está seguro da Sua capacidade de dar a vitória sobre os inimigos do Seu povo. A sabedoria deles não é nada diante dEle; pelo contrário, são loucura. Os magos e os astrólogos, numerosos e muito estimados na Babilônia, haviam predito a longevidade e a prosperidade do império caldeu. Esses adivinhos e falsos profetas se envergonharão, pois reconhecerão que o que disseram e previram não aconteceu como eles imaginavam porque o Deus de Israel estava contra eles. Entretanto, as profecias que vêm dEle através da boca de Seus profetas serão cumpridas. O seu cumprimento é um sinal da confirmação de Deus quanto à veracidade delas. O que o Senhor havia reservado para o Seu povo já estava sendo profetizado aqui, antes mesmo de irem para o cativeiro. Ele conhecia as dificuldades e as provas pelas quais eles passariam até que esta libertação ocorresse, mas haveria uma saída: Deus já estava preparando um libertador, que nesta profecia já tem seu nome revelado: **Ciro** (em Is 41: 1-7 seu nome ainda não havia sido revelado). Quando os cativos ouvissem falar do seu nome, eles saberiam que a redenção estava próxima.

Ciro aqui é uma figura do Messias, o rei e conquistador ungido, que está pronto para lutar pela causa da justiça, pois o próprio Deus o escolheu. A comparação dele com um pastor de Deus o faz, sem dúvida, semelhante a Jesus, nosso Bom Pastor. Ele tiraria Israel da boca dos ‘lobos’ e o reuniria de todas as nações onde ele foi espalhado, governando gentilmente sobre ele e levando-o de volta ao ‘aprisco’ (Palestina).

Não se sabe exatamente quando Isaías fez esta profecia, mas sabe-se que o seu exercício profético foi no período de 740-681 AC. As fontes históricas relatam o nascimento de **Ciro** por volta de 599 AC; e sua morte, em 530 AC. Sabe-se também que **Ciro** (**Ciro II** ou **Ciro, o Grande**) era da dinastia Aquemênida (fundada pelo rei Aquêmenes da Pérsia, seu bisavô paterno), e reinou como rei da Pérsia no lugar de seu pai, Cambises I, no período de 559-530 AC. Em 550 AC, ele tomou o trono de seu avô materno Astiages (585-550 AC), rei da Média, passando a governar sobre os Medos também. Conquistou a Lídia em torno de 547 AC (o antigo império hitita conquistado

pelos assírios e localizado na região oeste da Anatólia, atual Turquia, onde no NT estavam as sete igrejas da Ásia Menor), depondo Creso, seu governante. Os historiadores dizem que em todas as suas conquistas Creso usou de uma generosidade incomum no seu tempo, poupando seus inimigos vencidos ou empregando-os em cargos administrativos de seu império, como aconteceu com Creso, rei da Lídia (embora haja outras histórias sobre o fim dele). Creso fora famoso pela sua riqueza, a qual foi atribuída à exploração do ouro de aluvião do Páctolos. O rio Páctolos (em Turco, Sart Çayı) é um rio perto da costa do Mar Egeu na Turquia. Ele nasce no Monte Tmolus (atualmente, Bozdağ) e flui através das ruínas da antiga cidade de Sardes, a capital da Lídia, e deságua no rio Gediz, o antigo Hermo. O Páctolos continha uma liga de ouro e prata (o ‘Electrum’), que foi a base da economia do antigo estado de Lídia na Antiguidade. O Electrum é uma liga natural de ouro e prata, com vestígios de cobre e outros metais como níquel, às vezes, o zinco. Como sua cor varia do amarelo pálido ao amarelo brilhante, dependendo da proporção de ouro e prata, os gregos antigos o chamavam de ‘ouro branco’ ou ‘ouro’, para diferenciá-lo do ouro refinado; por isso, seria mais apropriado chamá-lo de ‘ouro pálido’. O Electrum natural da Anatólia Ocidental tem uma proporção de ouro que varia de 70 a 90%. Seu nome é a forma latina da palavra grega ἤλεκτρον (èlektron), que originou também as palavras ‘elêtron’ e ‘eletricidade’. O ‘Electrum’ parece ter as mesmas propriedades eletrostáticas do âmbar. O que chamamos modernamente de ‘ouro branco’ geralmente diz respeito à liga de ouro com alguns dos seguintes metais, ou com uma combinação deles: prata, platina, níquel e paládio, que produz um ouro de cor prateada.



Anatólia, com a região da Lídia, a cidade de Sardes e o rio Páctolos



Rio Páctolos (wikipedia.org)



Monte Tmolus (atualmente, Bozdağ), onde nasce o rio Páctolos (wikipedia.org)



Ruínas da sinagoga de Sardes no século III DC (wikipedia.org)



Templo de Ártemis, em Sardes, na Turquia (wikipedia.org)



Ruínas de lojas Grego-Bizantinas em Sardes (wikipedia.org)

Sardes, descrita no livro de Apocalipse e onde havia uma igreja cristã, desfrutava igualmente dessa riqueza nos tempos do NT.

Em 539 AC Ciro tomou a Babilônia das mãos de Nabonido, que governava conjuntamente com seu filho, Belsazar. Então, supondo que Isaías tenha escrito esta profecia alguns anos antes de sua morte (681 AC), podemos dizer que do momento em que ela foi escrita até o ano da conquista da Babilônia por Ciro, libertando os judeus do cativeiro (539 AC), se passaram aproximadamente 140-150 anos.

Seus 29 anos de reinado como soberano de todo Império Medo-Persa (559-530 AC) foram de grande benefício para muitos povos conquistados, seguindo a política de toda a dinastia Aquemênida, com sua tolerância para com as diversas religiões e culturas, reconstruindo templos antes destruídos e permitindo que seus súditos estivessem sob a administração de líderes locais, e assim, muitos daqueles povos se viram em melhor situação sob os persas do que independentes deles. Os governantes da dinastia

Aquemênida construíram estradas ligando as principais cidades, e o seu sistema de correios era bastante eficiente. As estradas também facilitavam o comércio do Egito e da Europa com a Índia e a China, do qual a Pérsia se beneficiou grandemente. A habilidade política de Ciro, seguida pelos seus sucessores imediatos, assegurou a força e a unidade do seu grande império, composto por uma miríade de povos diferentes, algo que jamais havia sido conseguido na história da humanidade até então (Média, Irã, Lídia, Síria, Babilônia, Palestina, Armênia e Turquistão).

Aqui já podemos ver a mão de Deus sobre alguém que Ele ungiu por Sua soberana vontade, mas que não o conhecia. A História diz que Ciro não tinha uma religião específica, embora reconhecesse a existência do nosso Deus e lhe creditasse o sucesso dos seus feitos:

- Ed 1: 1-2: “No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor, o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá”.

- 2 Cr 36: 23: “Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem entre vós é de todo o seu povo, que suba, e o Senhor, seu Deus, seja com ele” cf. Is 44: 28: “que digo de Ciro: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado”.

Ele ordenou que tudo o que tivesse sido roubado por Nabucodonosor, inclusive os utensílios do templo de Jerusalém fosse devolvido e colocado sob a guarda de Sesbazar, a quem constituiu príncipe de Judá. Os persas e todos os cidadãos do reino ajudaram os judeus dando-lhes prata, ouro, bens e gado, coisas preciosas, afora as dádivas voluntárias para a Casa de Deus. Assim, os judeus voltaram e reconstruíram o templo do Senhor.

Ciro, que na profecia de Is 41: 1-7 não tem o seu nome revelado, é descrito claramente em Is 44: 28; Is 45: 1-4; Is 45: 13-14; Is 48: 14. Em Is 46: 11 ele é chamado de ‘a ave de rapina’.

Sua mãe se chamava Mandane, filha do último rei da Média, Astíages (reinado: 585–550 AC). Ela se casou em 600 AC com Cambises I, filho de Ciro I, rei da Pérsia. Quando o filho (Ciro, o Grande, ou Ciro II) estava para nascer, Astíages teve dois sonhos proféticos que foram interpretados pelos magos como uma previsão de que seu neto (Ciro II, Kūruš, em persa antigo) um dia iria se rebelar e o sucederia no trono; por isso, mandou buscá-la na Pérsia com a intenção de assassinar o bebê, assim que ele nascesse. Ordenou ao mordomo, Hárpagos, que o matasse. Alguns historiadores dizem que Hárpagos era um general de Astíages. Entretanto, a criança não foi morta, mas entregue aos cuidados de um pastor. Em seu lugar, apresentaram a Astíages um natimorto, e o pai desta criança morta, o tal pastor, adotou Ciro como filho. Com 10 anos de idade, Ciro foi apresentado ao seu avô. Por intervenção dos magos ele não sofreu punição, e foi mandado de volta à Pérsia aos pais biológicos. Anos mais tarde, por uma rebelião de Hárpagos contra Astíages, Ciro dominou a Média (região do atual Irã), entrando na capital, Ecbátana, e poupou a vida do seu avô. Talvez pela história do seu nascimento e de sua infância, Deus o tenha chamado de pastor (Is 44: 28), além do fato de usá-lo para conduzir Seu povo de volta a Israel. O sucessor de Ciro foi seu filho Cambises II.

Capítulo 45

Ciro, o libertador de Israel – v. 1-7.

- Is 45: 1-7: “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis [NVI: ‘arrancar a armadura de seus reis’], e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão. Eu irei adiante de ti, endireitarei os caminhos tortuosos, quebrarei as portas de bronze e despedaçarei as trancas de ferro; dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas [NVI: ‘os tesouros das trevas, riquezas armazenadas em locais secretos’], para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome [NVI: ‘que o convoca pelo nome’]. Por amor do meu servo Jacó e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome e te pus o sobrenome [NVI: ‘lhe concedo um título de honra’], ainda que não me conheces. Eu sou o Senhor, e não há outro; além de mim não há Deus; eu te cingirei [NVI: ‘Eu o fortalecerei’], ainda que não me conheces [NVI: ‘ainda que você não tenha me admitido’]. Para que se saiba, até ao nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal [NVI: ‘promovo a paz e causo a desgraça’]; eu, o Senhor, faço todas estas coisas”.

- Is 45: 1: “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis [NVI: ‘arrancar a armadura de seus reis’], e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão”.

Nesta profecia, Ciro tem o seu nome revelado (Is 45: 1-4; 13-14), e é uma figura do Messias como rei e conquistador ungido. É interessante perceber que, mesmo não sendo um israelita nem conhecendo a religião judaica, Deus o chama de ‘seu ungido.’ Isso nos mostra que é o Senhor que determina todas as coisas e capacita e escolhe a quem quer para realizar os Seus propósitos. Não havia a possibilidade de escolher um judeu para esta libertação, pois teria que ser alguém com o poder de reinar sobre um grande império e com uma grande sede de conquista, uma vez que naquele momento as circunstâncias mundiais levavam à necessidade de uma mudança, de um reajuste em muitos reinos e governantes. O lado direito, na bíblia, é símbolo de bênção, força, privilégio, honra, poder, autoridade. Deus o estava tomando pela mão direita e colocando-o em posição de honra para realizar esta missão, pois encontrou nele um coração propício para isso. Com Ciro, Deus estava trazendo Sua salvação. Depois, a bíblia diz: “para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis [NVI: ‘arrancar a armadura de seus reis’], e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão”. O cinturão era uma parte importante da armadura de um guerreiro, pois era ali onde ficava a espada, que simbolizava a coragem, a autoridade, força e o senso de justiça do mesmo. Deus lhe daria a capacidade de remover tudo isso dos seus inimigos, e eles se tornariam impotentes diante ele. As portas das cidades fortificadas eram sua defesa contra os invasores; também, símbolo de poder, oportunidade e permissão. Como conquistador Ciro derrubaria essas portas e elas não mais se fechariam diante da sua face, pelo contrário, elas estariam abertas como novas chances de vitória e bem-estar para ele e para todos os que estivessem debaixo da sua autoridade. As portas da libertação estariam abertas para o povo de Israel. Ele estava ganhando o poder de abrir ou fechar as portas para quem quer que fosse.

- Is 45: 2-3: “Eu irei adiante de ti, endireitarei os caminhos tortuosos, quebrarei as portas de bronze e despedaçarei as trancas de ferro; dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas [NVI: ‘os tesouros das trevas, riquezas armazenadas em locais

secretos’], para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome [NVI: ‘que o convoca pelo nome’]”.

O Senhor dos Exércitos iria adiante de Ciro, removendo todos os impedimentos e obstáculos, destruindo todos os que se opusessem a ele e tentassem levantar dificuldades no seu caminho. É o que Deus faz com nossos adversários espirituais quando decidimos lutar as Suas guerras para conquistar o reino de Deus para nós e para outras pessoas. O que estiver na nossa frente tentando impedir o nosso progresso é destruído e removido pelo poder de Deus e pelas espadas dos Seus anjos de guerra.

A bíblia muitas vezes traduz indiferentemente a palavra ‘cobre’ em Hebraico (nehosheth ou nchosheth – Ed 8: 27; ARA: bronze) por ‘bronze’ ou ‘latão’ (nehushah ou nchushah). Em Dt 8: 9 a bíblia escreve: ‘cobre’ (nehosheth – Strong #5178). Em Jó 41: 27 a bíblia escreve ‘cobre’ na versão em português (ARA), e em hebraico, nchuwshah ou nchushah (latão ou bronze – Strong#5154). Em Ez 1: 4 a bíblia talvez descreva o verdadeiro ‘latão’ (um amálgama amarelado de cobre e zinco) ou ‘bronze’ (um amálgama marrom-amarelado de cobre, com até 1/3 de estanho). A palavra usada por Ezequiel é hashmal – ‘metal brilhante’ na nossa tradução (hashmal ou chashmal, Strong #2830 significa: bronze ou metal de espectro polido; âmbar). Aqui em Is 45: 2, a palavra traduzida como ‘bronze’, em hebraico é nchuwshah ou nchushah ou nehushah (Strong #5154). O cobre ou bronze significa o juízo e julgamento de Deus sobre o pecado. O cobre foi um metal usado no pátio externo do santuário, onde eram feitos os sacrifícios por quem havia pecado e precisava do perdão de Deus. Até os sacerdotes ofereciam sacrifícios por si mesmos e se purificavam para depois entrar no Lugar Santo e queimar incenso. Para nós, hoje, isso diz respeito em especial àqueles que ainda estão no mundo, em pecado (para fora das cortinas de linho do Tabernáculo), e não conhecem o Senhor, e precisam se arrepender, receber o Seu perdão através do sangue derramado na cruz (passar pelo ‘altar do holocausto’ e ‘pela bacia de bronze’), para depois ter acesso ao coração de Deus e deixá-lo fazer dos seus corpos um santuário vivo para Ele (ser um tabernáculo onde o Espírito Santo habita). No caso de Is 45: 2, o significado pode ser: Deus derrubaria as afrontas, as falsas acusações, os falsos julgamentos que os inimigos pudessem levantar contra Ciro, assim como daria a ele o poder de julgar corretamente.

Ferro, em Hebraico: barzel [Strong #1270] significa: ferro (cortante); qualquer ferramenta ou objeto de ferro: machado, por exemplo. Em Ap 2: 27, aparece o ferro, quando o Senhor fala sobre a igreja de Tiatira: os fiéis deveriam conservar o que tinham até a vinda do Senhor para receberem a autoridade sobre as nações: cetro de ferro. Portanto, o ferro simboliza ‘força’, ‘autoridade’; aqui em Apocalipse, a força divina para reger com autoridade, despedaçando o barro (as coisas da carne e as coisas perecíveis). Em Isaías, o ferro estava representando a força humana e os obstáculos que se opusessem a Ciro e, portanto, à justiça, à autoridade e à libertação já decretada por Deus. Por isso, Ele destruiria tudo isso (‘quebrarei as portas de bronze e despedaçarei as trancas de ferro’).

‘Dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas [NVI: ‘os tesouros das trevas, riquezas armazenadas em locais secretos’] para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome [NVI: ‘que o convoca pelo nome’]’ – quando Ele fala de tesouros, eram muitos, realmente, pois todos os reis da Babilônia, que saquearam muitas nações, trouxeram esses despojos para o palácio real. Por isso, Nabucodonosor se vangloriava tanto naquilo que tinha, especialmente em sua magnificente cidade. Esses tesouros foram mantidos por muito tempo em lugares secretos, encobertos, onde ninguém tinha acesso a eles, exceto o seu possuidor. Inclusive, os utensílios de ouro e prata do templo de Jerusalém estavam lá. Agora, o

Senhor daria a Ciro esses tesouros que estavam tão cuidadosamente guardados para que ele soubesse que Ele era o Senhor, o Deus de Israel, que o chamava pelo seu nome. Isso significava que nada estava oculto aos olhos de Deus, nem mesmo as riquezas outrora pertencentes aos ímpios e ganhas à custa do sofrimento, da miséria e da morte de muitos povos que os babilônios haviam pilhado. ‘Os tesouros escondidos e as riquezas encobertas’ a NVI traduz como ‘os tesouros das trevas, riquezas armazenadas em locais secretos’. É bem compatível com a versão em hebraico, pois as palavras usadas são:

- Tesouros (Strong #214) – 'owtsar: um depósito; arsenal, adega, celeiro, silo, armazém, tesouro, tesouraria. Vem da raiz primitiva 'atsar (Strong #686), que significa: armazenar; colocar em armazenamento, entesourar.

- Escondidos ou das Trevas (Strong #2822) – choshek: o escuro, a escuridão; treva, trevas; figurativamente, miséria, destruição, morte, ignorância, tristeza, perversidade; escuro, escuridão, noite, obscuridade. Proveniente da palavra chashak (Strong #2821) – Uma raiz primitiva que significa: ser escuro (como retendo a luz); escurecer; ser preto, ser ou fazer escuro, causar escuridão, ser embaçado, ser turvo, esconder.

- Riquezas encobertas (Strong #4301) – matmown ou matmon ou matmun: um armazém secreto; um valor segregado (enterrado); geralmente dinheiro: riquezas escondidas, tesouro escondido; vem da raiz taman (Strong #2934) – encobrir, esconder, ocultar, colocar secretamente, colocar em segredo. Por isso, a tradução grega da palavra ‘dinheiro’ ou ‘riqueza’ é ‘mammonas’ (Strong #3126), que é uma palavra de origem caldéia, que significa: confiança, ou seja, riqueza; avareza; Mamom (um deus; riqueza deificada). No NT, esta palavra grega aparece 4 vezes, onde na nossa bíblia (ARA) está escrita a palavra ‘riquezas’: Mt 6: 24; Lc 16: 9; Lc 16: 11; Lc 16: 13.

- Encobertas ou locais secretos (Strong #4565) – mictar: ocultar, um que oculta; um esconderijo; lugar secreto; secretamente. Derivado da raiz primitiva, cathar (Strong #5641), que significa: esconder, cobrir, acobertar, estar ausente, manter perto, esconder, esconder-se, manter em secreto.

Para nós, isso significa que o Senhor daria a Ciro a oportunidade de saquear novamente os armazéns do inimigo, onde ele tinha guardado as bênçãos pertencentes aos justos, como uma figura de Jesus que tomou das mãos do diabo as chaves da morte e do inferno, tirando de sua mão o poder sobre a vida dos homens. Por isso, Ele disse em Sua palavra: “Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte, eternamente” (Jo 8: 51). Os grandes tesouros e riquezas reservados para os Seus amados, e que tinham sido escondidos por mãos impuras, agora estavam livres e disponíveis a todos os que guardassem a Sua palavra, a esperança Nele e no Seu poder de restituir todas as coisas, de fazer a Sua grande justiça. Ele permitiria que Ciro visse e tomasse posse de toda essa riqueza e todos esses tesouros para ter uma idéia do Deus verdadeiro, que poderia dar riquezas e tesouros muito maiores àqueles que se dispusessem a Lhe obedecer e a ser Seus servos. Ciro saberia de alguma forma, dentro do seu espírito, que era o Senhor, o Deus de Israel, que o estava chamando pelo nome, ou seja, para um propósito especial que ficaria registrado na História, ainda que ele nem fizesse idéia disso. Ninguém sabe se Ciro foi informado sobre essa profecia e sobre o seu chamado por Deus como alguém ungido por Ele, mas ele reconheceu que ‘o Senhor, Deus dos céus’ (2 Cr 36: 23; Ed 1: 2) tinha sido o autor de suas vitórias. Talvez, quando entrou na Babilônia e libertou os cativos, deixando ali Dario, o medo (seu tio materno), como governador em seu nome, Ciro tenha conhecido o profeta Daniel, que ainda estava vivo, e este pode muito bem ter sido um instrumento de Deus para Lhe falar sobre todas essas coisas. Com certeza, a explicação seria muito diferente da que recebeu dos magos, astrólogos e adivinhos da Pérsia no tempo do seu avô Astiages.

• Is 45: 4-7: “Por amor do meu servo Jacó e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome e te pus o sobrenome [NVI: ‘lhe concedo um título de honra’], ainda que não me conheces. Eu sou o Senhor, e não há outro; além de mim não há Deus; eu te cingirei [NVI: ‘Eu o fortalecerei’], ainda que não me conheces [NVI: ‘ainda que você não tenha me admitido’]. Para que se saiba, até ao nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal [NVI: ‘promovo a paz e causo a desgraça’]; eu, o Senhor, faço todas estas coisas”.

Aqui, o Senhor fala com Ciro, mostrando que é por amor a Israel, Seu servo, que Ele o escolheu para a tarefa de libertação. Ele não tem conhecimento de quem o chama; nem sabia, quando era uma criança, que um dia seria escolhido para uma coisa dessas. Deus revela Sua majestade a ele e repete mais uma vez que Ele é o único Deus e não há outro, e que o cingirá com autoridade e ousadia como guerreiro, que o fará forte e disposto para grandes empreendimentos. O que ele fizer será conhecido em todas as nações, e isso servirá de testemunho a elas para que conheçam e se convertam ao Deus de Israel. Também para que se lembrem de que um dia isso já tinha sido profetizado. Todos os acontecimentos mundiais levam a um único alvo: “Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua” (Is 45: 23), e nesse objetivo estava incluída a salvação das nações da terra (Is 45: 6; 22-24).

Is 45: 7: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal [NVI: ‘promovo a paz e causo a desgraça’]; eu, o Senhor, faço todas estas coisas”.

Is 45: 7: “Eu formo (יצר *yatsar* Strong #3335, atividade material, modeladora, como dando a idéia de um oleiro trabalhando o barro com suas mãos) a luz e crio (ברא *bārā*; Strong #1254 = criar, que expressa atividade divina como uma escolha, um processo formativo a partir do nada) as trevas; faço (עשה *asah* Strong #6213, realizar, fazer, no sentido mais amplo da palavra) a paz e crio (ברא *bārā*; Strong #1254 = criar, que expressa atividade divina como uma escolha, um processo formativo a partir do nada) o mal [NVI: ‘promovo a paz e causo a desgraça’; ra’ רע – Strong #7451, adversidade]; eu, o Senhor, faço (עשה *asah* Strong #6213, realizar, fazer, no sentido mais amplo da palavra) todas estas coisas”.

Ele termina dizendo que é o criador de todas as coisas, tanto a luz como as trevas, tanto a paz como as coisas ruins que possam vir sobre a humanidade como um sinal do Seu julgamento e da Sua correção.

‘O mal’ ou ‘a desgraça’ que Isaías menciona aqui, em hebraico, Hebraico: ra’ (רע – Strong #7451, que quer dizer ‘adversidade’), inclui tudo o que os homens chamam de mal: calamidades, aflição, desgraça, punição, infortúnios, dificuldades, coisas que sobrevêm ao homem como consequência do pecado no mundo, da infração das leis morais criadas por Deus. Ele não é moralmente responsável pela existência do pecado; em outras palavras, Deus não criou o mal moral, e sim Lúcifer, com a sua queda. Todas as coisas estão dentro da providência divina e sujeitas ao Seu poder. A palavra ra’ (רע) em hebraico é derivada de raa, que significa: mau ou mal (natural ou moral).

Eu gostaria de fazer um comentário aqui em relação a uma declaração que lemos na bíblia nos livros proféticos, em especial no de Is 45: 7 (sobre Deus criar a paz e o mal) e Is 54: 16 (sobre Deus ter criado o assolador para destruir).

Nós precisamos entender uma coisa: há uma separação entre a visão de antes e depois da queda do homem. É lógico que quando Deus criou os anjos, antes de criar o nosso universo físico, temporal, Sua intenção foi criar algo bom, pois Deus é amor e nEle só há o bem. Mas com a rebelião de Lúcifer e com a entrada do mal moral na Criação, as coisas mudaram. Mesmo criando o homem à Sua imagem e semelhança para uma vida de bem, beleza e bem-aventurança, o Senhor já tinha conhecimento do bem e

do mal e sabia que dar a esse ser o livre-arbítrio seria ‘arriscar a perdê-lo’ para Satanás; porém, Ele não pode mudar Seu caráter nem Suas próprias leis. Assim, quando Adão e Eva cederam à tentação da serpente e pecaram, o Senhor não impediu a Criação (homens e animais) de seguir seu curso. Contudo, manteve em mente Seu plano eterno de redenção através do Seu Filho.

As calamidades e as adversidades que vieram depois do estabelecimento desse mal moral desencadeado por Satanás, ou seja, da infração às leis divinas, passaram a estar sob o controle do próprio Deus para serem usadas para os Seus propósitos eternos. Então, nós podemos ver que as qualidades artísticas e criativas colocadas nos descendentes de Adão foram mantidas; como Jabal, por exemplo, na 6ª geração de Caim, que foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado (Gn 4: 20), e seu irmão era Jubal (Gn 4: 21), que foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta. Ou, Tubalcaim, que a bíblia diz que foi artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro (Gn 4: 22). Dessa forma a capacidade de manejar os metais poderia ser usada para um fim pacífico, fabricando instrumentos agrícolas, ou usadas numa atividade bélica, fabricando armas de guerra. Por isso, aqui em Isaías 54 : 16 o Senhor diz que criou o ferreiro, que assopra as brasas no fogo e que produz a arma para o seu devido fim e também o assolador, para destruir. Isso quer dizer, que Ele usa os seres humanos, com suas devidas personalidades e atividades (boas ou más) para cumprir Seus propósitos de correção e disciplina, tanto dos ímpios quanto do Seu próprio povo. Deus detém todas coisas sob Seu poder.

O Senhor é o Criador – v. 8-12.

• Is 45: 8-12: “Destilai, ó céus, dessas alturas, e as nuvens chovam justiça [NVI: ‘Vocês, céus elevados, façam chover justiça; derramem-na as nuvens’]; abra-se a terra e produza a salvação, e juntamente com ela brote a justiça [NVI: ‘cresça a retidão com ela’]; eu, o Senhor, as criei. Ai daquele que contende com o seu Criador! E não passa de um caco de barro entre outros cacos. Acaso, dirá o barro ao que lhe dá forma: Que fazes? Ou: A tua obra não tem alça [NVI: ‘Você não tem mãos?’]. Ai daquele que diz ao pai: Por que geras? E à mulher: Por que dás à luz? Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, aquele que o formou [NVI: ‘o seu Criador’]: Quereis, acaso, saber as coisas futuras? Quereis dar ordens acerca de meus filhos e acerca das obras de minhas mãos? Eu fiz a terra e criei nela o homem; as minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens”.

Essa obra de libertação do Seu povo do cativo é descrita como uma nova criação (cf. 45: 18; Is 41: 20). Ele faz como quer, como o oleiro molda o barro e ninguém precisa discutir com Ele por causa disso. Seus atos de justiça e graça cairão do céu novamente sobre Seu povo, como se fossem chuva gotejando das nuvens. Ele dá ordem à terra para que se abra e mostre os frutos de salvação, resultante das bênçãos espirituais que foram derramadas. Quem poderá predizer o que vai acontecer, senão Ele? Ninguém poderá dar ordem a respeito dos Seus filhos; se Ele os liberta, o que importa? Ele já deu ordens aos Seus anjos (as hostes celestiais), assim como sempre deu ordens a todos os elementos do céu: sol, lua, estrelas, planetas etc. eles continuam no seu curso desde o princípio, por uma palavra de ordem da Sua boca.

Deus a ajudará – v. 13-14.

• Is 45: 13-14: “Eu, na minha justiça, suscitei a ti, o Senhor, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados, não por preço nem por presentes [NVI: ‘sem exigir pagamento nem qualquer recompensa’], diz o Senhor dos Exércitos. Assim diz o Senhor: A riqueza do Egito [NVI: ‘os produtos do

Egito’], e as mercadorias da Etiópia [Cuxe], e os sabeus, homens de grande estatura, passarão ao teu poder e serão teus [NVI: ‘passarão para o seu lado e lhe pertencerão, ó Jerusalém’]; seguir-te-ão, irão em grilhões [NVI: ‘eles a seguirão, acorrentados, passarão para o seu lado’], diante de ti se prostrarão e te farão as suas súplicas, dizendo: Só contigo está Deus, e não há outro que seja Deus”.

Deus confirma Ciro como Seu escolhido, e diz que ele reedificará Jerusalém e libertará os exilados, incondicionalmente, sem pedir nada em troca, sem requerer dinheiro ou qualquer recompensa por isso. Em outras palavras: como instrumento da justiça de Deus, Ciro faria o que o Senhor tinha ordenado: punir os babilônios e defender a causa dos oprimidos, manifestando a verdade e a bondade dEle; sobretudo, mostrando a fidelidade das promessas de Deus. Não que Deus tenha falado diretamente com Ciro sobre isso, pois ele não o conhecia; entretanto, o Senhor colocou no seu coração a motivação correta para essa tarefa.

A bíblia fala: “os sabeus, homens de grande estatura, passarão ao teu poder e serão teus [NVI: ‘passarão para o seu lado e lhe pertencerão, ó Jerusalém’]; seguir-te-ão, irão em grilhões [NVI: ‘eles a seguirão, acorrentados, passarão para o seu lado’]”. Essa frase é Deus falando com Jerusalém, não com Ciro.

Isso significa que Jerusalém não só será reconstruída, mas a riqueza, as mercadorias e os produtos de outros países serão trazidos de novo a ela. Esses países estão mais especificados aqui como sendo o Egito, a Etiópia e os sabeus (Cba’iy, Strong #5436; ou Cba’, Strong #5434), descendentes de Cuxe, filho de Cam, que estabeleceu sua nação (Seba ou Sebá; em hebraico: s^ebha’ ou sh^ebha’), que mais tarde veio a ser a Etiópia. Em Jl 3: 8, os sabeus são mencionados mais uma vez (aqui, há uma variação da palavra hebraica acima (Shba’iy Strong #7615; ou Shba’, Strong #7614, se referindo aos primeiros progenitores de um distrito da Etiópia).

Em Is 18: 1-6 (profecia contra a Etiópia), nós vimos que a Etiópia fazia parte do reino da Núbia, e estendia-se para o sul de Sevene (fronteira entre Egito e Etiópia). Do séc. XVI até o séc. IX AC os Etíopes foram dominados pelos Egípcios. Por volta do século VIII AC, aproveitando as contendas internas do Egito, seu rei trouxe a independência para essa terra. Durante 60 anos, governantes etíopes controlaram o vale do rio Nilo. A destruição de Tebas em 661 AC (Na 3: 8-10) causou um reflexo na Etiópia, que também veio a cair, cumprindo a profecia de Isaías 20: 2-6 (escrita durante o reinado de Sargom II – 722-705 AC – Is 20: 1). Em 605 AC os Babilônios derrotaram os Egípcios e os Assírios em Hamate (profecia de Is 10: 5-12; Ez 30: 4-5). Em 568-567 AC Nabucodonosor invadiu o Egito (cf. Jr 43: 8-13), mas não conseguiu incorporar a Etiópia ao seu Império. Mais tarde, a conquista do Egito por Cambises II abarcou a Etiópia no domínio persa: Et 1: 1; Et 8: 9 – aqui a bíblia nomeia a Etiópia como a mais remota província persa para o sudoeste, enquanto os escritores bíblicos algumas vezes a usam para simbolizar a extensão sem limites da soberania de Deus (Sl 87: 4; Ez 30: 4-5). Uma parte da Etiópia dos tempos bíblicos hoje compreende três países independentes: Eritreia, Djibuti e Somália.

A expressão ‘Além dos rios da Etiópia’ (Is 18: 1; Sf 3: 10) talvez seja expressão referente à região norte do Império Etíope no Alto Nilo, conhecido como Abissínia, onde colonos judeus aparentemente se haviam estabelecido juntamente com outros povos semíticos vindos do sul da Arábia, e que hoje é ocupado pela Etiópia e Eritreia. A comunidade judaica se instalou no Egito depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 AC. Alguns judeus já tinham fugido para o Egito quando a Judéia foi invadida e Jerusalém cercada por Senaqueribe bem antes do domínio Babilônico (Jr 24: 8b). Muito provavelmente, alguns deles também desceram para o sul até a Etiópia.

Em Is 18: 7, o profeta diz que esse mesmo povo que foi punido pelos seus pecados viria ao Monte Sião, a Jerusalém, trazer seus presentes, suas dádivas ao Senhor, da mesma forma que Isaías (Is 45: 14) fala que os sabeus, homens de grande estatura, pertencerão a Jerusalém. Isto foi parcialmente cumprido quando muitos dos povos da terra se tornaram judeus (Et 8: 17), pois souberam que Deus estava do lado deles (Zc 8: 23). A restauração de Jerusalém seria um meio de convencer muitos estrangeiros do poder do Deus de Israel, assim como um meio de converter alguns.

‘Seguir-te-ão, irão em grilhões’ ou ‘eles a seguirão, acorrentados, passarão para o seu lado’ significa a conversão dos Etíopes, que foi mais plenamente realizada no tempo do Evangelho, quando os gentios vinham a Jerusalém para adorar o Senhor no Templo, como aconteceu com o etíope, oficial da rainha Candace, que foi batizado por Filipe na estrada de Gaza ao voltar de Jerusalém para sua terra (Atos 8: 27-28; 34-38). Ele foi um exemplo de estrangeiros que vieram a Jerusalém por causa da nova doutrina, além de gregos e de todos os povos mencionados no dia de Pentecostes em At 2: 9-11, judeus residentes em outras nações. Assim, os gentios se submeteram à cidade de Jerusalém por causa da nova doutrina de Cristo, atraídos pelos grilhões da misericórdia e do perdão de Deus.

Candace era um título atribuído a uma espécie de dinastia de rainhas guerreiras, mulheres guerreiras que detinham o poder do reino de Meroé, no sul da Etiópia pouco tempo antes da era cristã, formando uma sociedade matrilinear. Pode ser feito um paralelo com o título de ‘faraó’ dado ao rei egípcio. Na Antiguidade, o termo ‘Etiópia’ (em Hebraico, Cuxe) era utilizado para denominar a região onde se situavam os povos negros do continente africano, o que poderia se referir à Núbia do sul do Egito e ao Sudão e à Etiópia. Há estudos que dizem que o reino de Meroé era governado por rainhas que recebiam o nome-título de Candace, e o poder seria passado aos descendentes pela via feminina. Os sabeus aqui neste texto, muito provavelmente, eram os descendentes de Seba, filho de Cuxe, filho de Cam, filho de Noé. Os historiadores antigos diziam que os homens de Meroé eram homens bastante altos (“os sabeus, homens de grande estatura, passarão ao teu poder e serão teus” – Is 45: 14a). Meroé foi a capital da Etiópia alguns séculos depois de Napata (no reinado de Esar-Hadom – 681-669 AC, quando os cuxitas foram expulsos do Egito pelos assírios).

Os apóstolos e discípulos pregaram a palavra naquela nação até a perseguição por Roma. João Marcos pregou o evangelho em Alexandria (Egito). Bartolomeu (também conhecido por Natanael) pregou até na Índia com Tomé, voltando à Armênia, **Etiópia** e ao sul da Arábia. Mateus ministrou na Pérsia (atual Irã) e na **Etiópia**. Não se sabe se foi martirizado na Etiópia (apunhalado até morrer). Através desses homens, o evangelho chegou ao Egito, Etiópia e a outras nações gentias. Essa foi a semente plantada pela Igreja Primitiva, criada sobre a doutrina de Jesus e pregada pelos apóstolos. Depois, foi instalada uma igreja cristã ali, e o Cristianismo original permaneceu até o século IV. No século V, após Concílio de Calcedônia (451 DC) iniciou-se uma discussão a respeito da natureza humana e divina de Jesus, sendo que a igreja nos países do oriente só aceitava a natureza divina de Jesus, não a Sua parte humana dentro Dele (mesmo vindo em carne entre nós). Esse e outros constantes conflitos entre o Ocidente e o Oriente levaram à grande divisão da Igreja em 1054 DC. As Igrejas Orientais se separaram da Igreja Católica Apostólica Romana (do Ocidente) e deram origem às Igrejas Ortodoxas (Igrejas Ortodoxas Orientais): Igreja Copta (Egípcia), Igreja Ortodoxa Etíope, Eritreia (a leste da África), Síria (Jacobita), Igreja Apostólica Armênia e Igreja Síria Malankara (Igreja Ortodoxa Indiana). A Etiópia estabeleceu a igreja Copta, e o Cristianismo foi religião praticada pela maioria, até que o Islamismo chegou. Embora a expansão árabe muçulmana tenha começado já no século VII (632–732) no Egito e na Núbia (a região

do Nilo partilhada pelo Egito e Sudão), este inicialmente um reino cristão, o islamismo na África ganhou força a partir do século XVIII e XIX, com o tráfico de escravos. A Etiópia hoje ainda tem maioria cristã, porém um terço da população é de religião muçulmana. Até 1980, uma população significativa de judeus etíopes residia na Etiópia.

Os mistérios de Deus são insondáveis – v. 15-18.

• Is 45: 15-18: “Verdadeiramente, tu és Deus misterioso [NVI: ‘tu és um Deus que se esconde’], ó Deus de Israel, ó Salvador. Envergonhar-se-ão e serão confundidos todos eles; cairão, à uma, em ignomínia os que fabricam ídolos. Israel, porém, será salvo pelo Senhor com salvação eterna; não sereis envergonhados, nem confundidos em toda a eternidade. Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a criou para ser um caos [NVI: ‘não a criou para estar vazia’], mas para ser habitada: Eu sou o Senhor, e não há outro”.

Neste trecho há uma meditação do profeta Isaías sobre as revelações de Deus e sobre como Ele trata Seu povo e as outras nações do mundo. Quando ele fala que Deus é misterioso (na NVI, ‘um Deus que se esconde’), ele quer dizer que os mistérios de Deus são insondáveis e o homem não pode compreendê-los. Seus caminhos e pensamentos e propósitos são sempre mais altos do que os nossos. O Senhor estava fazendo apenas algo físico aos olhos dos homens, mas no âmbito espiritual fazia uma coisa extremamente maior e mais importante, pois o futuro do Seu povo e da humanidade dependia dos eventos daquele tempo para, mais tarde, haver uma sincronia com a vinda de Jesus, trazendo a salvação e uma nova dispensação. Isaías, em sua preocupação com a santidade, volta a falar sobre a queda da idolatria, aqui se referindo à idolatria da Babilônia. Haverá vergonha para os ímpios, ao passo que haverá salvação eterna para Israel. Ele crê na soberania, na onisciência e no poder criativo de Deus e tem a certeza de que Ele não criou a terra para estar vazia ou ser um caos, ou seja, um lugar sem governo, sem controle, sem a luz da verdade, nem para estar vazia da presença do Senhor.

O Senhor e os ídolos – v. 19-21.

• Is 45: 19-21: “Não falei em segredo, nem em lugar algum de trevas da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito. Congregai-vos e vinde; chegai-vos todos juntos, vós que escapastes das nações; nada sabem os que carregam o lenho das suas imagens de escultura e fazem súplicas a um deus que não pode salvar. Declarai e apresentai as vossas razões. Que tomem conselho uns com os outros. Quem fez ouvir isto desde a antiguidade? Quem desde aquele tempo o anunciou? Porventura, não o fiz eu, o Senhor? Pois não há outro Deus, senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim”.

O Senhor sempre falou de uma maneira clara a todos os que tiveram o coração aberto para Ele. E tudo o que Ele falou Ele o fez abertamente pela boca dos Seus profetas, não como os idólatras, escondidos dentro de cavernas ou em esconderijos dentro de palácios ou templos. Suas profecias e revelações foram entregues a Israel em plena luz do dia, publicamente. Foi o que Jesus disse diante de Anás, o sumo sacerdote: “Então, o sumo sacerdote interrogou a Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto. Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse” (Jo 18: 19-21).

Em Isaías, Deus continua dizendo que nunca iludiu ou desiludiu alguém que confiasse Nele, fazendo essa pessoa oferecer uma adoração à toa, sem que suas súplicas

fossem ouvidas ou atendidas. Ele abomina a impiedade e proclama a verdade, pois em Sua boca não há nenhuma palavra torta ou perversa (Pv 8: 8). Aqui, Ele chama o povo que voltou do exílio e o consola dizendo que os ídólatras nada sabem. O que eles falam não acontece; só sabem carregar seus ídolos de madeira de um lado para o outro, mas esses ídolos não salvam, não libertam nem sabem predizer as coisas futuras. Entretanto, Ele, o Senhor, há muito tempo vem falando com eles, e o que Ele falou aconteceu, ou está para acontecer. Ele afirma novamente ser o Deus verdadeiro, o único Deus, e faz isso como se falasse para um povo que apesar de tudo o que viu e viveu ainda não conseguia perceber essa verdade; parecia estar cego, surdo, com o coração endurecido, com a mente cauterizada, acreditando em ilusões e com medo de se comprometer com Ele, de se posicionar, enfrentar a luta e vencer.

A salvação das nações da terra – v. 22-25

- Is 45: 22-25: “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro. Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua. De mim se dirá: Tão-somente no Senhor há justiça e força; até ele virão e serão envergonhados todos os que se irritaram contra ele. Mas no Senhor será justificada toda a descendência de Israel e nele se gloriará [NVI: ‘Mas no Senhor todos os descendentes de Israel serão considerados justos e exultarão’]”.

‘Olhai para mim e sede salvos’ é um chamado para os ídólatras, para que se arrependam. Que eles olhem para Deus com os olhos da fé. Fica inequívoca a relação entre essa profecia e a vinda de Jesus, pois só Ele era capaz de trazer a salvação e justificar Seu povo, não pelas obras da lei, mas pela fé. Aqui estão incluídas todas as nações da terra, judeus e gentios igualmente. Seu senhorio e autoridade estão evidentes, e nenhum ser sobre a terra nem debaixo da terra deixará de se prostrar diante Dele. Toda língua confessará que só Ele é o Senhor e Sua palavra não será revogada. Seus inimigos virão até Ele e serão envergonhados como sempre foram todos aqueles que se levantaram contra Deus, sejam homens ou demônios.

Deus também fala na profecia acima que só nEle há justiça e força. A palavra ‘força’ em hebraico é *’oz* ou (de forma completa, *’rowz* – Strong #5797), que significa ‘força’ de várias formas: poder, força, segurança, majestade, louvor, ousadia; poder (no sentido de um grande e impressionante poder, especialmente de uma nação, grande organização, ou força natural). Para nós, isso significa que só Nele encontramos a capacidade necessária para superar todos os obstáculos, alcançar as metas que parecem impossíveis e realizar as coisas grandiosas que na nossa carne mortal não conseguimos fazer.

Capítulo 46

A queda dos ídolos da Babilônia – v. 1-2.

• Is 46: 1-2: “Bel se encurva, Nebo se abaixa; os ídolos são postos sobre os animais, sobre as bestas [NVI: ‘os seus ídolos são levados por animais de carga’]; as cargas que costumáveis levar são canseira para as bestas já cansadas. Esses deuses juntamente se abaixam e se encurvam, não podem salvar a carga; eles mesmos entram em cativeiro”.

Nestes versículos o profeta fala sobre a posição vergonhosa dos ídolos da Babilônia. Até os animais, que estavam cansados de carregá-los, caíam sob o peso deles; e os próprios deuses não tinham poder de fortalecer os animais. Nem os Babilônios poderiam libertar seus ídolos da destruição, da mesma forma que os ídolos também não podiam libertá-los.

Bel era a principal divindade Babilônica, cuja derrubada é sinônimo do fim da Babilônia e de seu domínio (Jr 50: 2; Jr 51: 44). Bel significa ‘senhor’; comparável ao hebraico, ‘Baal’: ‘senhor, possuidor, marido’. Bel era o senhor das tempestades e outras manifestações naturais ligadas à atmosfera (raio e o trovão). Era um dos deuses da tríade original sumeriana (Bel, Anu e Enki). Anu era o deus do céu. Enki na mitologia suméria, posteriormente conhecido como Ea, em acadiano, era a divindade de artesanato (gašam); travessura; água, água do mar, água do lago (a, aba, ab), inteligência (gestú, literalmente ‘orelha’) e criação (Nudimmud). No segundo milênio AC, Bel passou a se chamar Marduque ou Merodaque, e recebeu o nome adicional de Bel, ou seja, Bel-Marduque. Marduque ou Bel era comparado a Júpiter, dos romanos. Marduque foi considerado o deus supremo porque derrotou a deusa Tiamate (‘o dragão-caos’ dos oceanos).

Bel tem seu nome ligado ao do deus Nabu (Nebo), que era considerado seu filho. Nebo ou Nabu aparece como parte de nomes pessoais (Nabucodonosor e, talvez, Abede-Nego). Seu nome em Babilônico significa: ‘elevação’; por isso, era o deus da erudição e, por conseguinte, da escrita, da astronomia e de todas as ciências. Seu símbolo consistia de uma cunha no alto de um poste, o que significava ou a escrita cuneiforme ou algum instrumento visor empregado na astronomia. Era a principal divindade de Borsípa, cidade a onze quilômetros a sudoeste de Babilônia, mas havia um templo chamado Ezida, ‘Casa do Conhecimento’, que lhe era dedicado em cada uma das cidades maiores da Babilônia e da Assíria.

Os babilônios costumavam inclinar-se para adorá-los; agora eles se inclinavam para os persas vitoriosos. Ciro entrou lá em 16 de outubro de 539 AC, depois de haver sido tomada pelo seu general (seu nome, em grego, era Gobrias; em Persa antigo, Gaubaruva ou Gubaru), e capturou Nabonido. O curso do rio Eufrates foi desviado a montante, e o exército persa passou com a água na altura da coxa de um homem, pois os portões estavam abertos. Os edifícios principais foram poupados, e os templos as imagens que porventura foram destruídas durante a invasão foram reconstruídos mais tarde por decreto real.

Como vimos em Is 45: 3, quando o Senhor fala de tesouros, eles eram muitos, realmente, pois todos os reis da Babilônia que saquearam muitas nações trouxeram esses despojos para o palácio real. Por isso, Nabucodonosor se vangloriava tanto naquilo que tinha, especialmente em sua magnífica cidade. Esses tesouros foram mantidos por muito tempo em lugares secretos, encobertos, onde ninguém tinha acesso a eles, exceto o seu possuidor. Inclusive, os utensílios de ouro e prata do templo de Jerusalém estavam lá. Agora, o Senhor daria a Ciro esses tesouros que estavam tão cuidadosamente guardados para que Ele soubesse que Ele era o Senhor, o Deus de

Israel, que o chamava pelo seu nome. Isso significava que nada estava oculto aos olhos de Deus, nem mesmo as riquezas outrora pertencentes aos ímpios e ganhas à custa do sofrimento, da miséria e da morte de muitos povos que os babilônios haviam pilhado.

Também está escrito em Is 45: 13: “Eu, na minha justiça, suscitei a Ciro e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados, não por preço nem por presentes”. Deus confirma Ciro como Seu escolhido, e diz que ele libertará os exilados, incondicionalmente, sem pedir nada em troca, sem requerer dinheiro ou qualquer recompensa por isso. Em outras palavras: como instrumento da justiça de Deus, Ciro faria o que o Senhor tinha ordenado: punir os babilônios e defender a causa dos oprimidos.

Foi muito diferente o comportamento de Ciro ao invadir a Babilônia do comportamento de Nabucodonosor ao invadir Jerusalém ou outras nações. Suas motivações eram outras. Como todos os governantes da Dinastia Aquemênida, ele mostrou sua tolerância para com as diversas religiões e culturas, reconstruindo templos antes destruídos, entre outros benefícios que realizou nas nações conquistadas. A História diz que Ciro não tinha uma religião específica; inclusive, ela diz que, quando ele entrou na Babilônia, consagrou-se rei no templo de Marduque. Mas ele reconheceu a existência do nosso Deus e lhe creditou o sucesso dos seus feitos (2 Cr 36: 23; Ed 1: 1-2).

Então, com respeito a esta queda dos ídolos de Babilônia descrita em Is 46: 1-2, isso diz respeito à sua vergonha em não poder impedir a invasão da cidade pelos persas nem a libertação do povo de Deus. O profeta estava zombando da idolatria babilônica, e a profecia era dirigida para eles, os babilônios. Esses deuses continuariam ali para os ímpios idólatras que quisessem continuar adorando-os. Entretanto, o Senhor entrou lá para salvar Seu povo, que tinha o Deus verdadeiro e não mais deveria se dobrar diante de ídolos. Em outras palavras, Israel estava livre, por isso o profeta mostrava também a eles, israelitas, o ridículo e a inutilidade da idolatria. Como foi dito anteriormente, os templos ou imagens que porventura foram destruídos durante a invasão (Jr 51: 52; 54), foram reconstruídos mais tarde por ordens de Ciro, mesmo porque a política da Dinastia Aquemênida era preservar as religiões e culturas dos outros povos. Ciro matou os representantes do mal que realizavam opressão sobre os indefesos, ou seja, ele matou Belsazar, os príncipes babilônicos, os seus sábios, os seus governantes, os seus vice-reis e os seus valentes (Jr 51: 57), ou seja, os soldados que se opuseram à sua entrada lá e todos os magos e assessores reais. Os combates foram breves, mas muitas pessoas foram mortas (Jr 51: 53-56). Ele também capturou Nabonido, pai de Belsazar.

O amor e a fidelidade de Deus aos judeus – v. 3-4.

- Is 46: 3-4: “Ouvi-me, ó casa de Jacó e todo o restante da casa de Israel; vós, a quem desde o nascimento carregou e levo nos braços desde o ventre materno. Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei”.

O Senhor mostra Seu zelo por Israel e diz que desde que eles foram concebidos Ele os carregou, e até o dia de sua morte Ele os levaria. Isso mostra o cuidado dos pais para com os filhos, da mesma forma que o de um Deus presente sempre na vida daqueles que Ele mesmo escolhe para um grande propósito. E Israel foi escolhido por Deus, através de Abraão, para fazer Seu nome conhecido na terra. Deus os levou através das suas tribulações como nação e continuaria a levá-los durante o cativeiro e a sua libertação dele, pois Seus projetos eram de paz e salvação para eles. Ao contrário dos ídolos, que eram carregados, Deus carregava Seu povo. O Senhor fala que Ele os gerou, os alimentou e os preservou até aqui.

Ídolos não se comparam a Deus – v. 5-8.

• Is 46: 5-8: “A quem me comparareis para que eu lhe seja igual? E que coisa semelhante confrontareis comigo? Os que gastam o ouro da bolsa e pesam a prata nas balanças assalariam o ourives para que faça um deus e diante deste se prostram e se inclinam [NVI: ‘contratam um ourives para transformar isso num deus, inclinam-se e o adoram’]. Sobre os ombros o tomam, levam-no e o põem no seu lugar, e aí ele fica; do seu lugar não se move; recorrem a ele, mas nenhuma resposta ele dá e a ninguém livra da sua tribulação. Lembrai-vos disto e tende ânimo; tomai-o a sério, ó prevaricadores [NVI: ‘Lembrem-se disto, gravem-no na mente, acolham no íntimo, ó rebeldes’]”.

Mais uma vez o Senhor desafia os idólatras com a pergunta que já havia feito antes: quem se compararia com Ele ou com quem eles o comparariam? Com seus ídolos de prata, que não podem sequer se mexer do seu lugar e que não tem resposta para dar a ninguém? Com ídolos que não podem livrar ninguém dos seus problemas? Deus fala de uma maneira mais dura com os rebeldes e diz que seria bom se eles levassem a sério o que Ele diz para que, depois que a desgraça vier, eles se lembrem de que foram avisados.

A palavra de Deus prevalece; Ele chama Ciro; Sua justiça está próxima – v. 9-13.

• Is 46: 9-13: “Lembrai-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho [NVI: ‘um homem para cumprir o meu propósito’]. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei. Ouvi-me vós, os que sois de obstinado coração, que estais longe da justiça. Faço chegar a minha justiça, e não está longe; a minha salvação não tardará; mas estabelecerei em Sião o livramento e em Israel, a minha glória [NVI: ‘Concederei salvação a Sião, meu esplendor a Israel’]”.

Nestes versículos Deus mostra que a incredulidade do homem não pode abolir Sua promessa. O que Ele disse vai acontecer porque Ele mesmo fará acontecer. Seu propósito permanecerá em pé, e Ele fará tudo o que lhe agrada; ninguém o impedirá. Ele lembra o Seu povo que desde os tempos mais antigos Ele já existia, e desde aqueles tempos Ele revelou Seus mistérios e Seus propósitos ao homem. Nenhum outro Deus foi capaz disso.

Ciro nesta profecia não tem o seu nome revelado, mas o Senhor o chama de ‘a ave de rapina’. Ciro era chamado ‘pássaro’ por sua rapidez, e ‘voraz’ por sua ferocidade e vitória sobre seus inimigos (uma ave de rapina, como a águia). Ele era rápido em cima do seu cavalo, sendo comparado a esta ave. Como relata Plutarco (Historiador e filósofo grego – 46-120 DC), Ciro tinha um nariz aquilino; portanto, os homens que têm tal nariz, entre os persas, são altamente estimados. Segundo Plutarco, Ciro (Kūruš, em persa antigo) é a palavra persa para ‘sol’. Xenofonte dizia que o estandarte de Ciro era uma águia dourada no alto de uma lança alta, e que foi mantido pelos reis da Pérsia. Xenofonte foi um historiador grego, escritor e líder militar e discípulo de Sócrates, e que viveu por volta de 430-354 AC. Ele foi contemporâneo de Artaxerxes II, um dos sucessores de Ciro como rei da Pérsia. Artaxerxes II viveu entre 436 e 358 AC e reinou no período de 404-358 AC.



O estandarte de Ciro, mais tarde adotado pela Dinastia Aquemênida (wikipedia.org)

Levando em conta o texto bíblico de Isaías, Ciro pode ser comparado a um pássaro pela sua rapidez em vir no tempo determinado por Deus. Ele veio do oriente como o sol nascente da justiça, sendo chamado para executar a vontade do Senhor. A obra da redenção de Israel estava de acordo com o eterno propósito de Deus, profetizada por todos os santos profetas, e agora cumprida. E a justiça e salvação divinas são mencionadas nos versículos 12 e 13: “Ouvi-me vós, os que sois de obstinado coração, que estais longe da justiça. Faço chegar a minha justiça, e não está longe; a minha salvação não tardará; mas estabelecerei em Sião o livramento e em Israel, a minha glória” (Is 46: 12-13).

Capítulo 47

A queda de Babilônia – v. 1-15.

• Is 47: 1-15 (cf. Is 13: 1 – 14: 23; Jr 50: 1 – 51: 64): “Desce e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilônia; assenta-te no chão, pois já não há trono, ó filha dos caldeus, porque nunca mais te chamarás a mimosa e delicada. Toma a mó e mói a farinha; tira o teu véu, ergue a cauda da tua vestidura, desnuda as pernas e atravessa os rios [NVI: ‘Apanhe pedras de moinho e faça farinha; retire o seu véu. Levante a saia, desnude as suas pernas e atravesse os riachos’]. As tuas vergonhas serão descobertas, e se verá o teu opróbrio; tomarei vingança e não pouparei a homem algum [NVI: ‘não pouparei ninguém’]. Quanto ao nosso Redentor, o Senhor dos Exércitos é seu nome, o Santo de Israel. Assenta-te calada e entra nas trevas, ó filha dos caldeus, porque nunca mais serás chamada senhora de reinos. Muito me agastei contra o meu povo, profanei a minha herança e a entreguei na tua mão, porém não usaste com ela de misericórdia e até sobre os velhos fizeste mui pesado o teu jugo. E disseste: Eu serei senhora para sempre! Até agora não tomaste a sério estas coisas, nem te lembraste do seu fim [NVI: ‘Mas você não ponderou estas coisas, nem refletiu no que poderia acontecer’]. Ouve isto, pois, tu que és dada a prazeres, que habitas segura, que dizes contigo mesma: Eu só, e além de mim não há outra; não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos. Mas ambas estas coisas virão sobre ti num momento, no mesmo dia, perda de filhos e viuvez; virão em cheio sobre ti, apesar da multidão das tuas feitiçarias e da abundância dos teus muitos encantamentos [NVI: ‘de todas as suas poderosas palavras de encantamento’]. Porque confiaste na tua maldade e disseste: Não há quem me veja. A tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar, e disseste contigo mesma: Eu só, e além de mim não há outra. Pelo que sobre ti virá o mal que por encantamentos não saberás conjurar [NVI: ‘A desgraça a alcançará e você não saberá como esconjurá-la’]; tal calamidade cairá sobre ti, da qual por expiação não te poderás livrar; porque sobre ti, de repente, virá tamanha desolação, como não imaginavas. Deixa-te estar com os teus encantamentos e com a multidão das tuas feitiçarias em que te fatigaste desde a tua mocidade; talvez possas tirar proveito, talvez, com isso, inspirar terror. Já estás cansada com a multidão das tuas consultas! Levantem-se, pois, agora, os que dissecam os céus e fitam os astros [*os seus astrólogos, é o que quer dizer*], os que em cada lua nova te predizem o que há de vir sobre ti. Eis que serão como restolho, o fogo os queimará; não poderão livrar-se do poder das chamas; nenhuma brasa restará para se aquecerem, nem fogo, para que diante dele se assentem. Assim serão para contigo aqueles com quem te fatigaste; aqueles com quem negociaste desde a tua mocidade [NVI: ‘com quem teve negócios escusos desde a infância’]; dispersar-se-ão, cambaleantes [NVI: ‘Cada um deles prossegue em seu erro’], cada qual pelo seu caminho; ninguém te salvará”.

A palavra ‘Babilônia’, em Sumeriano, é escrito como *kà-dingir-ra*, que significa “porta de Deus”; e em hebraico é escrito como Bâbhel (Strong # 894; Gn 10: 10; Gn 11: 9 – a torre de Babel), que provém da raiz hebraica *bâlal* (Strong #1101), significando “confusão” ou “mistura”.

Nesta profecia Deus repreende a Babilônia por causa da sua hostilidade contra Israel e também por causa da sua idolatria. Mais adiante, eu vou escrever como era a cidade da Babilônia, e aí sim, nós poderemos ver porque o profeta Isaías e outros criticaram tanto a idolatria naquela cidade e naquele reino; porque os profetas zombaram tanto dos ídolos e porque repreenderam tão insistentemente o povo de Deus a respeito deste assunto. Se compararmos este capítulo de Isaías com Jr 50: 1 – Jr 51: 64 nós veremos que a destruição da Babilônia não veio de uma só vez através de Ciro. Ele

tirou sua supremacia. Os governantes que se seguiram, tanto os persas quanto gregos (Alexandre) e os selêucidas (da Síria), partos e romanos terminaram o que já havia sido profetizado e a transformaram em ruínas através das gerações, se aproveitando das rebeliões dos descendentes dos seus reis a partir de Belsazar. Apesar da política preservadora de Ciro, segundo foi iniciado pela Dinastia Aquemênida, os persas eram também um povo guerreiro e cruel como está descrito nas profecias de Jeremias citadas acima (Jr 50: 41-42).



Caldéia

Vamos falar um pouco sobre a cidade de Babilônia:

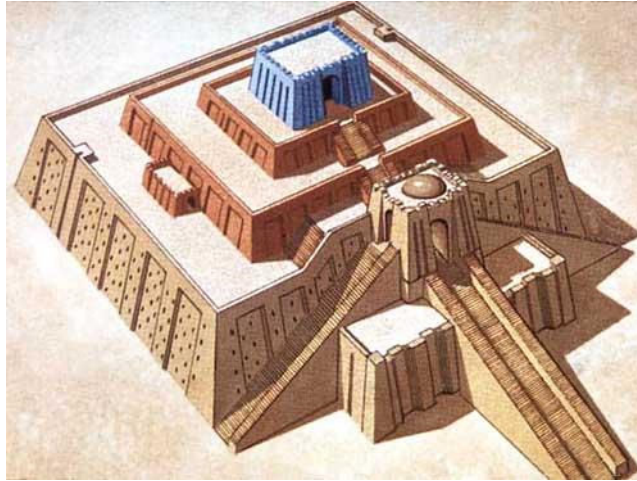
Grandes monumentos foram construídos na Babilônia, assim como suas grandes e espessas muralhas, mas não se encontrou evidência concreta até hoje sobre os ‘Jardins Suspensos’, cuja localização ainda não foi identificada. Além dos ‘Jardins Suspensos’, outro monumento babilônico era o Zigurate, que deu origem às suposições sobre a aparência da torre de Babel, citada na bíblia (Gn 11: 1-9). Ele era um tipo de templo para os deuses, criado pelos sumérios, os antepassados dos babilônios e assírios, e construído na forma de pirâmide terraplanada. O formato era o de vários andares construídos um sobre o outro, com plataformas ovais, retangulares ou quadradas, que iam diminuindo de tamanho como uma pirâmide até o topo. O número de andares variava de dois a sete. Havia vários Zigurates na Babilônia.

O centro do zigurate era de tijolos queimados (Gn 11: 3), mais resistentes do que os tijolos cozidos ao sol e que eram colocados no exterior da construção. Do lado de fora também eram colocados alguns adornos, geralmente envidraçados de cores diferentes. Para se chegar ao topo, subia-se por uma série de rampas ao lado da construção ou por

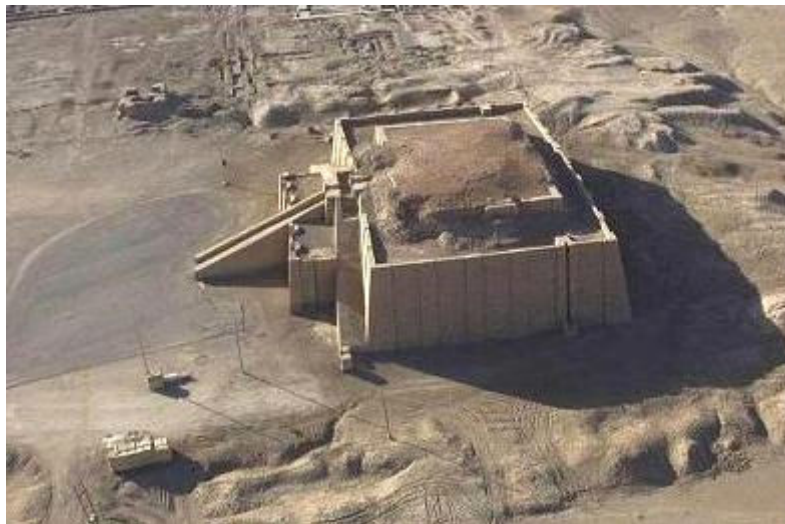
uma rampa espiralada da base ao topo. Os primeiros zigurates de que se tem notícia foram construídos por volta de 3.000 AC. Alguns deles construídos no século VI AC são famosos, como o de Chorsabad na Mesopotâmia, e o de Ur na Caldéia. Chorsabad é o nome atual de um vilarejo no norte do Iraque conhecido na Antiguidade como Dur Sharrukin ('Fortaleza de Sargom'), pois Sharrukin é o nome Acadiano de Sargom, escrito como Šarru-kin ou Šarru-kinu, que significa: 'o verdadeiro rei' ou 'o legítimo rei'; e em cuneiforme, ŠAR.RU.KI.IN; LUGAL.GIN. Dur Sharrukin foi uma antiga capital da Assíria (713 AC) construída por Sargom II em 717 AC. Depois de sua morte, Senaqueribe transferiu a capital para Nínive. O zigurate de Ur dos Caldeus era dedicado a Sin (Sîn), o deus Acadiano da lua, chamado Nanna, em Sumério. Os zigurates não eram lugar de cerimônias públicas ou de idolatria. Na Mesopotâmia eles eram considerados a morada dos deuses, onde eles se colocavam perto da humanidade; por isso, em cada cidade, as pessoas adoravam seus próprios deuses ou deusas. Apenas os sacerdotes entravam ali e cuidavam da adoração aos deuses e intercediam pela comunidade. Os zigurates também eram locais de armazenamento de cereais, moradia dos governantes, biblioteca e um lugar de onde se observavam o céu, as estrelas e as enchentes dos rios Tigre e Eufrates. Um dos zigurates maiores e mais sólidos é o Etemenanki, dedicado a Marduque. Etemenanki (É.TEMEN.AN.KI) é um termo Sumério que significa 'A fundação do céu e da terra'. Ele foi construído por Hamurabi (1792-1750 AC), um rei Babilônico que conquistou a Suméria e a Acádia, e foi estendendo seu reino para o norte, chegando a conquistar Assur. Depois, vários reis construíram no local até que a estrutura foi finalizada por Nabucodonosor. Não sobrou mais nada dela, nem mesmo a base, mas os achados arqueológicos e as fontes históricas sugerem que ele era composto de camadas de várias cores, em especial o azul anil, e, no topo, havia um templo de proporções consideráveis, sendo que três andares de escada levavam ao templo; duas delas subiam só até a metade do zigurate. No início, parece ter sido construído com sete andares, atingindo uma altura de noventa e um metros.



Torre de Babel – Pieter Bruegel, o velho, 1563 (pintor holandês) –
Museu de Viena (wikipedia.org)



Zigurate em Ur dos Caldeus – desenho (crystalinks.com)



Fachada reconstruída do Zigurate em Ur dos Caldeus (crystalinks.com)



Ruínas de Babilônia (wikipedia.org)



Jardins suspensos da Babilônia

O sistema defensivo de muralhas da cidade de Babilônia era constituído várias muralhas: uma ao redor da cidade exterior, em forma triangular, na margem oriental do Eufrates, e uma ao redor da cidade interior (do tempo de Nabucodonosor II) com vinte e sete quilômetros de comprimento. Também havia muralhas e torres nos arredores da cidade exterior para o lado sudeste que levava à cidade de Kish e para o norte até a cidade de Sipar (citada na bíblia com o nome de Sefarvaim). As muralhas, extremamente altas (mais ou menos 15-20 metros), eram constituídas por três paredes sucessivas, das quais a do meio era a mais sólida, separadas por fossos. O fosso exterior fora das muralhas tinha cinquenta metros de largura e era cheio de água. A muralha interior (a que protegia o palácio de Nabucodonosor) era constituída por dois muros paralelos, e foram construídos por Esar-Hadom, Assurbanipal, Nabopolassar e Nabucodonosor, muros fortes e espessos bastante para as carruagens passarem sobre eles. O muro externo desta muralha interior tinha seis metros e meio de espessura e estava à distância de sete metros e vinte centímetros do muro interno, com três metros e setenta centímetros de espessura. A fileira externa desses dois muros era protegida por torres de defesa a cada trinta ou cinquenta metros e tinha oito portas. O muro interior é denominado 'Imgur-Enlil' ('Enlil mostrou o seu favor'), e o exterior, mais espesso, é denominado 'Nimit-Enlil' ('muralha de Enlil'). Durante as décadas de 1960 e 1970, as equipes arqueológicas iraquianas empreenderam a restauração de monumentos antigos no país, com objetivos turísticos, paralelamente com novas escavações. Entre essas restaurações, encontram-se as muralhas da antiga cidade de Babilônia. A cada trinta ou cinquenta metros havia torres defensivas. Havia dezenas de torres na cidade.

A cidade possuía oito portas, todas com nomes de divindades (com exceção da 'Porta do Rei'), protegendo as respectivas portas. Além do nome da divindade havia uma frase, que enfatizava essa proteção, por exemplo, 'o inimigo lhe é repugnante' na porta da deusa Uras (Urash ou Uraš), deusa da terra e uma das esposas do deus do céu Anu; 'odeia o seu agressor' na porta de Zababa, o deus guerreiro, patrono de Kish; 'Istar derruba o seu assaltante' na porta de Istar, a deusa babilônica do amor e da fertilidade. Quatro portas foram escavadas e identificadas na parte oriental: a de Istar, a de Marduque, a de Zababa e a de Urash. Marduque (anteriormente chamado 'Bel') foi considerado o deus supremo porque derrotou a deusa Tiamate ('o dragão-caos' dos oceanos). As outras portas da parte ocidental, localizadas de forma imprecisa, eram: a porta do Rei; a porta de Adade (também conhecido como Ada, Ande, Hadade ou Adu; era o deus que estava ligado ao trovão); a porta de Shamash ou Samas (o deus-sol acadiano) e a porta de Enlil (tio de Marduque). Enlil (em sumério, chamado 'En' ou

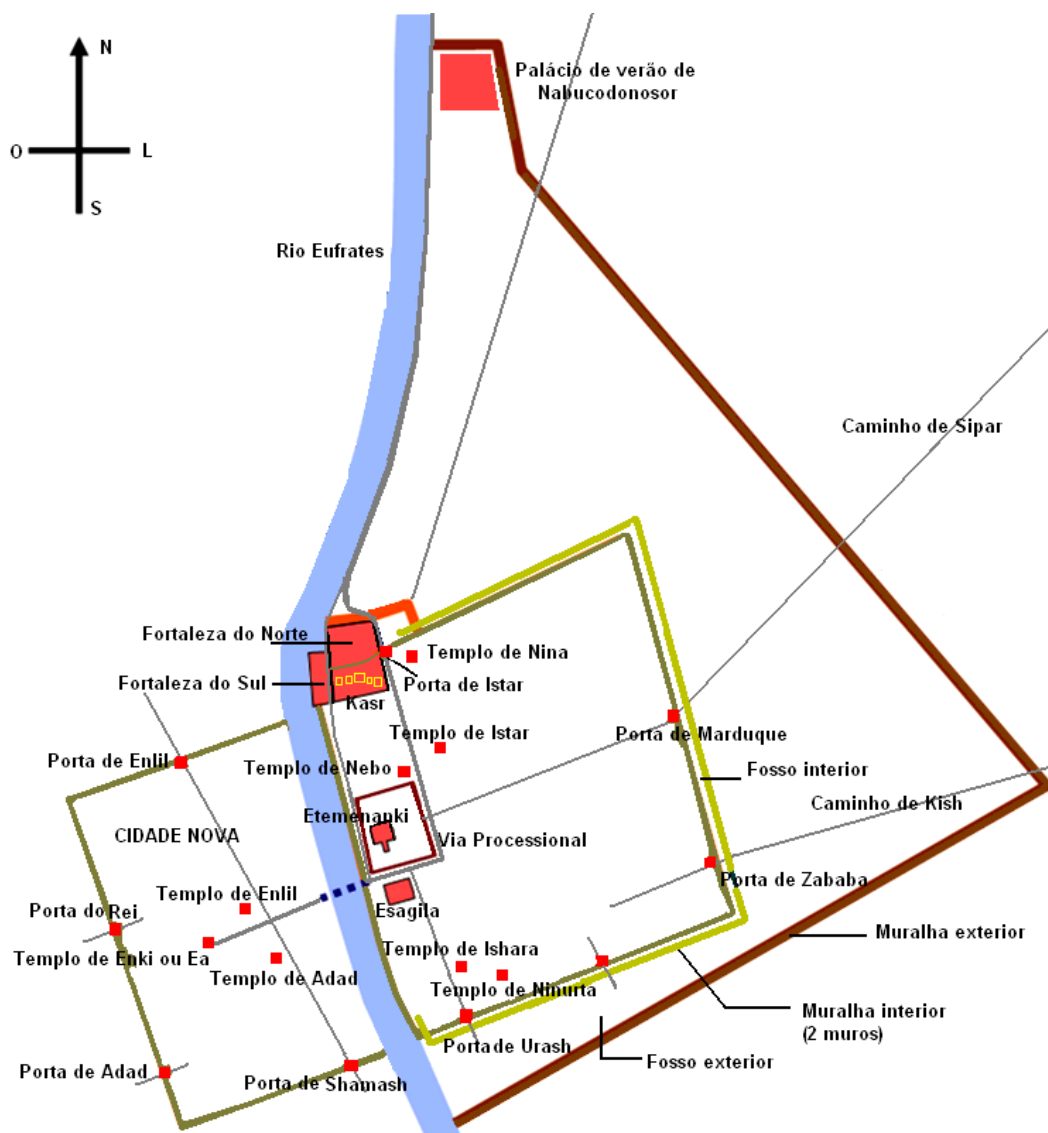
‘Enlil’), era o deus do ar e dos ventos. A tradução precisa do seu nome em sumério é ‘Senhor do Vento’ (‘En’ = ‘Senhor’; ‘Lil’ = Vento, Ar).



Muralhas da Babilônia – reconstruídas em 1970 pelo governo do Iraque (wikipedia.org)



Ruínas de Babilônia em 1932 (wikipedia.org)



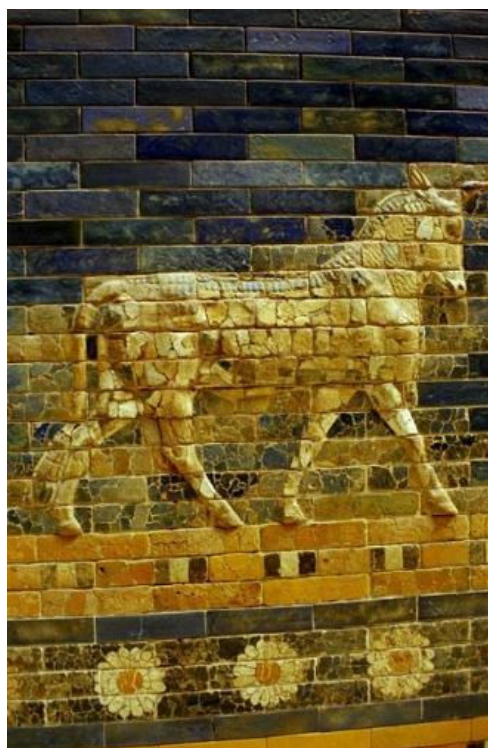
Mapa da cidade de Babilônia no século VI AC

A porta de Istar (do lado leste do rio Eufrates, e colocada na muralha norte) era maciça e conduzia à via sagrada das procissões (a ‘Via Processional’ ou ‘Ay-ibur-šabu’, ‘que o inimigo arrogante não passe’). A porta de Istar era construída com tijolos vitrificados e decorada com leões e rosáceas. A via sagrada das procissões prosseguia para o sul até o zigurate de Etemenanki e a fortaleza de Esagila (ambos são identificados com o templo de Marduque, sendo o zigurate um monumento maior para ele). Esagila, em Sumério, É-SAG-ÍL.LA, significa: ‘templo cujo topo é elevado’ ou ‘templo de teto alto’. A presença da estátua de Marduque em Esagila era sinal de vitória, e era carregada para a capital do inimigo que a conquistasse. A Via Processional era uma avenida pavimentada, de um quilómetro de comprimento, e cujas paredes eram revestidas de tijolos decorados com 120 leões (símbolo de Istar) e 575 dragões (‘mushrishu’, mušḫuššu, símbolo de Marduque ou Bel, seu nome mais antigo) e touros (símbolo de Adade; na verdade, ‘auroques’, um ancestral já extinto do gado), enfileirados alternadamente (no sentido vertical). Ela virava para o oeste, atravessando o Eufrates por meio de uma ponte que ligava a Cidade Nova, da margem ocidental, com a antiga capital, a leste. Cinquenta e três templos foram recuperados em vários bairros da

cidade, mas as sucessivas destruições ali deixaram muito pouco do conteúdo desses templos no seu lugar de origem.



Portão de Istar (crystalinks.com)



Detalhe da reconstrução da porta de Istar – leão e touro – Wikipédia



Portão de Istar (museu de Pérgamo, em Berlim) – crystalinks.com



Acima: Porta de Istar e Muros da Via Processional reconstruídos com tijolos vitrificados e decorados com rosáceas, 120 leões e 575 dragões e touros, enfileirados alternadamente, no sentido vertical (museu de Pérgamo, em Berlim) – wikipedia.org



Um dos dragões (mušḫuššu) na Porta de Istar (museu de Pérgamo) – wikipedia.org



Ladrilhos originais da Via Processional (antiga Babilônia, Iraque) – wikipedia.org

Nabucodonosor tinha três palácios reais na área do Kasr ('Palácio ou Castelo'), o setor dos palácios, na parte leste da cidade, ao lado das muralhas: o 'Palácio Sul' e o 'Palácio Norte'; e outro isolado mais ao norte, conhecido como o 'Palácio de Verão'. O 'Palácio Sul' (Südburg, 'Fortaleza do sul', na denominação dos arqueólogos alemães

que escavaram a cidade), chamado ‘Palácio do Maravilhamento do Povo’ nas inscrições de Nabucodonosor II, é o palácio real mais conhecido da Babilônia (o rei também o chamava de ‘A maravilha da humanidade’, ‘o centro da terra’, ‘a residência brilhante’, ‘a morada da majestade’). Ele era constituído de cinco prédios separados por grandes pátios que comunicavam uns com os outros. É provável que as divisões da parte norte tinham uma função administrativa; e as da parte sul era onde se encontravam os palácios reais.

Entre esses edifícios está a sala do trono, com cinquenta e dois a cinquenta e seis metros de comprimento por dezessete de largura e que, talvez, tenha sido usada no tempo de Daniel. No ângulo nordeste do Kasr se encontra os remanescentes de pilares abobadados, que Koldewey (Robert Johann Koldewey, 1855-1925, arqueólogo alemão que fez uma profunda escavação no sítio da antiga cidade de Babilônia) julgou serem os suportes para os ‘jardins suspensos’, edificadas por Nabucodonosor em honra de sua esposa, Amitis, para que ela se lembrasse de sua terra de origem, a Média, com muita vegetação. As decorações em tijolos vitrificados das paredes da sala do trono do Palácio Sul eram: palmeiras, flores (rosáceas) e leões, e datam da época do império Neo-Babilônico (626–539 AC), mais especificamente, do reinado de Nabucodonosor II (605–562 AC). A Sala do trono se achava no terceiro pátio do palácio real. No museu de Pérgamo, em Berlim, foi colocada uma reconstrução dessas paredes, e colocadas à esquerda do Portão de Istar. A parte inferior da fachada, com a representação dos leões, foi reconstruída a partir dos fragmentos originais de tijolos cozidos. Os leões se voltavam para a entrada principal da sala, ou seja, estavam de frente para a entrada. Koldewey fez a escavação da sala do trono por volta de 1899-1917. Ela foi usada como sala de recepção oficial.



Decoração de tijolos da Sala do Trono (wikipedia.org)

Ciro iniciou o processo da queda da Babilônia, tirando sua supremacia. Por isso, Jeremias (Jr 50: 39; 46) diz que a extinção total da Babilônia não se cumpriria imediatamente, mas gradualmente ('de geração em geração' – ARA).

Antigos governantes babilônicos levantaram insurreições, tentando reaver o trono:

- Nabucodonosor III (Nidintu-Bel) contra Dario I (522-486 AC) – 522 AC. Dario I demorou um pouco mais de 1 ano e ½ para conseguir tomar a cidade.

- Nabucodonosor IV contra Dario I – 514 AC. Dario I a privou de suas fortificações; as muralhas foram parcialmente destruídas.

- Bel-shimani e Shamash-eriba, no reinado de Xerxes I (486-465 AC), o filho de Dario I – 482 AC.

Por causa dessas insurreições foi que Xerxes destruiu a cidade quase que totalmente em 478 AC. Os reis citados acima eram reis babilônicos nativos que recuperaram brevemente independência, mas quando essas rebeliões foram reprimidas a Babilônia permaneceu sob o domínio persa por dois séculos, até a entrada de Alexandre, o Grande, em 331 AC. Alexandre patrocinou a restauração de canais e do Esagila (templo de Marduque; Esagila, em sumério, É-SAĞ-ÍLLA: 'templo de teto alto', literalmente: 'casa da cabeça erguida'). Depois da sua expedição à Índia, instalou-se na cidade durante alguns meses e residiu por um tempo num dos palácios de Nabucodonosor, mas faleceu em junho de 323 AC, antes que a obra de restauração da cidade estivesse terminada. Os selêucidas, que se seguiram a Alexandre, mudaram a capital para Selêucia, na margem ocidental do rio Tigre, levando junto com eles os cidadãos babilônicos e as riquezas daquele lugar. Selêucia foi uma grande cidade mesopotâmica dos impérios Selêucida (323-63 AC), Parta (247 AC-224 DC) e Sassânida (224-651 DC). Ela ficava na margem oeste do rio Tigre, oposta a Ctesifonte, dentro da Babilônia, atual Iraque. Assim, em 312 AC, a cidade de Babilônia uma vez mais caiu na destruição e na ruína por causa da invasão selêucida, embora o templo de Bel tivesse permanecido até 75 DC. Depois dos Selêucidas, a cidade de Babilônia, quase que totalmente destruída, passou para as mãos dos partas, que também mudaram a capital do império de Selêucia para Ctesifonte na margem oriental do Tigre, defronte do local onde esteve a antiga cidade grega de Selêucia, e a nordeste da antiga cidade da Babilônia. Ctesifonte (perto da moderna Al-Mada'in, Iraque) foi a capital dos impérios parta (247 AC-224 DC) e sassânida (224-651 DC). O imperador Romano Adriano (117-138 DC) nada deixou de Babilônia além de ruínas.



Ctesifonte, Selêucia e Babilônia

Voltando a Ciro, em uma noite de 5 para 6 de outubro de 539 AC, ele acampou em volta de Babilônia com seu exército. As muralhas eram consideradas impenetráveis. O único caminho para a cidade era através de uma de suas muitas portas ou através do rio Eufrates. As grades de metal dos portões chegavam até debaixo d'água, permitindo que o rio fluísse através das muralhas da cidade, ao mesmo tempo em que evitava invasões. Os persas elaboraram um plano para entrar na cidade através do rio. As tropas de Ciro desviaram engenhosamente as águas do Eufrates rio acima para um lago artificial e, enquanto os babilônios festejavam (no banquete de Belsazar), o exército persa sob comando do general de Ciro, Gobrias (em grego; Gaubaruva ou Gubaru, em Persa antigo), passou com a água na altura da coxa de um homem, pois os portões estavam abertos (Jr 51: 36). De surpresa eles atacaram a cidade em 07 de outubro de 539 AC (Jr 51: 41). Às margens do Eufrates havia grandes quantidades de juncos grandes e altos, que os persas queimaram na base das muralhas exteriores, e depois as demoliram (Jr 51: 58). O exército persa conquistou as áreas periféricas da cidade, enquanto a maioria dos babilônios no centro dela desconhecia a invasão.

Assim, o general de Ciro capturou a cidade (Jr 51: 31-32) e Nabonido. Os combates foram breves, mas muitas pessoas foram mortas (Jr 51: 53-56), em especial quando Belsazar foi surpreendido no decorrer do seu banquete. Foram mortos os representantes do mal que realizavam opressão sobre os indefesos, ou seja, Belsazar, os príncipes babilônicos, os seus sábios, os seus governantes, os seus vice-reis e os seus valentes (Jr 51: 57), ou seja, os soldados que se opuseram à sua entrada lá e todos os magos e assessores reais.



Ciro, entrando na cidade de Babilônia

Alguns dias depois, os exércitos persas sob seu comando entraram na cidade (16 de outubro de 539 AC) sob os aplausos do povo, fato incomum na Antiguidade. A corrupção e as imoralidades vividas na corte de Nabonido, seu último rei, provocaram o descontentamento do povo, facilitando a conquista persa. Em Dn 5: 30 está escrito que Belsazar, filho de Nabonido, foi morto no mesmo dia da declaração do enigma na parede (MENE, MENE, TEKEL, PARSIM). Nabonido (reinado: 556-539 AC) reinou em co-regência com seu filho Belsazar, pois de 554 a 544 AC ele havia sido expulso

pelo seu próprio povo por causa de suas atitudes de governo, desdenhando o clero de Marduque; aparentemente, ele se desinteressou deste deus em favor do deus-lua Sîn. Então, viveu por dez anos em Tema (ou Temá) na Arábia. Tema ou Temá (hebraico transliterado: tēmā' ou tēymā') é o nome do nono filho de Ismael (Gn 25: 15; 1 Cr 1: 30) bem como do distrito onde seus descendentes habitavam (Jó 6: 19). É mencionado juntamente com Dedã e Buz, como um lugar remoto (Jr 25: 23), e como um oásis no deserto que ficava dentro da rota comercial que atravessava a Arábia (Is 21: 14), no noroeste da Arábia. A cidade (em babilônico, Tema'), hoje em ruínas (Taima), também figura em documentos que registram sua ocupação por Nabonido, rei da Babilônia, durante o seu exílio. Ele voltou para a Babilônia em 544 AC, mas já encontrou um país enfraquecido e dividido. Após a captura da cidade pelo general de Ciro, Belsazar foi morto e Nabonido permaneceu vivo por algum tempo ainda, sendo morto mais tarde.

Ciro II expressou o seu desejo de preservar a cidade e ganhou os favores do clero local proclamando um decreto que lhes era muito favorável, que se encontra escrito no Cilindro de Ciro, descoberto nas ruínas de Babilônia. O Cilindro de Ciro é um cilindro de argila em cujo interior há grandes pedras de cor cinza, atualmente dividido em vários fragmentos, no qual está escrita uma declaração em escrita cuneiforme acadiana, listando sua genealogia como um rei de uma linhagem de reis, e relatando a sua captura de Babilônia em 539 AC.



O cilindro de Ciro (wikipedia.org)

O cilindro mede 22,5 cm de comprimento por 10 cm no seu diâmetro máximo. O texto diz que o vitorioso Ciro foi recebido pelo povo da Babilônia como seu novo governante e entrou na cidade em paz. Ele exalta os esforços de Ciro como um benfeitor dos cidadãos da Babilônia e responsável por melhorar suas vidas, repatriar os povos deslocados e restaurar templos e santuários religiosos pela Mesopotâmia e em outros lugares na região. Ele conclui com uma descrição do trabalho de Ciro de reparar as muralhas da Babilônia. O texto do cilindro também denuncia o rei babilônico deposto Nabonido como ímpio e retrata Ciro como agradável ao deus principal Marduque.

Provavelmente, ele data do século VI AC (539 AC). Há muita controvérsia entre os estudiosos sobre alguma coisa escrita no cilindro de Ciro sobre a repatriação dos judeus (Ed 1: 1-4; 2 Cr 36: 23). Embora não seja mencionado especificamente no texto, a repatriação dos judeus de seu cativeiro babilônico foi interpretada como parte desta política geral.

Na verdade, seu reinado seguiu a política de toda a dinastia Aquemênida, com sua tolerância para com as diversas religiões e culturas, reconstruindo templos antes destruídos e permitindo que seus súditos estivessem sob a administração de líderes locais, e assim, muitos daqueles povos se viram em melhor situação sob os persas do que independentes deles. Os governantes da dinastia Aquemênida construíram estradas ligando as principais cidades, e o seu sistema de correios era bastante eficiente. As estradas também facilitavam o comércio do Egito e da Europa com a Índia e a China, do qual a Pérsia se beneficiou grandemente. A habilidade política de Ciro, seguida pelos seus sucessores imediatos, assegurou a força e a unidade do seu grande império, composto por uma miríade de povos diferentes, algo que jamais havia sido conseguido na história da humanidade até então (Média, Irã, Lídia, Síria, Babilônia, Palestina, Armênia e Turquistão).

Aqui já podemos ver a mão de Deus sobre alguém que Ele ungiu por Sua soberana vontade, mas que não O conhecia. A História diz que Ciro não tinha uma religião específica; inclusive diz que, quando ele entrou na Babilônia, consagrou-se rei no templo de Marduque. Mas ele reconheceu a existência do nosso Deus e Lhe creditou o sucesso dos seus feitos (Ed 1: 1-2; 2 Cr 36: 23 cf. Is 44: 28).

Ele ordenou que tudo o que tivesse sido roubado por Nabucodonosor, inclusive os utensílios do templo de Jerusalém fosse devolvido e colocado sob a guarda de Sesbazar, a quem constituiu príncipe de Judá. Os persas e todos os cidadãos do reino ajudaram os judeus dando-lhes prata, ouro, bens e gado, coisas preciosas, afora as dídivas voluntárias para a Casa de Deus. Assim, os judeus voltaram e reconstruíram o templo do Senhor.

É interessante perceber que essa entrada repentina na cidade foi, realmente, pela ajuda providencial de Deus. Segundo alguns historiadores, Ciro recebeu uma inspiração divina sobre a estratégia da invasão.

Quando lemos a bíblia e prestamos atenção a todas as vitórias milagrosas que o Senhor deu ao Seu povo, podemos perceber que nenhuma delas se repetiu em milhares de anos, por mais incrível e absurda que possa parecer (lembre-se de Moisés, Josué, Gideão, Davi e tantos outros). Isso nos leva a pensar sobre a criatividade de Deus e Sua visão como um guerreiro e estrategista. Se Ele fez isso no passado com coisas naturais e físicas, quanto mais Ele pode fazer hoje com o nosso inimigo espiritual, pegando-o de surpresa quando tenta colocar armadilhas no nosso caminho ou impedir nossas conquistas! Nós também vemos que só Ele move o coração humano segundo a Sua vontade, e isso nós podemos perceber através da maneira como a cidade foi conquistada. Apesar da crueldade persa e da sua agressividade em guerra, essa vitória foi como uma ‘guerra santa’, ou seja, Ciro matou ‘quem precisava’, os representantes do mal que realizavam opressão sobre os indefesos; ele destruiu a cidade com a violência controlada por Deus, podemos dizer assim, pois o objetivo maior era fazer a justiça, destruindo o mal, não simplesmente para satisfazer um desejo carnal de poder e conquista. A bíblia diz em Pv 21: 1: “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina”. Quando analisamos esta profecia de Isaías nós percebemos que há uma diferença em relação à de Jeremias, onde a descrição da destruição da Babilônia parece ser mais detalhada, talvez até mais violenta (Jr 51: 35; 52-58). Porém, há alguns versículos em Is 13: 1-22 (em especial nos

v. 11-19) que nos dão uma idéia da ação violenta dos Medos e Persas, não poupando nada nem ninguém, independentemente da idade, e o desespero dos babilônios querendo fugir para algum lugar, mas sem sucesso... Muitos homens serão mortos; poucos serão os que forem deixados ('mais raros do que o ouro de Ofir' – Is 13: 12). Alguns versículos aqui em Isaías são interessantes de serem comentados:

- 'Desce e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilônia; assenta-te no chão' – isso pode significar um sinal de humilhação para uma cidade que se achava extremamente poderosa e invencível, o símbolo de um reino imperecível, orgulhosa por causa da sua riqueza, do seu poder comercial, das suas capacidades científicas como, por exemplo, seus conhecimentos de astronomia, e das suas divindades e práticas religiosas, como astrologia, adivinhação e ciências ocultas favorecidas pelo seu panteão de deuses. É como se Deus dissesse para ela, 'Desce do seu orgulho e da sua soberba e assenta-te nas cinzas pranteando a sua derrota'. Pó e cinzas eram sinal de profundo pesar e tristeza.

- Depois, vem outra expressão interessante: 'ó virgem filha de Babilônia'. Apesar de ter sido muito assolada e invadida pelos povos da Antiguidade, como os hititas, e até o tempo do império assírio por causa de muitas revoltas entre os governantes locais da cidade e seus dominadores, a Babilônia passou por uma grande restauração, quase uma reconstrução, nos tempos do Império Neobabilônico iniciado por Nabopolassar (626-605 AC). Por isso, ele e seu filho, Nabucodonosor, a transformaram numa cidade extremamente bela e rica, como uma cidade que tinha acabado de ser fundada, ou como uma menina mimada ou uma filha virgem que sempre esteve protegida por um pai muito cuidadoso.

- 'Pois já não há trono, ó filha dos caldeus, porque nunca mais te chamarás a mimosa e delicada' – já não haveria governante nem um trono que proporcionasse à cidade os mimos e as futilidades de quem vive com todas as facilidades da corte. Não poderia mais se chamar a rainha das nações.

- 'Apanhe pedras de moinho e faça farinha; retire o seu véu. Levante a saia, desnude as suas pernas e atravesse os riachos [NVI]. As tuas vergonhas serão descobertas, e se verá o teu opróbrio; tomarei vingança e não pouparei a homem algum [NVI: 'não pouparei ninguém']' – isso significa: 'trabalhe como todo mundo e lute ou fuja se quiser, pois as suas más ações já podem ser vistas por todos e eu estou pronto para agir com rigor'. Ninguém vai escapar do julgamento de Deus. Quanto ao povo dEle, eles bem sabem quem é o seu Deus ('Quanto ao nosso Redentor, o Senhor dos Exércitos é seu nome, o Santo de Israel').

- Is 47: 5-7: "Assenta-te calada e entra nas trevas, ó filha dos caldeus, porque nunca mais serás chamada senhora de reinos. Muito me agastei contra o meu povo, profanei a minha herança e a entreguei na tua mão, porém não usaste com ela de misericórdia e até sobre os velhos fizeste mui pesado o teu jugo. E disseste: Eu serei senhora para sempre! Até agora não tomaste a sério estas coisas, nem te lembraste do seu fim [NVI: 'Mas você não ponderou estas coisas, nem refletiu no que poderia acontecer']" – Deus a repreende pela violência e pela crueldade com que ela tratou Seu povo, mas nem cogitou que poderia haver uma punição por isso.

- Is 47: 8-9: "Ouve isto, pois, tu que és dada a prazeres, que habitas segura, que dizes contigo mesma: Eu só, e além de mim não há outra; não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos. Mas ambas estas coisas virão sobre ti num momento, no mesmo dia, perda de filhos e viuvez; virão em cheio sobre ti, apesar da multidão das tuas feitiçarias e da abundância dos teus muitos encantamentos [NVI: 'de todas as suas poderosas palavras de encantamento']" – cf. Ap 18: 7-8 (O anúncio da queda da

Babilônia): “O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto, porque diz consigo mesma: Estou sentada como rainha. Viúva, não sou. Pranto, nunca hei de ver! Por isso, em um só dia, sobrevirão os seus flagelos: morte, pranto e fome; e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou”.

No livro de Isaías Deus fala à Babilônia que, ao contrário do que ela pensa, Ele lhe tirará toda a sua segurança, pois ela enviduará dos seus deuses, ‘dos seus amantes’, como a bíblia se refere aos ídolos, e ficará destituída dos seus habitantes, principalmente dos seus filhos bajuladores, e que ela desencaminhou com a multidão dos seus encantamentos e feitiçarias. Aqui é mais provável que se refira mais exatamente aos sacerdotes idólatras, aos sábios, magos e todos os que fizeram uso dessas coisas para seduzir pessoas e levá-las por caminhos de trevas.

• Is 47: 10-15: “Porque confiaste na tua maldade e disseste: Não há quem me veja. A tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar, e disseste contigo mesma: Eu só, e além de mim não há outra. Pelo que sobre ti virá o mal que por encantamentos não saberás conjurar [NVI: ‘A desgraça a alcançará e você não saberá como esconjurá-la’]; tal calamidade cairá sobre ti, da qual por expiação não te poderás livrar [NVI: ‘você não poderá proteger-se com um resgate’]; porque sobre ti, de repente, virá tamanha desolação, como não imaginavas. Deixa-te estar com os teus encantamentos e com a multidão das tuas feitiçarias em que te fatigaste desde a tua mocidade; talvez possas tirar proveito, talvez, com isso, inspirar terror. Já estás cansada com a multidão das tuas consultas! [NVI: ‘Todos os conselhos que você recebeu só a deixaram extenuada’] Levantem-se, pois, agora, os que dissecam os céus [NVI: ‘Deixe seus astrólogos se apresentarem’] e fitam os astros [*os seus astrólogos, é o que quer dizer*], os que em cada lua nova [NVI: ‘de mês a mês’] te predizem o que há de vir sobre ti. Eis que serão como restolho, o fogo os queimará; não poderão livrar-se do poder das chamas; nenhuma brasa restará para se aquecerem, nem fogo, para que diante dele se assentem. Assim serão para contigo aqueles com quem te fatigaste; aqueles com quem negociaste desde a tua mocidade [NVI: ‘com quem teve negócios escusos desde a infância’]; dispersar-se-ão, cambaleantes [NVI: ‘Cada um deles prossegue em seu erro’], cada qual pelo seu caminho; ninguém te salvará”.

‘A desgraça a alcançará e você não saberá como esconjurá-la’. Esconjurar significa tomar juramento, fazer imprecações contra, amaldiçoar, exorcizar. Assim, por mais entendida que ela se achasse nas coisas espirituais, por nenhum meio esta cidade poderia se livrar do decreto que Deus já tinha dado contra ela. Desde o princípio dos tempos (‘desde a sua mocidade’) ela se entregara à idolatria; agora, o Senhor faria o ajuste.

‘Seus astrólogos serão como restolho, o fogo os queimará; não poderão livrar-se do poder das chamas’ pode significar a morte e a destruição física daqueles feiticeiros durante a invasão dos persas, como a sua destruição eterna no lago de fogo. Assim acontecerá nos últimos dias com todos os que praticam a feitiçaria (Ap 21: 8; 22: 15).

Nós poderemos fazer uma pergunta:

— Quando isso realmente foi cumprido, uma vez que Ciro manteve sua política de preservar religiões estrangeiras, e seus sucessores de todos os impérios que se seguiram se mantiveram nas mesmas condições de idolatria de uma forma ou de outra? Devem ter sido bem poucas as pessoas que conseguiram enxergar a verdade e se voltaram para o Deus de Israel.

A resposta a isso pode ser: embora a destruição material da cidade tenha ocorrido nas gerações seguintes e hoje só restem ruínas daquilo que um dia foi uma das sete

maravilhas do mundo antigo, e as entidades espirituais das trevas só tenham mudado de nome, continuando a seduzir seres humanos em todo o planeta, a misericórdia de Deus continua disponível até hoje para quem quer se arrepender e ser salvo. A queda da Babilônia mencionada no Apocalipse vai pôr um fim e um cumprimento à profecia em questão, pois naquele dia não mais haverá chance de redenção para ninguém, e sim o juízo de Deus sobre homens e demônios. Essa resposta pode ser endossada pela profecia de Oséias que, através da decepção que passou com sua esposa infiel, encontrou a misericórdia de Deus, principalmente nos versículos 16 e 17 do capítulo 2, onde o Senhor diz: “Naquele dia, diz o Senhor, ela me chamará: Meu marido e já não me chamará: Meu Baal. Da sua boca tirarei os nomes dos baalins, e não mais se lembrará desses nomes”; e em Os 3: 4-5: “Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, sem príncipe, sem sacrifício, sem coluna, sem estola sacerdotal ou ídolos do lar [Hebr.: sem ephod ou teraphim]. Depois, tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor, seu Deus, e a Davi, seu rei; e, nos últimos dias, tremendo, se aproximarão do Senhor e da sua bondade”.

No volume 1 do livro, eu comentei sobre alguns dos motivos de orgulho do Egito: extensões tão grandes de água, em rios e lagos, aliadas à fertilidade do país na área da agricultura, pois eram poucas as nações com essas bênçãos naturais; além disso, sua origem remota, seus conhecimentos, suas dinastias fortes e tão grandes exércitos, com tantas vitórias ao longo dos séculos, davam aos egípcios a sensação de poder. Mas eles creditavam tudo isso aos seus ídolos e à sua própria força. Por isso, o Senhor não se agradava deles.

Da mesma forma, nós podemos imaginar como Nabucodonosor deveria se sentir orgulhoso de ver uma cidade como aquela, tão rica (Dn 4: 30), e uma terra tão fértil e tão conhecida pelos povos da Antiguidade, como era a terra da Babilônia e o império Babilônico. Como ele deve ter se sentido quando Deus revelou o seu sonho (‘com a árvore’ – Dn 4: 1-37) ao profeta Daniel lhe dizendo que durante sete tempos, ele passaria por um período de loucura, sentindo-se como um animal, até que reconhecesse o Deus Altíssimo tinha domínio sobre o reino dos homens (Dn 4: 23-25), e era capaz de humilhar aos que andam na soberba (Dn 4: 37)? Como ele se sentiria se ainda estivesse vivo na época da queda da sua cidade tão magnífica? Muitos teólogos concordam que os sete tempos em que ele foi privado de sua consciência racional, se afastou da convivência com os homens e se comportou como um animal se referem a sete anos (o tempo da sua loucura), já no final da sua vida, e que ele não viveu mais de um ano após a sua restauração. Seu neto Belsazar, mesmo sabendo de tudo isso, tentou a Deus dando uma festa em seu palácio e usando os utensílios do templo de Jerusalém para dar de beber aos seus convidados.

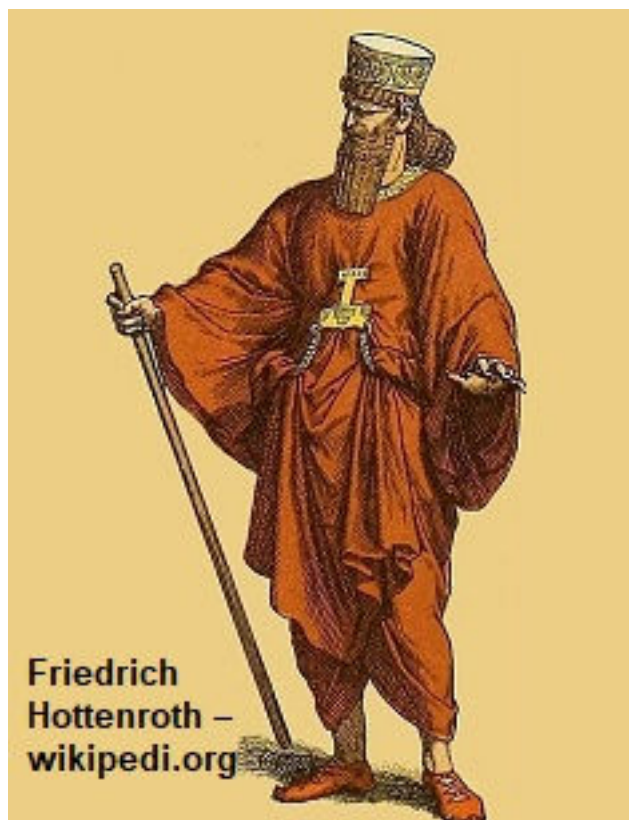
Em Is 26: 5 nós vimos o que o profeta escreveu: “porque ele [*Deus*] abate os que habitam no alto, na cidade elevada [NVI: a cidade altiva]; abate-a, humilha-a até à terra e até ao pó”. O Senhor abate os orgulhosos e altivos como fez com a suntuosa cidade de Babilônia, com seus edifícios altos como montanhas querendo alcançar o céu, e com largos muros que a faziam se sentir inexpugnável. Ele a humilhou e a destinou à ruína. Assim, Ele faz com os que se acham poderosos e auto-suficientes, atribuindo suas grandes conquistas a si mesmos e à sua própria força.



Nabucodonosor em seu palácio



Vestes da Mesopotâmia (crystalinks.com)



Traje de homem Meda – de Friedrich Hottenroth



Tumba do profeta Daniel em Susã, atual Irã (wikipedia.org)



Interior da tumba de Daniel (wikipedia.org)

Capítulo 48

Repreendida a infidelidade e a obstinação de Israel – v. 1-8.

• Is 48: 1-8: “Ouvi isto, casa de Jacó, que vos chamais pelo nome de Israel e saístes da linhagem de Judá, que jurais pelo nome do Senhor e confessais o Deus de Israel, mas não em verdade nem em justiça. (Da santa cidade tomam o nome e se firmam sobre o Deus de Israel, cujo nome é Senhor dos Exércitos.) As primeiras coisas, desde a antiguidade [NVI: ‘Eu predisse há muito as coisas passadas’], as anunciei; sim, pronunciou-as a minha boca, e eu as fiz ouvir; de repente agi, e elas se cumpriram. Porque eu sabia que eras obstinado, e a tua cerviz é um tendão de ferro, e tens a testa de bronze. Por isso, to anunciei desde aquele tempo e to dei a conhecer antes que acontecesse, para que não disseses: O meu ídolo fez estas coisas; ou: A minha imagem de escultura e a fundição as ordenaram. Já o tens ouvido; olha para tudo isto; porventura, não o admites? Desde agora te faço ouvir coisas novas e ocultas, que não conhecias [NVI: ‘De agora em diante eu lhe contarei coisas novas, coisas ocultas, que você desconhece’]. Apareceram agora [NVI: ‘Elas foram criadas agora’] e não há muito, e antes deste dia delas não ouviste, para que não digas: Eis que já o sabia. Tu nem as ouviste, nem as conhecestes, nem tampouco antecipadamente se te abriram os ouvidos [NVI: ‘desde a antiguidade o seu ouvido tem se fechado’], porque eu sabia que procederias mui perfidamente e eras chamado de transgressor desde o ventre materno [NVI: ‘Sei quão traiçoeiro você é; desde o nascimento você foi chamado rebelde’]”.

Deus chama Seu povo, o povo que se chama pelo nome de Israel, da linhagem de Judá, que chama a si mesmo cidadão da cidade santa e diz confiar no Deus de Israel, cujo nome é o Senhor dos Exércitos. Eles confessam tudo isso, mas não praticam o que pregam, pois o seu coração está longe dEle. Só dizem isso por vaidade. Deus anunciou a eles todas as coisas passadas e elas aconteceram. Mas eles continuavam a ser um povo obstinado, de dura cerviz (Êx 32: 9; Êx 33: 3; 5; Êx 34: 9; Dt 9: 6; 13; Dt 31: 27; 2 Rs 17: 14), e Deus já sabia disso. Desde aquela época o Senhor havia levantado profetas e revelado o que iria acontecer para que eles não dissessem que seus ídolos é que haviam feito aquelas coisas. Ele pedia para eles olharem para tudo aquilo que estavam vivendo e para admitirem o que Ele está lhes dizendo. A partir daquele momento Ele lhes revelaria coisas novas, que eles nunca tinham ouvido para que não dissessem: ‘Ah! Eu já sabia disso’. Seus ouvidos estavam fechados à voz de Deus desde o passado remoto, e Deus sabia como eles reagiriam: de maneira rebelde e dolosa. Mas Ele lhes falava a respeito da sua libertação do cativeiro.

Ele os poupa por amor do Seu próprio nome – v. 9-11.

• Is 48: 9-11: “Por amor do meu nome, retardarei a minha ira e por causa da minha honra me contarei para contigo, para que te não venha a exterminar. Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata [NVI: ‘eu refinei você, embora não como prata’]; provei-te na fornalha da aflição. Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? [NVI: ‘Como posso permitir que eu mesmo seja difamado’] A minha glória, não a dou a outrem (cf. Is 42: 8)”.

Deus os livraria por amor a Si mesmo, para que Seu santo nome não fosse difamado entre as nações gentias. Ele conteve Sua ira para não destruí-los, pois eles mereciam isso. Mesmo passando por provações eles ainda não estavam santificados, pois Ele não lidaria tão rigorosamente com eles como se refina a prata; caso contrário, eles seriam consumidos pelo fogo da Sua ira. E o que Ele estava fazendo era por amor do Seu

nome, pois Sua glória (Sua honra) Ele não daria a mais ninguém, muito menos a falsos deuses.

A poderosa salvação de Deus é um motivo para a obediência – v. 12-17.

- Is 48: 12-17: “Dá-me ouvidos, ó Jacó, e tu, ó Israel, a quem chamei; eu sou o mesmo, sou o primeiro e também o último. Também a minha mão fundou a terra, e a minha destra estendeu os céus; quando eu os chamar, eles se apresentarão juntos. Ajuntai-vos, todos vós, e ouvi! Quem, dentre eles, tem anunciado estas coisas? [NVI: ‘Qual dos ídolos predisse essas coisas?'] O Senhor amou a Ciro (cf. Is 44: 28; Is 45: 1-4; Is 45: 13-14; Is 48: 14) e executará a sua vontade contra a Babilônia, e o seu braço será contra os caldeus. Eu, eu tenho falado; também já o chamei. Eu o trouxe e farei próspero o seu caminho. Chegai-vos a mim e ouvi isto: não falei em segredo desde o princípio (cf. Is 45: 19); desde o tempo em que isso vem acontecendo, tenho estado lá [NVI: ‘na hora em que acontecer, estarei ali’]. Agora, o Senhor Deus me enviou a mim e o seu Espírito. Assim diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil [NVI: ‘que lhe ensina o que é melhor para você’] e te guia pelo caminho em que deves andar”.

O Senhor os convoca e pede a eles que o ouçam. Ele é o primeiro e o último, ou seja, Ele é eterno, Ele começa algo e termina da mesma forma. Foi Ele que criou a terra e os céus, e até eles responderão ao Seu chamado e se apresentarão diante dEle. Portanto, Ele também pede que eles se ajuntem e abram os ouvidos. Quem mais poderia anunciar essas coisas que estavam acontecendo e que ainda aconteceriam? Seus falsos deuses? Quando as coisas acontecessem, Ele estaria lá. Ciro é Seu instrumento de libertação, pois Ele o amou e sabe que ele executará toda a Sua vontade contra a Babilônia. Pela sua obediência a Deus, Ciro terá sucesso; Deus fará prosperar seus caminhos. Quando Deus os convoca, Ele não os está chamando apenas para ouvir a profecia; esta é uma figura de linguagem, significando que Seus filhos exilados serão reunidos de todas as terras por onde foram dispersos, e voltarão a Canaã. O Senhor repete o que disse anteriormente: que Ele sempre falou abertamente e não em segredo (Is 48: 16 cf. Is 45: 19).

- Is 48: 16b-17: “Agora, o Senhor Deus me enviou a mim e o seu Espírito. Assim diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil [NVI: ‘que lhe ensina o que é melhor para você’] e te guia pelo caminho em que deves andar”.

Esta parte do versículo, por estar colocada com duas frases em seqüência, e sendo que na segunda o Senhor se revela como o autor dessas palavras, está claramente implícita a referência a Jesus, ainda que Ele esteja usando a boca de Seu profeta. O mais interessante é o uso do verbo ‘enviar’: “Agora, o Senhor Deus me enviou a mim e o seu Espírito” (cf. Jo 8: 42), como Jesus foi enviado (Jo 1: 9-11) junto com o Espírito Santo que está no Pai, a fim de que o Filho o revelasse aos homens: “Quem vê a mim, vê o Pai” (Jo 14: 9). Mais um detalhe é a frase da profecia de Isaías (cf. Is 48: 16a; Is 45: 19) que Jesus usou quando veio à terra e foi julgado pelo sumo sacerdote Anás: “Então, o sumo sacerdote interrogou a Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto. Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse” (Jo 18: 19-21). Como foi dito aqui (“Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar”), Jesus também veio para ensinar o caminho no qual os homens deveriam andar.

Deus lamenta a teimosia deles – v. 18-19.

- Is 48: 18-19: “Ah! Se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! Então, seria a tua paz como um rio, e a tua justiça, como as ondas do mar. Também a tua posteridade seria como a areia, e os teus descendentes, como os grãos da areia; o seu nome nunca seria eliminado nem destruído de diante de mim”.

Se Israel tivesse obedecido, Deus faria deles uma grande descendência, e o nome deles não seria eliminado de diante dos Seus olhos. Eles teriam paz, uma paz tão grande como um rio perene; a justiça (a retidão) deles seria com as ondas do mar, que jamais cessam de arrebentar na praia, de dia e de noite, todos os dias desde que o mundo foi feito até o seu fim.

Libertação de Babilônia – v. 20-22.

- Is 48: 20-22: “Saí da Babilônia, fugi de entre os caldeus e anunciai isto com voz de júbilo; proclamai-o e levai-o até ao fim da terra; dizei: O Senhor remiu a seu servo Jacó. Não padeceram sede, quando ele os levava pelos desertos; fez-lhes correr água da rocha; fendeu a pedra, e as águas correram. Para os perversos, todavia, não há paz, diz o Senhor”.

Depois de lhes mostrar a causa do seu cativeiro e lhes advertir dos males da idolatria e da rebeldia, Ele lhes mostra a alegria da libertação. E lhes diz para proclamar a todos os cantos da terra que o Senhor os resgatou. Da mesma forma que Ele os dessedentou no deserto na época de Moisés, ao libertá-los do Egito (Êx 17: 1-7; Nm 20: 2-13), Ele os dessedentaria novamente o presente, e num futuro próximo com a água viva que brotaria da ‘Rocha’, Jesus. Entretanto, para os perversos não há paz (cf. Is 57: 21); nunca houve e nunca haverá, pois não podem desfrutar da Sua misericórdia. Só Seus escolhidos a conhecem: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14: 27).

Capítulo 49

A partir dessa profecia, pode-se dizer que há uma mudança na unção que Deus derrama sobre o profeta. Até aqui Ele chamou Israel de servo e testemunha da Sua palavra entre os homens, até mesmo entre os gentios, para ser uma luz na terra. Mas com o rumo das circunstâncias, a atitude de Deus também passou a ser outra, colocando em ação o Seu plano de Salvação de uma maneira mais forte, mais rápida, mais eficaz e definitiva. Então, Ele passa a falar claramente sobre o Messias como a personificação desse Servo que vai realizar toda a Sua vontade, ou seja, o povo começa a ter notícia de uma nova profecia de Deus e, mais do que uma profecia apenas, uma atitude concreta, mostrando a eles qual deve ser a verdadeira postura de um servo. O nome dado pelos teólogos aos versículos de Isaías que se referem ao Servo sofredor é ‘o cântico do servo’. As referências bíblicas são: Is 42: 1-7; Is 49: 1-6; Is 50: 4-9; Is 52: 13 – 53: 12. É inegável a relação com Jesus e com o Seu ministério, pois em várias passagens do Evangelho Ele mesmo se coloca como servo e menciona as profecias de Isaías para mostrar que Sua vinda já fora profetizada setecentos anos antes: Mc 10: 42-45; Lc 22: 25-30; Lc 22: 37 cf. Is 53: 12. Sua atitude de lavar os pés dos discípulos na Última Ceia (Jo 13: 2-20) demonstrou Sua humildade como um servo, pois lavar os pés de alguém era um serviço feito apenas pelos servos menores, menos importantes.

Em Is 44: 26 nós comentamos sobre a palavra ‘servo’.

A palavra hebraica para ‘servo’ é: ‘ebhedh ou `ebed (Strong #5650), que significa ‘escravo’, ‘servo’. Ela procede de outra palavra hebraica: `abad (Strong #5647), uma raiz primitiva que significa: trabalhar (em qualquer sentido); por implicação, servir, escravizar, estar em escravidão, manter em servidão, ser escravo, serviço de servo, compelir, agricultor, lavrador, lavrar, trabalho árduo, trabalhador braçal, se tornar servo, fazer um serviço, servindo, servir-se, ser ou se tornar um servo, definir um trabalho, ser forjado, adorador. O feminino de `ebed, como em Êx 21: 32, serva ou escrava, é ‘amah (Strong #519) e significa: empregada doméstica ou escrava mulher, serva.

Entretanto, a palavra ‘servas’ no livro de Gênesis (Gn 33: 2) é Shiphchah (Strong #8198), que significa: se espalhar (como família); uma escrava (como um membro da família): escrava jovem, serva, donzela, criada, escrava, serva mulher.

No AT as palavras hebraicas para ‘servo’ são traduzidas como: rapaz, pessoa de serviço, ou um escravo. Algumas vezes, a palavra ‘servo’ é empregada a pessoas humildes (Gn 32: 18; 20: `ebed) e também com relação a altos oficiais da corte (Gn 40: 20; 2 Sm 10: 2; 4: `ebed). Uma terceira palavra diz respeito àquele que está às ordens de alguém para ajudá-lo (Êx 33: 11: “Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo; então, voltava Moisés para o arraial, porém o moço Josué, seu servidor, filho de Num, não se apartava da tenda”). A palavra aqui é: sharath (Strong #8334), que significa: participar como servo ou adorador; contribuir para; ministrar a, fazer-se servo, servir, servo, serviço, esperar em. Mas, na maior parte das vezes no AT, trata-se de um escravo.

No NT, a palavra ‘servo’ aparece como uma tradução das palavras hebraicas, significando ‘um criado da casa’, ‘um servo doméstico’, ou ‘um rapaz’, ou ainda, ‘um oficial subordinado’, mas, na maioria das vezes, o termo se refere a ‘um escravo’:

• Lc 16: 13: “**Ninguém** [KJV: ‘nenhum servo’] pode **servir** a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

‘Ninguém’ ou ‘nenhum servo’, ‘oiketes’ (Strong #g3610), significa: um servo doméstico, alguém que reside na casa.

‘Servir’, ‘douleuo’ (Strong #g1398), significa: ser escravo (literal ou figurativo, involuntário ou voluntário): estar em servidão, sujeição ou subserviência, servo, servir, prestar serviço.

Jesus não disse que era pecado ser rico, nem disse que para segui-IO era necessário ser pobre. O que Ele quis dizer foi que não devemos ser escravos do dinheiro (riquezas). O dinheiro deve ser nosso escravo.

• Mt 8: 6: “Senhor, o meu **criado** [NVI: ‘servo’] jaz em casa, de cama, paralisado, sofrendo horrivelmente”.

‘Criado’ [NVI: ‘servo’; KJV: ‘servo’], em grego é: ‘pais’ (Strong #g3816), e significa: rapaz; um menino ou uma menina, uma criança; especialmente, um escravo ou servo (que ministra a um rei ou a Deus); empregado doméstico, servo, filho, jovem.

• Mt 8: 9: “Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu **servo**: faz isto, e ele o faz”.

‘Servo’, ‘doulos’ (Strong #g1401), significa: ser escravo (literal ou figurativo, involuntário ou voluntário): em um sentido de sujeição ou subserviência: escravo, servo.

• Mt 26: 58: “Mas Pedro o seguia de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, tendo entrado, assentou-se entre os **serventuários** [NVI: ‘guardas’], para ver o fim”.

‘Serventuários’ [NVI: ‘guardas’], ‘huperetes’ (Strong #g5257), significa: um ministro, um agente, um oficial subordinado, assistente (serventuário) ou guarda.

Na maioria das vezes, o termo ‘servo’ se refere a ‘um escravo’.

Podemos resumir de outra forma: a palavra ‘servo’, no seu uso secular, pode significar:

- Uma pessoa posta à disposição de outra
- Trabalhador que pertence ao seu senhor
- Escravo, servo a serviço do rei, súdito, a autodescrição de humildade
- Servos do santuário

No seu emprego religioso, a palavra ‘servo’ significa:

- Posição humilde de quem fala
- Alguém escolhido por Deus
- Confiança e entrega a Deus por parte do indivíduo
- Descrição de Israel como pertencendo totalmente a Deus; título dado por Ele mesmo à nação israelita (Is 41: 8)

Normalmente, as pessoas não gostam muito quando se fala de ser ‘servo’ de Deus com a conotação acima, ou seja, escravo (em um sentido de sujeição ou subserviência), pois não traz a impressão de alguém que auxilia de maneira voluntária, mas é obrigada a servir. Em outras palavras, o ser humano não gosta muito de servir; prefere mandar. Se não gosta de ser servo, quanto mais ser escravo! Porém, há uma coisa muito boa a ser dita sobre isso para quem se diz servo de Deus ou pretende servi-IO. Há um versículo escrito em 2 Cr 12: 8 (cf. 1 Rs 14: 25-28) sobre o caso da invasão de Judá por Sisaque, rei do Egito (925 AC), onde Roboão, filho de Salomão, não gostou muito da idéia, mas ao ouvir a repreensão profética, reconheceu o porquê do ataque e disse que o Senhor era justo. Por isso, Deus usou o profeta e disse que não permitiria a invasão, mas eles pagariam tributo ao rei do Egito: “Porém serão seus servos, para que conheçam a diferença entre a minha servidão e a servidão dos reinos da terra”. O povo de Judá, a começar pelo rei, se desviara do caminho do Senhor; por isso Ele trouxera Sisaque (Sesonki I ou Shoshenk I ou Sheshonk I, um chefe tribal da Líbia da 22ª dinastia egípcia – 943-922 AC). Assim fica clara a diferença entre a servidão a Deus e a servidão do mundo; ser ‘escravo’ (servo de Deus) e ser escravo do mundo.

O escravo era propriedade do seu dono (do seu amo) e tinha a orelha furada com um brinco como símbolo dessa propriedade. O Senhor fez leis para se tratar os escravos com humanidade, em especial, os escravos israelitas. E isso nos faz pensar no que Paulo disse em 1 Co 6: 19-20: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo”. Quando entregamos nossa vida a Jesus, recebemos a Seu selo na nossa testa (Ez 9: 4; Ap 7: 3; Ap 9: 4; Ap 14: 1; Ap 22: 4), de forma que deixamos de ser posse do diabo e do mundo e passamos a ter um novo dono. Já não somos donos nem de nós mesmos, mas do Senhor. E essa é uma servidão muito boa porque com Sua marca em nós, somos Sua propriedade exclusiva. Seu senhorio sobre a nossa alma, sobre todo o nosso ser, é de um bom e respeitoso dono, que não nos maltrata; pelo contrário, faz com que nos sintamos honrados e privilegiados por poder servi-LO. E essa honra é tanta, que a bíblia também nos chama de filhos amados. Um filho serve aos pais em amor, por isso não existe jugo. Portanto, ser servo de Deus é melhor do que ter chefes humanos ou ser servo do mundo.

Há também um comentário a fazer sobre a palavra ‘servo’, que é usada na bíblia para outras pessoas que não o Messias (no caso de Isaías 49). Além de ser empregada em relação a servos e senhores (amos), Deus usa essa palavra até para os ímpios que são Seus instrumentos na terra para correção do Seu povo. Por exemplo, Ele chama de ‘servo’ o povo de Israel, bem como Seus profetas, Davi, e até o Rei da Babilônia. Também chama Ciro, o persa, de servo, não apenas como um rei para ajudar Seu povo, mas também como uma figura profética do Messias. Vamos ver as referências bíblicas:

- Israel (Jacó) Is 41: 8-9; Is 44: 1-2; Is 44: 21; Is 45: 4; Is 48: 20; Is 49: 3; Jr 30: 10; Jr 46: 27-28
- Profetas (Servos): Jr 7: 25; Jr 25: 4; Jr 29: 19; Jr 35: 15; Jr 44: 4.
- Davi: Jr 33: 21; Jr 33: 22; Jr 33: 26; Is 37: 35; Ez 37: 24 (aqui, Davi é uma figura de Jesus).
- Rei da Babilônia: Jr 25: 9; Jr 27: 6; Jr 43: 10.

O Servo do Senhor é a luz dos gentios – v. 1-7.

• Is 49: 1-7: “Ouvi-me, terras do mar [NVI: ‘ilhas’], e vós, povos de longe, escutai! O Senhor me chamou desde o meu nascimento, desde o ventre de minha mãe fez menção do meu nome; fez a minha boca como uma espada aguda [NVI: ‘uma espada afiada’], na sombra da sua mão me escondeu; fez-me como uma flecha polida, e me guardou na sua aljava, e me disse: Tu és o meu servo, és Israel, por quem hei de ser glorificado [NVI: ‘Você é meu servo, Israel, em quem mostrarei o meu esplendor’]. Eu mesmo disse: debalde tenho trabalhado, inútil e vãmente gastei as minhas forças [NVI: ‘Tenho me afadigado sem qualquer propósito; tenho gastado minha força em vão e para nada’]; todavia, o meu direito está perante o Senhor, a minha recompensa, perante o meu Deus. Mas agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo, para que torne a trazer Jacó e para reunir Israel a ele, porque eu sou glorificado perante o Senhor [NVI: ‘pois sou honrado aos olhos do Senhor’], e o meu Deus é a minha força. Sim, diz ele: Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel [NVI: ‘Para você é coisa pequena demais ser meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta aqueles de Israel que eu guardei’]; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra [NVI: ‘até os confins da terra’]. Assim diz o Senhor, o Redentor e Santo de Israel, ao que é desprezado, ao aborrecido das nações, ao servo dos tiranos [NVI: ‘àquele que foi desprezado e detestado pela nação, ao servo de governantes’]: Os reis o

verão, e os príncipes se levantarão; e eles te adorarão [*adorarão o Messias, Jesus, é o quer dizer*] por amor do Senhor, que é fiel, e do Santo de Israel, que te escolheu [NVI: ‘Reis o verão e se levantarão, líderes o verão e se encurvarão, por causa do Senhor, que é fiel, o Santo de Israel, que o escolheu’]”.



Essa profecia diz respeito ao Messias. Fica clara a relação entre a palavra ‘Servo’ e Jesus. Aqui, Deus Pai fala com o Filho (Jesus), e Isaías pronuncia estas palavras em nome de Cristo. Então, Jesus convoca as terras de longe de Israel, além do mar, chamadas pelos judeus de ‘ilhas’, para que ouçam o que Ele tem a dizer, pois Ele é o grande profeta da Sua Igreja. Ele diz que desde o Seu nascimento Deus o chamou para ser Seu Servo na terra, e desce o ventre Ele fez menção do Seu nome, isto é, antes de Ele nascer a Sua vinda já estava sendo profetizada, e esta profecia era uma delas. Deus o escondeu e o protegeu com a sombra de Sua mão, e fez Sua boca como uma espada afiada, como uma flecha polida e a guardou até o momento certo de usá-la; e este momento em breve chegaria. A bíblia diz que Jesus é a palavra viva, e que o mundo foi criado através dela. Como uma espada afiada de dois gumes é esta palavra que vem separando juntas e medulas, alma e espírito, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, diante dos olhos de Deus todas as coisas estão descobertas e patentes (Hb 4: 12). Deus o chama de servo, como chamou Seu povo de Israel até agora, e através da Sua vida, Deus Pai será manifestado e glorificado por todos. Em Jesus, Deus mostrará Seu esplendor e Seu poder. Jesus é chamado de Israel, pois era um israelita na carne, bem como o cabeça do Israel espiritual, a saber, a Sua Igreja. A forma de glorificar a Deus seria através do Seu ministério e da Sua morte, resgatando esse povo que tem sido difícil de convencer. Ele vê que Sua palavra parece ser um trabalho inútil com o povo de Israel; todavia, aquilo que Lhe é devido está na mão do Senhor, e a Sua recompensa está com Seu Deus (Is 40: 10). Ele se afadigou pregando a palavra, e parece que ela não deu fruto; mas a Sua recompensa vai chegar, pois o Pai se agrada do Seu trabalho. Ele sabe que esse trabalho irá mais longe do que simplesmente pregar Sua palavra em

pessoa ou fazer milagres no meio do povo judeu. Sua missão trará a libertação completa, fará o máximo para o que ela foi programada, e aí sim, a recompensa virá (Jo 12: 28; Jo 17: 1-8; Fp 2: 9-11; Is 53: 11-12).

Depois, Isaías continua a falar em nome de Jesus: “Mas agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo, para que torne a trazer Jacó e para reunir Israel a ele, porque eu sou glorificado perante o Senhor [NVI: ‘pois sou honrado aos olhos do Senhor’], e o meu Deus é a minha força. Sim, diz ele: Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel [NVI: ‘Para você é coisa pequena demais ser meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta aqueles de Israel que eu guardei’]”.

Ele confirma que antes que Ele nascesse o plano de salvação de Deus já estava estabelecido. O Pai o preparou desde o ventre e o ungiu com Seu Espírito para ser um mediador entre Ele e os homens (Is 42: 6), para trazer Israel e Jacó a Ele novamente, ou melhor, os remanescentes, os escolhidos que aceitassem Sua palavra e pudessem semeá-la em outras terras férteis. Deus seria Sua força nessa tarefa, pois Ele era honrado aos Seus olhos, o único Santo para ser aceito para esse tipo de missão: a de um verdadeiro Resgatador. Ele seria Sua força para apoiá-lo como homem sujeito às fragilidades e tentações, livrando-o do Seu verdadeiro inimigo até que a missão fosse totalmente cumprida como Ele prometeu (Sl 89: 21-24).

Geralmente, quando Isaías fala ‘Israel’, ele está falando com respeito à descendência natural de Israel, aos judeus (os israelitas). E quando ele fala ‘Jacó’, ele se refere ao remanescente deles que sobreviverá a todas as suas calamidades, ou seja, a um remanescente de acordo com a eleição da graça, ‘as ovelhas perdidas da casa de Israel’, os eleitos de Deus entre os judeus (ref.: Is 9: 8; Is 10: 20; 21; 22; Is 14: 1; Is 27: 6; 7-9; Is 29: 22-23; Is 43: 1; 22; 27-28; Is 44: 1-2; Is 45: 4; Is 48: 1; Is 49: 5-6).

Deus Pai continua a dizer a Jesus que isso ainda era pouco; Israel era muito pouca recompensa: “também te dei como luz para os gentios (Is 42: 6), para seres a minha salvação até à extremidade da terra [NVI: ‘até os confins da terra’]. Assim diz o Senhor, o Redentor e Santo de Israel, ao que é desprezado, ao aborrecido das nações, ao servo dos tiranos [NVI: ‘àquele que foi desprezado e detestado pela nação, ao servo de governantes’]: Os reis o verão, e os príncipes se levantarão; e eles te adorarão [*adorarão o Messias, Jesus, é o quer dizer*] por amor do Senhor, que é fiel, e do Santo de Israel, que te escolheu [NVI: ‘Reis o verão e se levantarão, líderes o verão e se encurvarão, por causa do Senhor, que é fiel, o Santo de Israel, que o escolheu’]”.

Isso significa que antes de Jesus nascer já estava profetizado que Ele viria também para os gentios, e isso completaria a Sua vitória e aumentaria o Seu galardão, pois toda a terra estaria debaixo da Sua autoridade, debaixo do Seu poder. Então, Deus Pai confirma que, apesar de Ele ser desprezado e aborrecido pelos Seus próprios parentes, amigos e conterrâneos, reis e sacerdotes, judeus e governantes ímpios (Sl 69: 1-36 – o lamento do Messias), Ele não estará desamparado e todos serão testemunhas da Sua vitória e virão e se prostrarão diante dEle porque o Pai o disse. Ele é fiel às Suas promessas e honra a todos a quem Ele escolhe para servi-lo; especialmente Aquele que recebeu o título de Redentor da humanidade.

Prometida a restauração de Israel – v. 8-13.

- Is 49: 8-13: “Diz ainda o Senhor: No tempo aceitável, eu te ouvi e te socorri no dia da salvação; guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas; para dizeres aos presos: Saí, e aos que estão em trevas: Aparecei. Eles pastarão nos caminhos e em todos os altos desnudos [NVI: ‘em toda colina estéril’] terão o seu pasto. Não terão fome nem sede, a calma nem o sol

os afligirá [NVI: ‘o calor do deserto e o sol não os atingirão’; NRSV: ‘vento escaldante, ou vento abrasador’]; porque o que deles se compadece os guiará e os conduzirá aos mananciais das águas. Transformarei todos os meus montes em caminhos, e as minhas veredas serão alteadas [NVI: ‘meus caminhos serão erguidos’]. Eis que estes virão de longe, e eis que aqueles, do Norte e do Ocidente, e aqueles outros, da terra de Sinim [NVI: ‘alguns de Assuã (esta palavra está escrita nos manuscritos do Mar Morto. Nos textos Massoréticos, a palavra é Sinim)’]. Cantai, ó céus, alegra-te, ó terra, e vós, montes, rompei em cânticos, porque o Senhor consolou o seu povo e dos seus aflitos se compadece”.

A palavra continua a ser dirigida a Jesus: no momento certo O Pai o ouvirá, e no dia da salvação Ele O ajudará, pois Sua morte trará a salvação para a humanidade; e para Ele, glória e honra, como jamais ninguém teve nem terá (Hb 1: 1-4; 9). Sua missão como mediador de uma nova aliança continua de pé, assim como a autoridade que Lhe foi dada para restaurar as vidas e as propriedades das pessoas, para libertar os cativos do diabo e das armadilhas dos homens (obras da carne), tanto judeus quanto gentios, e livres eles viverão em paz. Não sentirão falta de coisa alguma: não sentirão fome, nem sede, nem se afligirão com o calor escaldante do deserto nem com o sol excessivo, pois como ovelhas elas serão levadas pelo Bom Pastor aos mananciais de águas. O Senhor tornará a vida delas mais fácil, sem obstáculos que elas não possam transpor, abrindo-lhes os olhos e o entendimento para que venham a conhecer a Deus. O que está torto e desnivelado será corrigido. Muitas pessoas virão de todas as partes da terra para receber dessa água viva, tanto gentios quanto os judeus espalhados por todas as nações: do Norte, do Ocidente e alguns de Sinim (Sinim no texto Massorético; ou Assuã, nos textos do Mar Morto), o que para nós pode ter significados diferentes. Mas não importa o lugar geográfico; o que importa é que de terras distantes as pessoas virão buscar a luz, a verdade, a cura e a libertação que vai fluir do Servo de Deus, Jesus. O versículo termina dizendo: ‘Cantai, ó céus, alegra-te, ó terra, e vós, montes, rompei em cânticos, porque o Senhor consolou o seu povo e dos seus aflitos se compadece’. A libertação do povo de Deus do cativeiro Babilônico é motivo de muita alegria, da mesma forma que é a salvação trazida pelo Messias, libertando vidas do cativeiro de Satanás.

A bíblia menciona, nos quatro evangelhos, 78 vezes a palavra ‘multidão’ e 15 vezes a palavra ‘multidões’, se referindo a Jesus, o que vem a confirmar as profecias de Isaías sobre o grande número de pessoas que viriam a Sião, atraídas pela doutrina do Messias. Alguns versículos são mais importantes de serem mencionados, pois estão relacionados às passagens de cura, pregação, ensino e milagres do Senhor:

Mt 13: 2 (A parábola do semeador); Mt 14: 14; 19 (A 1ª multiplicação de pães e peixes – Jesus curou os enfermos); Mt 15: 33 (A 2ª multiplicação de pães e peixes); Mt 20: 31 (A cura de dois cegos de Jericó); Mc 2: 4 (A cura de um paralítico em Cafarnaum); Mc 2: 13 (Jesus ensina a multidão – um pouco antes de chamar Mateus para ser Seu discípulo); Mc 4: 1 (Jesus voltou a ensinar a multidão à beira-mar); Mc 5: 27; 30-31 (A cura de uma mulher com fluxo de sangue); Mc 6: 34 (A 1ª multiplicação de pães e peixes – Jesus voltou a ensinar a multidão); Mc 9: 17; 25 (A cura de um jovem possesso); Mc 10: 46 (A cura do cego de Jericó); Lc 5: 1 (Jesus ensina a multidão); Lc 5: 19 (A cura de um paralítico em Cafarnaum); Lc 7: 11-12 (A ressurreição do filho da viúva de Naim); Lc 9: 11-12 (A 1ª multiplicação de pães e peixes – Jesus curou os enfermos e pregou para a multidão); Lc 9: 37-38 (A cura de um jovem possesso); Lc 13: 14 (O chefe da sinagoga repreende a multidão após Jesus ter curado a mulher encurvada no Sábado); Lc 18: 36 (A cura do cego de Jericó); Lc 19: 3 (Zaqueu, o publicano, procura ver Jesus); Jo 5: 3 (A cura do paralítico no tanque de Betesda); Jo 6: 2; 5 (A multiplicação de pães e peixes – a multidão vê o milagre e

reconhece que Jesus é o grande profeta); Mt 5: 1 – 7: 29 (o sermão do monte – Jesus ensina a multidão); Mt 8: 1-3 (A cura de um leproso); Mt 9: 35-36 (Jesus curou os enfermos, ensinou nas sinagogas e pregou para a multidão em muitas cidades); Mt 15: 29-31 (Jesus curou os enfermos junto ao mar da Galiléia); Lc 5: 15 (Após a cura de um leproso – as multidões vinham para ouvi-lo e para serem curadas de suas doenças); Lc 9: 11 (A 1ª multiplicação de pães e peixes – Jesus curou os enfermos e pregou para a multidão).

Multidões foram atraídas a Ele: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12: 32) cf. Jo 8: 28: “Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou”.

Como vimos nas profecias de Isaías, grande número de pessoas vinham de todos os lugares para vê-lo, pois ficaram sabendo a Seu respeito:

- Mc 3: 7-9: “Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar. Seguiu-o da Galiléia uma grande multidão. Também da **Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, além do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom** uma grande multidão, sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele”.

- Mc 8: 1-3: “Naqueles dias, quando outra vez se reuniu grande multidão, e não tendo eles o que comer, chamou Jesus os discípulos e lhes disse: Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer. Se eu os despedir para suas casas, em jejum, desfalecerão pelo caminho; **e alguns deles vieram de longe**”.

- Lc 6: 17-19: “E, descendo com eles, parou numa planura onde se encontravam muitos discípulos seus e grande multidão do povo, de **toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom**, que vieram para o ouvirem e serem curados de suas enfermidades; também os atormentados por espíritos imundos eram curados. E todos da multidão procuravam tocá-lo, porque dele saía poder; e curava todos”.

- Lc 8: 4: “Afluindo uma grande multidão e vindo ter com ele **gente de todas as cidades**, disse Jesus por parábola” (A parábola do semeador).

- Jo 12: 29: “A multidão, pois, que ali estava, tendo ouvido a voz, dizia ter havido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que lhe falou” (**Gregos** pedem para ver Jesus).

- Mt 4: 24-25: “E sua fama correu por toda a **Síria**; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da **Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão** numerosas multidões o seguiam”.

Em outras passagens, a bíblia escreve que Jesus foi para outras cidades fora de Israel, ou fora da Judéia e da Galiléia, ou seja, entrou no território dos gentios:

- Mt 15: 21: “Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de **Tiro e Sidom**” (A mulher Cananéia).

- Mt 19: 1-2: “E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, **além do Jordão**. Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali” (Jesus vai para a Transjordânia e cura enfermos).

- Mc 7: 31: “De novo, se retirou das terras de **Tiro** e foi por **Sidom** até ao mar da Galiléia, através do território de **Decápolis**” (Jesus cura um surdo e gago).

- Mc 10: 1: “Levantando-se Jesus, foi dali para o território da Judéia, **além do Jordão**. E outra vez as multidões se reuniram junto a ele, e, de novo, ele as ensinava, segundo o seu costume” (Jesus atravessa o Jordão e ensina as multidões).

Assim, Is 49: 8-13 é uma profecia da conversão de judeus e gentios nos tempos do evangelho e no final dos tempos, nas várias partes do mundo: “Eis que estes virão de

longe, e eis que aqueles, do Norte e do Ocidente, e aqueles outros, da terra de Sinim” (Sinim no texto Massorético; ou Assuã, nos textos do Mar Morto). Israel é o ponto de referência em relação aos pontos cardeais mencionados. Do norte pode se referir à Média, às terras anteriormente pertencentes à Assíria, assim como pode se referir ao Líbano e à Fenícia (Tiro e Sidom), aonde o evangelho do Senhor chegou através de Sua própria pessoa, quando desceu para além da Galiléia e encontrou a mulher Siro-Fenícia (Cananéia). Mais tarde, Damasco e Antioquia, na Síria, foram as primeiras cidades a abrigar uma igreja cristã, através de Barnabé e Saulo de Tarso e João Marcos. Através deles, o evangelho se espalhou depois por toda a Ásia Menor, como Panfília, Antioquia na Psídia (Turquia), Galácia, Licaônia, Frígia, e indo cada vez para o Ocidente, a começar por Chipre e Salamina, chegando até Roma.

Quando lemos At 2: 9-11, nós vemos a citação dos lugares de onde vieram os judeus que habitavam em outras nações: “Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” Do Ocidente vinham, ainda no tempo de Jesus, os judeus residentes em Roma e os próprios soldados romanos que, com o propósito de controlar a revolta do povo na Judéia, estavam sempre ouvindo Suas pregações. Gregos também vinham e queriam falar com Ele (Jo 12: 20-22).

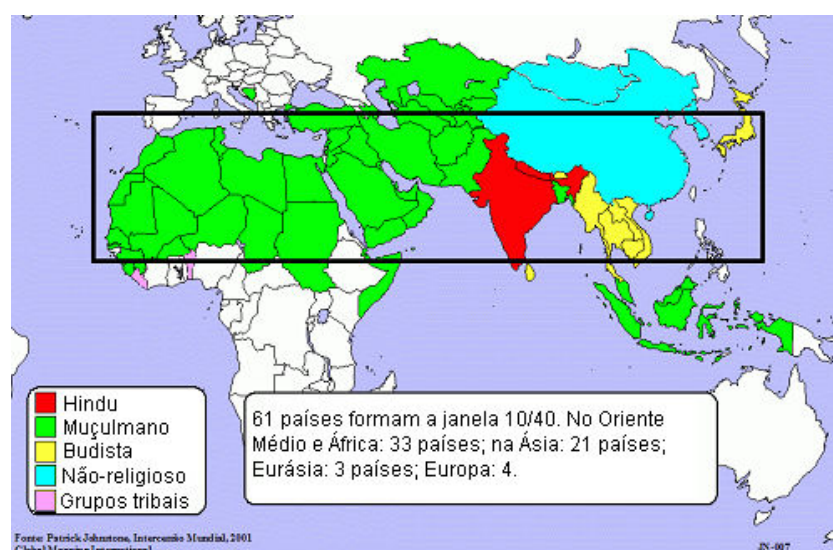


Antiga Anatólia (Turquia) na região da Ásia Menor (wikipedia.org)

Quanto à palavra ‘Sinim’ (no texto Massorético: s^wweneh), a Vulgata Latina traduz por ‘terra do Sul’, enquanto que os manuscritos do Mar Morto escrevem ‘Assuã’. KJV escreve ‘Sinim’. A Concordância Lexicon Strong escreve, em hebraico, ‘Ciyniyim’ (Strong #5515), que significa apenas: uma distante região Oriental; o extremo Oriente.

Não pode se referir à China, como muitos pensam, mesmo porque a China não tinha um nome específico para o seu país na época, mas adotava o nome dos

governantes da sua dinastia. Depois, a bíblia nunca deu a entender que o evangelho chegou até lá através de algum discípulo de Cristo no 1º século da era cristã. Quando olhamos o Mapa Mundi com os países da Janela 10/40, nós podemos ver que a China não tem uma religião, embora siga algumas filosofias dos seus antepassados. Algumas fontes dizem apenas que é o país mais populoso do planeta, com mais de 1.400.050.000 habitantes (2019) e, presume-se que em 2008 havia entre 21 a 130 milhões de cristãos vivendo lá, a maioria protestante. A janela 10/40 é uma faixa do planeta localizada entre 10 e 40 graus ao norte do equador, estendendo-se do Oeste da África até a Ásia e incluindo o Oriente Médio em seu caminho. É um pouco mais da metade da população mundial não cristã. Os maiores países incluídos são: China, Índia, Indonésia, Japão, Bangladesh, Paquistão, Nigéria, Turquia e Irã, dentre os 61 países que formam a janela 10/40. No Oriente Médio e África: 33 países; na Ásia: 21 países; Eurásia: 3 países; Europa: 4.



Na NRSV está escrito ‘the land of Syene’ (‘a terra de Sevene’); na NVI está escrito ‘Assuã’. Portanto, é mais provável que se trate de uma terra ao sul de Israel, como vimos nas profecias anteriores de Isaías, que se relaciona à terra de Cuxe (Etiópia), pois assim a profecia tem um respaldo para ter sido cumprida nos tempos do evangelho. ‘Assuã’ é a mesma cidade anteriormente chamada Savene. Assuã, antigamente escrito como ‘Assuan’, é a tradução da palavra árabe ‘Aswan’ (no árabe egípcio: Aswān; egípcio antigo: Swenett; grego antigo: Συήνη, Syene) – Ez 29: 10 (Sevene); Ez 30: 6 (Sevene, em hebraico, Seveneh ou Cveneh ou Cven – Strong #5482, que significa ‘sete’). O nome egípcio antigo ‘Swenett’ sugere que a cidade recebeu o nome da deusa egípcia Swenett, associada com o parto, e cujo significado é ‘a abridora’ (‘que dá entrada, que abre’ – Evandro de Souza Lopes, Os nomes bíblicos e seus significados, CPAD, 8ª edição 2002). Outros dizem que o antigo nome da cidade deriva do símbolo egípcio para ‘comércio’ ou ‘mercado’; portanto, poderia significar ‘lugar de troca, mercado’ – fonte: wikipedia.org.

Vamos nos lembrar do que foi escrito em Is 18: 1-7 (nosso comentário sobre a profecia contra a Etiópia):

A Etiópia foi povoada por descendentes de Cuxe (filho de Cam, filho de Noé – Gn 10: 6). Em grego, é chamada Aithiōps, ‘rosto queimado’. Fazia parte do reino da Núbia, e estendia-se desde Sevene (Ez 29: 10; Ez 30: 6) para o sul, até a junção do Nilo perto

da moderna cidade de Cartum (capital do Sudão). Na Antiguidade e na bíblia, Cuxe era a grande região que abrangia o norte do atual Sudão, o sul do Egito e partes da Etiópia, Eritréia e Somália. Sevene, em Hebraico [Strong #5482; s^cweneh, em Massorético; Swenett ou Swn em Egípcio antigo; em Grego antigo, Syene, Suēnē, Συήνη – Ez 29: 10; Ez 30: 6] estava localizada na primeira catarata do Nilo, na fronteira entre Egito e Etiópia. Do séc. XVI até o séc. IX AC os Etíopes foram dominados pelos Egípcios. O reino da Etiópia (Hebraico: Cuxe) existiu dentro do reino da Núbia desde 2000 AC e seus governantes adotaram a cultura Egípcia. Por volta de 1150 AC, sua capital era Napata, na margem oeste do Nilo.

Quando Shoshenk I ou Sheshonk I (ou Sisaque I – 945-924 AC ou 943-922 AC) invadiu o reino de Roboão (930-913 AC – 2 Cr 12: 1-12; 1 Rs 14: 25-28), os etíopes foram seus aliados, junto com os líbios e os suquitas (2 Cr 12: 6). Sisaque I foi o primeiro faraó e fundador da 22^a dinastia egípcia. Ele pertencia a uma família Líbia de Bubástis (atual Tell Basta), uma cidade ao sul de Tânis. Bubastis é freqüentemente identificada com a cidade bíblica Pi-Beseth ou Pibeseth (Ez 30: 17). Sisaque I reatou relações com Biblos, a tradicional parceira comercial egípcia na costa fenícia, aumentando a prosperidade no início da dinastia. Suquitas (em egípcio, thktn, tkn), auxiliares Líbios, eram empregados como batedores nos séculos XIII e XII AC. Não se sabe exatamente se ‘suquitas’ eram moradores de Sucote, no Egito, uma das paradas dos hebreus antes da travessia do Mar Vermelho. Mais ou menos nesta época também (século X AC), os Etíopes intentaram um ataque contra a Palestina, mas foram derrotados por Asa, rei de Judá (911-870 AC – 2 Cr 14: 9-15). A Etiópia realmente se engrandeceu por volta de 720 AC, quando seu rei (Pi-anki ou Piye ou Pié – 744-714 BC) tirou vantagem das contendas internas do Egito e se tornou o primeiro conquistador daquela terra (reinado: 744–714 AC). Entre 720 AC e 660 AC, os seus reis dominaram o Egito, formando a 25^a dinastia. Durante 60 anos, governantes etíopes controlaram o vale do rio Nilo. Um deles, Tiraca (Taharqa ou Taharka, ou Khurenefertem – 690-664 AC) é citado em 2 Rs 19: 9. Depois os cuxitas foram expulsos do Egito pelos assírios (Esar-Hadom – 681-669 AC), onde acabaram por estabelecer sua capital em Meroë (Meroé). Há estudos que dizem que o reino de Meroé era governado por rainhas que recebiam o nome-título de Candace, em que o poder seria passado aos descendentes pela via feminina.

‘Além dos rios da Etiópia’ (Is 18: 1; Sf 3: 10) talvez seja expressão referente ao norte da Abissínia (como era conhecido o império Etíope do Alto Nilo que ocupava os atuais territórios da Etiópia e Eritréia), onde colonos judeus aparentemente se haviam estabelecido juntamente com outros povos semíticos vindos do sul da Arábia. O cronista reconhece essa íntima relação entre a Etiópia e o sul da Arábia [2 Cr 21: 16: “Despertou, pois, o Senhor contra Jeorão (rei de Judá – 848-841 AC) o ânimo dos filisteus e dos arábios que estão do lado dos etíopes”]. O reino de Cuxe com a sua capital em Meroé persistiu até o século IV DC, quando enfraqueceu e se desintegrou devido à rebelião interna. Meroé foi finalmente capturada e totalmente queimada pelo Reino de Axum, atual Eritréia. Sendo uma nação inicialmente cristã, a Etiópia foi dominada depois pelos turcos mamelucos, de religião Islâmica, por volta de 1315 DC. O termo mameluco é comumente usado para se referir aos soldados escravos muçulmanos ou governantes muçulmanos de origem escrava.

- Is 49: 14-23: “Mas Sião diz: O Senhor me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim. Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei; os teus

muros estão continuamente perante mim. Os teus filhos virão apressadamente, ao passo que os teus destruidores e os teus assoladores se retiram do teu meio. Levanta os olhos ao redor e olha: todos estes que se ajuntam vêm a ti [NVI: ‘todos os seus filhos se ajuntam e vêm até você’]. Tão certo como eu vivo, diz o Senhor, de todos estes te vestirás como de um ornamento e deles te cingirás como noiva. Pois, quanto aos teus lugares desertos e desolados e à tua terra destruída, agora tu, ó Sião, certamente, serás estreita demais para os moradores [NVI: ‘agora você será pequena demais para o seu povo’]; e os que te devoravam estarão longe de ti. Até mesmo os teus filhos, que de ti foram tirados [NVI: ‘Os filhos nascidos durante seu luto’], dirão aos teus ouvidos: Mui estreito é para mim este lugar; dá-me espaço em que eu habite. E dirás contigo mesma: Quem me gerou estes, pois eu estava desfilhada e estéril, em exílio e repelida? [NVI: ‘Eu estava enlutada e estéril; estava exilada e rejeitada’] Quem, pois, me criou estes? Fui deixada sozinha; estes, onde estavam? Assim diz o Senhor Deus: Eis que levantarei a mão para as nações e ante os povos arvorarei a minha bandeira [NVI: ‘eu acenarei para os gentios, erguerei minha bandeira para os povos’]; eles trarão os teus filhos nos braços, e as tuas filhas serão levadas sobre os ombros. Reis serão os teus aios, e rainhas, as tuas amas [NVI: ‘Reis serão os seus padrastos, e suas rainhas serão as suas amas de leite’]; diante de ti se inclinarão com o rosto em terra e lambeirão o pó dos teus pés; saberás que eu sou o Senhor e que os que esperam em mim não serão envergonhados”.

Apesar de todas as promessas favoráveis de Deus, os judeus no exílio pensavam que o Senhor tinha se esquecido deles. Mas Ele lhes diz que ainda que uma mãe se esquecesse do filho recém-nascido, Ele não se esqueceria deles. Aquele cativo não duraria para sempre; ele estava chegando ao fim. O fato de colocá-los como uma marca em Sua mão, ou um selo em seu braço, denota que Ele está sempre atento a eles. É como nós, que já escrevemos sobre a mão ou colocamos sobre ela uma anotação para não correremos o risco de nos esquecermos de fazer algo importante. Dessa forma, com o nome de Israel escrito em Sua mão, Deus jamais poderia olhar para ela sem ver o nome deles escrito ali. Com certeza eles oravam a Deus com angústia no coração por causa do cativo em que estavam, e esperavam que a libertação viesse logo. Alguns deles poderiam até achar que ali seria a sua morada dali para frente e nunca mais voltariam para Canaã, pois o sofrimento parecia estar durando muito, e isso os desanimava. Entretanto, para o Senhor, o dono da eternidade, aqueles setenta anos não passavam de minutos. A bíblia diz que para Deus, mil anos são como um dia (2 Pe 3: 8), e Ele não retarda a Sua promessa (2 Pe 3: 9), mas fará logo a sua justiça, embora ela pareça demorada: “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lc 18: 7-8).

Os ‘muros’ lembram os judeus que mesmo que tenham sido completamente destruídos, eles serão restaurados novamente. Deus se importa com a defesa de Jerusalém. A seguir, Ele fala sobre o repatriamento pós-exílico; a cidade de Sião será novamente habitada. Seus ‘filhos’ (seus habitantes) vêm, enquanto os invasores se retiram dela. O Senhor pede a eles que olhem ao seu redor e vejam, pela fé, quantas pessoas se ajuntam para voltar a Jerusalém (Sl 69: 35-36). Até gentios podem voltar a ela, e a cidade será bonita e povoada de novo, cheia de cânticos e festas, como se fosse adornada com jóias. Será tão grande o número de pessoas que habitarão nela que o espaço parecerá pequeno. Eles terão que aumentá-la para comportar seus habitantes. Deus promete que os que a assolaram e destruíram estarão longe dali. Até os judeus que foram levados durante a invasão da cidade ou que nasceram durante o exílio virão à cidade, e até os gentios que ela nunca viu virão por amor do Senhor, pois Ele mesmo os chamará: “Eis que levantarei a mão para as nações e ante os povos arvorarei a minha

bandeira [NVI: ‘eu acenarei para os gentios, erguerei minha bandeira para os povos’]”. Governantes gentios e pessoas poderosas a reverenciarão, se inclinarão, em sinal de honra e respeito. Isso pode significar sua conversão ao evangelho.

- Is 49: 24-26: “Tirar-se-ia a presa ao valente? Acaso, os presos poderiam fugir ao tirano? Mas assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano fugirá, porque eu contenderei com os que contendem contigo e salvarei os teus filhos. Sustentarei os teus opressores com a sua própria carne, e com o seu próprio sangue se embriagarão, como com vinho novo. Todo homem saberá que eu sou o Senhor, o teu Salvador e o teu Redentor, o Poderoso de Jacó”.

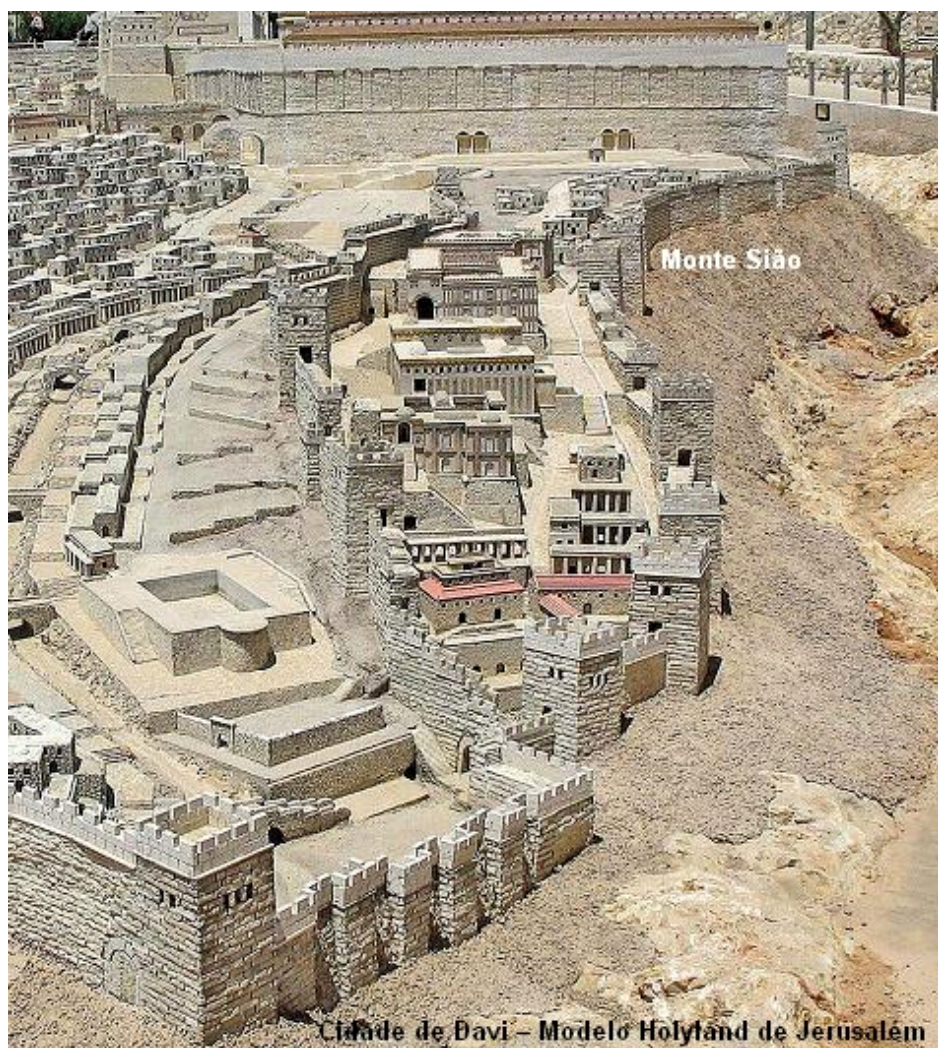
Ainda que alguém duvide do poder do Senhor para livrar Seu povo de um tirano tão forte, Ele confirma que para Ele tudo é possível e Israel será libertado, seus filhos exilados serão reunidos de todas as terras por onde foram dispersos, e voltarão a Canaã. Ele fará o malfeito do inimigo recair sobre sua própria cabeça. Todos saberão que Ele é o Senhor, o Salvador e Redentor do Seu povo, e que Sua mão é poderosa.

Capítulo 50

O pecado de Israel e seu abandono por não acreditar na capacidade de Deus salvá-los – v.1-3.

• Is 50: 1-3: “Assim diz o Senhor: Onde está a carta de divórcio de vossa mãe, pela qual eu a repudiei? Ou quem é o meu credor, a quem eu vos tenha vendido? Eis que por causa das vossas iniquidades é que fostes vendidos, e por causa das vossas transgressões vossa mãe foi repudiada. Por que razão, quando eu vim, ninguém apareceu? Quando chamei, ninguém respondeu? Acaso, se encolheu tanto a minha mão, que já não pode remir ou já não há força em mim para livrar? [NVI: ‘Será que meu braço era curto demais para resgatá-los? Será que me falta a força para redimi-los?'] Eis que pela minha repreensão faço secar o mar e torno os rios um deserto, até que cheirem mal os seus peixes; pois, não havendo água, morrem de sede. Eu visto os céus de negridão e lhes ponho pano de saco por sua coberta [NVI: ‘Visto de trevas os céus e faço da veste de lamento a sua coberta’]”.

Aqui, o Senhor toma a terra de Israel (‘Sião’) como o exemplo de uma esposa que foi repudiada. Ele é o marido, e os judeus são os filhos que estão agora no cativeiro. Quando Ele fala ‘a vossa mãe’, Ele está se referindo a Sião.



‘Sião’ significa ‘lugar seco’, ‘banhado de sol’, ou ‘cume’. O Monte Sião é o nome de uma das colinas de Jerusalém e que pela definição bíblica é a Cidade de Davi, e mais tarde se tornou sinônimo da Terra de Israel. Sião (em hebraico צִיּוֹן Tzion ou Tsion; em árabe, Şuhyūn) era o nome dado especificamente à fortaleza Jebusita que ficava na colina a sudeste de Jerusalém, chamada de Monte Sião, e que foi conquistada por Davi. Após sua morte, o termo Sião passou a se referir ao monte onde se encontrava o Templo de Salomão (no Monte Moriá, 2 Cr 3: 1, ao norte do Monte Sião, onde estava a fortaleza Jebusita tomada por Davi), e depois, ao próprio templo e aos seus terrenos. Depois disso ainda, a palavra ‘Sião’ foi usada para simbolizar Jerusalém e a terra de Israel.

Na Antiguidade, quando um homem visse na sua esposa algo que o desagradasse, ou mais especificamente, se desconfiasse da sua fidelidade conjugal, ele lhe dava um termo de divórcio e a repudiava (Dt 24: 1). E também, quando um homem pobre não tinha dinheiro para pagar seu credor, ele era forçado a vender os filhos como escravos (Ne 5: 5).

Por isso, Deus se dirige aos Seus filhos no cativeiro e diz que Ele não havia repudiado a terra de Israel (‘Sua mãe’) nem seus filhos. Mas eles foram vendidos ao inimigo pelo seu próprio pecado. Mesmo que eles murmurassem e colocassem a culpa do seu infortúnio no Senhor, Ele ainda tinha capacidade para salvá-los.

‘Quando eu vim’ significa ‘primeiro por meus profetas’, pedindo que eles deixassem seus pecados e evitassem sua própria ruína. Por fim, enviou Seu Filho, mas Seu próprio povo não o recebeu (Jo 1: 9-11). Para silenciar as reclamações, Ele lhes dá as provas do Seu poder: “Eis que pela minha repreensão faço secar o mar e torno os rios um deserto, até que cheirem mal os seus peixes; pois, não havendo água, morrem de sede. Eu visto os céus de negridão e lhes ponho pano de saco por sua coberta [NVI: ‘Visto de trevas os céus e faço da veste de lamento a sua coberta’]”. É como Ele dissesse a eles, lembrando-os dos milagres do tempo do Êxodo: “Eu não posso ajudá-los como ajudei seus antepassados, quando eu separei o Mar Vermelho para eles atravessarem a seco e contaminei as águas do rio Nilo com sangue, matando os peixes de sede?”

‘Faço secar o mar e torno os rios um deserto’ também pode significar figuradamente um período de silêncio da Sua parte, ou uma manifestação do Seu descontentamento; um período de provação e secura no relacionamento do Seu povo com Ele. Ele não poderia fazer isso para discipliná-los?

‘Eu visto os céus de negridão e lhes ponho pano de saco por sua coberta’ pode se referir também ao tempo de escravidão no Egito, quando Ele trouxe trevas por três dias sobre aquela terra (Êx 10: 21), ou um período de angústia como resultado do Seu descontentamento, quando parece que Deus se retira e os céus se fecham.

Mas, já que estamos falando sobre Jesus como a figura do Servo que foi rejeitado pelos judeus quando veio em carne, podemos ver que o descontentamento de Deus Pai por causa da morte do Seu Filho na cruz trouxe algumas manifestações que causaram espanto nos soldados romanos que estavam perto da cruz, e creram que Aquele era realmente o Filho de Deus: “Desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre toda a terra... Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas; abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mt 27: 45; 51-54).

A obediência do Servo; Deus está presente com ele – v. 4-9.

• Is 50: 4-9: “O Senhor Deus me deu língua de eruditos [NVI: ‘uma língua instruída’], para que eu saiba dizer boa palavra ao cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos [NVI: ‘Ele me acorda manhã após manhã, desperta meu ouvido para escutar como alguém que está sendo ensinado’]. O Senhor Deus me abriu os ouvidos, e eu não fui rebelde, não me retraí [NVI: ‘eu não me afastei’]. Ofereci as costas aos que me feriam e as faces, aos que me arrancavam os cabelos [NVI: ‘que arrancavam minha barba’]; não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam. Porque o Senhor Deus me ajudou, pelo que não me senti envergonhado [NVI: ‘Porque o Senhor, o Soberano, me ajuda, não serei constrangido’]; por isso, fiz o meu rosto como um seixo [NVI: ‘Por isso eu me opus firme como uma dura rocha’] e sei que não serei envergonhado. Perto está o que me justifica [NVI: ‘Aquele que defende o meu nome está perto’]; quem contenderá comigo? Apresentemo-nos juntamente; quem é o meu adversário? Chegue-se para mim. Eis que o Senhor Deus me ajuda; quem há que me condene? Eis que todos eles, como um vestido [NVI: ‘como uma roupa’], serão consumidos; a traça os comerá”.

Como no capítulo 49 (Is 49: 1-7), Isaías pronuncia estas palavras em nome de Cristo. Deus Pai tinha dado a Ele o dom da palavra (Jo 7: 14-18; Mt 7: 29) para poder ensinar, ministrar aos doentes e necessitados, abrir os olhos aos cegos para o entendimento das verdades espirituais, para expulsar demônio com essa palavra de autoridade, e até para argumentar de maneira sábia com os mestres da Lei, em especial os escribas, que procuravam apanhá-lo em algum deslize para condená-lo pelo que saía da Sua própria boca.

‘Manhã após manhã, desperta meu ouvido para escutar como alguém que está sendo ensinado’ – isso significa que Ele estava diariamente atento aos ensinamentos que Seu Pai Lhe dava, pois com a assistência do Espírito Santo Ele desempenharia Seu dever com mais cuidado, mais afincado, superando os ensinamentos e as doutrinas hipócritas de Fariseus, Saduceus e Escribas, a fim de que os que estavam sedentos da verdade pudessem ser saciados. A palavra de conhecimento, entendimento e sabedoria Lhe tinha sido dada para que Ele soubesse dizer boa palavra ao cansado; cansado do pecado, das injustiças, da mesmice da vida, da palavra morta e hipócrita que brotavam da boca dos religiosos e que não resolvia seus problemas; cansado do trabalho pesado sem recompensa, cansado da opressão, cansado de buscar no próprio Deus e em outros deuses a solução para os problemas da sua existência; cansado da falta de resposta às suas súplicas e que só trazia desgosto e decepção. Jesus veio para trazer a libertação desse tipo de cansaço e outros que porventura não foram citados aqui.

Depois, Jesus, o Servo, diz que Deus tinha aberto Seus ouvidos para a Sua vontade eterna: para Ele ser o Redentor da humanidade. Então Ele diz que não se afastou do Seu chamado, não foi rebelde, apesar de saber de todo o sofrimento que passaria. Paulo repete algo parecido em At 26: 19, quando se defende diante do rei Agripa: “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial”. A ‘visão celestial’ se refere à missão de Paulo de pregar o evangelho aos gentios, que ele recebeu quando se encontrou com Jesus a caminho de Damasco e ficou cego por causa da luz; e depois, quando Ananias reafirmou o chamado e ele voltou a enxergar.

Os próximos versículos de Isaías descrevem as injúrias e as aflições de Jesus até chegar à cruz: “Ofereci as costas aos que me feriam e as faces, aos que me arrancavam os cabelos [NVI: ‘minha barba’]; não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam”. No Sl 129: 3-4 há também uma referência aos açoites: “Sobre o meu dorso lavraram os aradores; nele abriram longos sulcos. Mas o Senhor é justo; cortou as cordas dos ímpios”.

Da mesma forma que Jesus, nós não voltamos atrás no nosso chamado. Em face de qualquer dificuldade que ele traga no nosso caminhar, nós seguimos em frente porque sabemos que ao nosso lado está quem nos justifica, e que não há quem possa acusar um filho de Deus que segue Seus passos e realiza o Seu querer com fidelidade: “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica” (Rm 8: 33). Jesus suportou os que o feriram porque sabia que não estava só; o Pai estava ali (“E aquele que me enviou está comigo; não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada” – Jo 8: 29), e era o Pai quem o justificava. Com a ajuda de Deus, quem o poderia envergonhar ou condenar? Ele sabia qual seria o futuro deles: “Porque o Senhor Deus me ajudou, pelo que não me senti envergonhado; por isso, fiz o meu rosto como um seixo [NVI: ‘me opus firme como uma dura rocha’] e sei que não serei envergonhado. Perto está o que me justifica; quem contenderá comigo? Apresentemo-nos juntamente; quem é o meu adversário? Chegue-se para mim. Eis que o Senhor Deus me ajuda; quem há que me condene? Eis que todos eles, como um vestido, serão consumidos; a traça os comerá” (Is 50: 7-9).

Uma exortação para não confiar em nós mesmos, mas em Deus – v. 10-11.

- Is 50: 10-11: “Quem há entre vós que tema ao Senhor e que ouça a voz do seu Servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do Senhor e se firme sobre o seu Deus. Eia! Todos vós, que acendeis fogo e vos armais de setas incendiárias, andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as setas que acendestes [NVI: ‘Mas agora, todos vocês que acendem fogo e fornecem a si mesmos tochas acesas, vão, andem na luz de seus fogos e das tochas que vocês acenderam’]; de mim é que vos sobrevirá isto, e em tormentas vos deitareis [NVI: ‘Vejam o que receberão da minha mão: vocês se deitarão atormentados’]”.

Aqui o profeta volta a falar em nome de Jesus, do Servo obediente, que também conheceu o que é trevas no momento do abandono de Seu Pai, quando Ele estava na cruz. Ele diz aos que estão em trevas, aos que não conseguem enxergar a verdade ou que não querem vê-la, para confiar em Deus, ao invés de confiar em si mesmos. Não adianta buscar o falso conforto de quem arranja soluções por seus próprios meios ou recursos. Era como acender uma tocha, que ilumina apenas o ambiente físico onde ela se encontra, mas não consegue iluminar os pensamentos nem o espírito. Quem busca o consolo por si mesmo, recusando a luz que Deus oferece permanecerá em tristeza e tormento porque não consegue ter esperança no seu futuro. Era o que estava acontecendo com o povo cativo na Babilônia. Eles já haviam se cansado do seu Deus, se sentiam abandonados por Ele, mas na verdade eles é que se afastaram dEle por recusarem a ouvir a voz profética; por isso não tinham sequer a esperança de serem libertos outra vez.

Capítulo 51

Palavra de conforto e salvação eterna para Sião – v. 1-8.

• Is 51: 1-8: “Ouvi-me vós, os que procurais a justiça, os que buscais o Senhor; olhai para a rocha de que fostes cortados e para a caverna do poço de que fostes cavados [NVI: ‘e para a pedreira de onde foram cavados’]. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz; porque era ele único, quando eu o chamei, o abençoei e o multipliquei. Porque o Senhor tem piedade de Sião; terá piedade de todos os lugares assolados dela, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão, como o jardim do Senhor [NVI: ‘seus ermos, como o jardim do Senhor’]; regozijo e alegria se acharão nela, ações de graças e som de música. Atendei-me, povo meu, e escutai-me, nação minha; porque de mim sairá a lei, e estabalecerei o meu direito como luz dos povos [NVI: ‘minha justiça se tornará uma luz para as nações’]. Perto está a minha justiça, aparece a minha salvação [NVI: ‘Minha retidão logo virá, minha salvação está a caminho’], e os meus braços dominarão os povos [NVI: ‘e meu braço trará justiça às nações’]; as terras do mar me aguardam e no meu braço esperam. Levantai os olhos para os céus e olhai para a terra embaixo, porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra envelhecerá como um vestido, e os seus moradores morrerão como mosquitos, mas a minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será anulada [NVI: ‘a minha retidão jamais falhará’]. Ouvi-me, vós que conheceis a justiça [NVI: ‘que sabem o que é direito’], vós, povo em cujo coração está a minha lei; não temais o opróbrio dos homens, nem vos turbeis por causa das suas injúrias [NVI: ‘Não temam a censura de homens nem fiquem aterrorizados com seus insultos’]. Porque a traça os roerá como a um vestido, e o bicho [NVI: ‘o verme’] os comerá como à lã; mas a minha justiça [NVI: ‘a minha retidão’] durará para sempre, e a minha salvação, para todas as gerações”.

Deus conforta o Seu povo e pede a eles que se lembrem de Abraão e Sara, seus antepassados, que conquistaram o favor do Senhor e alcançaram Suas promessas pela fé nEle. Ele compara essas pessoas a uma rocha ou uma pedreira, pois permaneceram firmes durante os tempos de tribulação pela fé no Senhor, e acabaram por ver o impossível para os homens ser transformado num milagre de Deus diante dos seus olhos. Eles não desanimaram nem desistiram por causa das condições desfavoráveis. Abraão creu em Deus e isso lhe foi atribuído como justiça. Por isso, Ele fez uma aliança forte com o Seu escolhido, prometendo-lhe a bênção da descendência (na pessoa de Isaque), da posse da terra de Canaã, e da intimidade com Deus, e nele seriam abençoadas todas as famílias da terra. Abraão era sozinho quando Deus o chamou; sequer tinha um filho, mas Deus lhe deu Isaque, que foi o início de uma grande descendência. Deus o abençoou e o multiplicou, e faria o mesmo com este povo que agora estava no cativeiro, e se achava tão diminuto. Da mesma forma, o Senhor terá piedade da Sua nação e a transformará num jardim, como o jardim do Éden. Sua assolação será desfeita, e os lugares desertos e abandonados serão habitados novamente. A alegria voltará, os cânticos de ação de graças e som de música.

O Senhor os chama para que o ouçam, porque dEle procederá a lei, e Sua justiça se tornará uma luz para as nações. E aqui Ele está falando de uma nova lei, a lei do evangelho da graça que está prestes a se manifestar na pessoa do Messias. Essa é a Sua verdadeira justiça; não apenas a retidão à qual eles estavam acostumados, seguindo os mandamentos de Deus para serem salvos e estar debaixo de Sua aprovação, porém a justiça resultante da justificação dos Seus pecados pelo sangue de Seu Filho na cruz; em outras palavras, a salvação. Ele diz que a Sua salvação está já aparecendo, ela está a caminho, e é o Seu próprio braço que fará esse milagre de trazer justiça às nações,

dominando-as com a Sua mansidão, amor e misericórdia. Os gentios também estarão debaixo da Sua autoridade. A palavra ‘salvação’ neste versículo 5, em hebraico é *yeshā* ou *yeshai* (Strong #3468), que significa: liberdade, libertação, prosperidade, segurança, salvação, salvando (no sentido de proteção). O céu a terra se dissiparão como fumaça, e a terra envelhecerá como um vestido, mas a Sua justiça e a Sua salvação durarão para sempre. As figuras de linguagem aplicadas aqui mostram grandes mudanças mundiais, enquanto Ele protege os que são Seus. Por isso, Ele diz para não temerem as afrontas dos homens, nem suas palavras de ameaça porque eles também passarão, serão consumidos, destruídos. A salvação de Deus, entretanto, durará para todas as gerações.

Uma oração em tempo de angústia – v. 9-11.

- Is 51: 9-11: “Desperta, desperta, arma-te de força, braço do Senhor [NVI: ‘Veste de força, o teu braço, ó Senhor’]; desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas; não és tu aquele que abateu o Egito e feriu o monstro marinho? Não és tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo? Aquele que fez o caminho no fundo do mar, para que passassem os remidos? Assim voltarão os resgatados do Senhor e virão a Sião com júbilo, e perpétua alegria lhes coroará a cabeça; o regozijo e a alegria os alcançarão, e deles fugirão a dor e o gemido”.

O profeta dirige uma oração a Deus em nome do povo, como que sentindo a sua aflição, mas reconhecendo que o mesmo Deus que realizou uma grande libertação no passado fará de novo a mesma coisa com eles. No original em Hebraico, a palavra ‘Egito’ é ‘Raabe’, um ‘apelido’ dado a esta nação (como no Sl 87: 4). Raabe (Strong #7294) significa: bufão, ostentador, insolente, que se gaba, que se vangloria, insolente, força.

A expressão ‘monstro marinho’, também uma alusão ao Egito, em hebraico é ‘tanniyn’ ou ‘tanniym’ (Strong #8577), que significa: um grande animal marinho ou terrestre, serpente do mar; chacal; dragão, monstro marinho, serpente, baleia; crocodilo (Ez 29: 3). Faraó era chamado de monstro marinho ou crocodilo (Sl 74: 14).

A resposta do Senhor – v. 12-16.

- Is 51: 12-16: “Eu, eu sou aquele que vos consola; quem, pois, és tu, para que temas o homem, que é mortal, ou o filho do homem, que não passa de erva? Quem és tu que te esqueces do Senhor, que te criou, que estendeu os céus e fundou a terra, e temes continuamente todo o dia o furor do tirano, que se prepara para destruir? Onde está o furor do tirano? [NVI: ‘Pois onde está a ira do opressor?'] O exilado cativo depressa será libertado, lá não morrerá, lá não descera à sepultura [NVI: ‘não morrerão em sua masmorra’]; o seu pão não lhe faltará. Pois eu sou o Senhor, teu Deus, que agito o mar, de modo que bramem as suas ondas — o Senhor dos Exércitos é o meu nome. Ponho as minhas palavras na tua boca e te protejo com a sombra da minha mão, para que eu estenda novos céus, funde nova terra e diga a Sião: Tu és o meu povo [NVI: ‘eu, que pus os céus no lugar, que lancei os alicerces da terra, e que digo a Sião: Você é o meu povo’]”.

O Senhor responde ao Seu profeta que é Ele quem os consola; por isso eles não deveriam temer o homem que era um ser mortal como uma simples erva, enquanto Ele, o Senhor, é eterno. Ele fez todas as coisas; Ele não enxergava mais o opressor, pois Sua libertação viria de repente. Ele fala como se tudo já tivesse passado. Os exilados voltarão para a terra de Canaã e não morrerão na Babilônia. Não faltará alimento a eles. O Senhor dos Exércitos faz o que quer: agita o mar e faz com que suas ondas rujam; Ele põe Suas palavras na boca dos Seus ungidos e os protege com Sua mão, pois Ele, que fez o céu e a terra, diz a Sião: ‘Você é o meu povo’.

O cálice da ira do Senhor que foi dado ao Seu povo será dado aos seus inimigos – v. 17-23.

• Is 51: 17-23: “Desperta, desperta, levanta-te, ó Jerusalém, que da mão do Senhor bebeste o cálice da sua ira, o cálice de atordoamento [NVI: ‘taça que faz os homens cambalearem’], e o esgotaste. De todos os filhos que ela teve nenhum a guiou; de todos os filhos que criou nenhum a tomou pela mão. Estas duas coisas te aconteceram; quem teve compaixão de ti? A assolação e a ruína, a fome e a espada! Quem foi o teu consolador? Os teus filhos já desmaiaram, jazem nas estradas de todos os caminhos, como o antílope, na rede [NVI: ‘como antílope pego numa rede’]; estão cheios da ira do Senhor e da repreensão do teu Deus. Pelo que agora ouve isto, ó tu que estás aflita e embriagada, mas não de vinho. Assim diz o teu Senhor, o Senhor, teu Deus, que pleiteará a causa do seu povo [NVI: ‘que defende o seu povo’]: Eis que eu tomo da tua mão o cálice de atordoamento [NVI: ‘o cálice que faz cambalear’], o cálice da minha ira; jamais dele beberás; pô-lo-ei nas mãos dos que te atormentaram, que disseram à tua alma: Abaixa-te, para que passemos sobre ti; e tu puseste as costas como chão e como rua para os transeuntes”.

Jerusalém aparece arruinada, Israel está no exílio da Babilônia e o exílio já tinha durado muito. O povo de Israel achava-se em grande consternação, inconsolável por causa da ruína e da desolação da sua cidade e por causa da sua própria destruição pela fome e pela espada; não havia ninguém que pudesse consolar esta nação ou a Jerusalém. A fúria de Deus pesou sobre eles, mas agora Ele tira da mão deles esse cálice amargo e promete defendê-los. Ele colocará esse cálice da Sua ira nas mãos dos seus adversários. Estes conhecerão a ira do Senhor, pois humilharam demais Seu povo, como se eles fossem obrigados a se deitar no chão e os inimigos passassem sobre suas costas e os pisoteassem. Era hora de se levantar, pois a ira do Senhor já havia passado; eles já tinham provado dela até o fim. A era do Messias poderia ser comparada à criação de novos céus e nova terra (cf. Is 65: 17).



Capítulo 52

O Senhor convoca Seu povo a se preparar para a libertação; Seu nome não mais será blasfemado – v. 1-6

• Is 52: 1-6: “Desperta, desperta, reveste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa; porque não mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo [NVI: ‘Os incircuncisos e os impuros não tornarão a entrar por suas portas’]. Sacode-te do pó, levanta-te e toma assento, ó Jerusalém [NVI: ‘Sacuda para longe a sua poeira; levante-se, sente-se entronizada, ó Jerusalém’]; solta-te das cadeias de teu pescoço, ó cativa filha de Sião. Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos; e sem dinheiro sereis resgatados. Porque assim diz o Senhor Deus: O meu povo no princípio desceu ao Egito, para nele habitar, e a Assíria sem razão o oprimiu [NVI: ‘ultimamente a Assíria o tem oprimido’]. Agora, que farei eu aqui, diz o Senhor, visto ter sido o meu povo levado sem preço? Os seus tiranos sobre ele dão uivos, diz o Senhor [NVI: ‘E agora o que tenho aqui?’], pergunta o Senhor. ‘Pois o meu povo foi levado por nada, e aqueles que o dominam zombam’]; e o meu nome é blasfemado incessantemente todo o dia. Por isso, o meu povo saberá o meu nome; portanto, naquele dia, saberá que sou eu quem fala: Eis-me aqui [NVI: ‘Por isso o meu povo conhecerá o meu nome; naquele dia eles saberão que sou eu que o previ. Sim, sou eu’]”.

‘Desperta, desperta, reveste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa; porque não mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo’ – Este primeiro versículo é uma continuação do pensamento de Is 51: 23 (um resgate da humilhação passada por Sião), onde o Senhor convoca o Seu povo e o estimula a reagir e se preparar para sair da Babilônia, não mais com as vestes do exílio, porém com força, determinação e com as vestes de esplendor daqueles que são filhos de Deus. Eles não serão mais invadidos nem destruídos, e os incircuncisos e os impuros não entrarão por suas portas.

No versículo seguinte, o Senhor lhes diz para se sacudir do pó desta terra de cativo e deixar a sua sujeira e os seus costumes pagãos ali, e adquirir novamente a dignidade de quem sabe reinar e tem autoridade. Chega de correntes de escravidão no seu pescoço. Elas não existem mais. Eles foram vendidos por nada, são zombados pelos inimigos, porém, serão resgatados sem dinheiro algum; apenas pela palavra de ordem do Senhor. Nós vimos em capítulos anteriores que o profeta escreveu sobre Ciro: “Eu [Deus], na minha justiça, suscitei a Ciro e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos” (Is 45: 13). Aqui em Is 52: 4, Deus confirma que tanto o Egito como a Assíria foram opressores do Seu povo. É interessante notar que a NVI diz: ‘ultimamente a Assíria o tem oprimido’, o que nos localiza temporalmente dentro das profecias de Isaías, ou seja, os judeus ainda estavam na sua terra, debaixo de ameaça assíria, sendo que o povo de Samaria já havia sido levado cativo. Então, Deus diz algo que ainda vai acontecer, mas aos Seus olhos já está ocorrendo, pois vê o estado dos exilados na Babilônia e pergunta a Si mesmo: “Agora, que farei eu aqui, diz o Senhor, visto ter sido o meu povo levado sem preço? Os seus tiranos sobre ele dão uivos, diz o Senhor [NVI: E agora o que tenho aqui? Pois o meu povo foi levado por nada, e aqueles que o dominam zombam]; e o meu nome é blasfemado incessantemente todo o dia”. Isso quer dizer: Seu nome era zombado entre as nações ímpias por causa do Seu próprio povo pecador; devido à iniquidade deles, Ele os entregou nas mãos do inimigo. Por isso, Paulo repete isso para os judeus hipócritas que pregavam santidade aos gentios, mas

cometiam os mesmos pecados: “Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa” (Rm 2: 24). Essa é a importância de andarmos na luz, pois quando um crente não se comporta como deve, o nome de Jesus é ridicularizado, zombado e blasfemado pelos ímpios por causa da sua atitude indigna. Voltando a Isaías 52, agora Deus terá que fazer algo surpreendente para que os outros povos parem de blasfemar e comecem a glorificar Seu nome. Então, Ele diz: “Por isso, o meu povo saberá o meu nome; portanto, naquele dia, saberá que sou eu quem fala: Eis-me aqui [NVI: ‘Por isso o meu povo conhecerá o meu nome; naquele dia eles saberão que sou eu que o previ. Sim, sou eu’]”. Em outras palavras: no dia que forem libertados do cativeiro saberão que isso foi obra de Deus e se lembrarão de que Ele já tinha previsto isso.

A libertação da escravidão; a volta do Senhor a Sião – v. 7-12.

- Is 52: 7-12: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina! Eis o grito dos teus atalaias! Eles erguem a voz, juntamente exultam; porque com seus próprios olhos distintamente vêem o retorno do Senhor a Sião [NVI: ‘Quando o Senhor voltar a Sião, elas o verão com os seus próprios olhos’]. Rompei em júbilo, exultai à uma, ó ruínas de Jerusalém; porque o Senhor consolou o seu povo, remiu a Jerusalém. O Senhor desnudou [NVI: ‘desnudará’] o seu santo braço à vista de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus. Retirai-vos, retirai-vos, saí de lá, não toqueis coisa imunda; saí do meio dela, purificai-vos, vós que levais os utensílios do Senhor. Porquanto não saireis apressadamente, nem vos ireis fugindo; porque o Senhor irá adiante de vós, e o Deus de Israel será a vossa retaguarda”.

Aqui nós temos uma profecia sobre a alegria da terra da Judéia quando se der a notícia do retorno dos exilados, pois isso significa uma reconciliação entre Deus e Seu povo, e Ele voltará a estar com eles no templo que será reconstruído, e muito mais ainda com a vinda do Messias. Bem-aventurado aquele que anunciar estas boas novas, pois ele trará a paz aos corações ao saberem da libertação dos exilados. Essa profecia é citada em Naum 1: 15 em relação à queda de Nínive (Naum fez uso de uma parte deste versículo de Isaías: ‘Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, do que anuncia a paz’), pois reflete a alegria dos judeus ao receberem as boas notícias de que Nínive foi destruída e eles não mais seriam oprimidos pelos assírios. Enfim, os judeus teriam paz. Aqui em Isaías, essa notícia é mais direcionada à libertação dos judeus e seu retorno à pátria, e mais do que isso, a reconciliação com Deus, pois Ele estará presente com eles outra vez, trazendo salvação (‘Que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!’, ‘Seus próprios olhos distintamente vêem o retorno do Senhor a Sião’). A palavra ‘Salvação’ pode estender esta profecia para a era Messiânica, quando, de fato, veio a salvação para a humanidade, libertando-a do cativeiro da morte espiritual. Para a cidade de Jerusalém que está em ruínas é uma grande alegria saber que o Senhor fez um grande milagre de libertação, e que o Seu povo, antes entristecido, agora se acha consolado.

Os sacerdotes e levitas, em especial, são exortados a se santificar e não tocar em ídolos, superstições pagãs ou em outras coisas impuras, pois eles carregam os utensílios do Senhor, ou seja, eles são os responsáveis pelo cuidado com a Casa de Deus, portanto, os primeiros a mostrar que houve uma mudança interior, que seu coração agora está purificado. Entretanto, a saída de Babilônia não será da mesma maneira que a sua ida para o cativeiro, quando o inimigo veio e os levou rapidamente do jeito em que eles estavam, sem preparo algum, e muitos judeus acabaram fugindo para o Egito e outras

terras para não serem levados junto com os babilônios. Agora seria diferente: o Senhor iria à frente deles, como outrora Ele foi numa coluna de nuvem pelo deserto adiante de Moisés e do povo de Israel para guiá-los. Isso quer dizer que o Senhor mesmo iria à frente deles limpando o caminho, preparando com cuidado o retorno à sua terra natal e facilitando isso com a ajuda dos outros povos. Ele também guardaria a retaguarda para que os inimigos que porventura sobreviveram não viessem a atacar os judeus, tentando levá-los de volta ao exílio. Isso significa que o Senhor quebraria todo o vínculo com esse passado de dor para que eles não voltassem a sofrer ou se sentissem tentados a repetir os erros de antes; pelo contrário, que olhassem para as coisas novas que estavam à sua frente.

Se nós transportarmos essa profecia para os dias de hoje, podemos dizer que atalaias são os ministros do evangelho que vêm trazendo as boas novas de salvação e libertação do cativo do pecado para aqueles que estão com a vida destruída pelo seu afastamento e desconhecimento de Deus. A boa notícia é que o Senhor agora virá aos seus templos interiores e dali jamais sairá; e o inimigo não mais os assolará.

O Servo do Senhor procederá com sabedoria – v. 13-15.

- Is 52: 13-15: “Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens), assim causará admiração às nações, e os reis fecharão a sua boca por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão” (ARA).

NVI: “Vejam, o meu servo agirá com sabedoria [ou ‘prosperará’]; será engrandecido, elevado e muitíssimo exaltado. Assim como houve muitos que ficaram pasmados diante dele [ou ‘diante de você’]; sua aparência estava tão desfigurada, que ele se tornou irreconhecível como homem; não parecia um ser humano; de igual modo ele aspergirá muitas nações, [A Septuaginta diz: muitas nações ficarão pasmadas diante dele] e reis calarão a boca por causa dele. Pois aquilo que não lhes foi dito verão, e o que não ouviram compreenderão”.

Este é o início de uma nova profecia, que continua até o final do próximo capítulo. ‘Meu Servo’ se trata de Jesus. Ele vai agir com sabedoria e, apesar do que será descrito no próximo capítulo sobre o que Ele sofreu na cruz e sobre Sua humilhação, o versículo aqui diz que Ele prosperará, será exaltado e elevado e será mui sublime. Isso quer dizer que Seu sofrimento não será em vão, pois resultará numa grande vitória para toda a humanidade e para que Seu nome seja engrandecido e exaltado ainda mais no céu, na terra e debaixo da terra. Aqui nós já podemos ver como ficou desfigurado o rosto de Jesus por tantos golpes recebidos por Seus executores antes de ser crucificado. O profeta diz que nem parecia um ser humano (NVI), e que muitos ficaram tão admirados que não puderam dizer mais nada depois de vê-lo daquele jeito. Talvez eles não pudessem entender como Ele pôde suportar aquilo calado, sem se rebelar contra aquela humilhação e sofrimento, como se merecesse sofrer. Mas na Sua humilhação e no Seu comportamento sábio diante daquela situação, muitos gentios que jamais ouviram as profecias a respeito dEle ponderariam nos seus corações que aquilo extrapolava o entendimento humano e tinha um propósito divino muito maior do que estavam vendo: “... porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão”. É incrível como depois de tantos socos no rosto, Jesus não teve nenhum dos Seus ossos quebrados, para se cumprir as Escrituras (Jo 19: 33; 36; Êx 12: 46; Nm 9: 12; Sl 34: 20). Ele estava desfigurado, sim, mas Seus ossos foram preservados. Com certeza, muitos soldados romanos ali mesmo aos pés da cruz devem ter se dado conta da

Sua divindade; muitos soldados além do centurião que é mencionado em Mt 27: 54 e Lc 23: 47.

Capítulo 53

O sofrimento e a glória do Servo do Senhor – v. 1-10

• Is 53: 1-10: “Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca [NVI: ‘Ele cresceu diante dele como um broto tenro, e como uma raiz saída de uma terra seca’]; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido [NVI: ‘contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido’]. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho [NVI: ‘cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho’], mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor foi arrebatado [NVI: ‘Com julgamento opressivo ele foi levado’], e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico (Mt 27: 57; Mc 15: 43; Lc 23: 50-53; Jo 19: 38-42) esteve na sua morte [NVI: ‘Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte’], posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca. Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar [NVI: ‘foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer’]; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos”.



Aqui é mencionada a incredulidade dos judeus e dos gentios. O profeta mostra que muito poucos receberão a pregação de Cristo e a Sua libertação através dEle (Jo 12: 38;

Rm 10: 16). O Messias é chamado o braço ou o poder de Deus, porque todo o poder de Deus estava sobre ele.

‘E a quem foi revelado o braço do Senhor?’ – Revelado interiormente, é o que quer dizer.

‘Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca’ – ‘perante ele’ significa diante de Deus Pai, na fragilidade de um corpo de homem e numa terra seca e estéril de amor, de vida espiritual e de fé em Deus, na terra de um Israel incrédulo. Uma das razões pelas quais os judeus rejeitaram o Messias é que eles esperavam alguém que chamasse a atenção, alguém que pudesse vir com a aparência e o poder de um homem poderoso, como um rei mundano. Mas Ele veio de maneira simples e humilde como se brotasse do chão como uma plantinha frágil e insignificante que nasce numa terra seca e estéril. Era como se eles olhassem para a árvore da vida no Paraíso, que não deveria chamar tanto a atenção, e para a árvore do bem e do mal, cheia de ‘frutos atraentes’; com certeza, eles se sentiriam seduzidos por ela como aconteceu com Eva.

‘Não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse’ – as condições humildes do Seu nascimento e a Sua maneira simples de viver, sem roupas aparatosas e sem as bajulações do mundo não eram uma visão agradável aos judeus. Quando Isaías aqui usa o pronome no plural (‘nos’ agradasse) ele está se colocando junto com seu povo incrédulo, a nação judaica. Como uma planta insignificante Jesus cresceu silenciosamente, sem a glória que era esperada de um Messias. Nem Sua genealogia interessava para eles, uma vez que até a casa de Davi estava num estado decadente.

Se isso aconteceu durante a sua infância e o Seu ministério, o que dizer da Sua aparência desfigurada quando estava na cruz, com tantas feridas em Seu corpo! Nada havia de atraente nEle ali. Da mesma forma que Sua pessoa não pareceu atraente aos judeus, também Sua doutrina não os agradou, pois pregava amor, mansidão, humildade, submissão e entrega; e isso era repugnante aos olhos deles, ainda mais sob o domínio de Roma. A igreja de Cristo também iniciou de uma maneira pequena e desprezível aos olhos de muitos.

‘Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso’ – Jesus se colocou em certos confrontos com os líderes judaicos que só trouxeram o desprezo e a rejeição sobre Si. Sob a influência perniciosa desses líderes, os judeus incrédulos e carnais também fizeram pouco caso dEle, e esconderam o rosto para não olharem para Ele, como se Ele fosse um assassino, um leproso ou um pecador que tivesse feito algo muito errado e era digno de vergonha. Na verdade, para eles Ele sempre foi um pecador que blasfemava quando se dizia ser o Filho de Deus. Ele sofreu durante o Seu ministério com tudo isso e muito mais na cruz, onde foi escarnecido por muitos, pois se Ele era mesmo o Filho de Deus, por que não descia dali? Se Ele tinha curado tantas pessoas, por que não curava a Si mesmo naquela hora?

‘Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados’. Ele levou sobre Si os nossos pecados e, para as pessoas daquela época, quem era punido daquela maneira estava sob juízo de Deus. A bíblia diz que era maldito o que fosse pendurado num madeiro (Gl 3: 13; Dt 21: 23; 2 Co 5: 21; Mt 8: 17; 1 Pe 2: 24).

Todos os tipos de pecado que pode haver sobre a face da terra estavam presentes ali naqueles ferimentos. Quando pensamos nisso, fica até difícil de compreendermos como

um homem de carne e osso poderia suportar aquilo se também não fosse Deus? A cor de Sua alma estava tão feia por causa dos nossos pecados que até Deus desviou o rosto dEle, por isso Ele gritou: ‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’ (Mt 27: 46; Mc 15: 34; Sl 22: 1).

Se prestarmos atenção ao que está escrito nos evangelhos, houve escuridão sobre a terra desde a hora sexta até a hora nona, ou seja, das 12:00 às 15:00 (Mt 27: 45; Lc 23: 44), e Jesus foi crucificado às 9:00, ou seja, a hora terceira (Mc 15: 25). Isso quer dizer que Jesus ficou na cruz por seis horas, sendo que nas primeiras três horas Ele esteve debaixo da zombaria dos homens e de Satanás e as três horas finais foram reservadas para suportar o castigo, a ira divina sobre si pelos pecados da humanidade. Isso nos mostra o tamanho do sofrimento de Jesus e o tamanho da ira de Deus em relação aos homens pelos seus pecados. É como se por três horas Jesus fosse o cordeiro sacrificado no altar e consumido com fogo até que tudo se tornasse apenas cinzas. Por isso, Ele disse antes de expirar: “Está consumado!” E isso nos traz plena certeza de que toda a ira de Deus foi consumada na cruz e toda a salvação do homem também foi completada ali, o que nos mostra que Jesus não teve que ir ao inferno, como algumas doutrinas cristãs pregam, baseadas em 1 Pe 3: 18-19 (é bom entender o contexto em que isso foi escrito – <https://www.searaagape.com.br/estudoevangelicosobreamorte.html#1pe3:18-19>).



Quer mais? Lucas escreve o que Jesus disse ao malfeitor arrependido ao Seu lado: “E acrescentou [o homem disse]: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23: 42-43). Se Jesus lhe disse isso, para que ficaria no inferno? Se o ladrão, como um ser pecaminoso recebeu a redenção naquele momento e sua alma foi para o céu naquele mesmo dia como as almas de todos os justos que crêem em Jesus, por que a alma do próprio Jesus desceria ao inferno? Se Ele consumou Sua missão na cruz (“Está consumando!”) e Deus Pai consumou Sua ira pelos pecados da humanidade ali, podemos pensar que o espírito de Jesus foi para o céu, pois o espírito de todo ser humano pertence a Deus (Jó 12: 10; Ec 12: 7; Sl 146: 4) e volta para Ele. Sua alma, como a do ladrão arrependido, foi para o céu como a de um homem justo (Ez 18: 4 – todas as almas também pertencem a Deus), Seu corpo ficou no túmulo, cumprindo a

profecia de que Ele não veria a corrupção, ou seja, não se deterioraria; e só no terceiro dia Ele ressuscitou, se mostrou aos homens na terra e, só depois da Sua ascensão retomou Sua posição de glória ao lado do Pai. O ser humano decaído tem uma atração pelo feio e até fantasias horripilantes faz ao redor da missão redentora de Jesus na cruz. Cuidado! O inferno não é um atraente filme de terror que se assiste e depois se esquece; é muito pior do que isso.

Em segundo lugar, durante todo o processo de crucificação Jesus esteve consciente, tanto fisicamente quanto espiritualmente. Seu cérebro estava alerta e consciente, completamente desperto. Estou dizendo isso porque apesar dos sofrimentos que Ele passou desde o Getsêmani até a crucificação, Jesus não teve um choque hipovolêmico por desidratação nem por causa da perda de sangue; tampouco um choque cardiogênico, como muitas vezes certos estudiosos tentam explicar, pois isso o faria perder a consciência. Ele, então, não poderia ter falado tudo o que falou durante aquelas seis horas a Maria, a João, aos soldados, aos malfetores e ao Pai. Ele sabia o que estava fazendo e falando.

Você pode perguntar:

— Por que foi necessário um sacrifício tão cruel, daquela forma?

— Porque a nossa reconciliação com Deus era uma compra, e o preço era alto e tinha que ser pago integralmente. Esse castigo, pago por Jesus em nosso lugar (1 Co 15: 3) nos trouxe a paz, ou seja, a justiça divina foi feita ali na cruz, por isso nós podemos estar em paz com Deus ao aceitarmos esse sacrifício. Seu sangue nos justificou e ainda nos justifica de toda acusação; pelos Seus ferimentos nós fomos sarados, fomos salvos dos nossos pecados.

‘Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho (1 Pe 2: 25), mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos’. Toda a humanidade sempre andou desgarrada de Deus desde o pecado de Adão e Eva, pelos caminhos da própria carne (Jo 3: 19-20); é só prestar atenção em todos os capítulos de Isaías onde Deus repreende Seu povo pelos seus pecados, em especial o pecado de idolatria. É tão grande o número de repreensões proféticas sobre isso na bíblia que até nos assusta e nos faz perguntar:

— Esse povo não entendia? Até quando Deus teria que falar a mesma coisa sempre?

— Mas nós também, se não estivermos debaixo da vontade de Deus através do Espírito Santo, vamos andar de acordo com as idéias da nossa própria cabeça. Por isso é importante a entrega total a Ele; pelo menos, não seremos conduzidos por caminhos de pecado e dor como ovelhas cegas e desgarradas que caem dos barrancos. Jesus fez recair sobre Ele o castigo pelas nossas iniquidades porque ninguém suportaria a punição adequada da parte de Deus. Você se lembra da profecia de Isaías onde Deus falou que havia purificado Seu povo, mas não como a prata? (Is 48: 10: “Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata [NVI: ‘eu refinei você, embora não como prata’]; provei-te na fornalha da aflição”). Ele conteve Sua ira para não destruí-los, pois eles mereciam isso. Mesmo passando por provações eles ainda não estavam santificados, pois Ele não lidaria tão rigorosamente com eles como se refina a prata; caso contrário, eles seriam consumidos pelo fogo da Sua ira.

“Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”. Mesmo diante de todo o sofrimento e das acusações falsas, Ele se calou: Mt 26: 63; Mt 27: 12-14; Mc 14: 60-61; Mc 15: 4-5; Lc 23: 9; Jo 19: 9; Atos 8: 32; 1 Pe 2: 22-23.

“Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi

ele ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte (Mt 27: 57; Mc 15: 43; Lc 23: 50-53; Jo 19: 38-42), posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca (1 Pe 2: 22). Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos”.

Aqui o profeta repete que foi pela transgressão do seu povo que o Messias morreu daquela maneira (‘cortado’ significa: por morte violenta), e isso aconteceu pela vontade e pelo consentimento do Pai, mas Ele saberá que o Seu sacrifício não foi em vão, porque verá Sua descendência (‘posteridade’) e viverá eternamente na presença do Pai.

‘Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte (Mt 27: 57; Mc 15: 43; Lc 23: 50-53; Jo 19: 38-42)’ – Wesley explica que aqui não se trata do mesmo lugar que o dos perversos (ou seja, os malfeitores crucificados ao Seu lado), pois geralmente os criminosos, ainda mais os condenados à cruz, eram enterrados em valas comuns, sem túmulos particulares para eles, mas se trata da condição de como os homens queriam que Jesus fosse sepultado: como um perverso, como um ímpio malfeitor, sem um enterro digno. Jesus morreu e foi sepultado como qualquer homem. Entretanto, José de Arimatéia, que era rico, Lhe deu um túmulo novo para ser enterrado, ou seja, Ele foi enterrado de maneira honrosa, como um homem justo.

Sua exaltação e glória – v. 11-12.

• Is 53: 11-12: “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte [NVI: ‘derramou sua vida até a morte’]; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu”.

A NVI escreve no versículo 12: “Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes [ou entre muitos], e ele dividirá os despojos com os fortes [os numerosos], porquanto ele derramou sua vida até a morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele levou o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu”.

Depois de tudo, o Senhor verá o resultado do trabalho tão sofrido de Sua alma e ficará satisfeito porque o Seu sangue justificará todos os que creram nEle, e estes obterão a salvação. Por causa do Seu ato e da Sua obediência, o Pai Lhe dará muitas vidas como despojo, de todas as nações, povos e línguas (Ap 7: 9). “E com os poderosos repartirá ele o despojo” (ARA) ou “ele dividirá os despojos com os fortes [os numerosos]” (NVI) – isso significa: Deus Pai promete a Jesus que Ele terá uma porção maior do que os poderosos deste mundo (os reis e príncipes desta terra) e estará numa posição maior do que eles e herdará maior nome do que o deles (Fp 2: 8-11) por causa da Sua obediência a Deus. Como um grande e poderoso herói, Deus Lhe dará sucesso em Seu glorioso empreendimento, Ele conquistará todos os Seus inimigos e estabelecerá Seu reino universal e eterno no mundo.

Quando Jesus foi crucificado como um transgressor entre os dois malfeitores (“foi contado com os transgressores”), Ele pediu ao Pai que perdoasse aqueles que o crucificaram (Lc 23: 34), pois não sabiam o que faziam. Ainda hoje Ele intercede junto ao Pai por nós (Rm 8: 34; Hb 7: 25; 1 Tm 2: 5).

Capítulo 54

Sião é novamente habitada – v. 1-5.

• Is 54: 1-5: “Canta alegremente, ó estéril, que não deste à luz; exulta com alegre canto e exclama, tu que não tiveste dores de parto; porque mais são os filhos da mulher solitária do que os filhos da casada, diz o Senhor. Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação, e não o impeças; alonga as tuas cordas e firma bem as tuas estacas. Porque transbordarás para a direita e para a esquerda; a tua posteridade possuirá as nações e fará que se povoem as cidades assoladas [NVI: ‘seus descendentes desapossarão nações e se instalarão em suas cidades abandonadas’]. Não temas, porque não serás envergonhada; não te envergonhes, porque não sofrerás humilhação [NVI: ‘Não tema o constrangimento; você não será humilhada’]; pois te esquecerás da vergonha da tua mocidade e não mais te lembrarás do opróbrio da tua viuvez [NVI: ‘não se lembrará mais da humilhação de sua viuvez’]. Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; ele é chamado o Deus de toda a terra”.

Deus volta a dizer que a Sua relação para com Israel é comparada a um vínculo matrimonial. Ele é o marido que defende Israel de toda humilhação e vergonha que ele (o povo de Israel) passou no cativeiro (o exílio na Babilônia), onde se sentiu enviuvado (“não mais te lembrarás do opróbrio da tua viuvez”) e sem filhos (“ó estéril, que não deste à luz”, ou seja, sua população seria arrancada de Israel e levada pelos caldeus). Os exilados que voltaram do cativeiro ainda se sentiam assim, como um povo estéril e solitário, como uma mulher abandonada, mas Deus os estimulava a cantar e se alegrar, pois sua descendência seria maior do que eles pensavam. Eles precisavam alargar sua maneira de pensar, alargar novamente a ‘tenda’ do seu coração e firmar bem as suas estacas, ou seja, se firmar na doutrina correta e no relacionamento sincero com Deus porque Ele iria fazer com que Jerusalém e as cidades de Judá que estavam desertas fossem novamente povoadas, e até com gentios. “A vergonha da tua mocidade” se refere tanto ao cativeiro do povo no Egito quanto à sua rebeldia e infidelidade a Deus no deserto (alguns teólogos incluem também a apostasia do período dos Juízes e da monarquia dividida). A restauração de Deus os faria se esquecer de tudo o que passou. O Messias traria restauração e os filhos de Israel seriam mais numerosos do que antes do exílio.

Os judeus também habitariam em outras nações e levariam o nome do Senhor a elas. Essa profecia fala muito ao povo que já voltou do cativeiro, mas se estende ao tempo do evangelho, onde Jerusalém ficou conhecida entre as nações por causa da nova doutrina de Jesus. Como a profecia em questão se segue ao sacrifício do Messias (Is 53), nós podemos dizer que ela se dirige também à Igreja Primitiva, recém-nascida, e que ainda não tinha frutos; em breve, esses frutos apareceriam, e seriam numerosos, como foram numerosos os cristãos que surgiram após o Pentecostes com o discurso de Pedro, e com a disseminação do evangelho em Samaria, Damasco e em outras regiões, antes do início do ministério de Paulo e, principalmente, depois, quando Cristo o levantou para a missão entre os gentios. Em sua fase neotestamentária, Israel espalharia a verdadeira fé por todas as terras dos gentios, cujas terras seriam conquistadas pelo evangelho (“a tua posteridade possuirá as nações e fará que se povoem as cidades assoladas”).

Em Gl 4: 21-31, Paulo faz uso dessa passagem de Isaías para explicar a diferença entre a antiga e a nova aliança de Deus com Seu povo e com os gentios também. Os verdadeiros filhos de Abraão são os segundo a fé, não segundo a Lei (Gl 3: 7). Sara, a

esposa legítima de Abraão, era estéril e livre, mas era zombada por Agar que, apesar de escrava, deu um filho a Abraão (Ismael). Ismael foi filho da carne. Entretanto, a Terra Prometida havia sido dada a Isaque, o filho da promessa. Assim, Ismael, filho de Agar, a escrava, foi segundo a carne, simbolizando a 1ª aliança (a Lei). Os da 2ª aliança (feita por Jesus), são os nascidos da fé e não são mais escravos da Lei. Eles são os filhos da promessa de Deus de morar na Nova Jerusalém celestial. Então, bem-aventurada a estéril (Sara), que pela fé de Abraão em Deus herdou a promessa, e bem-aventurada a nação de Israel que agora, no exílio, se sentia abandonada, estéril e sem marido, pois após a vinda do Messias, herdaria a promessa da fertilidade e da vida eterna, enquanto os “filhos da carne” (como os de Agar), que se prendiam às coisas terrenas e se gabavam de ter marido e filhos, não herdariam a bênção trazida pela nova aliança, e continuava escrava da Lei.

O Senhor se volta com compaixão para Sião – v. 6-9.

• Is 54: 6-9: “Porque o Senhor te chamou como a mulher desamparada e de espírito abatido; como a mulher da mocidade, que fora repudiada [NVI: ‘uma mulher que se casou nova apenas para ser rejeitada’], diz o teu Deus. Por breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias torno a acolher-te; num ímpeto de indignação, escondi de ti a minha face por um momento; mas com misericórdia eterna me compadeço de ti, diz o Senhor, o teu Redentor. Porque isto é para mim como as águas de Noé; pois jurei que as águas de Noé não mais inundariam a terra, e assim jurei que não mais me iraria contra ti, nem te repreenderia”.

Deus se lembra do início alegre do Seu relacionamento com Israel como um marido se lembra de sua esposa com quem ele se casou na sua juventude. ‘Por breve momento te deixei’ se refere aos setenta anos de cativo, onde Ele os puniu por seus pecados e os fez sentir falta da Sua presença até que houvesse arrependimento. O povo que voltou do cativo tem a promessa de ser acolhido novamente pelo Senhor e não mais punido. Ele diz ao Seu povo que está se voltando para eles com misericórdia e que não mais os entregará à destruição. Ele os reunirá de todos os lugares para onde foram dispersos. O novo pacto que Ele faz com Seu povo é tão duradouro como o que Ele fez com Noé.

Sião é novamente reedificada e protegida – v. 10-15

• Is 54: 10-15: “Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o Senhor, que se compadece de ti. Ó tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! [NVI: ‘Ó cidade aflita, açoitada por tempestades e não consolada’] Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes [NVI: ‘escudos’] de rubis, as tuas portas, de carbúnculos e toda a tua muralha, de pedras preciosas. Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor [NVI: ‘pelo Senhor’]; e será grande a paz de teus filhos. Serás estabelecida em justiça, longe da opressão, porque já não temerás, e também do espanto [NVI: ‘pavor’], porque não chegará a ti. Eis que poderão suscitar contendias, mas não procederá de mim; quem conspira contra ti cairá diante de ti”.

Ainda que os montes e as colinas fossem sacudidos e removidos de seus lugares, ainda assim a fidelidade do Senhor não seria removida, nem a Sua paz, pois Ele tem compaixão de Sião. Ele reconhece a cidade aflita, açoitada por tempestades e não consolada, mas diz a ela que será reedificada, como se fosse com pedras preciosas, pois um novo espírito Ele está colocando dentro do coração de cada um dos Seus filhos, um espírito de humildade, temor do Senhor e sede de aprender a verdade. Eles serão ensinados pelo Senhor e, por isso, andando no caminho correto, eles sentirão paz. Em

relação ao NT, essas pedras coloridas são símbolos de respeito, majestade, realeza, glória, riqueza, algo precioso, ‘enfeites’, isto é, dons espirituais derramados em abundância sobre todos os que experimentaram as tormentas, as destruições, choro e derrota, mas que mantiveram sua fé firme num Deus que não mente e que é capaz de se voltar com misericórdia para os que se arrependem e começam a buscá-lo de todo o coração; também reflete a glória da Nova Jerusalém espiritual (Ap 21: 18-21).

“Serás estabelecida em justiça, longe da opressão, porque já não temerás, e também do espanto [NVI: ‘pavor’], porque não chegará a ti” – O povo que voltou do exílio pode ter uma certeza: sua terra será estabelecida pela justiça de Deus, o pavor estará removido para longe dela e não se aproximará mais de Sião. Seus governantes não mais os oprimirão, nem as nações estrangeiras. Alguém poderá até tentar criar uma contenda, ou tentar atacar os judeus, mas não será por obra de Deus ou por Sua vontade. Ele prossegue dizendo que quem conspirar contra eles cairá diante deles porque Deus está com eles para defendê-los.

Aqui é clara a promessa do reino Messiânico, pois na área material isso não aconteceu com Israel, nem mesmo com o término da construção do templo e dos muros de Jerusalém, quando houve muitas ameaças de interrupção dessas obras pelos povos que existiam na terra (Ed 3: 3; Ed 4: 4-6; 24; Ed 6: 6-7; 12; Ne 2: 10; 19-20; Ne 4: 1-3; 7-8; 15; Ne 6: 1-3); isso sem contar os impérios que dominaram a nação israelita no Período Intertestamentário. Era uma promessa para um tempo não tão próximo, mas que certamente viria. Deus os estava moldando para receber as realidades espirituais, características da nova dispensação que já estava preparada para eles. Nós podemos ver que **a justiça é a característica do reinado do Messias** (Is 11: 4-5; Sl 72: 2-4; Ap 19: 11). Com Jesus conosco já não há opressão, nem medo, nem pavor, pois o Seu amor não permite que isso chegue a nós (1 Jo 4: 18). Para suportar a oposição do mundo, por exemplo, a Igreja Primitiva estava muito revestida com o Espírito Santo, que dava aos apóstolos e discípulos, como Pedro, Estevão e Paulo, a coragem para responder a qualquer ameaça humana, seja de reis da Judéia, seja de imperadores ou governadores romanos, seja do Sinédrio.



Sião é novamente reedificada e protegida – v. 16-17.

• Is 54: 16-17: “Eis que eu criei o ferreiro, que assopra as brasas no fogo e que produz a arma para o seu devido fim; também criei o assolador, para destruir. Toda arma forjada contra ti não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás [NVI: ‘você refutará toda língua que a acusar’]; esta é a herança dos servos do Senhor e o seu direito que de mim procede [NVI: ‘e esta é a defesa que faço do nome deles’], diz o Senhor”.

Is 54: 16: “Eis que eu criei (ברא *bārā*; Strong #1254 = criar, que expressa atividade divina como uma escolha, um processo formativo a partir do nada) o ferreiro, que assopra as brasas no fogo e que produz (יצא *yatsa*, Strong #3318 = trazer à luz, gerar, vir, ir para o exterior, atividade material, modeladora, como dando a idéia de um oleiro trabalhando o barro com suas mãos) a arma para o seu devido fim; também criei (*bārā*) o assolador, para destruir”.

Eu gostaria de fazer um comentário aqui em relação a uma declaração que lemos na bíblia nos livros proféticos, em especial no de Is 45: 7 (sobre Deus criar a paz e o mal) e Is 54: 16 (sobre Deus ter criado o assolador para destruir).

Nós precisamos entender uma coisa: há uma separação entre a visão de antes e depois da queda do homem. É lógico que quando Deus criou os anjos, antes de criar o nosso universo físico, temporal, Sua intenção foi criar algo bom, pois Deus é amor e nEle só há o bem. Mas com a rebelião de Lúcifer e com a entrada do mal moral na Criação, as coisas mudaram. Mesmo criando o homem à Sua imagem e semelhança para uma vida de bem, beleza e bem-aventurança, o Senhor já tinha conhecimento do bem e do mal e sabia que dar a esse ser o livre-arbítrio seria ‘arriscar a perdê-lo’ para Satanás; porém, Ele não pode mudar Seu caráter nem Suas próprias leis. Assim, quando Adão e Eva cederam à tentação da serpente e pecaram, o Senhor não impediu a Criação (homens e animais) de seguir seu curso. Contudo, manteve em mente Seu plano eterno de redenção através do Seu Filho.

As calamidades e as adversidades que vieram depois do estabelecimento desse mal moral desencadeado por Satanás, ou seja, da infração às leis divinas, passaram a estar sob o controle do próprio Deus para serem usadas para os Seus propósitos eternos. Então, nós podemos ver que as qualidades artísticas e criativas colocadas nos descendentes de Adão foram mantidas; como Jabal, por exemplo, na 6ª geração de Caim, que foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado (Gn 4: 20), e seu irmão era Jubal (Gn 4: 21), que foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta. Ou, Tubalcaim, que a bíblia diz que foi artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro (Gn 4: 22). Dessa forma a capacidade de manejar os metais poderia ser usada para um fim pacífico, fabricando instrumentos agrícolas, ou usadas numa atividade bélica, fabricando armas de guerra. Por isso, aqui em Isaías 54: 16 o Senhor diz que criou o ferreiro, que assopra as brasas no fogo e que produz a arma para o seu devido fim e também o assolador, para destruir. Isso quer dizer, que Ele usa os seres humanos, com suas devidas personalidades e atividades (boas ou más) para cumprir Seus propósitos de correção e disciplina, tanto dos ímpios quanto do Seu próprio povo. Deus detém todas coisas sob Seu poder.

Em relação a este versículo de Is 54: 16:

Deus criou todas as coisas, o bem e o mal (Is 45: 7). Foi Ele quem criou o ferreiro para fabricar as espadas e as armas de guerra, mas os homens só têm direito de usá-las quando Ele permite ou dá ordem a alguém para destruir. Os soldados estão sob Seu comando, portanto, não podem machucar o povo de Deus sem permissão da parte dEle. Assim, Ele mesmo nos dá a defesa, colocando a palavra de poder em nossas línguas para recusar toda acusação e toda afronta contra nós, para condenar à morte toda palavra

maldita de ameaça que puder tirar a nossa paz ou tentar destruir com pessimismo ou ostentação de poder ou qualquer outro subterfúgio o que estamos construindo; no caso dos judeus, por exemplo, a cidade de Jerusalém no tempo de Neemias. Deus deu a ele o discernimento necessário para rejeitar as palavras de ameaça, humilhação e chantagem que o inimigo tentou usar para parar a reconstrução dos muros. Neemias rejeitou e condenou tudo aquilo à morte, ou seja, destruiu o poder de destruição dessas palavras malignas pela palavra de fé na promessa do Senhor. Da mesma forma, essa promessa é nossa, crentes em Cristo; e Paulo escreve isso nas Suas epístolas quando diz que o Senhor nos deixou as armas defensivas (a armadura de Deus) e as ofensivas (a espada, a palavra), para destruímos todas as armas do diabo. Em 2 Co 10: 3-6 está escrito: “Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando nós, sofismas e toda a altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo, e estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão”. E em 2 Co 6: 4a; 7 está escrito: “Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus... na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas (*ataque*), quer defensivas (*defesa*)”.

Capítulo 55

Graça oferecida gratuitamente a todos – v. 1-5.

• Is 55: 1-5: “Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor [NVI: ‘trabalho árduo’], naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares. Inclinaí os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi. Eis que eu o dei por testemunho aos povos, como príncipe e governador dos povos. Eis que chamarás a uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu correrá para junto de ti, por amor do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, porque este te glorificou”.

A profecia nos leva de novo aos tempos do evangelho, onde o povo sedento da graça de Deus voltaria a receber as águas vivas provenientes da boca de Jesus. Essa graça não era vendida, mas dada gratuitamente a todos os que reconhecessem humildemente que necessitavam dela. Não era vendida porque nada no mundo seria capaz de pagar por ela. O preço do resgate da humanidade seria realizado na cruz pelo Filho de Deus. O povo estava acostumado a muito comércio, até dentro dos átrios do Templo. Tudo era comprado e vendido, por isso Jesus se irritou tanto ao ver a Casa de Deus transformada num mercado. Ele virou a mesa dos cambistas porque até os animais para os sacrifícios eram vendidos a preços inflacionados pela ganância daquele povo materialista. E aqui, Deus os chama a vir e comprar sem preço uma mercadoria mais preciosa do que eles compravam dos comerciantes ou importavam de nações estrangeiras, e que era o favor imerecido de Deus; só o Messias possuía este tipo de produto que eles tanto precisavam, mas por orgulho, rejeitavam. Gastavam seu dinheiro inutilmente naquilo que não era o verdadeiro pão, ou usavam-no para comprar coisas que não satisfaziam a sede do espírito. Agora, eles poderiam comprar de graça água, vinho, leite e pão, ou seja, as coisas necessárias para a vida espiritual, como estas são necessárias para a vida do corpo. Deus diz nesta profecia: ‘vinde a mim’; a mesma coisa que Jesus disse: ‘vinde a mim’ para que eles fossem aliviados do jugo do pecado e sua alma pudesse viver uma vida plena e abundante. Da mesma forma que Ele tinha feito uma aliança de reinado eterno com Davi no passado, Ele faria agora através de Jesus, da raiz de Davi. Ele seria o príncipe e o governador dos povos, o sumo sacerdote que faria o sacrifício definitivo por eles no altar, e o profeta prometido por Moisés, aquele a quem deveriam ouvir e obedecer. Ele tinha sido enviado para servir de testemunho aos povos; testemunho da verdade e da vontade de Deus, testemunho da confirmação das Suas promessas e da Sua salvação para os gentios também.

“Eis que chamarás a uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu correrá para junto de ti, por amor do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, porque este te glorificou” [NVI: “Com certeza você convocará nações que você não conhece, e nações que não o conhecem se apressarão até você, por causa do SENHOR, o seu Deus, o Santo de Israel, pois ele concedeu a você esplendor”] – Deus fala aqui para Jesus sobre uma nação, a dos gentios crentes, por causa da glória de Deus que estava sendo derramada sobre Ele. Todos eles seriam Igreja de Cristo, povo de propriedade exclusiva de Deus, nação santa (1 Pe 2: 9-10). ‘Uma nação que não conheces’ quer dizer: ‘desconhecida’ por Jesus antes de ser chamada por Ele e receber Seu selo sobre a testa, ou seja, sem a intimidade com Ele, sem reconhecimento de ser Sua propriedade, pois é evidente que Deus as conhece; Ele é onisciente, onipotente e

onipresente e conhece os que lhe pertencem desde a fundação do mundo (Jo 13: 18; 2 Tm 2: 19; Gl 1: 15; Rm 8: 29; Ef 1: 4; Ap 17: 8 – ‘antes da fundação do mundo’; Ap 13: 8 – ‘desde a fundação do mundo’). Isso implica uma nação que não era chamada pelo Seu nome, mas viria a ser, e não era composta pelo povo judeu.

Nós vimos em Is 49: 1-7 que a forma de Jesus glorificar a Deus seria através do Seu ministério e da Sua morte, como uma forma de resgatar Seu povo judeu, tão difícil de convencer. Sua missão traria a libertação completa, faria o máximo para o que ela foi programada, e aí sim, a recompensa viria (Jo 12: 28; Jo 17: 1-8; Fp 2: 9-11; Is 53: 11-12).

Depois, Isaías continua a falar em nome de Jesus: “Mas agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo, para que torne a trazer Jacó e para reunir Israel a ele, porque eu sou glorificado perante o Senhor, e o meu Deus é a minha força. Sim, diz ele: Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra” (Is 49: 5-6).

Portanto, o versículo de Isaías 55: 5 diz respeito a Jesus que, com Seu ministério, morte e ressurreição, converteria os gentios a Ele, pois estariam conscientes da Sua divindade e do propósito de salvação de Deus Pai para a humanidade, onde aqueles estavam incluídos. Os que não creram na Sua pregação foram convertidos durante a Sua morte, e os que não creram durante o episódio da Sua morte, creram ao saber da Sua ressurreição e depois de serem eles mesmos batizados com o Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Assim, o Pai o glorificou (Jo 12: 23-26; 28; Jo 17: 1-8; Fp 2: 9-11; Is 53: 11-12) e, por isso, multidões foram atraídas a Ele: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12: 32); cf. Jo 8: 28: “Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou”.

E os que não creram até hoje, crerão antes do julgamento do último dia: “Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua” (Is 45: 23b).

Deus chamou Seus filhos não apenas através da pregação de Jesus e pela pregação de Seus apóstolos, mas também os chamou como muitas vezes os chama hoje, internamente, pela Sua graça e pelo Seu Espírito, de acordo com Seu propósito eterno; e eles, por si mesmos, começam a buscá-LO até achar o lugar certo no meio do Seu grande rebanho. É assim que Ele faz com Seus eleitos na maioria das vezes, ainda que nenhum crente tenha pregado a palavra para eles. O centurião Cornélio foi um deles, e a bíblia diz que era homem piedoso e temente a Deus, que fazia muitas esmolas ao povo e orava constantemente (At 10: 2). Ninguém sabe se alguém pregou a palavra de Jesus para ele, mas o sentimento de temor do Senhor e piedade no seu coração não foram colocados por homens, e sim por Deus. O fato de ele ter a visão (At 10: 3) do anjo já mostra que a sua intimidade com o Senhor era diferente, e o seu espírito estava preparado para receber o Espírito Santo; por isso, mandou chamar a Pedro. A bíblia diz: “Ainda Pedro falava estas coisas [*sobre Jesus de Nazaré e sobre Sua ressurreição*] quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam, falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então, perguntou Pedro: porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então, lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias” (At 10: 44-48).

Chegar-se a Deus pelo arrependimento – v. 6-7.

• Is 55: 6-7: “Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso [NVI: ‘ímpio’] o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar”.

O profeta dá o recado da parte de Deus: busquem o Senhor enquanto Ele se oferece pela pregação da Sua palavra, enquanto Ele está perto oferecendo de graça a salvação e a libertação; enquanto Ele oferece misericórdia e reconciliação, enquanto Ele está perto e desejoso de receber Seus filhos com piedade. Devido à semente do diabo no Éden, o ser humano adquiriu uma das piores falhas de caráter que podem existir dentro de alguém: o orgulho. Por isso, Deus chamou tantas vezes Seu povo por séculos a fio sem resposta, porque o orgulho e a rebeldia os impedia de reconhecer seu erro, buscar o perdão, se reconciliar com seu Criador e receber a salvação. Mesmo com Jesus vindo em carne e realizando Seu sacrifício, quebrando de uma vez por todas a separação entre Deus e os homens, Ele tem chamado insistentemente Seus filhos ao arrependimento enquanto está derramando o Seu Espírito a todos os que entendem a Sua vontade e enquanto Ele está disposto a ter misericórdia para com os homens. Quando ‘se encher a medida da iniquidade’ do homem, e o Senhor resolver mudar tudo para começar a trazer o Seu juízo e fazer definitivamente a separação entre joio e trigo, ou seja, resolver que chegou o dia da ceifa, aí sim, será tarde demais para buscá-LO porque o Seu juízo vai descer sobre a terra e consumir Sua ira por tanto pecado da humanidade. Não haverá mais desculpa para o ser humano.

Jesus disse:

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo? Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou” (Jo 14: 21-24);

“Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado. Quem me odeia odeia também a meu Pai. Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai. Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo” (Jo 15: 22-25).

Quando Ele curou o cego de nascença, Ele disse: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9: 4). Isso tem dois significados: um em relação a Ele mesmo, outro em relação a nós. Enquanto estivesse na terra exercendo Seu ministério, Ele poderia fazer a obra do Pai; entretanto, quando chegasse a hora de Satanás prevalecer sobre Ele para levá-lo à cruz, ali a obra seria outra e Ele não poderia realizar o que estava fazendo naquele momento. Ali na cruz, Sua obra seria de redenção e Ele carregaria sobre si as trevas (os pecados) de todos nós. O segundo significado é para nós, ou seja, enquanto o Senhor está derramando o Seu Espírito sobre nossa vida, está também derramando a unção para realizarmos Sua obra; entretanto, quando Jesus voltar e deixar na terra apenas os que irão passar pelos flagelos, não será mais possível fazer a obra, pois será a vez do juízo de Deus sobre o pecado. Como ensinamento, fica a idéia de que devemos fazer a obra de Deus enquanto tivermos oportunidade, pois Seu Espírito está derramando Sua unção.

Os pensamentos e os propósitos de Deus são maiores do que os dos homens; Sua palavra não volta vazia – v. 8-11.

• Is 55: 8-11: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos. Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei [NVI: ‘mas fará o que desejo e atingirá o propósito para o qual a enviei’]”.

Quando o povo foi alertado desde o início pelo profeta Isaías, e mesmo depois que foi para o cativeiro, nenhum deles foi capaz de entender o propósito de Deus para aquela situação. Conosco é a mesma coisa. Nós trabalhamos com uma determinada área da nossa vida para atingirmos um propósito, enquanto o Senhor não apenas nos ajuda ali, mas aproveita aquela circunstância para trabalhar algo extremamente maior, além da nossa compreensão, com vidas que nem conhecemos e com situações a que estamos totalmente alheios. Pode ser que num futuro próximo nós venhamos a saber do que se trata, como disse Jesus em Jo 13: 7: “O que faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois”. Ou, então, só o compreenderemos na Nova Jerusalém. O que importa é crermos nEle e na Sua palavra que diz: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8: 28). A bíblia também diz: “Não se pode esquadrihar o seu entendimento” (Is 40: 28). Isso quer dizer que, graças a Deus, nós não vemos as coisas do jeito que Ele vê, pois se víssemos os pecados e as abominações que Ele enxerga no planeta há tantos milênios, não conseguiríamos permanecer vivos por um minuto sequer; aí entendemos o tamanho das trevas espirituais carregadas por Jesus por causa da humanidade em todas as eras. Dá para você alcançar a profundidade do ensinamento? Quem pode argumentar com Ele com base em razões tão pequenas e limitadas, sem conhecer o todo? O Espírito Santo nos revela **o que Ele deseja que saibamos**, pois está escrito em 1 Co 2: 10-11; 16: “Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus... Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo”. Isso não quer dizer que sabemos tudo, que Ele nos revela tudo; nem invalida o que está escrito em Dt 29: 29: “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”. O que não é revelado a nós pertence a Ele.

Depois Isaías continua: “Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei”.

A palavra profética que procede da boca de Deus é como o ciclo da água que não se completa, voltando para o céu, antes que, primeiro, regue a terra e a fecunde para que dê fruto. Isso significa que, como uma espada de dois gumes, quando a palavra é liberada com um propósito e com a unção do Espírito Santo, ela vai cumprir totalmente aquilo que foi falado e não vai retroceder nem vai voltar vazia, sem ter realizado seu objetivo. Por isso, tudo o que foi falado até hoje pelos profetas verdadeiros de Deus vai se

cumprir na íntegra, sem faltar uma vírgula sequer, e nada nem ninguém vai poder detê-la. Assim foi no passado com a vinda de Jesus, assim será com as coisas já previstas por outros profetas além de Isaías, e que vão acontecer como Deus planejou. Nenhum mago, adivinho, astrólogo ou feiticeiro do Egito ou da Babilônia impediu os acontecimentos determinados pelo Senhor para o Seu povo nem para os seus próprios reinos; eles caíram, assim como vai cair toda obra de Satanás (At 10: 38; 1 Jo 3: 8) na vida de todo crente determinado que guarda a aliança feita com Jesus.

A alegria dos crentes – v. 12-13.

• Is 55: 12-13: “Saireis com alegria e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas. Em lugar do espinheiro, crescerá o cipreste, e em lugar da sarça crescerá a murta; e será isto glória para o Senhor e memorial eterno, que jamais será extinto”.

Essa palavra volta a ser para os que estavam no exílio da Babilônia, mas já tinham o projeto de libertação de Deus. Assim é para todo aquele que está no exílio da escravidão do pecado, mas já tem um propósito de libertação de Deus, bastando apenas a sua oração e o seu arrependimento para que a bênção divina entre em ação.

Quando o Senhor libera uma bênção sobre um filho, toda a Sua criação participa desse regozijo. É como Jesus disse aos fariseus na parábola da ovelha perdida, que haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento (Lc 15: 7). Portanto, nessa profecia de Isaías, a libertação do cativo será um motivo de alegria, como se árvores e montes grandes e pequenos pudessem cantar e se alegrar junto com Seu povo por causa da redenção e do perdão de Deus que foi derramado sobre os exilados.

A murta é um arbusto (*Myrtus communis* L.) de origem mediterrânea, cultivado para compor cercas vivas e que se caracteriza pelas folhas pequeninas, compactas e fragrantas. As flores são brancas e perfumadas e eram usadas como perfumaria. Seu nome em hebraico é hadas; e Hadassa (nome hebraico de Ester) se deriva dele. O arbusto chega a dez metros de altura. A murta é uma planta sempre verde. A bíblia descreve a murta como símbolo da generosidade divina. Isaías previu a murta substituindo o espinheiro no deserto (Is 41: 19; Is 55: 13). Árvores e plantas verdes cresceriam numa terra que outrora foi desolada e seca como um deserto, mostrando o retorno da bondade e da graça de Deus. E isso seria visto e entendido como um memorial do Seu poder e majestade eternamente.

O Cipreste e o Pinheiro são coníferas perenemente verdes, nativas nas colinas da Palestina e do Líbano. O cipreste (Is 41: 19; Is 55: 13) é símbolo de fertilidade. Também é uma madeira excelente para construção. Salomão, por exemplo, construiu o templo não apenas com cedro, mas com madeira de cipreste e oliveira (1 Rs 6: 31-36). Portanto, também simboliza imponência, realeza e reverência a Deus.

Daremos sequência ao nosso estudo com o volume 3 sobre a terceira parte das profecias de Isaías:

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias1.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias3.pdf>